ims Cadernos
MARISTAS

34

maio 2016

Cadernos MARISTAS

Instituto
dos
Irmãos
Maristas

Expediente da versão impressa (original em português)

FMS CADERNOS MARISTAS
Nº. 34 - Ano XVI - maio de 2016

Responsável de redação:
Comissão do Patrimônio
Allan De Castro
André Lanfrey
António Martínez Estaún
Colin Chalmers
Heloísa Afonso de Almeida Sousa
Michael Green, Michel Morel
Patricio Pino
Spiridion Ndanga

Diretor de comunicações:
Luiz da Rosa

Colaboradores nesse número:
André Lanfrey
Aureliano Brambila
Frederick McMahon
Heloisa Afonso de Almeida Sousa
Javier Espinosa
Pe. Justin Taylor, SM
Michael Green
Michel Morel
Rosangela Florzac

Tradutores:
Carlos Martín, Fernando Santamaría Martínez, Francis Filiatrault, Gilles Hogue, Jean-Pierre Cotnoir, Moisés Puente, Ricardo Tescarolo, Roberto Clark, Salvador Durante, Santiago Fernandes

Diagramação e Fotolitos:
TIPOCROM Srl - Guidonia (Roma)

Redação e Administração:
Piazzale Marcellino Champagnat, 2
C.P. 10250 – 00144 ROMA
Tel.: (39) 06 54 51 71
Fax: (39) 06 54 517 217
E-mail: publica@fms.it
Website: www.champagnat.org

Edita:
Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Generalícia – Roma

Impressão:
CSC GRAFICA Srl - Guidonia (Roma)

Fotos na capa: Capela Fourvière no Século XIX em 2016, foto do Ir. Giorgio Diamanti

Cadernos Maristas:
Os Cadernos Maristas objetivam a divulgação de documentos e pesquisas sobre as origens, espiritualidade, desenvolvimento e expansão do Instituto Marista no mundo. Aborda estudos sobre a Sociedade de Maria, personalidades históricas e temas que caracterizam a atuação apostólica dos Irmãos Maristas. A produção do conteúdo é colaborativa de vários autores. Impresso em quatro línguas: espanhol, francês, inglês e português.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C121 Cadernos Maristas: informações, estudos, documentos. -- n. 34 (mai. 2016) -- Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole, 2016.
184 p. : il. ; 24 cm

Anual.
Editorial: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole / André Lanfrey
Versão digital em português: https://champagnat.org/pt/biblioteca/cadernos-maristas/
ISSN 1122-7109

1. Irmãos Maristas – História. 2. Espiritualidade. 3. Patrimônio cultural. I. Fratelli Maristi delle Scuole.

CDD – 200

Maria Palicz – Bibliotecária – CRB-9/202207/P

ÍNDICE **DAS MATÉRIAS**

3 **EDITORIAL**
Ir. André Lanfrey

ARTIGOS

Ano Fourvière

5 Fourvière, 23 de julho de 1816
Ir. Justin Taylor nztaylor@gmail.com

15 Refundação
Ir. Aureliano Brambila cursoroma08@gmail.com

Laicado marista

23 O futuro terá nossos olhos
Ir. Javier Espinosa jjespinosa@hotmail.com

49 Espiritualidade marista
uma proposta para leigas e leigos
Mme Heloisa Afonso de Almeida Sousa e outros
heloisa.almeidasousa@yahoo.com.br

ESTUDOS

69 Legado comunicacional
de Marcelino Champagnat
Rosangela Florzac roflorczak@gmail.com

87 Irmão Basilio Rueda
Ir. Aureliano Brambila cepam99@yahoo.com

97 Colin e Champagnat (3ª parte)
Ir. Frederick McMahon

143 L'Hermitage de Nossa Senhora
Ir. André Lanfrey

andrelanfrey@orange.fr

DOCUMENTOS

161 Relatório sobre Verrières
Ir. André Lanfrey

167 Sentenças de La Valla
Ir. André Lanfrey

BREVES

173 Relógio solar
Ir. André Lanfrey

177 Atlandide 14
Ir. André Lanfrey

179 Restauração da Estátua da N. Sra. da Piedade
Ir. Michel Morel

181 Novas fontes de informação do Arquivo Geral
Ir. Colin Chalmers

IN MEMORIAM

183 Irmão Frederick McMahon
Ir. Michael Green

Fotos na capa: Capela Fourvière no Século XIX e em 2016. Fotos do Ir. Giorgio Diamanti

FMS CADERNOS MARISTAS
Número 34 Ano XVI Maio de 2016

Responsável de redação:
Comissão do Patrimônio

Diretor de comunicações:
Luiz Da Rosa

Colaboradores nesse número:
Ir. André Lanfrey
Ir. Aureliano Brambila
Ir. Frederick McMahon
Heloisa Afonso de Almeida Sousa
Ir. Javier Espinosa
Pe. Justin Taylor, SM
Ir. Michael Green
Ir. Michel Morel
Rosangela Florzac

Tradutores:
Ir. Carlos Martín, Ir. Fernando Santamaría Martínez, Ir. Francis Filiatrault, Ir. Gilles Hogue, Ir. Jean-Pierre Cotnoir, Ir. Moisés Puente, Ricardo Tescarolo, Roberto Clark, Ir. Salvador Durante, Ir. Santiago Fernandes.

EDITORIAL

Ir. André Lanfrey

Sendo 2016 o *Ano Fourvière*, convém que seja evocado o ato fundador da Sociedade de Maria, em 23 de julho de 1816. Isso é muito importante porque, por muito tempo, os Irmãos Maristas subestimaram esse evento, dando preferência ao de 2 de janeiro de 1817.

Num artigo muito sóbrio, o Pe. Justin Taylor, exegeta, reúne o essencial daquilo que sabemos sobre essa declaração de intenção de 23 de julho, que deixa ainda muitas questões não resolvidas, em particular quanto às influências e inspirações que foram exercidas sobre os primeiros Maristas. Penso particularmente em São Paulo (2 Coríntios); talvez em Maria de Ágreda; e também nos regulamentos das AAs (Reuniões de Amigos) e das "pequenas sociedades", pequenos grupos fervorosos existentes em todos os seminários. Acredito também que o modelo lassalista não inspira senão muito parcialmente o projeto de fundação de Marcelino Champagnat. Mantive breve correspondência com o Pe. Justin Taylor sobre essas questões, que precisaria debater mais longamente. Dito isso, o artigo do Pe. Justin Taylor tem a vantagem de apresentar realizações firmemente estabelecidas pela pesquisa marista sobre o ato fundador da Sociedade de Maria em Fourvière.

O artigo do Ir. Aureliano Brambila, sobre a ideia de refundação, me parece complementar bem o precedente, pelo fato de juntar origens e tradição no conceito de patrimônio. E essa reflexão, que situa o laicado como elemento maior da refundação, nos introduz ao tema principal deste número dos Cadernos Maristas: o laicado marista.

Certamente, esse assunto já suscitou muitas intervenções, mas os Cadernos Maristas se mantiveram discretos sobre isso. Também o ano de 2016 nos possibilita oferecer um conjunto de reflexões e testemunhos que, cada qual a seu modo, avalia essa realidade una e diversificada.

O artigo do Ir. Javier Espinosa encara de maneira muito completa a

realidade do laicado marista, embora sugerindo um futuro construído em torno do conceito de Igreja-comunhão e, portanto, de um Instituto também comunhão. Os Irmãos, de fato, não são proprietários de seu carisma; e partilhá-lo não é um empobrecimento, mas uma chance de renovação. Não se trata somente "de alargar o espaço da tenda", mas de construir uma nova. Daí a necessidade de repensar nosso modelo institucional, com o cuidado de chegar a uma organização melhor do laicado maristas.

Heloisa Afonso de Almeida Sousa nos introduz a uma problemática a respeito do laicado que corresponde a uma interrogação, quase sempre implícita, de não poucos Irmãos Maristas: o que é que faz um leigo se apaixonar pela espiritualidade marista? Será o compromisso na missão? O conhecimento da espiritualidade e a vida com os Irmãos? Um apelo especial de Deus? E quatro leigos maristas (dois homens, duas mulheres) nos oferecem diversas respostas a essa questão: umas predominantemente existenciais, outras mais especulativas. Parece-me que muitos leitores poderão aí se encontrar em sintonia com um ou outro desses quatro testemunhos e até com vários deles.

Com Rosangela Florczak, Marcelino Champagnat é considerado de alguma maneira fora do universo religioso: como um modelo de comunicador e de líder. Lendo seu artigo, pensei na circular de convocação da Conferência Geral, do Ir. Seán Sammon, de 7 de outubro de 2004: "Por uma liderança que gera vida". A meu ver, os dois documentos são notavelmente complementares.

Não vou me alongar sobre os artigos seguintes e os documentos propostos. Eles são mais convencionais ou apresentam textos cujo interesse cada um pode apreciar.

FOURVIÈRE, 23 DE JULHO DE 1816

Pe. Justin Taylor, SM

Lyon, França, 23 de julho de 1816. De manhã bem cedo, doze jovens subiam os 800 degraus que levam ao antigo santuário Mariano de Fourvière, no topo da colina que domina a cidade. Cinco deles tinham sido ordenados sacerdotes no dia anterior. Os demais não haviam terminado seus estudos para o sacerdócio. Durante os meses anteriores, haviam formado um grupo e assumido um compromisso. Agora, estavam prestes a se separar. Porém, antes de fazê-lo, queriam selar sua promessa diante da venerada imagem de Nossa Senhora de Fourvière.

1. O CAMINHO ATÉ FOURVIÈRE

Sua história começa no Seminário Maior da Arquidiocese de Lyon, que leva o nome de um de seus primeiros bispos, Santo Irineu. Em uma quarta-feira, durante o ano escolar de 1814-1815, um seminarista chamado Étienne Déclas, estava cortando o cabelo de um companheiro estudante chamado Jean-Claude Courveille na casa de férias do seminário, nos arredores da cidade, onde todos costumavam ir durante os dias de descanso. No refeitório, estavam lendo a vida de São Francisco Régis (1597-1640), o grande missionário jesuíta que havia reevangelizado as regiões do centro-sul da França. Courveille, oriundo daquela região, confidenciou a Déclas que, uma vez ordenado sacerdote, imitaria São Francisco Régis e iria ajudar os pobres do campo, que precisavam mais de sacerdotes do que as grandes cidades. "Iremos a pé, com simplicidade, comeremos a mesma comida dos camponeses. Viveremos do pão e do sal da gente do campo. Nós os educaremos e escutaremos suas confissões". Perguntou então a Déclas se queria fazer o mesmo, e Déclas respondeu: "*Sim*".

Não disse mais nada, mas de vez em quando, durante o resto do ano no seminário, Courveille costumava dizer a Déclas: "Vamos fazer como São Francisco Régis?". E ficava nisso. Então, pouco antes de todos partirem para as férias de verão,

Courveille aproximou-se e disse: "Sabe, isso que temos conversado este ano... Haverá uma congregação que fará mais ou menos o mesmo que os Jesuítas, só que seus membros se denominarão Maristas, em vez de Jesuítas". Os dois seminaristas prometeram trocar correspondência durante as férias, e cumpriram a palavra.

Esse foi um período fértil para a Igreja na França. Courveille, Déclas e seus companheiros haviam nascido logo antes ou durante a Revolução Francesa, iniciada em 1789. Em seu período de seminaristas, Napoleão governava a França e grande parte da Europa. No entanto, desde 1813, seu império começara a desmoronar. Foi por fim derrotado na batalha de Waterloo no dia 18 de junho de 1815. A França teve outra vez um rei legítimo, Luis XVIII, irmão de Luis XVI, que havia sido executado (muitos diriam 'martirizado'). Apesar, ou em razão das dificuldades e perseguições, a Igreja na Europa experimentava novo vigor e criatividade. Isso se expressava na fundação de congregações religiosas e em um renovado espírito missionário que se dedicava em parte a recuperar aqueles que se tornaram hostis ou indiferentes ao cristianismo.

Um momento central foi o restabelecimento da Companhia de Jesus pelo Papa Pio VII, no dia 7 de agosto de 1814. Outras sociedades também reviveram, especialmente os Sulpicianos e os Vicentinos. Houve igualmente novas fundações na França, muitas das quais já haviam começado extraordinariamente: a Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria (Coudrin, 1800); a Sociedade das Missões da França (Rauzan, 1815); os Oblatos de Maria Imaculada (Mazenod, 1816); as Filhas de Maria (Chaminade, 1816). Logo em seguida ocorreu a reativação das ordens mais antigas: Beneditinos (Guéranger en Solesmes, 1836) e Dominicanos (Lacordaire, 1840).

Um campo óbvio de recrutamento para as congregações restabelecidas ou novas era um seminário, como o Santo Irineu, em Lyon. Durante o ano escolar de 1814-1815, o vigário geral da diocese, Claude-Marie Bochard, distribuiu entre os seminaristas um manifesto com o título *"Pieuse Pensée"* ("Pensamento Piedoso") procurando candidatos entre os seminaristas para seu projeto de uma Sociedade da Cruz de Jesus.

Brochard conhecia as pessoas e sabia como apelar à sua generosidade e aspirações juvenis. Também excluiu habilmente possíveis competidores e aproveitou o lamentável estado da religião na França. Deus certamente queria suscitar aqueles que responderiam às necessidades dos tempos, como havia feito em todas as épocas desde os Apóstolos, com homens como Santo Inácio, quando Lutero apareceu em cena, ou São Vicente de Paulo, após as Guerras de Religião na França. Isso, porém, era passado. O que aconteceria a

partir de então? Afinal, não haveria salvação para a raça humana em "nossos tempos com tanta corrupção, tanta perversidade, tanta perdição?" Bochard se dirigia a cada seminarista individualmente ("Oh, meu irmão"). Se o Senhor o escolhia naquele momento para fazer seu trabalho, como responderia? Se o anjo de Deus o chamava à sua porta, deveria seguir o exemplo da "Rainha dos Santos" e responder com humildade e obediência. Ele assim uniria forças com as de "tantos irmãos fervorosos a quem já estava motivando o zelo pela casa de Deus para essa grande obra". Bochard delineou a 'colheita' que esperava: pregações, retiros, missões, direção espiritual, oficinas, faculdades, escolas – o suficiente para comprometer o zelo de cada coração, de todo tipo de espírito e talentos. Ele considerou a possibilidade de uma 'associação' de sacerdotes zelosos para realizar todos esses trabalhos e os confrontou com as ordens religiosas que eram, segundo ele, inadequadas para as necessidades daqueles tempos.

O manifesto de Bochard dá uma ideia do clima espiritual que prevalecia no Seminário Maior de Lyon, quando Courveille começou a falar com Déclas sobre seus planos para uma Sociedade de Maria, como contrapartida da Sociedade de Jesus. Após as férias, no início do ano escolar 1815-1816, ambos começaram a recrutar candidatos entre seus companheiros seminaristas. Courveille falou com Marcelino Champagnat. Déclas falou com Étienne Terraillon e Jean-Claude Colin. Terraillon recordou quando Déclas disse citando Courveille: "Onde quer que Jesus tenha seu altar, Maria também tem o seu... Jesus tem sua Sociedade; convém, pois, que Maria também tenha a sua...". Eles se sentiram "fortemente impressionados" por essas palavras e "ficaram estupefatos". Ao final, uns quinze ou dezesseis seminaristas estavam pelo menos interessados no projeto.

Jean-Claude Colin já tinha sua própria 'ideia' de uma Sociedade que, até aquela hora, permanecia apenas com ele. Deve ter reconhecido suficiente similaridade entre esta e a Sociedade de Maria para a qual estava recrutando Jean-Claude Courveille. De qualquer modo, decidiu que a melhor maneira de realizar seu próprio projeto era unir forças com Courveille. Como diria mais tarde com notável perspicácia acerca de seu próprio caráter: "*Eu nunca teria tido a coragem de divulgar essa idéia por aí. E mais tarde, quando a coisa ficou conhecida, fui capaz de envolver-me nela sem parecer ser o seu criador*". Ao mesmo tempo, sua adesão à Sociedade de Maria não representou para ele o abandono de seu próprio projeto, mas a união deste com o de Courveille.

O grupo encontrou um protetor em Jean Cholleton, professor de teologia moral no seminário. Costumavam se reunir em seu quarto, o de número 4, no terceiro andar. Na casa de campo, reuniam-se no

quarto de Cholleton ou, quando o tempo permitia, no jardim, entre as árvores. A tradição local ainda associa os bosques e especialmente uma amoreira, capaz de abrigar cerca de cem pessoas, não somente com o início do projeto marista, mas com muitas outras reflexões e discussões dos seminaristas.

Mais tarde Courveille lembraria que falavam o mais frequentemente possível sobre a Sociedade de Maria. Terraillon também recordaria as reuniões dos primeiros recrutados. "Inflamavam-se mutuamente" pela forma como se entregavam ao "sucesso de uma obra tão bela". Dois temas repetiam em suas conversas: a sorte de serem os "primeiros filhos de Maria" e "as grandes necessidades das pessoas". Também discutiam sobre as maneiras pelas quais, como filhos de Maria, propunham-se para satisfazer essa necessidade. De vez em quando Courveille falava para eles sobre a "necessidade de imitar Maria, sobretudo em sua "indescritível humildade". Resolveram desde o princípio não divulgar seu projeto, mas de se dedicar seriamente a obter os meios para sua realização. Cada um examinaria as pessoas que pareciam adequadas para serem membros. Entretanto, antes de falar com os possíveis candidatos, discutiam sua idoneidade.

Jean-Claude Colin não foi o único recruta que entrou na Sociedade de Maria com seu próprio projeto. O outro foi Marcelino Champagnat. Aparentemente, este já havia pensado em organizar um grupo de irmãos para catequizar e educar as crianças das áreas rurais, tal como acontecera com ele e cujas necessidades educacionais e religiosas ele pessoalmente conhecia.

Como Colin, ele não havia feito nada até aquela hora acerca de seu projeto. Colin, no entanto, falava abertamente sobre ele no grupo e insistia em que os Irmãos educadores deveriam integrar a Sociedade de Maria. A resposta de Champagnat ao convite para se unir à Sociedade foi: "Sempre me senti atraído para a fundação dos Irmãos. Com prazer me uno a vocês e, se concordarem, eu me responsabilizarei por essa parte". Segundo o primeiro biógrafo de Champagnat entre os Pequenos Irmãos de Maria, o Ir. João Batista, Champagnat dizia com frequência ao grupo de Santo Irineu: "precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos, para ensinar o catecismo, ajudar os missionários e atuar nas escolas". E o grupo respondia: "De acordo. Então assuma a responsabilidade pelos Irmãos visto que você teve a ideia".

A introdução do ramo dos Irmãos representou um novo rumo importante. Até então, o modelo histórico para a Sociedade de Maria havia sido a Companhia de Jesus. De fato, o modelo para uma Companhia de Irmãos educadores não era evidentemente a congregação dos Jesuítas, mas os Irmãos das Escolas Cristãs, fundados na França por São João Batista de La Salle (1651-1719).

Há outros indícios de que o modelo jesuíta não era o único para os Maristas. Na década de 1830, a Sociedade de Maria se representava a si mesma em documentos oficiais como composta de vários ramos – religiosos, religiosas e ordens terceiras – unidos sob um mesmo superior geral. Esta composição complexa não era, entretanto, simplesmente o resultado de uma evolução histórica fragmentária. Ao contrário, dizia-se que era uma característica do projeto original desde seu início, reportando-se, portanto, às discussões entre os seminaristas em Santo Irineu. Este esquema em três partes recorda as grandes ordens medievais, como a dos franciscanos e dominicanos, que reuniam os frades comprometidos em atividades apostólicas, as irmãs contemplativas e os leigos comprometidos.

Tudo isso constituía um plano para um Instituto cuja forma geral copiava o modelo das grandes ordens, mas cujo ramo de sacerdotes tinha como modelo os jesuítas, enquanto o ramo dos Irmãos educadores tinha os Irmãos das Escolas Cristãs, de La Salle, como referência. Qual seria o modelo específico para um eventual ramo de Irmãs, uma confraria laica ou uma ordem terceira? Tal complexidade seria inaceitável para Roma.

Falar de 'ramos' não implica necessariamente ter em mente a imagem de uma árvore. Mas na mente de Colin, essa imagem era viva e eficaz. Em 1838, ele disse durante uma refeição: "*A Sociedade se apresentou a alguém* (e estas palavras ele falou com ênfase, reverência e mistério) *como um tronco com três ramos*". Colin retomava amiúde a imagem da árvore com três ramos. De fato, referências tão misteriosas, frequentemente expressas com ênfase, eram próprias da forma como se referia às origens da Sociedade. Seria Colin, por acaso, aquele a quem a Sociedade apareceu sob essa imagem e a quem foram dirigidas essas palavras proféticas? Não há certeza disso. De qualquer modo, as origens da Sociedade de Maria foram acompanhadas por muitas "revelações e profecias".

Qual era a fonte de inspiração própria de Courveille? No dia 18 de julho de 1851, Jean-Claude Courveille, que desde 1836 era monge beneditino em Solesmes, escreveu o seguinte ao padre marista Gabriel-Claude Mayet:

> "A primeira inspiração da Sociedade de Maria ou dos Maristas deu-se na catedral de Puy, ao pé do altar maior onde está a imagem milagrosa da divina Maria, no dia 15 de agosto de 1812, e isso aconteceu várias vezes até 1814."

As perguntas de Mayet suscitaram um relato mais completo em fevereiro de 1852. Aos dez anos de idade, Jean-Claude Courveille, que havia nascido não muito distante da antiga catedral da cidade de Le Puy, contraiu varíola que o deixou quase cego (provavelmente em razão da cicatrização da córnea), condição que os médicos declararam: incurá-

vel. Isso tornava impossível seu desejo de ser sacerdote. Em 1809, foi em peregrinação a Nossa Senhora de Le Puy e umedeceu os olhos com o azeite de uma lâmpada que ardia diante da sua imagem. Imediatamente pode ver perfeitamente, até mesmo os menores objetos da Catedral, e desde então nunca mais voltou a ter problemas de visão. Em 1810, diante da mesma imagem milagrosa, prometeu à Santíssima Virgem entregar-se por completo a Ela, fazer tudo o que Ela quisesse para a glória de Nosso Senhor, por sua honra e pela salvação das almas. Pensava todo o tempo em ser sacerdote e em dedicar-se, pela entrega ao ministério sacerdotal, ao cumprimento desses três votos.

Em 1812, ao renovar a mesma promessa feita a Maria ao pé do mesmo altar, "*ouviu, não com os ouvidos corporais, mas com aqueles do coração, interiormente, mas com toda a clareza*", as seguintes palavras:

> "Isto é... o que desejo. Assim como imitei sempre em tudo meu divino Filho, e o segui até o Calvário, permanecendo ao pé da cruz até o momento em que entregou sua vida pela salvação dos homens, igualmente agora que estou na glória com Ele, eu o imito no que faz na terra pela Igreja de que sou protetora e como exército poderoso para a defesa e salvação das almas.
> Assim como nos tempos de uma terrível heresia, que transformaria toda a Igreja, suscitou a seu servo Inácio para formar uma sociedade que levaria seu nome e os que a formavam seriam denominados jesuítas, com o objetivo de lutar contra o inferno que se enfurecia contra a Igreja de seu divino Filho, do mesmo modo quero agora, e essa é a vontade de meu adorável Filho, que nestes tempos de impiedade e incredulidade haja também uma sociedade consagrada a mim, que leve meu nome e se chame Sociedade de Maria, e os que a integrarão passem a se chamar também Maristas, com o objetivo de combater contra o inferno".

Quando Courveille escreveu a Mayet, ele estava recordando uma experiência que ocorrera quarenta anos antes e tinha sido poderosa e inesquecível. Por outro lado, não devemos estranhar se o que havia escrito para Mayet era algo mais bem elaborado do que uma simples lembrança. Entretanto, sua leitura de Santa Tereza propiciou as expressões capazes de descrever a experiência como "*algo ouvido interiormente, porém com muita clareza*". Algo semelhante também pode ter acontecido com o conteúdo e a estrutura do que "*tinha ouvido*". Em seu relato a Mayet encontramos o paralelismo entre a Companhia de Jesus e a Sociedade de Maria que havia impactado Terraillon. No relato para este último, de fato, o paralelo era simbolizado pelos altares de Jesus e de Maria, lado a lado. O que Courveille escrevera em 1852 recorda o "Pensamento Piedoso" de Bochard, com sua referência a Santo Inácio e aos jesuítas na época da Reforma e sua convicção de que, em uma nova situação igualmente dramática para a Igreja, Deus suscitaria uma nova Sociedade. Courveille introduziu uma nota adicional. Por detrás do paralelismo entre as sociedades se falava da "*constante*

imitação" que Maria fazia de Jesus em tudo.

Maria estava com Jesus no calvário, quando deu sua vida pela humanidade. Ela está com Ele agora na glória, imitando tudo o que Ele fez na terra por sua Igreja. Portanto, assim como há uma Sociedade de Jesus, haveria uma Sociedade de Maria, cuja hora providencial era "este tempo atual de impiedade e incredulidade".

A escatologia está, pois, presente, embora não de modo destacado, no relato que Courveille faz do que "ouviu" de Maria. A escatologia era também um eixo de uma expressão misteriosa que Jean-Claude Colin repetia com frequência nos anos seguintes. No final de 1837 – mais de vinte anos depois que Colin havia deixado Santo Irineu – Mayet anotou as seguintes palavras:

> "A Santíssima Virgem disse: fui o sustentáculo da Igreja em seu nascimento, e continuarei a sê-lo até o final dos tempos".

Repetia essas ou outras palavras semelhantes, e em uma acrescentou: "Estas palavras presidiram os primeiros princípios da Sociedade". Ele as atribuiu misteriosamente "a um sacerdote", sem dúvida Jean-Claude Courveille (que, naquele tempo nunca era citado na Sociedade que havia fundado). Essas palavras tantas vezes repetidas por Colin eram a maneira como recordava o que Courveille havia dito ao grupo em Santo Irineu sobre a revelação que recebera em Le Puy. Colin havia reduzido uma declaração maior em uma mais singela, mais poética – e memorável. Em outras palavras, ele a transformara em um 'ditado', uma unidade da tradição.

Um elemento importante da frase citada por Colin continua, porém, sem explicação, é o papel de Maria na Igreja nascente. É muito difícil relacionar isso com algum elemento do relato de Courveille da declaração de 1812 – a menos que suponhamos que Colin havia entendido que o Calvário, onde Maria esteve presente, era o lugar do nascimento da Igreja. Que a Igreja havia nascido no Calvário é, na verdade, uma ideia encontrada em alguns Padres da Igreja. E Colin poderia ter sabido disso. No entanto, ele nunca se referiu explicitamente a essa noção. Por outro lado, o papel de Maria na Igreja nascente após a Ascensão de Jesus converteu-se em importante fonte de inspiração para Colin em sua contemplação da Sociedade de Maria.

2. O ATO DE COMPROMISSO

O ano escolar de 1815-1816 chegara ao fim. Isso colocava diante dos aspirantes maristas não apenas o objetivo da ordenação sacerdotal, mas também da possibilidade de uma dispersão, pois cada um assumiria sua primeira nomeação pastoral. Animaram-se com o pensamento de que voltariam a se reunir e poderiam estabelecer a Sociedade

de Maria em Le Puy, onde ocorrera a primeira ideia da Sociedade e onde esperavam ser bem recebidos.

O grupo também decidiu elaborar uma ata de compromisso, que assinariam, prometendo "continuar esta obra com todas as suas forças". Mas nem todos os que até aquela hora haviam pertencido ao grupo assinaram o documento. Três abandonaram o projeto. Lamentavelmente não há registro dos nomes dos que assinaram. Entre todos se encontravam, com certeza, o próprio Courveille e seus primeiros recrutas, Déclas, Terraillon, Champagnat e Jean-Claude Colin. Este recordava que eram doze os assinantes. Embora não seja seguro afirmar que esse era o número final, provavelmente não lhe escapou que esse era o número dos Apóstolos: no futuro frequentemente ele chamaria a atenção sobre as semelhanças entre o início da Sociedade e o da Igreja.

Há quatro exemplares desse compromisso. Parecem "formulários em branco", sem data nem assinaturas, que os novos membros supostamente preencheram ao se unir ao grupo original. O texto está redigido em primeira pessoa do plural, "Nós". Seus autores se identificam formalmente como "Nós, abaixo assinados", o que indicaria que o texto era um documento que seria assinado, e não lido em voz alta (onde se esperaria algo como "Nós, aqui reunidos"). O fato de que está redigido em latim, junto com a utilização de uma série de expressões formais e enfáticas, denota o desejo dos aspirantes Maristas de lhe conferir o mais elevado grau de solenidade de que eram capazes. Ao mesmo tempo, o documento revela – inclusive por sua insistência de que seus autores não estavam agindo "apressadamente ou como crianças", mas "seriamente, após haver refletido amadurecidamente e pedido aconselhamento" – que eram jovens e poderiam ser acusados de temeridade e imprudência. Sua própria dedicação não era, de fato, um voto ou, melhor falando, um ato de consagração, mas uma declaração de intenções.

O ato começa "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", e continua: "*Omnia ad majorem Dei gloriam et Mariae Genetricis Domini Jesu honorem* – Tudo pela maior glória de Deus e honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo". Seus autores declaram sua "sincera intenção e a firma vontade de nos consagrar, enquanto for oportuno, a instituir a mui piedosa Congregação dos Maristas (a forma original do nome)".

O uso do termo "Congregação" implicava que tinham em mente algo mais do que uma simples associação ou sociedade diocesana. Essa intenção foi confirmada por sua promessa de fidelidade a Cristo "no seio de nossa mãe, a Santa Igreja Católica Romana, unidos com todas as nossas forças à cabeça da Igreja, o Romano Pontífice, e também ao nosso reverendíssimo Bispo ordinário". Em lugar de ser simplesmente uma afirmação do Primado Papal, isso provavelmente implicava a intenção de se

buscar aprovação de Roma para a "Congregação dos Maristas" que, portanto, devia ter uma grande esfera de ação. Sua própria entrega era total, incluindo o martírio. Confiavam em que, "sob o governo pacífico e religiosos de nosso Cristianismo Rei", a Sociedade logo seria aprovada. No contexto de 1816, isso expressava a esperança de que a Sociedade logo se estabeleceria durante o reinado recentemente restaurado de Luís XVIII, a quem se dava o título de "Rei Cristianíssimo", título tradicionalmente atribuído aos reis da França. As alusões à paz e à religião apontavam para um acentuado contraste com os últimos anos de Napoleão, marcados por guerras constantes e maus-tratos ao Papa. Também teria havido uma profecia - muitas vezes mencionada ou aludida nos anos seguintes - que os animou a esperar que a Sociedade viesse à luz sob os auspícios do "Cristianíssimo Rei". Os jovens não especificaram nenhuma obra apostólica ou trabalhos aos quais se dedicariam, mas prometeram: "dedicaremos, nós mesmos e todas as nossas coisas, à salvação das almas sob o nome sublime da Virgem Maria e sua proteção". Concluíam com uma cláusula, sugerida talvez por seu protetor Cholleton, de que deixavam tudo ao melhor juízo de seus superiores.

3. ALÉM DE FOURVIÈRE

No dia 22 de julho de 1816, segunda-feira, festa de Santa Maria Madalena, na capela de Santo Irineu, Louis-Guillaume Dubourg, bispo de Nova Orleans, com cartas dimissórias emitidas em nome do arcebispo de Lyon, o cardeal Fesch, então exilado em Roma (era tio de Napoleão), conferiu a ordenação sacerdotal a cinquenta e dois candidatos, incluindo Marcelino Champagnat, Jean-Claude Colin, Jean-Claude Courveille, Étienne Déclas e Étienne Terraillon. Assim chegavam ao final de muitos anos de estudo e formação. O irmão mais velho de Jean-Claude Colin, Pierre, sacerdote desde 1810, ficara em Santo Irineu durante alguns dias antes da ordenação de seu irmão, mas já havia partido no sábado, 20 de julho, para voltar à sua paróquia no domingo.

No dia 23 de julho, terça-feira, viu os doze aspirantes Maristas em Fourvière (*Forum Vetus)*, o local da cidade romana e pré-romana celta de Lugdunum. Ali havia uma pequena capela, um antigo Santuário de Nossa Senhora, recentemente restaurado como lugar de peregrinação. Esse santuário foi cenário de numerosos atos de dedicação por parte de fundadores religiosos, missionários de partida e muitas outras pessoas, como atestam as placas e ex-votos que cobrem suas paredes. Hoje tem sua visão encoberta pela enorme Basílica construída entre 1872 e 1884. No altar da venerada imagem da Virgem, apenas Courveille celebrou sua primeira missa. Os demais recém-ordenados desejavam celebrar sua primeira missa em suas paróquias. Terraillon, que tinha melhor conhecimento das cerimônias, os ajudou.

Todos receberam a comunhão das mãos de Courveille. Trouxeram consigo o ato de compromisso que todos haviam assinado. (Esse documento original, com suas assinaturas, infelizmente desapareceu). Durante a missa ele foi colocado no altar sob o corporal, unindo assim seu compromisso com o sacrifício de Cristo. Teriam lido o Ato de Consagração após a missa? Podem ter feito, mas isso não ficou registrado nos relatos da época que descrevem o que fizeram.

Logo cada um seguiu seu caminho. Marcelino Champagnat foi nomeado coadjutor em La Valla, onde, em 1817, reuniu os primeiros Irmãos Maristas. João Cláudio Colin foi nomeado vigário em Cerdon, onde seu irmão Pedro fora nomeado pároco. Pedro aderiu ao projeto marista e trouxe a Cerdon Jeanne-Marie Chavoin e sua companheira Marie Jotillon, que assentaram as bases das Irmãs Maristas. Logo souberam do projeto marista mais amplo e da promessa tão solenemente reafirmada em Fourvière. Em 1824, foi permitido que Étienne Déclas se unisse aos irmãos Colin em Cerdon, formando assim a primeira comunidade de Padres Maristas. De Cerdon, Jean-Claude Colin e Déclas começaram a pregar as missões paroquiais. Formaram-se então grupos de leigas terciárias, de quem as Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria mais tarde tiveram sua origem.

Assim a Sociedade de Maria, com seus diversos ramos, prevista pelos seminaristas de Santo Irineu, objeto de seu ato de compromisso e consagrada em Fourvière em 23 de julho de 1816, pouco a pouco foi tomando forma. O tempo diria qual seria seu futuro.

REFUNDAÇÃO:

A intuição fundacional de Champagant e os desafios de nosso mundo em mudança

Ir. Aureliano Brambila

1. NATUREZA DA REFUNDAÇÃO

É bastante evidente que aquilo que está acontecendo na vida religiosa atualmente é algo profundo, relacionado diretamente à sua própria identidade. É uma crise de sentido, ou melhor, de falta de sentido. Há insegurança pessoal e institucional.

Nós, consagrados ao estado religioso, vivemos uma situação incômoda. Não devemos escondê-la de nós mesmos. É preciso enfrentá-la. Como toda crise, é oportunidade de crescimento.

Diante dessa crise, vários Institutos e muitos pensadores da vida religiosa se referem a ela como "refundação". Também em nossa Congregação dos Irmãos Maristas está ocorrendo esse fenômeno. A Circular de nosso Superior Geral é prova clara disso.

Mencionar a refundação do Instituto no interior de uma mentalidade mecânica do carisma, isto é, como processo em contínua mudança, não causa grande impacto. De fato, fazer isso nos meios em que predomina um conceito estático e artificial do carisma corre o risco de aumentar a intraquilidade, induzindo posturas reativas que aumentam a crise de identidade. É evidente que isso não está nos incentivando a fundar outro instituto, como alternativa ao de Marcelino, mas de refundar o atual. Trata-se, pois, de levá-lo a outra forma de realização.

Assim considerado, o termo "refundação" é tão belo e exato como o de "reevangelização". São Paulo II preconizou uma "nova evangelização, ou reevangelização", para a América Latina. "Nova por seu ardor. Por seu fervor e por seus métodos", dizia ele. Decididamente, a refundação do Instituto segue o caminho da reevangelização. Não há, pois, porque armar toda uma cruzada em sentido contrário. Seria se expor a lutar contra Deus.

2. NECESSIDADE DE REFUNDAÇÃO

Parece haver duas concepções de vida religiosa: a degradadora e a evolutiva. A primeira reduz a influência do Espírito apenas ao momento inicial, fundacional. A segunda faz da história do Instituto um caminhar animado e presidido pelo Espírito, seguindo o caminho iniciado pelo Fundador. Toda reflexão subsequente dependerá da preferência outorgada a uma dessas duas concepções. Evidentemente, preferimos a segunda.

A fundação de um instituto é um processo. Marcelino morreu "fundando" o Instituto. Em verdade, o ato fundacional não deveria deter-se nunca. Afinal, o fundador não tinha todos os esquemas mentais que lhe permitissem um desenvolvimento exaustivo do carisma recebido. Era um homem sujeito ao tempo e ao espaço.

A expansão do Instituto provoca algo semelhante à narrativa do crescimento da Igreja nos Atos dos Apóstolos. As dificuldades apresentadas pelas diversas mentalidades certamente levantaram o dilema aos Irmãos de cada época: mantê-lo todo rigidamente (confundindo o essencial com o contextual) ou ir adaptando as coisas segundo as diversas culturas? Como na Igreja, também no Instituto ocorreu a presença do Espírito. E se foi produzindo essa maravilhosa unidade na diversidade.

Em verdade, cada capítulo geral é uma refundação, pois sua finalidade é permitir que o carisma continue vigente. Entretanto, nestes últimos anos, as rupturas na cultura foram de tal magnitude que as adaptações normais são insuficientes.

Em nossa vida institucional devemos evitar nostalgias paralisantes, fixismos atormentadores. Se o passado se apoderasse de tal maneira de nossa mente que não nos desse oportunidade de avançar na história, destruiria sua fecundidade e trairia sua própria finalidade.

3. UM INSTRUMENTO SEGURO: O PATRIMÔNIO ESPIRITUAL MARISTA

O patrimônio pode nos servir de guia. Temos o nosso: "o marista". Devemos saber explorar o nosso patrimônio espiritual. É preciso filosofar, à luz das origens e da saudável tradição de nosso Instituto, sobre temas como a oração, os pobres, a pedagogia, a catequese, os superiores...

Uma leitura simplista e acrítica da Bíblia produz o Fundamentalismo. Essa é uma postura tipicamente superficial e pragmática. Ficar com a casca e jogar a fruta fora? Não acontece algo parecido em nossas releituras das origens maristas? Trata-se de redescobrir Champagnat, pois devemos traduzi-lo, não simplesmente repeti-lo.

"O Padre Champagnat encarna
o zelo apostólico que sabe dar respostas
adequadas a problemas concretos".
(C 81,01).

Precisamos conhecer quais foram essas respostas e quais foram esses problemas concretos. Não podemos considerar absoluta a ação de Marcelino. Em suas decisões sobre assuntos concretos ele precisou considerar, em boa parte, elementos meramente conjunturais. É importante saber encontrar suas aspirações e desejos profundos e constantes.

O Espírito Santo é o autor da vida consagrada. Os fundadores ocupam um lugar preferencial e original no carisma, mas não originador. Não se pode, pois, pretender reduzir o estudo do carisma apenas à personalidade do Fundador e dos primeiros discípulos de Marcelino. As sucessivas gerações de Irmãos gozam de um carisma que as capacita para o justo discernimento autêntico no Instituto. Isso para poder dar garantia à ação do Espírito. De outra maneira seria impossível o trabalho da instituição. O carisma teria sido monopólio, ou ao menos exclusivo, do Fundador e, portanto, morreria com ele. A sobrevivência institucional estaria baseada meramente na capacidade de memória histórica do Grupo.

"Superiores ou não, somos depositários
do carisma do Fundador. Devemos, por isso,
exercer a mediação de maneira recíproca,
conforme a graça que recebemos e
a função de que exercemos". (C. 40,03)

Marcelino estava convencido de que Deus queria sua Obra. Estamos nós também? Será que tanto questionamento *ad extra* e *ad intra* não nos causou algum dano? A dúvida se instalou em nossas praças.

O Espírito presenteou a Igreja com o carisma de nosso Instituto. Essa é a base de nosso amor pela obra de Marcelino. Nossa fidelidade ao Instituto é precisamente nossa maneira de ser fiéis a Deus.

4. OS COMPONENTES DA INTUIÇÃO FUNDACIONAL DE CHAMPAGNAT

A angústia do jovem Vigário de La Valla era semelhante à do jovem Montagne: uma angústia partilhada. No grito daquele rapaz, Marcelino percebia o grito imenso da juventude abandonada em todo o mundo. Apenas chegado à sua paróquia, pôs-se a trabalhar de imediato. Era preciso responder a esse grito sem importar o preço. E a resposta que Marcelino Champagnat dá à juventude que pede ajuda somos nós: os Irmãozinhos de Maria.

Marcelino se deu conta, desde muito pequeno, da visão amorosa com que Jesus envolvia as crianças e os jovens. E quis materializá-la mediante os Irmãos que fundou.

"Guiado pelo Espírito, Marcelino Champagnat foi
cativado pelo amor de Jesus e Maria para com ele e
para com os outros. Tal vivência, como também sua

abertura aos acontecimentos e às pessoas, está na origem de sua espiritualidade e de seu zelo apostólico. Torna-o sensível às necessidades de seu tempo, especialmente à ignorância religiosa e às situações de pobreza da juventude" (C 2,01).

Todas as linhas de força na vida de Marcelino tendem para um único objetivo: a fundação de um Instituto para atender as crianças e os jovens que as outras instituições eclesiais não atendem. Se eram catequistas e professores os que faziam falta, por que Marcelino fundou uma Congregação religiosa? Certamente porque necessitava catequistas-professores em terceira dimensão. Isto é, testemunhos vivos da presença de Deus, orantes que dedicaram toda a sua oração para as crianças e os jovens, sinais do futuro.

Os primeiros Irmãos eram do povo e para o povo. Além disso, viviam como as pessoas do povo. E tudo com grande naturalidade, sem arroubos proféticos, muito menos demagógicos. Essa foi uma das chaves de seu êxito.

Uma das características da personalidade de Marcelino é seu equilíbrio: Como ele se coloca bem diante da realidade!

Logo Marcelino e os primeiros Irmãos perceberam que não deviam restringir sua oferta educativa apenas a um grupo determinado de crianças: pobres e camponeses. Era muito o que ofereciam para privar disso as demais crianças. Daí provém a preferência de uns sem a exclusão de outros.

5. DESAFIOS E ELEMENTOS A CONSIDERAR PARA A REFUNDAÇÃO

Precisamos ficar alertas diante do medo da crítica e de uma doentia autoanálise infindável e reiterativa. Como seria equivocado pretender asfaltar os jardins e hortas durante o inverno por causa de sua improdutividade! Não será algo semelhante pretender abandonar um apostolado, por exemplo, o educativo-escolar, alegando sua baixa ou nula rentabilidade?

O Espírito Santo não nos deixou sozinhos. Devemos e podemos continuar a responder segundo nosso carisma ao mundo e à Igreja de hoje. Devemos acreditar no poder de Deus.

Se Marcelino estivesse de novo fisicamente entre nós, o que faria? Pois é isso mesmo que devemos fazer.

"Irmãos Maristas, animados por um zelo semelhante ao dele, continuamos o carisma do Fundador respondendo aos anseios e necessidades dos jovens de hoje" (C 81,03).

Dada a riqueza da figura de Maria, a dimensão mariana de nosso carisma é mais um convite ao desenvolvimento de uma antropologia saudável.

Transparência em forma de vida: habituar-nos à comunicação de vida em nossa comunidade. Homens que vão se deixando tocar pelo mistério

de Deus. Atentos ao passo do Espírito em nossas vidas.

Que grau e que forma de separação do mundo e de sua cultura convém que um religioso educador tenha para que possa realmente educar? Não seria melhor insistir em sua inserção do que em sua separação?

A nota de laicidade em nossa vocação é substantiva, não adjetiva. Nosso ser religioso, como Irmão, é completo enquanto tipo de vida evangélica. Começa no batismo e na confirmação. Produz e expressa a santidade original de nosso ser cristão. Isto é, representa o desenvolvimento programático da "pertença a Deus". Torna-se, pois, radicalmente certo o "eu sou seu" pronunciado no batismo.

Em nosso quefazer apostólico, em nossa vida de comunidade, em nossa relação com o mundo deveria aparecer cada vez mais nítida nossa condição de memória do transcendente.

6. ALGUNS NOVOS PARÂMETROS PARTICULARMENTE INSISTENTES

Uma mudança na mentalidade acerca do leigo: o papel de liderança dos leigos diante da missão e da espiritualidade marista. Uma mudança de atitude em relação à mulher. A crescente inter-relação no interior da Sociedade de Maria: Irmãos, Padres, Irmãs e Leigos, além da comunidade de vida e ideais nas origens.

Uma comunidade de Irmãos: lugar de encontro e vida de pessoas de todo tipo de idade, cultura, língua, mentalidade, nacionalidade, raça... Se o amor nela é autêntico e visível, nossa comunidade pode ser muito interessante para um mundo como o de hoje, tão dividido precisamente por causa dessas diferenças.

Não estará na base de quase todos os problemas atuais da sociedade a falta mais absoluta de sentimentos de compaixão e benevolência, isto é, de fraternidade? Irmão Marista deveria ser escrito com "i" minúsculo porque indica igualdade, proximidade, interesse, solicitude, carinho, acompanhamento, participação. Não é um título diante do que se deva antepor um sonoro e solene "Reverendo".

Não é o Irmão uma espécie de companheiro de viagem de todo homem? Sim, companheiro, não mais do que sua própria experiência de Deus que deseja fraternalmente partilhar. É imprescindível que continue a existir a vida religiosa laical masculina. É todo um profetismo do valor do batismo. Não pode ser sacrificada por razões pragmáticas.

A pobreza material não se apresenta sozinha. Sempre a acompanha todo um cortejo de misérias que fazem do pobre social um necessitado total. A paz começa muito antes da existência de um "tratado". Isso não

é senão o ponto final de uma atitude sustentada pela benevolência em tudo e com todos. Para Marcelino é especialmente cativante a figura de Jesus Cristo que se compadece das misérias dos simples, dos aflitos, dos deixados de lado, das crianças, dos que contam pouco...

> "Neste espírito, fundou nosso Instituto para a educação cristã dos jovens, particularmente os mais necessitados" (C 2,03).

A escola católica em relação à pública não se rege pelo princípio de suplência, mas de alternatividade. Se isso é verdadeiro, é preciso saber assumir as consequências. A alternatividade obriga a escola católica a ter certas qualidades iniludíveis: competência, organização... A escola marista deve ser bem conduzida como escola. Deve se sobressair pela qualidade de seus estudos, disciplina, esportes... O Evangelho não é algo à parte: supõe e fomenta o verdadeiro humanismo. Deveria oferecer um não contundente a qualquer tipo de mediocridade que queira se instalar em nossa escola sob o pretexto de privilegiar "valores evangélicos".

A espiritualidade apostólica é uma maneira determinada de enfocar a totalidade da vida. Fazer a experiência de Deus no cotidiano. O mundo é o lugar da adoração de Deus. O Senhor emerge na mesma densidade das coisas, pessoas e acontecimentos, e é aí onde quem vive a espiritualidade apostólica sente que Deus quer ser escutado, servido, amado. O mundo, a história, o apostolado não são obstáculos para o encontro com Ele, mas uma mediação obrigatória.

7. VOLTA AO BÁSICO

A refundação é um problema de espiritualidade, não de meras reformas estruturais, embora estas sejam também necessárias. O fundamento último de nosso projeto de vida é a fé radical que sustenta um seguimento radical de Jesus Cristo. Ir às fontes: Cristo é a fonte de toda santidade. Semelhantes ao fundador em espiritualidade, santidade, apaixonamento. Vivemos juntos olhando para a mesma direção: Cristo.

Não fomos, como Irmãos, consumidos pelo trabalho? Não teria a comunidade direito e necessidade de um alento interior, feito de intimidade grupal e de proximidade a Deus? Ou é possível honestamente estar sempre no sulco da atividade apostólica?

Todos me chamam de "Irmão". Sou agente da civilização do amor. Esta missão é atraente para a juventude de nossos dias. Nossas comunidades são chamadas a ser núcleos de fraternidade cristã. A experiência fraterna é característica entre nós. "Todos vocês são Irmãos". Trata-se de viver a fundo, e visivelmente, essa realidade evangélica.

Nosso celibato gera relações fraternas não baseadas na carne e no sangue, permitindo-nos viver inteira-

mente para Deus e para os outros. A partir dessa vivência nos constituímos em "tecedores de fraternidade".

Trata-se de comunicar a todos o que são: seres feitos à imagem e semelhança de Deus, destinados a viver com Deus...

"Vocês são maiores do que imaginam!"...

Seguimos Jesus, do jeito de Maria, a partir do carisma outorgado a Marcelino Champagnat.

"O amor que o Espírito Santo derrama
em nossos corações torna-nos participantes
do carisma de Marcelino Champagnat
e orienta todas as nossas energias para
esta única meta: SEGUIR O CRISTO, COMO MARIA,
em sua vida de amor ao Pai e aos homens.
Procuramos viver este ideal em comunidade"
(C 3,01).

CONCLUSÃO

Estamos na época dos historiadores ou dos místicos? Quais deles promoverão a reforma (a refundação) da vida religiosa, tão necessária? Será uma questão de metodologia histórica ou de maior fidelidade ao Espírito? Em outras palavras, precisamos de arqueólogos que escrutinem os vestígios do passado ou detectores supersensíveis do sopro do Espírito no ontem e no hoje? Toda reforma ou renovação religiosa não é mero regresso ao passado. É, sim, uma atualização da intuição original segundo as exigências do Espírito no contexto histórico da Instituição.

O FUTURO TERÁ NOSSOS OLHOS

Ir. Javier Espinosa

"No momento atual, seremos capazes de pensar além dos esquemas habituais? Somos convidados a nos desinstalar, a pensar fora dos esquemas conhecidos" (Ir. Emili Turú)[1].

I - INTRODUÇÃO

Começo a escrever estas linhas na paz de alguns dias de retiro na América Central. Pude contemplar os vulcões de El Salvador e Guatemala. Majestosos, apontando para o céu. Partilho essa bela visão com leigos, leigas e Irmãos que participam dos exercícios. No silêncio do retiro recordo rostos, lugares, experiências... destes mais de três anos no Secretariado dos Leigos.

Nesse contexto escrevo estas páginas. Os vulcões me recordam o filho do chefe índio, o que subiu a montanha e trouxe para seu pai a visão de um futuro melhor para sua tribo. Os leigos e os Irmãos, com quem partilho estes dias, me trazem à memória os maravilhosos caminhos de comunhão que começaram em algumas províncias do Instituto. O silêncio do retiro me fala de Deus, o Deus que nos impele a partir. A paz destes dias me ajuda a retomar o que foi vivenciado no Secretariado, com traços de esperança e vitalidade, de busca e discernimento, de incertezas e muitas perguntas. O que expresso nasce desse contexto.

O amanhã terá nossos olhos, dizia-nos o Ir. Emili[2]. Nossa visão destaca horizontes. O futuro terá nossos olhos[3]. O futuro, nós o construímos junto com o Senhor.

---

[1] Turú, Emili. *Encontro da Conferência Interamericana de Provinciais.* Luján, Argentina, 2011.

[2] Turú, Emili. Idem.

[3] A Conferência de religiosos da França, reunida em Lourdes, em 2012, afirmava: "As Congregações religiosas devem inventar seu futuro". José Rodrigues Carballo dizia: "Sonhem, Irmãos, uma vida religiosa franciscana diferente." (Cf. Avere gli occhi rivolti al futuro, em Rev. Testimoni, 13, 2012, p. 27). Fico animado com a manifestação de José María Vigil: "Se a VR tivesse visão de futuro, investiria suas principais energias e seus melhores recursos humanos em reinventar seu futuro" (Cf. Llamado a la vida religiosa mundial, em ADITAL, janeiro de 2014).

II. O FOCO DA REFLEXÃO

Estas páginas pretendem aprofundar o segundo horizonte do XXI Capítulo Geral com uma visão de futuro. O apelo fundamental do Capítulo contempla a urgência de "*uma nova relação entre Irmãos, leigas e leigos, baseada na comunhão, buscando juntos uma maior vitalidade do carisma no mundo de hoje*". Integra o sonho que Deus tem para os maristas Irmãos e leigos e para nosso Instituto[4]. Sonho que convida à mudança e supõe, na expressão do Capítulo, um "itinerário de conversão tanto pessoal como institucional".

1. Peças de um quebra-cabeça

A mensagem capitular propõe afirmações determinantes que buscam explicitar o segundo horizonte do XXI Capítulo. São como peças do quebra-cabeça do futuro marista, ao qual quero fazer uma aproximação nestas páginas.

A seguir algumas das afirmações:

1. Sentimo-nos impulsionados por Deus para partir rumo a uma nova terra que favoreça o nascimento de uma "*nova época para o carisma marista*"[5].

2. "Contemplamos *nosso futuro marista como uma comunhão de pessoas no* carisma de Champagnat, em que nossas vocações específicas se enriquecerão mutuamente"[6].

3. "Uma vida consagrada nova, enraizada firmemente no Evangelho, que promova um *novo modo de ser Irmão*"[7].

4. "Propiciar novos modelos de comunidade"[8].

5. "Trabalhar ativamente com outras pessoas que se sintam atraídas por nosso carisma para explorar novos caminhos, mediante os quais suas vocações possam ser reconhecidas e encorajadas na vida da Igreja"[9].

6. "Favorecer o desenvolvimento de comunidades locais de Irmãos e leigos, nas quais compartilham vida, espiritualidade e missão maristas"[10].

---

[4] Cf. Irmãos Maristas. Documento do XXI Capítulo Geral. Roma, 2009, p. 15.

[5] Irmãos Maristas, idem p. 26.

[6] Idem, p. 36.

[7] Idem, p. 27.

[8] Idem, p. 34.

[9] Idem, p. 37.

[10] Idem, p. 37.

2. Convicções fundamentais

O segundo horizonte do XXI Capítulo General, com as afirmações precedentes, vem sustentado por convicções profundas, entre as quais destaco:

A. Na igreja-comunhão somos complementares

Todos os estados de vida estão a serviço do crescimento da Igreja; são modalidades que se unificam profundamente no "mistério de comunhão" da Igreja e se coordenam dinamicamente em sua única missão[11].

Todos nascemos pela fé e entramos na Igreja como leigos, isto é, como membros do povo cristão, e nessa estrutura comum somos chamados a viver determinadas características que pertencem ao patrimônio do povo de Deus, como a de servir na mesma missão a partir de vocações diferentes. Temos uma base comum, e esta base comum nos sustenta. A missão da Igreja é partilhada por todos. Todos com igual dignidade que só o Batismo propicia. Todos chamados igualmente à santidade. Todos protagonistas e interdependentes, sem que isso suponha superioridade de ninguém. Mutuamente nos convertemos em sinais para os demais.

Nem a radicalidade evangélica nem a hipérbole profética resultam, portanto, do monopólio da vida religiosa. No estado laical, encontram-se pessoas que vivem em seu cotidiano essa radicalidade[12]. A Assembleia de Mendes afirmou que "como maristas somos chamados a centrar apaixonadamente nossas vidas em Jesus Cristo, desenvolvendo uma espiritualidade de seguimento". Todas as pessoas cristãs são chamadas à radicalidade do seguimento de Jesus. É assim como a fecundidade do projeto de Deus para o mundo, assim como a plenitude do evangelho e do carisma marista, não se consegue solitariamente, mas na complementação e na comunhão.

B. Nosso carisma é partilhado por leigos e Irmãos

O carisma marista é dom de Deus para a Igreja. Há pessoas chamadas a viver laical-mente o carisma e essas pessoas se convertem em autêntica riqueza para o desenvolvi-

[11] Cf. Christifideles Laici, 55, onde também lemos: "Na Igreja-Comunhão os estados de vida encontram-se de tal maneira interligados que são ordenados uns para os outros. Comum, direi mesmo único, é, sem dúvida, o seu significado profundo: o de constituir a modalidade segundo a qual se deve viver a igual dignidade cristã e a universal vocação à santidade na perfeição do amor. São modalidades, ao mesmo tempo, diferentes e complementares, de modo que cada uma delas tem sua fisionomia original e inconfundível e, simultaneamente, cada uma delas se relaciona com as outras e se põe ao seu serviço". Cf. Saenz de Ugarte, Genaro, FSC, "*Mutuas relaciones entre religiosos y seglares*". Revista Testimonio, Chile.

[12] Cf. ARNAIZ, José María. La vida religiosa al interior de una familia espiritual, Rev. Vida Nueva, 1996. E Antonio Botana coloca: "Cada um, a partir de sua vocação, converte-se em sinal para todos os outros; onde todos são chamados igualmente em uma diversidade de vocações cristãs". (cf. Famílias carismáticas e Iglesia-comunión, artigo policopiado).

mento da missão e da espiritualidade maristas[13].

"Devemos deliberar", disse o Ir. Genaro aos mesmos fundadores. Durante muito tempo pudemos considerar isso como propriedade exclusiva da vida religiosa, perdendo de vista sua dimensão eclesial. Os fundadores são um dom para toda a Igreja. Não são propriedade da vida religiosa, embora os religiosos tenham sido seus primeiros filhos. Hoje reconhecemos a paternidade criativa e generosa de nossos Fundadores. E entendemos que ultrapassam o limite dos Institutos que fundaram[14].

O carisma marista pertence assim à globalidade da comunidade eclesial, e por isso o compartilhamos, Irmãos, leigas e leigos. Mas entendemos que nosso carisma expressa toda a sua plenitude quando é vivido precisamente pelas diferentes comunidades, grupos ou associações maristas. É um dom que ultrapassa a vida dos Irmãos[15].

C. Cada vocação se reconhece mais a si mesma no encontro com o outro

O caminho partilhado por Irmãos e leigos ajuda a esclarecer a identidade leiga marista e a identidade do religioso Irmão. A identidade específica se enriquece com a comunhão, não diminui nem desaparece. A comunhão favorece a compreensão da especificidade e da beleza de cada um dos estados de vida. Essa foi a intuição do Ir. Charles Howard quando nos dizia que "a partilha com os leigos espiritualmente nos há de revelar novas profundidades de nossa vocação de Irmãos"[16].

O fato de que os leigos partilham o carisma marista manifesta as novas possibilidades desse dom. As novas concretizações do carisma que os leigos promovem, faz com que os Irmãos se abram à comunhão com outras formas fundamentais de vida e descubram ainda mais a riqueza do próprio dom carismático. Os leigos maristas contribuem com uma nova forma de viver o carisma marista no âmbito laical[17],

---

[13] Os Leigos da Venezuela afirmam: "Filhos de Marcelino Champagnat, comprometidos com o seguimento de Jesus do jeito de Maria, sentimo-nos chamados por Deus a construir um mundo melhor; estamos convencidos de que ser Leigo Marista é uma vocação e, portanto, um presente de Deus". (cf. Comunicado del laicado marista de Venezuela, Los Teques, 2009, policopiado).

[14] Cf. SAENZ DE UGARTE, Genaro FSC. "Mutuas relaciones entre religiosos y seglares". Revista Testimonio, Chile.

[15] "O carisma de um Instituto religioso se desenvolve e se multiplica de maneira especial quando se vive na condição de religioso e também na de leigo" (cf. ARNAIZ, José María. Con ellos y con ellas. La vida religiosa al interior de una familia espiritual. Revista Testimonio, Chile).

[16] HOWARD, Charles. Movimento Champagnat da Família Marista. Roma, 1991, p.401. "A espiritualidade deverá se construir a partir da complementaridade, reconhecendo a pluralidade de identidades, que é o que permite aprofundar nela mesma, em contraste com a dos outros", dirá Estrada, Juan Antonio, en Religiosos en una sociedad secularizada, Ed. Trotta, Madri, 2008, p.103.

[17] Segundo Benito ARBUÉS, "trata-se de uma relação recíproca de amizade, confiança, ajuda, interpelação, com um novo sentido de Igreja, onde ocorrem a complementaridade das vocações, a comunhão e a participação" (VI Conferência Geral, Roma, 1997).

e é assim como a nova relação permite fortalecer nossa identidade específica e enriquecê-la a partir da complementaridade vocacional. Leigos e Irmãos aprofundamos em nossas vocações específicas à medida que nos encontramos uns com os outros[18].

D. Devemos repensar nosso modelo institucional

Essa convicção está exposta muito claramente no documento *Em torno da mesma mesa* (EMM): "A experiência de partilhar o carisma nos leva a repensar o modelo institucional que até agora tem encarnado o carisma marista na Igreja. A realidade parece indicar que precisa-mos não apenas *alargar a tenda* do Instituto, mas juntos construir uma tenda nova na qual todos, leigos e Irmãos, encontremos nosso lugar"[19].

Implica, inicialmente, uma nova mentalidade dos Irmãos: superar medos, abandonar esquemas paternalistas, deixar de lado atitudes autossuficientes, confiar nos leigos, não os considerar como convidados indesejáveis, superar seguranças e rotinas, desenvolver o diálogo e o respeito, aceitar uma integração mais igualitária com eles, buscar uma referência jurídica e de governo.

Esse novo modelo passa pelos leigos e leigas maristas. Eles e elas tornam possíveis novas formas de entender e viver o carisma. Sua presença incide sobre o discernimento dos serviços apostólicos em novas linguagens religiosas, em novos paradigmas para nossa espiritualidade, em uma melhor tradução da fraternidade marista para nosso mundo. *O futuro das congregações,* dirá Estrada, *está em boa parte em sua capacidade de incorporar os leigos em suas instituições e deixar-se fecundar por suas experiências*[20].

Repensar o modelo institucional implica que estejamos dispostos a modificar nossas formas de viver, orar, atuar[21], mudar e clarear a compreensão teológica da vocação religiosa e da vocação laica[22] e a estar abertos a novas formas de vida religiosa, fazendo dos leigos protagonistas dessas mudanças[23].

Ao longo das páginas seguintes pretendo aprofundar algumas convicções que se tornam referências para uma aproximação da visão de futuro para nosso carisma marista.

---

[18] Cf. EMM 26. E em EMM 79: "Não só há lugar na mesa para todos, como também precisamos estar um ao lado do outro".

[19] EMM 145.

[20] Cf. Estrada, Juan Antonio. *Religiosos en una sociedad secularizada*. Por un cambio de modelo. Madri: Ed. Trotta, 2008, p.116.

[21] Cf. Turú, Emili, Mensagem em vídeo para os Encontros regionais de comissões leigas, 2012, que também dirá: "Partilhar o carisma oferece à vida consagrada marista uma nova possibilidade: a de manifestar como estabelecer um autêntico diálogo de vida e amizade, entre iguais, com aquelas leigas e aqueles leigos que queiram partilhar conosco o carisma".

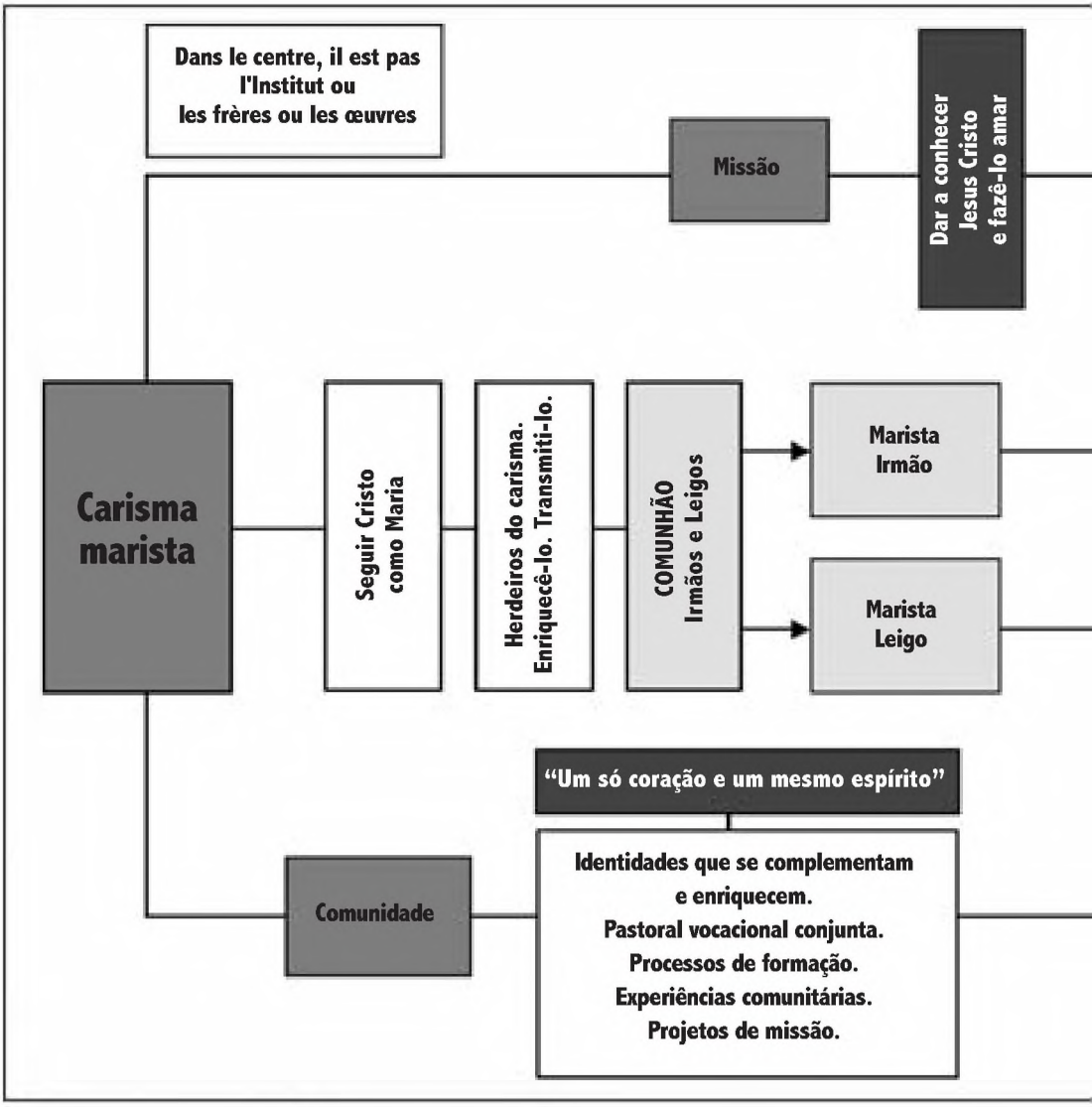
[22] Cf. Arnaiz, José María. *Con ellos y con ellas*. Rev. Testimonio, Chile.

[23] Cf. Estrada, Juan Antonio, idem, p.103.

3. Imaginando o futuro

A *Teoria apreciativa*[24] promove a descoberta do que existe de melhor, imaginar o que pode vir a ser, para finalmente construir o que deveria ser.

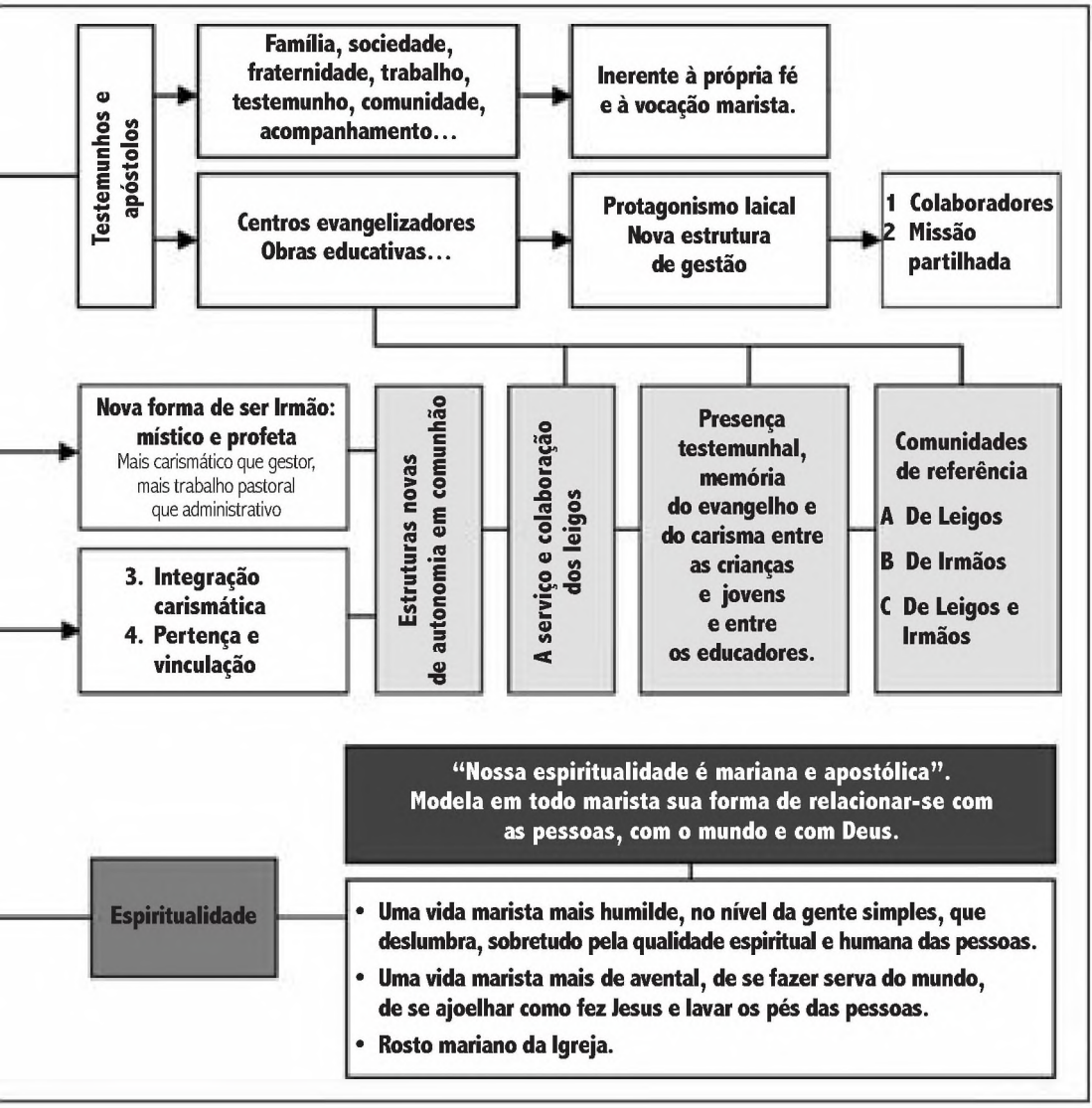
A partir da visão de certas experiências vividas no Instituto, e querendo imaginar o que pode chegar a ser essa nova época para o carisma marista, este seria meu projeto de mapa conceitual.



[24] Cf. Varona, Federico, Ph. D.. "*Todavía es posible soñar". Teoría apreciativa y comunicación empresarial.* San José: Califórnia, setembro de 2003 (manuscrito).

Neste mapa eu destacaria o seguinte:

1. A nova relação está baseada na comunhão. A comunhão nasce do mesmo seguimento a Jesus e do mesmo carisma que recebemos e promovemos todos, Irmãos e leigos.
2. Na comunhão nossas vocações específicas se complementam e se enriquecem.



3. O caminho de complementaridade vocacional orienta a busca de um novo modo de ser Irmão, segundo expressa o chamado fundamental do Capítulo.

4. A vocação leiga aparece com força nova, reafirmando o chamado que Deus faz a leigas e leigos no seguimento radical de Jesus com o espírito marista.

5. O centro do projeto marista não é ocupado nem pelos Irmãos, nem pelo Instituto, nem pelas obras. É em torno do carisma, como forma peculiar de viver o Evangelho, que giram nosso ser e nosso fazer.

6. O carisma marista compreende três dimensões fundamentais: a missão, a vida partilhada e a espiritualidade.

7. O caminho da comunhão se nutre de processos comuns de formação, com experiências comunitárias integradoras, com projetos partilhados de missão.

8. O processo vocacional leigo é processo de fé que termina em expressões reconhecidas de pertença e vinculação ao carisma e a um grupo. Portanto, leigos maristas não são todos os leigos que se relacionam com nossos centros.

9. Os centros educativos, como mediação da missão marista, mantêm-se em estruturas novas em gestão, que desenvolvem a corresponsabilidade, e nas quais os Irmãos não aparecem como donos ou chefes.

10. A força da missão dos Irmãos e de alguns leigos não está mais na direção e na administração das obras, mas em sua presença testemunhal, memória do carisma e do evangelho entre as crianças e os jovens, assim como entre os educadores.

11. O processo da nova relação, baseada na comunhão, leva à busca de uma nova estrutura institucional onde se promove o maior protagonismo e autonomia laical em profunda comunhão com o novo jeito de ser Irmão.

III - BUSCA E EXPLORAÇÃO EM NOSSO INSTITUTO

No Instituto há experiências, promovidas por leigos e Irmãos, que manifestam uma visão esperançosa e de futuro, como querendo tocar o sonho de Deus para nossa família religiosa. A atitude de busca e exploração que supõem essas experiências de comunhão pretende responder a esse sonho de Deus[25]. Todas essas ex-

[25] "Queremos ser continuadores de seu sonho" expressará o Documento do XXI Capítulo General, p. 15. Roma, 2009. Maravilhosa a expressão do jesuíta José Antonio García: "Deus nos quer como somos, mas nos sonha diferentes".

periências são expressão da presença progressiva de leigas e leigos no Instituto, que foram delimitando perfis novos na forma de perceber os Irmãos e de se relacionar com a vocação leiga[26].

1. O processo vivido no Instituto

1.1. Leigos como colaboradores

Referência: antes de Vaticano II (1962)

Os leigos (não havia quase presença de leigas) partilhavam o trabalho educativo sem muita relação com a missão evangelizadora. Eram convidados a contribuir na atividade educativa, de acordo com os fins do Instituto. Ofereciam seu trabalho, mas a responsabilidade última recaía sobre os Irmãos. Os leigos apareciam como colaboradores necessários.

São tempos de muito heroísmo e audácia dos Irmãos; grandes energias despendidas, esforços extenuantes para assentar as obras. O desejo de fazer crescer as obras vinha unido a certo isolamento dos processos sociais e políticos. O tipo de presença leiga não influía significativamente nos estilos de vida religiosa, ainda marcados pela autossuficiência apostólica. A dimensão pastoral estava nas mãos dos Irmãos. O carisma aparecia como propriedade dos Irmãos.

1.2. Sentido de "Família Marista"

Referência: XVII Capítulo Geral (1976)

É no XVII Capítulo Geral que aparece uma proposta na qual se fala da "Grande Família Marista, concebida como comunidade de pessoas que partilham um mesmo ideal, espiritualidade idêntica e igual maneira de trabalho marista na linha do Bem-aventurado Champagnat".

Os membros da família Marista tornam-se partícipes do espírito marista. Dessa forma, que corresponde à época pós-conciliar, o Irmão se sente mais integrado ao mundo, dialoga com a realidade. A vida religiosa se torna então mais humana e mais evangélica. Abrem-se numerosas frentes, tais com a encarnação, a opção pelos pobres, a inserção, o compromisso em favor da justiça e da paz, a defesa dos direitos humanos, a causa da mulher, a ecologia e outros. De diversas formas vai aparecendo esse novo perfil religioso entre os Irmãos.

1.3. Missão partilhada

Referência: Documento Missão Educativa Marista (1993)

Nessa época a missão marista é partilhada com os leigos. Irmãos e leigos se sentem chamados por Deus para uma missão. Há corresponsabilidade na animação das obras educativas.

Nesses anos fala-se de comunidade educativa onde todos são

[26] Cf. Documento do Secretariado dos leigos: "*A abertura crescente aos leigos e o processo de compreensão do novo modo de ser Irmão*", em edição fotocopiada, Roma, 2012.

agentes do processo evangelizador do colégio. Irmãos, professores, funcionários, todos se convertem em transmissores de valores e contribuem para o ambiente evangelizador. A ação educativa não é apenas tema de mensagem verbal, mas passa pelo testemunho. O documento *Missão Educativa Marista*[27] oferece os perfis desse período.

Esse momento, marcado por uma abertura significativa à presença leiga nos processos evangelizadores e em dinâmicas que se relacionam com o carisma marista, vai construindo uma forma de ser Irmão mais em comunhão com a Igreja, que amplia a base comum do Evangelho e convida a determinar melhor o específico da vocação de Irmão. Os leigos, como companheiros de caminho, ajudam a estruturar novas formas de vida consagrada.

1.4. Ampliar o espaço da tenda

Referência: XX Capítulo Geral (2001)

Para o Capítulo, essa expressão significa a riqueza de caminhar juntos, Irmãos e Leigos: "Por eles nos sentimos chamados a aprofundar nossa identidade específica de Irmãos e Leigos", dirá o Capítulo[28]. Na tenda ampliada o Instituto não se autoproclama a primeira instância de governo e liderança. Dá-se lugar a uma responsabilidade e a uma liderança partilhadas. Tem-se então a certeza de que nossas vocações se iluminam mutuamente e se enriquecem ao nos relacionar com os demais. Ao mesmo tempo, favorece-se a compreensão e a beleza de cada uma das vocações[29]. Inspiramo-nos uns aos outros na fidelidade ao carisma, descobrindo novos aspectos em sua riqueza espiritual e em seu dinamismo para o apostolado[30].

Vai surgindo um modelo de vida religiosa que pretende se enraizar mais no Evangelho e sustentar um seguimento verdadeiramente radical de Jesus. Fica então muito claro que o amor ao próximo é o primeiro que qualquer compromisso institucional ou dever religioso. Procura-se harmonizar religião e felicidade, evangelho e bem-aventurança, seguimento radical e autorrealização pessoal.

1.5. Uma nova tenda

Referência: em torno do XXI Capítulo Geral (2009)

Aqui se fala de que o problema substancial não é que a tenda seja demasiada pequena, mas que não se tem a tenda adequada. Talvez todos nós precisemos construir uma tenda nova, ou talvez uma ao lado da outra[31]. A *nova tenda* estaria assinalando a nova compreensão tanto da

---

[27] Irmãos Maristas. *Missão Educativa Marista. Um prcjeto para o nosso tempo*. Roma, 1993.

[28] Irmãos Maristas. *Documentos do XX Capítulo Geral*. Roma, 2001, n. 26.

[29] Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Caminar desde Cristo*. Roma, 2002.

[30] Cf. Irmãos Maristas. *Missão Educativa Marista*, p. 41.

[31] Cf. GREEN, Michael. *Tendas novas*. Cadernos Maristas. Roma, março de 2009.

vocação leiga como da vocação de Irmão.

Essa nova tenda ou estrutura nova se vislumbra no espírito do XXI Capítulo Geral, que destaca uma vida consagrada nova, uma nova forma de ser Irmão, uma nova relação Irmão-leigo, um futuro de comunhão para o carisma marista. Parece apontar para a busca de um novo rosto do carisma em novas formas que integrem Irmãos e Leigos, em novos paradigmas da vivência do carisma que promovam estilos novos tanto no jeito de ser Irmão como na vocação marista leiga. Ao mesmo tempo, a nova tenda representa um desafio à criatividade e à experiência, em uma transformação progressiva das maneiras de entender as vocações específicas[32].

Em síntese, e em um âmbito eclesial, podemos dizer que ao longo da história foi mudando a relação de forças entre leigos e religiosos. Em uma época, os religiosos tiveram o monopólio da radicalidade evangélica, a santidade e a missão. Sentiam-se autossuficientes e viam os leigos como destinatários de sua ação pastoral. Depois, se começa a delegar aos leigos aquilo que os religiosos não podiam levar adiante. Inicia-se um período em que a vida religiosa vive para os leigos e se preocupa em formá-los, e alguns leigos começam a trabalhar e a viver para os religiosos. É a eclesiologia da comunhão que, em uma etapa seguinte, leva à necessidade de unir forças e de aumentar a colaboração e o intercâmbio de dons. Nessa etapa toma-se consciência de que a identidade dos leigos está correlacionada à dos religiosos e a dos religiosos à dos leigos. Atualmente, começamos a ver o futuro como um horizonte comum. Vislumbram-se estruturas novas nas quais, conjuntamente, levam-se a efeito as tarefas, as obras, a missão e a presença carismática.

2. Experiências iniciadas

O processo de comunhão que se vive hoje no Instituto foi se cristalizando em diversas formas de expressar a relação entre Irmãos, leigas e leigos maristas[33]. Nas experiências aqui recolhidas, os Irmãos contribuem com o dom da vocação religiosa e o carisma, unido ao seu caminhar espiritual e ao seu percurso comunitário, e os leigos contribuem com o dom da vocação leiga, seus estilos domésticos e familiares, sua experiência como comunidade cristã e sua vivência particular do carisma.

Menção especial deve ser feita às novas comunidades de Irmãos e Lei-

[32] O XXI Capítulo Geral fala de "buscar juntos uma maior vitalidade do carisma marista no mundo de hoje". (Cf. p. 27). Alguns autores falam de refundar o carisma e a própria Instituição que o acolhe.

[33] O Secretariado dos leigos recolheu parte destas experiências em três pequenas publicações: Viver com outros o carisma marista. Comunidades compartidas de Santa María de los Andes. Somar vidas, multiplicar horizontes. Roma, 2013.

gos. Em 1991, o Ir. Charles Howard ponderou que "o estímulo mútuo no seguimento de nossa própria vocação comportará eventualmente uma maior associação em diversas formas, incluindo um maior número de voluntários em nossas missões, a formação de *comunidades mistas"*[34].

Dez anos depois, no Capítulo de 2001, os observadores leigos afirmavam: "Fomos descobrindo o desafio da formação de comunidades inspiradoras pela colaboração e vivência de novas maneiras de ser marista para criar juntos *novas formas de ser comunidade"*.

De maneira geral, podemos dizer que todas essas experiências apontam formas de uma nova estrutura institucional em que se prioriza a comunhão de Leigos e Irmãos no carisma marista.

2.1. Comunidades ampliadas

Também denominadas 'comunidades mistas' ou 'comunidades partilhadas', seus membros, Irmãos e Leigos, vivem às vezes na mesma casa. Essas comunidades apostam no carisma marista vivido no dia a dia, partilhando o trabalho, a oração, a reflexão. Acentua-se a comunicação a partir da abertura, do diálogo e da escuta. Vive-se o desafio de aceitar o pluralismo e construir a convivência. Em igualdade de condições, Irmãos e Leigos constroem o caminho espiritual na experiência, o estilo comunitário, a partilha dos bens, os horários, a animação comunitária e o desenvolvimento da própria identidade.

No Instituto há aproximadamente 25 comunidades com essas características. Doze delas pertencem à mesma província, envolvendo 28 leigos e 33 Irmãos. Onze províncias acolhem alguma dessas comunidades. Estão no Canadá, Costa Rica, Venezuela, Chile, Peru, Bolívia, Argentina, Espanha, França, Itália, Tailândia e Camboja. Vale destacar a comunidade mista de Mulhouse onde são os Irmãos que vivem na casa dos leigos; e, por seu sentido internacional e interprovincial, a comunidade mista de L'Hermitage.

2.2. Grupos maristas[35]

Também denominados *Grupos de vida marista, Grupos maristas de encontro, Grupos de espiritualidade marista;* esses grupos surgiram nos últimos anos e aparecem em cinco províncias do Instituto. Em uma delas há 17 grupos.

Os sinais de identidade desses grupos se manifestam no âmbito da vida fraterna, da espiritualidade e da missão. Participam deles Leigos e Irmãos. O grupo é reconhecido como espaço privilegiado de crescimento humano, cristão e marista. Cada grupo se organiza com seus próprios ritmos e estilos.

---

[34] HOWARD, Charles. *Movimento Champagnat da Familia Marista*. Circulares dos Superiores. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 1991.

[35] Esses grupos estão apresentados em uma publicação do Secretariado dos Leigos sob o título *Vida marista em grupo*, Roma, 2013.

2.3. Comunidade mista internacional de jovens e adultos

Esta é uma experiência de vida comunitária com jovens de Willowdale, Canadá. Apresenta-se como comunidade mista internacional, intercultural e interconfessional. Três Irmãos partilham a vida cotidiana da comunidade com 12 jovens universitários de 18 a 35 anos, "abertos à dimensão religiosa", com algumas referências cristãs.

Pretendem apenas formar comunidade. Tudo é colocado em comum e em regime aberto. As tarefas domésticas são partilhadas entre todos. Convida-se livremente a se unir à comunidade em um tempo diário de oração. A cada duas semanas há um espaço comunitário para partilha. O desejo de fundo é o compromisso de viver com outros "o espírito de família". Os Irmãos foram enriquecidos com a presença dos jovens. Willowdale vive a novidade respondendo aos horizontes do XXI Capítulo Geral: uma nova maneira de ser Irmão, um novo espírito de comunhão entre Irmãos e Leigos e uma presença fortemente significativa entre os jovens.

2.4. Grupos ou comunidades leigas[36]

Equivalentes a esses grupos no Instituto poderiam ser os Missionários Maristas da Cidade Juárez (México), os grupos de missão na Austrália e as comunidades laicas de Santa María de los Andes.

Para os *Missionários Maristas* da Cidade Juárez, organizados como Associação particular de fiéis, o sonho é poder dizer a todas as pessoas que Deus as ama muito, em especial às crianças e aos jovens que se encontram em zonas periféricas da cidade, pelas características maristas: espírito de família, amor ao trabalho, simplicidade, presença amorosa e, sobretudo, a devoção à Boa Mãe.

Os *grupos laicos* da Austrália são formados por professores que desejam aprofundar o seu ser marista com encontros que promovem a dimensão comunitária e o aprofundamento da espiritualidade. Descobriram que para viver o carisma marista com maior plenitude precisam partilhar com outros.

As *comunidades laicais* de Santa María de los Andes seguem um itinerário de acompanhamento e formação para o discernimento vocacional.

2.5. Fraternidades do Movimento Champagnat

No Movimento Champagnat, a fraternidade, formada por leigos que fizeram a opção de viver sua vocação segundo a espiritualidade de Marcelino Champagnat, é a unidade básica

[36] Irmãos Maristas. Roma, 2009, EMM 93: "A vida laical compartilhada, animada pelo Espírito, está crescendo e assumirá novos estilos no futuro".

do Movimento. Há cerca de 270 fraternidades no Instituto.

A proposta das fraternidades do Movimento Champagnat é comunitária, em que se convida a viver o amor e a unidade: a ser aberto e a acolher com alegria quem pede para ingressar; a promover a comunhão na família, no trabalho e na sociedade. A proposta apresenta um tom essencialmente laical. Participam dela aproximadamente 3300 membros.

2.6. Irmãzinhas de Champagnat

Essa comunidade reside atualmente na Guatemala. Em seu ser de mulheres identificaram-se com o carisma de Champagnat e experimentaram o chamado de segui-lo na vida consagrada. Vivem em comunidade, partilhando missão, oração, tarefas domésticas e experiências de formação. Atualmente têm expressado seu compromisso de vida mediante votos privados.

Elas mesmas se definem: "Seguindo as intuições de Marcelino, dedicamos nossas forças para estar presentes em meio às crianças e jovens mais necessitados, a quem tratamos de acompanhar em todas as suas dimensões. Pretendemos especialmente representar para elas e eles testemunhos de amor profundo que Deus lhes dedica. Maria, nossa Boa Mãe, ocupa um lugar muito importante em nossas vidas e missão. É dela verdadeiramente que continuamos aprendendo a ser mulheres totalmente para Deus, em meio aos irmãos e irmãs"[37].

2.7. Comunidade intercongregacional

Com a finalidade de partilhar e apoiar-se na missão, três Irmãos do Sagrado Coração vivem com os Irmãos Maristas uma experiência comunitária em Quebec. Os Irmãos dos dois Institutos se integram na mesma casa em Valcartier e partilham a vida fraterna, a vida de oração e a mesma missão, projetados para os jovens de *Vallée Jeunesse*.

As duas congregações perceberam carisma e espírito tão semelhantes e próximos que o cotidiano é vivido muito naturalmente. O projeto comunitário é elaborado em conjunto. Os encontros comunitários permitem que vivam e alimentem sua esperança. Seu projeto de missão é "assegurar uma presença significativa em meio às crianças e jovens mais vulneráveis". Oferecem apoio escolar a jovens com problemas na escola, possibilidades de inserção socioprofissional, creche, acampamentos de final de semana...

2.8. Formação conjunta[38]

A formação conjunta relaciona-se a processos vividos conjuntamente por Leigos e Irmãos. Promove criati-

[37] Do texto redigido por Maria Laura Soto, em Somar vidas, multiplicar horizontes do Secretariado dos Leigos, Roma, 2013.

[38] Cf. Documento do Secretariado dos Leigos: Algumas orientações para uma experiência de formação conjunta. Roma 2012.

vamente e, dentro da complementaridade de vocações, caminhos de renovação e vitalidade carismática. O XX Capítulo Geral referiu-se claramente a ela. Após duas experiências significativas em âmbito internacional, em Quito e em St-Paul-Trois-Châteaux, várias províncias animaram-se a introduzir tal formação. Realizá-la *em finais de semana* foi a possibilidade promovida pelas províncias que continuam oferecendo esse caminho de crescimento.

A formação conjunta é processo comunitário. Apresenta uma dimensão experiencial mais do que teórica. Ao realizá-la *conjuntamente,* expressa que Leigos e Irmãos se sentem reciprocamente necessitados para recriar a identidade marista comum e as identidades especificas.

2.9. Retiros para Irmãos e Leigos

Já é tradição em algumas províncias abrir um dos retiros provinciais aos leigos. Em outras se realizou a experiência de partilhar todos os retiros do ano com leigos. O bonito é que também a animação desses retiros é realizada por Irmãos e Leigos.

Dessa partilha do caminho espiritual marista, resulta uma experiência de comunhão que se fundamenta no Evangelho, no seguimento do Senhor e na vitalidade do carisma. É uma experiência natural para introduzir a nova época para o carisma marista.

2.10. Associações

Em algumas províncias se reflete sobre possibilidades de associação de Irmãos e Leigos para expressar a corresponsabilidade na animação das obras educativas e na comunhão na vivência do carisma. A Província do Canadá já definiu seu estatuto jurídico como *Associação marista de leigos.* A Província da Austrália está em processo de constituir uma *Associação pública de fiéis* com participação de Irmãos e Leigos. A comunidade de Mulhouse é uma *Associação privada de fiéis.* Em todas essas formas de associação se introduz a vinculação e pertença laical.

2.11. Compromissos privados

Em nível pessoal, leigas e leigos, principalmente de fraternidades do Movimento Champagnat, sobretudo da França, após um processo de discernimento, expressaram em forma de promessas ou compromissos, diante da comunidade paroquial, seu desejo de viver o carisma marista em sua família e em seu trabalho.

O XX Capítulo Geral, assim como a Assembleia de Mendes, falaram dessas diferentes formas de compromisso marista, seja de modo privado ou como associação[39].

[39] O XX Capítulo Geral assim se expressou: "Que o Conselho Geral estude as diferentes formas de pertença ao Instituto e que, em diálogo com os Provinciais e seus conselhos, permita que os leigos vivam (ad experimentum) diversas formas de compromisso marista. A partir dessas experiências, o Conselho Geral esclarecerá os tipos de vinculação jurídica que possibilitem, eventualmente, tomar uma decisão no XXI Capítulo Geral" (Cf. Irmãos Maristas, Atas do 20º Capítulo General, 2001, p. 37). E a Assembleia de Mendes, 2007, 2.3: "Desejamos suscitar novas formas de vinculação ao carisma marista. Criação de novos espaços de participação com sentido de pertença".

IV – REFERÊNCIAS DE OUTROS INSTITUTOS

Podemos dizer que todos os Institutos introduziram processos de associação com leigos que se sentem chamados a viver no mundo o carisma da Instituição. De forma muito sucinta reúno algumas referências em que aparecem formas de associação, vinculação ou pertença institucional.

1. Comunidades leigas Marianistas

Desde 2006, são reconhecidas como *Associação privada de fiéis.* São comunidades de leigos que se colocam a serviço da missão da Igreja no mundo, segundo o carisma marianista. Para os leigos é uma opção de vida. Essas comunidades integram a Família Marianista, com a qual partilham um carisma comum a partir de sua identidade laical. São comunidades autônomas. Estruturam-se em grupos locais, nacionais e regionais. Os gastos de organização e o funcionamento são custeados por seus membros.

2. Fraternidade Signum Fidei (La Salle)

Na década de 1970, leigos desejosos de uma vida cristã mais comprometida solicitaram aos Irmãos das Escolas Cristãs partilharem mais estreitamente com eles o trabalho educativo, mas também o próprio espírito. Assim nasceu a fraternidade *Signum Fidei.* O 43° Capítulo Geral reconheceu os *Signum Fidei* como Associados para a Missão de La Sale. Fazem parte da Família Lassalista e seus membros se associam em pequenas comunidades pertencentes a um Distrito, Subdistrito ou Delegação Lassalista. São cerca de 900, em 30 países. Seus membros seguem um processo de formação.

3. Escolápio leigo (Ordem das Escolas Pias)

A Ordem oferece quatro modalidades laicais: *Cooperação,* com atividade escolápia para todas as pessoas que colaboram nos projetos ou obras escolápias; *Participação,* para quem se sente comprometido pessoalmente e de forma corresponsável na missão das Escolas Pias; *Integração carismática,* para quem quer viver associativamente o carisma de Calasanz; *Integração jurídica,* para as pessoas e grupos que, a partir de sua pertença a uma comunidade eclesial, do carisma escolápio, assumem um vínculo jurídico com a Ordem.

A modalidade de integração jurídica é, portanto, para pessoas que, com uma vivência carismática escolápia, explicitam canônica e também civilmente um acordo com a Ordem. Essa integração jurídica tem como objetivos: integrar as Escolas Pias temporalmente com um vínculo jurídico, aprofundando sua opção laical, que pode ser repetido indefinidamente se as condições persistirem; viver esse compromisso, destacando

a opção de pobreza e disponibilidade a partir do estado de vida laical; participar de alguma obra ou projeto com um compromisso de longa duração[40]. Constituem-se em Fraternidades escolápias.

De diversas maneiras aparece nos Institutos o tipo de vinculação laical, os processos de formação, a autonomia, a comunhão com os religiosos e a identificação com o carisma[41].

V - APROXIMAÇÕES À NOVA RELAÇÃO

"Sintamo-nos chamados a aprimorar a sensibilidade, para captar os germes de vida que provêm do conjunto da vida marista. Que intuições de futuro se manifestam? Que sinais de morte se deve abandonar? Que nos diz o Senhor por meio do conjunto?"[42]. Essas palavras do Ir. Emili inspiram a parte final do artigo. São aproximações da *nova relação* entre Leigos e Irmãos que procedem de uma leitura das experiências de comunhão que ocorrem em nosso Instituto[43].

Como anteriormente, é preciso afirmar que a nova relação parte de uma maior consciência de *nossa comum vocação batismal*. No espírito do Vaticano II, Irmãos e Leigos, sentimos em comum a vocação à santidade, a dignidade de filhos de Deus, o mesmo Senhor, a mesma fé, o mesmo batismo[44]. No batismo se encontra a raiz de todas as vocações e, pelo batismo, se fala da dignidade fundamental de todos os membros do povo de Deus. Tanto religiosos como leigos, somos movidos pelo seguimento de Jesus e a referência ao Reino. Aí nos encontramos todos como povo de Deus. É o grande tesouro e o grande horizonte comum.

[40] Há fórmulas para a promessa temporal e para a definitiva. O Superior provincial, com o consentimento da Congregação provincial, aceita a promessa. Esse processo supõe tempos de formação, de acompanhamento pessoal, estar disponível às exigências da Ordem e ao diálogo com sua comunidade de referência, manter uma relação estreita com os Escolápios e, de modo especial, com o Superior Geral, a partir de um claro e definido projeto de vida e missão, e estabelecer um acordo mútuo firmado, com direitos e deveres, aprovado pela Congregação. Os processos iniciados com religiosos e leigos o interpretam como caminho de refundação, que não tem volta.

[41] Os Viatores associados (Clérigos de são Viator) são homens e mulheres que partilham a missão, a vida espiritual e comunitária com os religiosos Viatores. São "chamados" a formar com os religiosos a Comunidade viatoriana. Os Salesianos cooperadores ressaltam três pilares de sua identidade: vocação, caráter laical e identidade salesiana. Mediante um processo de formação que geralmente dura entre três e cinco anos, prometem para toda a sua vida seguir os ideais de Dom Bosco. Os membros da Ordem Carmelita Descalça Secular (OCDS) não realizam votos públicos, mas promessas de pobreza, castidade, obediência e de viver segundo o espírito das Bem-aventuranças.

[42] Cf. TURU, Emili. *II Conferência interamericana de provinciais*. Luján, Argentina, 2011. Nesse mesmo encontro comentou: "Devemos sacudir as inércias". Einstein dizia: "Se queres obter resultados diferentes, não continues a fazer o mesmo".

[43] Algumas dessas experiências são apresentadas no texto *Busca e exploração em nosso Instituto*, do mesmo artigo.

[44] Cf. Constituição sobre a Igreja 32, Vaticano II.

1. A nova relação, baseada na comunhão, fortalece nossas identidades vocacionais

"Nem todos os Irmãos e Leigos estão preparados para aceitar essa nova relação" dizia-me recentemente uma leiga, referindo-se aos Irmãos, que isso é devido à falta de consciência de sua própria identidade. Por isso, exercitar-se em comunhão é exercitar em identidade. De outra forma, o caminho de comunhão nos está levando a purificar e afinar nossas respectivas identidades[45] ou, na expressão de Arnáiz, a um *suplemento de identidade*. Esta nova relação aponta para esse fortalecimento identitário que nos capacita para tornar possível a partilha em profundidade e para nos abrir saudavelmente aos demais.

A nova relação convida a reconhecer a forma específica dos Leigos de viver o carisma marista. Eles descobrem o chamado de Deus para viver o carisma de Champagnat a partir de seu estado laical, como forma peculiar de desenvolver a identidade cristã comum a todos os fiéis. É um chamado pessoal para uma forma específica de ser discípulo de Jesus[46]. "Para alguns de nós, Deus nos tocou e nos deu um coração marista. Certamente, mais do que decisão nossa, foi iniciativa de Deus"[47].

O caminho da nova relação se converte em um desafio também para a identidade do Irmão. Assim no-lo expressou o Ir. Charles: "A partilha com os Leigos nos há de revelar novas profundidades de nossa vocação de Irmãos". Para o Ir. Emili, "significa estar disposto a modificar nossas formas de viver, orar e agir". A esse respeito, dessa forma, o Ir. Séan confrontava os Leigos: "Por favor, *jamais deixem de nos desafiar* com sua experiência do carisma de São Marcelino"[48]. O XXI Capítulo Geral nos dirá que partilhar a mesma herança deve significar fazer surgir uma nova vida consagrada e um novo modo de ser Irmão[49]. Esse chamado à novidade manifesta que o modelo tradicional de vida religiosa é inadequado para dar resposta aos proble-

[45] Octavio Balderas aplica-o à dimensão psicológica e diz: "A crescente coparticipação de um mesmo carisma por parte de religiosos e leigos implicará necessariamente algumas mudanças na forma de viver a vida religiosa e de realizar a própria missão. De fato, o fato mesmo de favorecer, o ao menos aceitar, o crescimento do interlocutor supõe certa maturidade humana marcada pela consciência da própria identidade e pela segurança emocional" (Cf. *Compartir los carismas y la espiritualidade. Una vida consagrada abierta a los laicos*, USG, Roma 1999, p. 52).

[46] Cf. EMM 13.

[47] EMM 4.

[48] Cf. *X Conferência latino-americana de provinciais*. Los Teques, Venezuela, 2004.

[49] Na dinâmica dos Sonhos do XXI Capítulo, 2009, dizia-se: "Foi gerado em um bom número de Irmãos um novo modo de "ser" consagrado com forte experiência de Deus; vida simples e pobre; com significativa vida comunitária aberta aos leigos; disponibilidade radical e missionária para deslocamentos mais audazes".

mas atuais e a busca de novas respostas não pode vir apenas dos Leigos, mas dificilmente se conseguirá sem eles[50].

2. Precisamos uns dos outros

Promover a herança do carisma, aprofundar nossas identidades vocacionais, ser profetas da fraternidade, construir uma Igreja-comunhão... faz com que nos sintamos complementários e precisemos um ao lado do outro[51]. A nova relação faz surgir a força da ajuda mútua e a riqueza de caminhar juntos, Irmãos e Leigos[52]. A fecundidade do carisma se amplia nessa interdependência e reciprocidade.

As experiências vivenciadas no Instituto reafirmam a certeza de que nossas vocações respectivas se iluminam, se necessitam e se enriquecem ao partilhar espiritualidade, missão e formação[53]. Nessa interdependência, os leigos estão suscitando inspiração e apoio para uma vida marista renovada. Maréchal disse que os leigos despertam uma vida religiosa sonolenta e trazem um frescor saudável[54]. Na correlação renascem, crescem e se desenvolvem nossas identidades, por isso precisamos uns dos outros.

Dificilmente podemos entender agora a vida dos Irmãos ausentes dos Leigos e vice-versa[55]. Os maristas, Leigos e Irmãos, descobrimo-nos como dom do Espírito para a Igreja e juntos somos responsáveis por impulsionar e estender esse dom de Deus caminhando rumo ao futuro[56]. Para José Cristo-Rey, esse caminho de comunhão é um autêntico impulso do espírito e produz, de certa forma, uma refundação não planejada e, por isso, mais autêntica[57].

---

[50] A esse respeito diz ESTRADA, Juan Antonio: "A abertura aos leigos e a reestruturação interna das congregações pode ser o germe de novas formas de vida religiosa, como no passado, mas desta vez fazendo dos leigos protagonistas das mudanças e coparticipantes na tomada de decisões". (Cf. *Religiosos en una sociedad secularizada*, Ed. Trotta, Madri, 2008, p. 116-118)

[51] EMM 79: "Não só há lugar para todos na mesa, como precisamos estar um ao lado do outro".

[52] Cf. Irmãos Maristas. *Documentos do XX Capítulo Geral*, 26, 2001. Assim o expressa o Ir. Charles na Circular citada: "É uma bênção e uma felicidade para Irmãos e Leigos, sentir-nos chamados a partilhar nossas mútuas riquezas e a viver juntos uma aventura espiritual e apostólica fascinante".

[53] Cf. EMM 17.

[54] Cf. MARÉCHAL, Claude. *Compartir los carismas y la espiritualidad*, USG. Roma, 1999, p. 53.

[55] H. BREWOORT diz: "Pessoalmente aprendi muito sobre minha vida religiosa seguindo os caminhos do Senhor com meus irmãos e irmãs leigos. São franciscanos como eu, nada mais, mas de maneira diferente. E apenas juntos – "de maneiras e formas diversas, porém em comunhão vital recíproca" – seremos capazes de atualizar o carisma franciscano na vida e na missão da Igreja" (Cf. *Compartir los carismas y la espiritualidad*, USG, Roma 1999, p. 35).

[56] Cf. EMM 29.

[57] Cf. GARCÍA PAREDES, José Cristo-Rey. *Espiritualidad compartida, conciencia, perspectiva y praxis*, 2008. Para Octavio Balderas, os leigos têm outros esquemas e códigos que darão lugar a novas expressões do carisma (idem, USG, Roma 1999).

3. Nosso futuro marista é futuro de comunhão

A nova relação encaminha Irmãos e Leigos rumo a um futuro de comunhão. O XXI Capítulo Geral assim o expressa: "*Contemplamos nosso futuro marista como uma comunhão de pessoas no carisma de Champagnat, em que nossas vocações especificas se enriquecerão mutuamente*"[58]. Para o Ir. Benito, significa uma relação recíproca de amizade, ajuda e interpelação com um novo sentido de Igreja em que ocorre a complementaridade das vocações, comunhão e participação[59]. Caminhar juntos, Irmãos e Leigos, a partir dessa nova relação, implica atitudes de confiança e não de suspeita; corresponsabilidade e serviço, e não de prepotência; de reconhecer todos como aprendizes da vida, e não sábios orgulhosos; de nos sentir família além das diferenças e desencontros.

A nova relação nos ajuda a tornar possível uma *eclesiologia de comunhão* baseada na igual dignidade de todas as vocações cristãs e na imagem da Igreja como Povo de Deus em comunhão[60]. *Somos chamados,* dirá o Ir. Charles, *a nos ajudar e nos complementar uns aos outros, apreciando e promovendo as vocações dos demais em comunhão colaboradora; nossas gerações são chamadas a construir esse novo modelo de Igreja*[61]. A Assembleia de Mendes convidava a promover uma Igreja acolhedora, participativa, evangélica, profética e fraterna.

Esse processo de comunhão nos leva a repensar o *modelo institucional* que até agora assumimos. "A experiência de partilhar o carisma nos leva a repensar o modelo institucional que até agora tem encarnado o carisma marista na Igreja. A realidade parece indicar que precisamos não apenas *alargar a tenda* do Instituto, mas juntos construir uma tenda nova na qual todos, Leigos e Irmãos, encontremos nosso lugar"[62]. Não há dúvida de que à medida que vamos caminhando juntos, surgirão novas formas de relação, cada vez mais profundas, que exigirão novas estruturas que acolham e impulsionem a vitalidade[63]. Por essa razão, nosso futuro de comunhão nos convida à criatividade.

O novo modelo institucional nos pede também uma *melhor organização dos leigos* no Instituto que en-

---

[58] Irmãos Maristas. *Documento XXI Capítulo Geral.* Roma 2009, p. 36.

[59] Cf. ARBUÉS, Benito. Conferência Geral. Roma, 1997.

[60] Cf. EMM 144. A esse respeito, o Ir. Seán observou no encerramento do XX Capítulo Geral, 2003: "Esse partilhar entre nós e os leigos que se sentem atraídos pelo carisma de Marcelino testemunha que nossa Igreja é capaz de viver uma eclesiologia de comunhão".

[61] HOWARD, Charles. Documentos do XIX CG, "Leigos". Roma, 1993.

[62] EMM 145.

[63] Para Claude MARÉCHAL, a novas relações entre religiosos e leigos devem se encarnar em instituições novas, paritárias, que devem se imaginar e se inventar (Cf. *Compartir los carismas y la espiritualidad*, USG, Roma, 1999, p. 57).

volva crescer em corresponsabilidade, autonomia e comunhão. Mendes nos recordou: "Precisamos articular o futuro da vocação laical marista e suas estruturas organizativas". Parece normal pensar em integrar os leigos até mesmo nos órgãos de governo[64], especialmente os que afetam a missão, mas também os que afetam o carisma e a instituição, como capítulos provinciais, prioridades da Província e formação.

Nesse futuro de comunhão, que toca a vida, a estrutura, o carisma, as identidades... será fácil falar de uma pastoral vocacional conjunta[65], de comunidades leigas, de experiências conjuntas de Irmãos e Leigos, de formação conjunta, de itinerários de discernimento vocacional para Leigos, de Leigos formadores[66] para ajudar tanto seus companheiros como os próprios Irmãos, de assembleias internacionais de Leigos, de disponibilidade missionária, de centros partilhados de formação. Talvez, nesse futuro, poderemos falar de *duas tendas* bem constituídas e em comunhão, ou de *uma grande tenda* que abriga todos os maristas. Tudo isso significará considerar a vinculação jurídica dos leigos[67].

4. A nova relação em nossas obras

Um interessante artigo da revista italiana *Testimoni*[68] motiva o início deste parágrafo. O articulista afirma que *o futuro da vida religiosa apostólica passa inevitavelmente pela resposta que se dá à relação entre a comunidade religiosa e as obras*. Em sua análise, o autor afirma que quase todos os Institutos de vida ativa assumem o modelo *comunidade/obra*, que entre suas características está *ser fortemente estruturado* e no qual prevalece uma relação baseada mais na função do que na pessoa.

O excessivo desenvolvimento da eficácia e da eficiência faz com que, com o tempo, a obra continue, mas sem responder a seu sentido fundamental. Dá-se excessiva atenção aos aspectos operacionais e instrumentais (os quais absorvem quase a totalidade das energias) e se esquece da razão de ser da obra. Dessa

[64] Na dinâmica dos sonhos do XXI Capítulo Geral, ao projetar o futuro de comunhão, falou-se de uma estrutura organizativa autônoma dos Leigos, em comunhão com o Instituto, de um conselheiro provincial leigo, de um terço de Leigos no capítulo provincial...

[65] Cf. Irmãos Maristas, idem, p. 39. Pedro ARNAUD tem uma maravilhosa intuição: "Em uma perspectiva plural, não seria tempo de pensar uma iniciação de várias entradas à espiritualidade de uma Congregação, em que se possa passar de una opção de leigo para outra de consagrado, vivendo de fato uma experiência comum partilhada de família?" (Cf. *Un Concilio para refundar la vida religiosa*, na XIV Assembleia da CLAR, 2004, p.11).

[66] Cf. Leigos em Veranópolis, Carta dos leigos ao 3º Capítulo provincial, 2009: "Entendemos que, em virtude de nosso ministério laical, poderíamos contribuir efetivamente na formação dos Irmãos".

[67] Cf. Irmãos Maristas em XX Capítulo Geral, 2001, 47.3, que convidava a estudar as diferentes formas de pertença ao Instituto.

[68] Esclarecimento: Disponho apenas de uma síntese fotocopiada do artigo. A revista é dos Dehonianos de Bolonha.

forma, as obras exigem certo tipo de religioso que não tem outra função a não ser mantê-las e reforçá-las. De meio de apostolado, a obra passa a ser fim.

No modelo *comunidade/obras,* as repercussões do apostolado na vida comunitária são claras:

Os religiosos se sentem pertencer mais à obra do que à comunidade. A obra dá sentido não apenas a seu apostolado, mas, em geral, ao Instituto. Em torno da obra, mais do que da comunidade e de seus valores gratuitos, constroem-se as simpatias das pessoas. Pouco a pouco, por causa das formalidades profissionais, as obras do Instituto são equiparadas às obras públicas. Os religiosos se encontram como funcionários da obra. Quando chega a idade de aposentadoria, desligam-se de toda presença entre as crianças e jovens. Sua missão esteve centrada na tarefa de ensinar, aparentemente sem valor para o sentido apostólico de seu testemunho, do qual nunca se deve aposentar.

O modelo descrito confronta nossa forma de gerir as obras, assim como a capacidade de enfrentar a diminuição numérica, a atitude evangélica de promover o protagonismo laical e a visão de outra forma de ser Irmão. Segundo a resposta dada anteriormente, pode ser que o crescimento institucional comprometa a capacidade de atração vocacional, que se dê prioridade aos gestores sobre os carismáticos, que se ganhe em capacidade organizativa e se perca em inovação e atenção às pessoas. Nesse caso, a dinâmica carismática e espiritual de um Instituto se ressente, assim como sua capacidade de inovação e criatividade[69].

Frente ao perigo que a revista *Testimoni* aponta, menciono um dos sonhos do XXI Capítulo Geral: "*Os Irmãos vivem apoiando o serviço de gestão que os leigos realizam nas diferentes obras maristas*". Esse sonho nos recorda o caráter secular dos leigos com os quais partilhamos a missão. O Concílio descreve a condição secular dos leigos indicando-a como o lugar onde lhes é dirigido o chamado de Deus. Trata-se de um "lugar" que é apresentado em termos dinâmicos: os fiéis leigos "vivem no mundo, isto é, comprometidos em todas e em cada uma das ocupações e trabalhos do mundo e nas condições comuns da vida familiar e social com a qual sua existência se encontra como que entrelaçada"[70]. Aqui nos situa o Ir. Charles: "Encontramo-nos em um momento muito importante da história da Igreja, um momento de renasci-

[69] Juan Antonio ESTRADA diz: "O processo de institucionalização resulta, por sua vez, em uma funcionalização do carisma, cada vez mais suplantado pela regulação institucional. Tende-se a favorecer os funcionários que representam a ordem, mais do que às personalidades inovadoras e que buscam novos caminhos" (Cf. o.c. p. 97).

[70] ChFL 15.

mento, uma volta ao estilo da Igreja primitiva quando os leigos desempenhavam um papel total na missão. Uma de nossas prioridades agora consiste em promover esse renascer, com delicadeza, coragem e visão. Se não fizermos assim, então teremos diminuído a Igreja do futuro. Façamos tudo o que estiver ao alcance de nossas mãos para ajudar que os leigos possam aceitar esse desafio de ser protagonistas na missão da Igreja"[71].

A *nova relação* adquire nesse nível um grande significado para uma *nova forma de ser Irmão* no jeito de viver a comunhão com os Leigos em nossas obras. Um interessante artigo de Víctor Codima[72] oferece pistas a esse respeito. É um passo radical solicitado aos Irmãos.

Não significa que os leigos trabalhem conosco e se integrem ao nosso carisma, mas que nós nos coloquemos ao seu serviço para trabalhar com eles, inclusive subordinados a eles, na missão comum marista. "É passar de ser protagonista da missão e evangelização para fazer com que o leigo seja protagonista e o Irmão colaborador e servidor", dirá Codima[73].

Isso não quer dizer que, com essa nova atitude, nossas obras devam desaparecer, mas sim, o que é certo, é que a presença do Irmão nelas será diferente. Desenha-se aqui uma *forma de ser Irmão* muito mais radical e comunitária. Uma imagem mais profética a partir da experiência da encarnação e da *kénosis* de Jesus. Isto é, uma vida religiosa mais centrada em Deus e mais missionária, em que o Irmão se converta em memória espiritual e carismática, mais do que preposto da gestão e da administração.

A *nova relação* projetada em nossas obras supõe o Irmão passar do protagonismo à ocultação evangélica, do centralismo à corresponsabilidade, de dirigir a acompanhar e animar. O Ir. Álvaro Rodriguez nos recorda que nessa nova situação, como Irmãos, somos chamados a ser *companheiros espirituais,* que para ele significa "*ser buscadores de Deus,* capazes de oferecer a cada pessoa uma pista para sua própria busca, guias humildes e sem pretensões, certamente conscientes de nossas próprias incoerências, mas capazes de acompanhar nossos contemporâneos em seu iti-

[71] Irmãos Maristas. *XIX Capítulo Geral.* Roma, 1993. Os leigos reunidos em Veranópolis, 2009, manifestaram: "Preocupamo-nos com a vida dos Irmãos e também com a missão. Propomos que os temas administrativos sejam mais delegados aos leigos maristas, de maneira que a vida religiosa possa ser mais testemunho e presença entre crianças e jovens".

[72] Cf. CODINA, Victor. *Mutuas relaciones entre religiosos y laicos.* Rev. Vida Religiosa, fevereiro de 1997.

[73] Codina, Víctor, idem.

[74] RODRÍGUEZ, Alvaro. *La fraternidad don para la Iglesia y la sociedade.* III Simposio do Instituto de Vida religiosa, Madri, 2012. Entre os sonhos da dinâmica do XXI CG estão estes: "Os Irmãos deixaram a direção das obras educativas em favor de uma maior presença entre os jovens". "Alguns Irmãos se tor-

nerário de fé, assumindo suas debilidades, dúvidas e sua fragilidade"[74].

5. Abraçar nossa vocação itinerante

O seguimento de Jesus partilhado por Irmãos e Leigos promove o "*mover-nos, despreendermo-nos, assumir um itinerário de conversão*", como propõe o XXI Capítulo Geral. É o deslocamento itinerante de Maria e Champagnat. É o "remar mar adentro" e "passar para o outro lado" do Evangelho. E, nas palavras do Ir. Emili: "o horizonte da celebração dos 200 anos do Instituto nos estimula a abraçar *nossa vocação itinerante* nas pegadas de Maria" [75]. É o *impulso de Deus para o sair,* do nosso último Capítulo Geral.

Enfrentamos a necessidade de mudar. Necessidade partilhada com outros Institutos e com a Igreja. Para alguns autores, não se trata do "*aggiornamento*" conciliar, mas de *mutação* e de *refundação* em novas formas[76]. Outros falam da necessidade de mudar a imagem sociológica da vida religiosa[77]. Há quem nos situe na encruzilhada entre "o futuro de nossas instituições" e "as instituições de futuro"[78]. O Senhor está exigindo de nós, Irmãos e Leigos, disposição para assumir um *itinerário de conversão*.

A novidade que o último Capítulo Geral nos propõe, que nesta exposição esteve centrada na *nova relação,* implica mudança de mentalidade, muito discernimento, grande disponibilidade, renúncia à segurança, assumir riscos e uma profunda confiança em Deus. Nossa vocação itinerante é partilhada com Leigas, Leigos e Irmãos[79].

Partilho aqui o que disseram os leigos da Venezuela em um dos encontros[80]: "*Leigos e Leigas maristas de Champagnat, empenhamo-nos junto com os Irmãos no desafio de fazer nascer a aurora de uma nova vida marista e de fortalecer a que existe, tornando-a mais criativa, fiel,*

naram mestres de espiritualidade".

[75] Cf. TURÚ, Emili. *Até os confins da Terra*. Roma, janeiro de 2013.

[76] Cf. VIGIL, José María. *Llamado a la Vida religiosa mundial*: "Todo um Titanic está naufragando. O problema já não é de reforma, de reorientação ou de atualização, nem de "refundação", mas de mutação, de metamorfose, de refundição". José Maria Guerrero propõe, em En busca de la identidad perdida. Radiografía de una vida religiosa mística y profética para hoy, Vida Nueva, 2013, p.24: "Pensam algumas e alguns que hoje a vida religiosa tem muito mais de museu do que de tenda de campanha. Dói descobrir, às vezes, uma vida religiosa encurvada sobre si mesma, mais preocupada com sua sobrevivência do que em estender o Reino de Deus".

[77] Cf. ARNAUD, Pedro. *Un Concilio para refundar la vida religiosa*. 2004, p. 11: "Trata-se de passar da imagem de segurança para a imagem da insegurança, de uma vida religiosa percebida como separada para uma vida religiosa integrada e sinal de comunhão; de denunciar nossa fama elitista para dar testemunho da "kénosis" do aniquilamento de Jesus Cristo".

[78] Cf. PUJOL y BARDOLET, Jaume, em texto policopiado.

[79] Para Antonio Botana, isso supõe para uma Congregação importantes mudanças de mentalidade e de modo de proceder (Cf. Las familias carismáticas en la Iglesia comunión, documento policopiado).

[80] Cf. *Comunicado del laicado marista de Venezuela*, Los Teques, Venezuela, 2009.

dinâmica e profética". A nova aurora, no espírito do papa Francisco, sinaliza uma vida marista mais de avental, de se fazer serva do mundo, de abaixar-se como fez Jesus e lavar os pés das pessoas. Despertar a aurora de uma nova vida marista, para o Ir. Emili, é *"aceitar que a morte faz parte da vida"*, é manter uma atitude de busca, pois "*ainda não conseguimos ver com clareza em que consiste o novo"* [81].

O futuro terá nossos olhos. A nova época para o carisma marista, a nova relação Irmãos-leigos, a nova forma de ser Irmão, a presença fortemente significativa entre as crianças e jovens pobres, convertem-se em possibilidades a partir dos olhos do coração, do vislumbrar de um coração marista que sabe descobrir a visão de um futuro melhor para a "nossa tribo", como o filho da história do chefe índio. Significa abraçar nossa vocação itinerante.

[81] Cf. TURÚ, Emili. *Deu-nos o nome de Maria*. Circulares dos Superiores. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2012, p. 7.

ESPIRITUALIDADE MARISTA

Uma proposta para leigas e leigos

Heloisa Afonso de Almeida Sousa[1]

Em conversa com uma educadora, durante visita a uma escola marista, no início de 1998, fiquei intrigada com uma observação que ela me fez. Essa educadora havia participado, no ano anterior, de um programa de formação para leigas e leigos maristas, com duração de um mês. Era uma pessoa muito dedicada ao seu trabalho de animadora da pastoral do Colégio Marista, bem integrada na comunidade educativa. Na época, eu era responsável pela pastoral na Província e estávamos incrementando as fraternidades do Movimento Champagnat da Família Marista. Ao ser abordada se gostaria de participar do Movimento, ela me disse, com muita tranquilidade: "Não é essa a espiritualidade que quero para a minha vida". Fiquei atônica. Mas, como?

Deste então eu me pergunto, o que faz com que uma leiga, um leigo "se encante" pela espiritualidade marista? O que os atrai para o compromisso de viver o evangelho, seguindo Jesus Cristo no serviço à Igreja, em sintonia com a herança espiritual de Marcelino Champagnat? Será o compromisso com a missão? Será o conhecimento da espiritualidade e do patrimônio marista ou a convivência com os Irmãos Maristas? Será um chamado especial de Deus para aquela pessoa que exige respostas continuadas ao longo da vida?

Sabemos que "viver a espiritualidade cristã", com um matiz carismático, implica em muitas questões pessoais, institucionais, comunicacionais, comunitárias, sociais, interculturais... Acima de tudo, viver a espiritualidade é uma atitude que perpassa toda a vida da pessoa que se sente chamada a responder aos apelos de Deus na própria realidade.

A presença de leigas e leigos que trabalham nas unidades maristas é

[1] Província Marista Brasil Centro-Norte. Membro da Comissão de Patrimônio do Instituto. heloisa.almeidasousa@yahoo.com.br

fato reconhecido. Especialmente na segunda metade do século XX, os Irmãos Maristas incluíram profissionais não religiosos nas suas Escolas. Os leigos, com o passar do tempo, começaram a assumir funções que antes eram desempenhadas exclusivamente pelos Religiosos Maristas.

É inegável o reconhecimento que os profissionais leigos têm da acolhida fraterna, educadora e incentivadora por parte dos religiosos. São muitos os testemunhos que registram a gratidão pela influência dos Irmãos na vida de estudantes, familiares, pessoas que trabalharam e trabalham nas unidades maristas em todos os continentes.

A progressiva abertura do Instituto dos Irmãos Maristas ao laicato é amplamente divulgada nos documentos dos últimos Capítulos Gerais e em outras publicações oficiais do Instituto, tais como: "Projeto de Vida do Movimento Champagnat da Família Marista" (1985), "Missão Educativa Marista – um projeto para o nosso tempo" (1998), "Em torno da mesma mesa – a vocação dos leigos maristas de Champagnat" (2009). A criação do Secretariado dos Leigos, como componente do governo geral do Instituto, é fato marcante para construir "novas tendas" que contemplem os religiosos, as leigas e os leigos maristas.

Com esse panorama, algumas questões podem ser colocadas: estarão todos os profissionais que trabalham nas unidades maristas imbuídos do "espírito marista"? Todos eles conhecem o "carisma marista"? Vivem a "espiritualidade marista"? Por outro lado, o que atrai um pequeno grupo a querer viver "maristicamente"? Que elementos da vida dos religiosos maristas mobilizam profissionais que colaboram nas suas obras, ex-alunos, pais, benfeitores e tantas outras pessoas que têm contato com o Instituto Marista a querer viver como "leigo ou leiga marista", a ponto de se considerarem "leigas e leigos maristas de Champagnat"?

A proposta fundante de Champagnat é "tornar Jesus Cristo conhecido e amado". Ele também recomendou no seu Testamento Espiritual: "Uma devoção terna e filial por nossa Boa Mãe vos anime em todo tempo e em todas as circunstâncias. Tornai-a amada em toda parte, tanto quanto vos for possível. Ela é a primeira Superiora de toda a Sociedade"[2].

Sem dúvida, para muitas pessoas, o contato com os Irmãos Maristas provoca questionamentos. O que faz com que esses homens sejam tão sensíveis às necessidades dos outros? O que anima jovens Irmãos a deixarem a própria família e, muitas vezes, sua própria cultura,

[2] FURET, J. B. Vida, p. 224.

para se dedicarem à vida de crianças e jovens? O que alimenta a alegria e a disponibilidade desses Irmãos?

A convivência com uma comunidade religiosa marista possibilita o conhecimento de uma das dimensões da vida cristã, que é a busca de sentido para a vida, tendo seu fundamento no seguimento de Jesus Cristo, com as nuances deixadas por Marcelino Champagnat.

Leonardo Boff (2013), em uma de suas crônicas, diz que "É próprio do ser humano, portador de espírito, perceber valores e significados e não apenas elencar fatos e ações. Com efeito, o que realmente conta para as pessoas, não são tanto as coisas que lhes acontecem, mas o que elas significam para suas vidas e que tipo de experiência marcante lhes proporcionaram"[3].

Ser "tocado", afetado por experiências marcantes de acolhimento, dedicação às causas que promovem a vida, desprendimento em função do outro, devoção profunda a Maria, capacidade de trabalho que provoca mudanças, é algo que mobiliza vários leigos e leigas a buscar conhecer e viver a vida marista.

Para partilhar alguns aspectos da herança espiritual legada por Marcelino Champagnat, continuada por seus seguidos, e que são assumidos pelo laicato, de forma consciente, ativa e vivencialmente, teremos, nesse artigo, a colaboração de leigas e leigos maristas que se dispuseram a contribuir conosco, a partir da própria experiência de vida marista.

1. FUNDAMENTOS DA ESPIRITUALIDADE APOSTÓLICA MARISTA

Gustavo Balbinot[4]

A espiritualidade marista a que nos referimos é fruto da graça de Deus, do coração aberto e das intuições de Champagnat. Não é possível desvincular a espiritualidade marista da missão marista de "tornar Jesus Cristo conhecido e amado". Elas nascem juntas, uma existe pela existência da outra. Outro dado importante é que, desde o seu nascimento até hoje, ela não perdeu seu encanto e sua força. No seu início, passou por vários desafios e percalços, inclusive em relação à igreja local e hoje é itinerário de vida não só para Irmãos, como para leigos, pela sua novidade e vitalidade contemporânea.

[3] BOFF, Leonardo. *A dimensão do profundo: o espírito e a espiritualidade*. Acesso em: http://leonardoboff.wordpress.com/2012/08/27/a-dimensao-do-profundo-o-espirito-e-a-espiritualidade/ Disponível em: 18 de dezembro de 2013.

[4] Trabalha na área de espiritualidade da Coordenação de Vida Consagrada e Laicato da Província Marista do Rio Grande do Sul. Membro da Rede Interamericana de Espiritualidade Apostólica Marista. gustavo.balbinot@maristas.org.br

"A espiritualidade marista nasceu na França, em uma época em que surgiram muitas outras fundações religiosas, preocupadas com a educação das crianças sem escola e sem catequese. [...] A espiritualidade marista foi capaz de sacudir carapaças culturais, teológicas e institucionais da época da fundação, sem comprometer a intuição original. Percebe-se, hoje, que a espiritualidade marista está sendo adotada de modo frutuoso e integral não apenas pelos Irmãos, mas por grande número de leigos que procuram fazer dessa espiritualidade o seu modo preferido de chegar ao Evangelho (GREEN, Michael, 2014, p. 31)".[5]

A espiritualidade marista, assim como outras formas apostólicas de viver a espiritualidade cristã, integra três dimensões elementares: a fé, como elemento do discipulado, a comunidade, como vida partilhada, e a missão como elemento apostólico.[6] As três dimensões andam juntas e são mais que complementares entre si, são necessárias para existir.

Como reza o número 7 das Constituições e Estatutos dos Irmãos Maristas, *a espiritualidade marista é mariana e apostólica*. Talvez o termo mariano seja mais compreensível do que apostólico, dadas as várias conotações que surgiram durante a história da Igreja. O Ir. Mariano Varona, que animou por quase vinte anos a Rede Latino-americana de Espiritualidade Apostólica Marista (REDEAM), posteriormente Rede Interamericana de Espiritualidade, faz uma boa síntese do que entende por "Espiritualidade Apostólica":

"Espiritualidade Apostólica é aquela que descobre Deus e faz a experiência dele nas realidades diárias; descobre a essência do sagrado nas coisas mais humanas, na vida daquele que escuta, serve e ama, nos acontecimentos da história e no apostolado; é a espiritualidade de quem lê a realidade com olhos de fé, de quem olha os acontecimentos até descobrir uma mensagem de Deus; é a espiritualidade daquele que percebe a proximidade amorosa de Deus em tudo, a partir da fé que tudo integra e unifica."[7]

É preciso entender o significado da palavra apostólico e suas derivações, como, por exemplo, a expressão apostolado. Há uma multiplicidade de compreensões errôneas a respeito do apostolado, por decorrência de ter privilegiado algumas atitudes dos apóstolos em relação ao todo ou a missão de evangelizar. Gonzáles Silva, *apud* SIMAR (1999), explica que a palavra apostólico deveria significar o apostolado realizado na realidade. Em outras palavras, antes de tudo, realizar o que os Apóstolos realizaram quando foram enviados por Jesus: pregação e milagre, ou em um linguajar mais próximo ao nosso tempo, o anúncio e a transformação. Segundo esse autor:

"A história recente, apegando-se a uma atitude intimista, chegou a misturar as mais elementares

[5] GREEN, Michael, apud IRMÃO SYLVESTRE. *Relatos sobre Marcelino Champagnat*. Brasília, DF: UMBRASIL, 2014. Irmão Sylvestre, 2014, p. 31.

[6] GREEN, Michael. A educação Marista a partir de 1993: sua vitalidade e seu potencial para a criação de uma nova realidade. Curitiba: Champagnat, 2014.

[7] VARONA, apud SIMAR, 1999, p. 8.

evidências. Por exemplo, quando se fala de apostolado da oração, podemos compreendê-lo corretamente como a consciência de uma eficácia intercessora que se acrescenta à ação ministerial. Mas se alguém prefere dizer que 'a oração é o primeiro apostolado', está simplesmente manipulando o sentido das palavras. Trata-se de um exercício retórico, sem consistência lógica nem valor prático para a existência. [...]. As obras apostólicas implicam a exterioridade que não deve ser tomada como um mal necessário nem como uma perda de nível espiritual. Se quisermos nos comunicar com os homens e mulheres a quem somos destinados, temos que aceder à linguagem, às tarefas, aos âmbitos onde se desenvolve a vida cotidiana."[8]

Outro perigo é confundir espiritualidade apostólica com ativismo. O problema em si, do ativismo, não se dá pela forma de vivermos a espiritualidade, mas de, simplesmente, realizar tarefas sem o sentido espiritual ou buscando preencher uma ansiedade. O receio que Champagnat tinha desde o início da fundação do Instituto de que os Irmãos perdessem o sentido 'religioso' é um desafio para cada um de nós, envolvidos em tantos compromissos e atividades. Por vezes, até afirmamos: 'a missão toma conta do meu tempo' e não nos damos conta que, não poucas vezes, são as tarefas que tomam conta de nós e não a missão, que está estritamente ligada à espiritualidade e só ganha sentido se é vivida e desenvolvida com essa intencionalidade.

A espiritualidade apostólica alimenta-se de Deus nas realidades encontradas e vividas. É essencial e vital a unidade de vida e o exercício da contemplação na ação. Os momentos de oração pessoal, trazendo presente os ecos das realidades vistas e vividas, os encantamentos com a presença de Deus no mundo, os encontros proporcionados e as experiências vitais, têm uma razão especial de ser: Jesus Cristo como centro da vida. A espiritualidade marista

"é uma espiritualidade centrada no amor, fundamentada no amor profundo por Jesus, e uma resposta concreta a ele por meio de uma ação e prática apostólica".[9]

A partir da vida, a oração se torna sincera, viva e comprometida com as realidades vividas e contempladas. Fora isso, não é possível viver uma experiência apostólica. Uma forma mais profunda de 'contemplar' e rezar a realidade é pelo método da *lectio divinae*, também conhecida como "leitura orante da Palavra".

"Como ensina a tradição espiritual, a meditação da palavra de Deus e dos mistérios de Cristo, em particular, nasce da intensidade da contemplação e do ardor da atividade apostólica".[10]

Assim, a atividade apostólica não se reduz a uma missão social, mas ganha sentido espiritual, um sentido

[8] GONZÁLES SILVA, apud SIMAR. *Renascer no Espírito: Encontrar Deus em todas as coisas*. São Paulo: SIMAR, 1999, p. 17.

[9] GREEN, Michael. Idem, p. 14.

[10] João Paulo II. *Exortação Apostólica Vita Consecrata*. N° 94 (VC), 1996.

de amor e, consequentemente, os momentos de meditação, oração e celebração se tornam vivos.[11]

Não é possível viver e sentir Deus com um coração arrogante, confiante nas próprias forças, ou mesmo colocando todas as energias em viver "retamente" as regras de uma vida austera, cega e fechada no cumprimento das leis. O próprio Jesus combateu as normas quando elas minimizavam a vida e assim o ensinou aos seus seguidores, pessoas simples do povo. Os fariseus e doutores da Lei não se encantavam, antes se irritavam com Jesus, perante suas atitudes em defesa da vida.

"A espiritualidade apostólica nem sempre oferece figuras deslumbrantes. Aqueles que a vivem são, em sua maioria, pessoas que consomem sua vida no serviço ao Reino. Poucos conhecem seu valor, mas sua entrega cristã é autêntica, como o cansaço de seus trabalhos. E eles sabem que lhes basta dizer:

> "O Senhor fará tudo por mim. Senhor,
> teu amor perdura para sempre, não abandones
>
> a obra de tuas mãos" (Sl 138,8).[12]

Palmes, apud SIMAR (1999), lembra que a espiritualidade apostólica é uma espiritualidade cristã e por isso não pode abarcar alguns aspectos da vida e ação de Jesus, mas toda a sua vida e o seu seguimento. A conotação que dá a um ou outro aspecto do evangelho é o que caracteriza os caminhos espirituais e as formas de viver a espiritualidade cristã.

> "A Espiritualidade Apostólica deve abarcar
> toda a pessoa e todos os aspectos importantes
> do seguimento de Jesus Cristo, enfocados
> a partir da missão.
> Então cada um desses elementos assume
> conotações novas: a experiência de Deus
> já não porá o acento nas orações vocais
> e nos atos de piedade, senão na oração pessoal
> e no encontro com Deus na vida."[13]

Esse autor reforça o aspecto do ser contemplativo na ação, como extensão da atitude de silêncio e oração pessoal. José Antonio Garcia[14] apresenta esse movimento no texto intitulado "Místicos Horizontais: em direção a uma espiritualidade apostólica". Ele considera o movimento em três estágios: "viagem de ida, encontro e viagem de volta". Garcia afirma:

> "Para os místicos horizontais,
> o mundo é o lugar de adoração de Deus",

ao contrário do estilo monacal que privilegia o distanciamento do

[11] GONZÁLES SILVA, apud SIMAR. *Renascer no Espírito: Encontrar Deus em todas as coisas*. São Paulo: SIMAR, 1999.

[12] Idem, p. 26.

[13] PALMES, apud SIMAR, 1999, p 72.

[14] Site RED-EAM: http://www.maristas.org.br/eam/RED-EAM . Buscar em Espiritualidad/espiritualidad apostolica/ Texto: *Místicos horizontales* de José Antonio Garcia.

mundo. Ele recorda um pensamento de Santo Inácio que afirmava:

> "É preciso encontrar a Deus em todas as coisas...
> amando a ele em todas elas
> e encontrando todas elas nele."

Entender a espiritualidade apostólica partindo do 'encontro' de Deus nas realidades transforma nosso olhar e nossa compreensão dos acontecimentos. A questão será então: o que Deus quer de mim diante dos acontecimentos vividos ou presenciados? Ou o que ele tem a me dizer por meio das realidades vividas, experimentadas, contempladas? No fundo, é uma questão de amor e responsabilidade. Garcia (1999) apresenta a viagem de ida como o encontro mais profundo com os acontecimentos e com as coisas. Chama atenção que não é somente uma leitura plana da realidade, mas "ir mais além", profundamente.

O segundo estágio, de acordo com ele, já está inserido no primeiro, quando esse acontece com profundidade e não só em uma visão plana da realidade:

> "Na essência da própria 'viagem de ida', como última instância e sentido das coisas, se encontra Deus em sua qualidade de Criador, Mistério, Pai, Libertador... É o momento do 'encontro', cuja primeira atitude por parte da pessoa é de adoração".[15] [...]

É uma atitude de verdadeiro reconhecimento e adoração a Deus presente nas realidades. Sem essa atitude, como expressa Garcia, todo o encontro com Deus corre o perigo de ser trivial.

O terceiro e consequente estágio é a "viagem de volta". Não é uma viagem de volta para casa, mas de volta à realidade: após o encontro com Deus na realidade e seu reconhecimento, nasce a confissão de sua presença e de seu amor: "Tu és o meu Senhor!". A pessoa que vive a espiritualidade apostólica é convidada a voltar à realidade e ter uma experiência ainda mais profunda de Deus, em novos encontros. Conforme Jon Sobrino, o que configura a viagem de volta ao mundo é a qualidade do encontro e a confissão que nasceu a partir dela.

Aqui poderíamos traçar um paralelo com a atitude de Champagnat e a espiritualidade que ele viveu, e que para nós é modelo, quando a partir de encontros vai aprimorando seu jeito de ser e agir no mundo. Se tudo iniciou com um desejo no Seminário Maior e o ponto forte desencadeador de sua decisão foi o "encontro com Montagne", os outros encontros, com outras crianças, com seus Irmãos, fizeram com que vivesse mais profundamente a espiritualidade "marista" da qual foi chamado a viver. Em sua qualidade de fundador, por várias vezes retomou a expressão "a obra é vossa, ó Mãe", ou "quão precisas são para Deus essas almas" referin-

[15] Idem.

do-se aos meninos que as escolas atendiam. Para ter essas atitudes e esse reconhecimento de Deus presente nas crianças, em especial as que estavam em situação de abandono social, foi preciso um itinerário espiritual que iniciou pela porta do 'ser coração' e consolidou-se nas suas convicções conscientes que Deus era presença viva e constante, e dele era o projeto.

Bremer (1999) desafia o 'encontrar Deus nas realidades dos pobres'. De uma maneira ou de outra, o chamado apostólico de um carisma nasce para responder a alguma forma de pobreza. No caso de nosso Fundador, ao contemplar a ignorância das crianças e jovens em relação a Deus, a falta de instrução e ao abandono social, não perde tempo em fundar o Instituto. O XXI Capítulo Geral nos desafia em um dos seus horizontes:

> "olhar o mundo com os olhos das crianças pobres".

Bremer afirma:

> "Olhar a realidade com os olhos de Deus é ser contemplativo, algo muito desejado por aqueles que põem sua confiança em Deus e seu projeto de vida, mas encontrar no pobre o olhar de Deus nos parece algo atrevido."[16]

Ao contrário da espiritualidade contemplativa, a espiritualidade apostólica, não é possível vivê-la isoladamente, "intimisticamente", mas em comunidade, na fraternidade. A prática apostólica nasce do envio de Jesus aos seus discípulos. Eles foram enviados dois a dois e, quando retornaram à comunidade ampliada, contaram as experiências vividas (Lc 10,1-12.17). Cencini (1999, p.62) reforça o aspecto comunitário da espiritualidade apostólica quando diz:

> "Espiritualidade sim, mas em que sentido? Que tipo de espiritualidade? Se quisermos identificar algumas linhas de proposta de desenvolvimento da espiritualidade, creio que encontraremos entre elas a característica da comunitariedade. Uma comunitariedade, fixemo-nos bem, não só pelo modo como a espiritualidade é vivida no interior da fraternidade, como também fora dela. No primeiro sentido, a comunitariedade se refere à maneira e ao estilo com que vivemos nossa espiritualidade; no segundo, apresenta o objetivo pela qual ela tende. Nossa espiritualidade deve ser vivida e testemunhada cada vez mais 'juntos' e partilhada também fora de nossa convivência, com a Igreja e com a sociedade.

Afirma isso explicitamente um mestre e profeta, Rahner:

> "creio que na espiritualidade do futuro poderá desempenhar uma função mais determinante como elemento da comunhão espiritual fraterna, da vida espiritual vivida juntos [...]".[17]

O aspecto comunitário da espiritualidade apostólica é uma característica teológica, fundante e vital, tanto no ato de vivê-la e partilhá-la como também no sentido da missão:

[16] BREMER, 1999, apud SIMAR, 2000, p. 52.

[17] CENCINI, 1999, idem, p. 62.

realizá-la com sentido comunitário, e de um carisma professo e vivido.

"As pessoas com quem vivemos,
partilhamos a vida, trabalhamos, nos encontramos,
são o ponto de referência essencial
na vida espiritual do crente e no processo
de busca da própria identidade".[18]

Sendo uma espiritualidade horizontal, na mística do cotidiano, a espiritualidade apostólica não está longe ou fora do alcance daqueles que querem realizar um itinerário de seguimento de Jesus, ao mesmo tempo ela não se encaixa em rebuscados discursos, mas na prática do serviço e da atenção à vida. Segundo GUMUCIO, 1999, apud SIMAR, 2000:

"Os santos anônimos andam em nossas ruas
e casas sem saber que são santos.
[...]
Eles e elas se comunicam confiantes com Deus.
É como se suas vidas, no cotidiano,
estivessem sintonizadas com ele numa
discreta consciência habitual de que ele é
o Senhor da vida.
O dom do Espírito Santo lhes permite
aceitar interiormente suas pessoas com tudo
o que são, com a pequena quota diária
de sofrimento e de alegria, de dons e limitações".

E continua exemplificando;

"os pais de família preparam seus filhos pequenos
para a diária peregrinação à escola.
O Espírito Santo também se senta à mesa
do café da manhã e inspira a secreta ação
de graças da família que agradece a Deus
pelo pão com margarina e o leite quente
que tantas outras crianças não têm...
O pão da manhã cheira vida nova".[19]

Viver a presença de Deus e sentilo em tudo o que se vive, em atitude de mística horizontal, nos leva a cantar com o coração: "Porque em tudo és Deus, porque és nosso Deus!"

2. ESPIRITUALIDADE MARISTA NO COTIDIANO DO TRABALHO

Esmeraldina Laurinda da Silva[20]

A cada dia que passa, as empresas dão maior importância para as competências de equipe. Diversos órgãos descrevem a convivência como uma das habilidades não cognitivas importantes para ser desenvolvida nas pessoas.

"A maneira de aprender e de ensinar está mudando,
o nosso jeito de trabalhar está se transformando e a
nossa visão sobre o que é necessário para lidar com
a vida está se atualizando". (Fernanda Furia)[21]

[18] Idem.

[19] GUMUCIO, 1999, apud SIMAR, 2000, p. 85.

[20] Coordenadora de Pastoral. Palmas, TO. Província Marista Brasil Centro-Norte. elaurinda@marista.edu.br

[21] Psicóloga. Mestre em psicologia de Crianças e Adolescentes pela University College London e consultora de inovação em psicologia e educação. In: "Dez maneiras de preparar novas gerações para a vida". Disponível em: http://porvir.org/porpensar/10-maneiras-de-preparar-novas-geracoes-para-vida/20140613. Acesso em: 10 nov. 2014.

Como isso pode ser caracterizado no Marista? Como viver isso em uma instituição confessional a fim de construirmos um ambiente mais harmonioso? Como conciliar as exigências do mercado e não perder de vista a espiritualidade marista? Em Palmas, Tocantins, os Maristas estão presentes por meio de uma unidade escolar que trabalha com crianças de 2 anos e meio a 17 anos, na formação da educação básica. Tem aproximadamente 17 anos essa presença, e eu faço parte dessa história.

Uma das primeiras atitudes minhas ao chegar foi conhecer a instituição, sua história, sua missão, quem são as pessoas que estão à frente dos processos, objetivos específicos da função a mim confiada. Tudo isso foi de fundamental importância para que hoje eu me sentisse mergulhada nessa história. Mas isso não foi de um dia para outro, sigo um caminho sem medo de caminhar. A cada dia vou conhecendo mais, descobrindo novidades e percebendo que sei tão pouco. Os livros, os documentos, as pessoas que fazem a história nos ajudam nesse conhecimento. Participei de todos os encontros para os quais eu fui convidada. Li todos os livros e documentos que me foram recomendados.

Mas percebo que tudo isso não foi o bastante para que eu me sentisse embebida por essa missão. Participei de experiências vocacionais, de retiros, de formações específicas, cursos e viagens que favoreceram a uma aproximação maior dessa história. Mas nada é tão forte como, aos poucos, perceber-se vivendo essa espiritualidade nas pequenas coisas. Daí a importância do seguimento. Não se pode fazer esta experiência sem estar na dinâmica do seguimento. Este é o diferencial de uma convivência dentro da instituição, estar para além dos muros dela mesma; a transcendência no fazer cotidiano. Embora ela, enquanto empresa, tenha espaços grandiosos, sua proposta não se esgota aqui, está para além de si mesma.

O que marca essa espiritualidade é como eu concilio as exigências do mercado com aquilo que faço; e antes de tudo buscar unir as minhas expectativas com as da instituição. Eu sempre quis viver em um espaço que inspire paz, alegria, saúde, educação, disciplina, humor, confiança, religiosidade, um espírito de família, anúncio da pessoa de Jesus. Percebi que o que prezo muito encontro na missão marista deixada pelo Fundador, espaço em que estou a serviço: amor ao trabalho, espírito de família, presença, simplicidade, humildade, modéstia, amor a Deus como Maria. Assim me vejo no seguimento dentro de uma instituição que está estabelecida no mundo, mas que tem uma proposta para além dele.

A partir de então, sinto-me de fato envolvida em uma só missão que não é minha simplesmente, mas que é de uma instituição. Eu sonho junto, eu procuro somar a essa missão, tornar Jesus Cristo conhecido e amado e trabalho naquilo que me formei pro-

fissionalmente como educadora. Aí vêm os desafios. Essa missão, para mim, passa pela alegria em todos os dias quando me levanto e começo tudo de novo, com novidade (mesmo), com o desejo de que seja ainda melhor do que o dia que passou. Por onde passo, desde o amanhecer em casa, meus filhos e meu esposo sabem que gosto de fazer o que faço; aderem junto comigo à proposta de viver assim, ou melhor, vivem comigo, não me deixam sozinha, compartilham comigo, sonham junto comigo. E isso me fortalece.

Ao caminhar rumo aos afazeres de todo dia, dirijo-me, muitas vezes, preocupada especialmente com a hipocrisia que insiste em superar a beleza da missão. Essa corrói, destrói, faz muita gente desistir no meio do caminho. Essa desfaz muitos sonhos, desvia muitas pessoas. Ela se mistura com o poder e o dinheiro e, muitas vezes, se torna mais visível que a força da missão que carregamos. É a imanência que quer ofuscar a transcendência. Mas me fortalece também o testemunho do Fundador, São Marcelino Champagnat, que não hesitou, qualquer que fosse o desafio de sua época, com sua audácia, sua coragem, sua agilidade, sua força, sua fé. Fortalece-me perceber que não estou só, pois muitas pessoas sonham e continuam assim como eu.

Portanto, viver a espiritualidade marista, hoje, onde trabalho é desafiante como imagino seja em tantos outros lugares, mas é também prazeroso, pois completa o sentido da minha vida, seja profissional ou pessoal.

Eu vivo a espiritualidade marista nas pequenas atitudes, com as músicas que canto, como rezo, na fala quando me dirijo especialmente a respeito das crianças e jovens, nas ações da Igreja, nos conselhos de que participo, em minha família, no trabalho que faço. Tudo é espaço da espiritualidade marista. Em tudo a Cristo por Maria.

3. ESPIRITUALIDADE LEIGA

Layza Maria Gomes Fonseca de Oliveira[22]

> Como leigos maristas, somos cristãos e cristãs que atenderam ao chamado de Deus para viver o carisma de Champagnat e a ele responderam a partir de seu estado de vida laical. (EMM 12)

Durante a nossa vida, de tempos em tempos, nos deparamos com algumas reflexões que descortinam espaços profundos da nossa experiência humana. Interrogamo-nos sobre o sentido da nossa existência e das escolhas que fizemos ao longo da jornada. Nesta dinâmica, encontramos respostas e interrogações que nos fazem

[22] Diretora do Centro Marista de Juventude. Montes Claros, MG. Membro da comissão americana do laicato. lafonseca@marista.edu.br

caminhar. A vivência da espiritualidade, ao mesmo tempo que nos ajuda a encontrar algumas respostas, nos provoca com outras inquietações.

Em nossa caminhada vamos fazendo escolhas que nos permitem optar por um estado de vida. Eu me identifico como leiga. Eclesialmente, a palavra "leigo" simplesmente significa alguém que pertence ao povo de Deus. Nesse sentido, como os teólogos antigos e modernos têm tentado mostrar que todos na Igreja são leigos, porque todos na Igreja pertencem ao povo de Deus.

Posso dizer que, pessoalmente, após experimentar a vivência eclesial, conhecendo outros carismas e espiritualidades, fui pescada numa rede apostólica que se chama marista – e esse adjetivo é sempre complexo. Para sermos verdadeiramente seguidores do modo que Champagnat teve de viver o Evangelho, nós não deveríamos nos preocupar demais com o adjetivo, e sim com o substantivo, ou seja, com aquilo que é substancial, que é o seguimento de Jesus Cristo. Seguir Jesus é algo que todo cristão, em qualquer estado de vida, deve fazer. A vida "em abundância" que Jesus deseja para toda a humanidade não deve ser só mais uma ideia, e nem apenas a imagem de uma pessoa, mas que seja toda a história de Jesus Cristo, que contemplamos com os nossos sentidos. Pode ser sentida em todas as suas dimensões, aproximando a nossa vida da vida dele e a vida dele da nossa. Esse exercício de aproximação de Jesus a partir da minha humanidade tem alimentado a minha experiência cristã e marista. Não há uma receita marista para viver como leigo ou leiga. Isso só pode ser conhecido por cada um, na medida em que, contemplando Jesus Cristo, vai experimentando pela ação do seu Espírito em nós, o que concretamente cada um de nós pode fazer.

Há alguns dias tenho pensado sobre a minha vocação de marista leiga. Reconhecer-me enquanto leiga e marista é fruto de um caminho de discernimento pessoal e comunitário. Neste processo, os elementos que compõem a minha identidade fazem toda a diferença.

> "O exemplo de muitos leigos(as) que viveram e vivem o carisma marista com simplicidade, fizeram com que eu tivesse a consciência de minha vocação."[23]

> "A vocação leiga marista, como toda vocação, nasce e se desenvolve interpretando a própria luz do Espírito. Esse discernimento tem diferentes etapas e, por isso, é preciso acompanhar cada pessoa, respeitando o seu ritmo".[24]

Eu sou mulher, esposa, mãe e profissional. Faço parte de uma geração que abriu algumas portas para as mulheres, mas reconheço que há inú-

[23] EMM 28.

[24] EMM 14.

meras por abrir. Por circunstâncias históricas e culturais, creio que o papel da mulher na Igreja é fundamental.

A fé foi transmitida, é evidente que as catequistas, as mães, as avós, tiveram um papel fundamental na transmissão do cristianismo, embora não reconhecido, pela forma machista como a Igreja está institucionalizada. Eu penso que o papa atual tem dito coisas fundamentais sobre o papel da mulher na Igreja que, se forem levadas a sério, irão mudar muito o rosto da Igreja tal como nós o conhecemos.

No Instituto Marista, foram dados grandes passos em relação à participação das mulheres no âmbito da tomada de decisões. Hoje se pode dizer que há um número expressivo de mulheres com vinculação profissional e carismática ao Instituto. Essa presença significativa das mulheres traz elementos que constituem a identidade marista.

> "A forma como as mulheres vivem o carisma marista convida a todos a integrar os elementos marianos, como a tenacidade, a resistência, o carinho maternal, a ternura, a atenção aos detalhes e a intuição em nossa experiência cotidiana".[25]

Enquanto mulher, sempre recebi todo o respeito e confiança que me permitiram expressar com liberdade o meu pensamento e as minhas crenças. A espiritualidade feminina, vivida em todos os momentos, foi determinante para encontrar nesse espaço um apoio de crescimento na fé. A devoção a Maria foi algo que me chamou a atenção logo que tive o meu primeiro contato com os Maristas, Irmãos e Leigos. Um Instituto masculino que tem uma mulher como referência e, como afirmava Champagnat, a "Primeira Superiora", demonstra que ele reconhecia em Maria o "rosto materno da Igreja".

O jeito de ser de Maria tem me inspirado desde a infância, quando recebi da minha avó e da minha mãe os primeiros ensinamentos marianos. As características de Maria são para mim um caminho metodológico para o discipulado. A humanidade, a força e a presença de Maria foram muito importantes na minha formação cristã. A vivência comunitária, desde muito cedo, me permitiu fazer a experiência de sentir-me profundamente amada por Deus. A minha forma de viver esse amor foi dedicando-me ao serviço das pessoas nas diversas pastorais e alimentando a minha espiritualidade dentro de uma comunidade de fé. A comunidade me ajudou a perceber a presença de Deus nos acontecimentos, na história e no cotidiano das pessoas. A minha espiritualidade forjou-se, sobretudo com a intuição que pode ser resumida na frase: "Buscar a Deus em todas as coisas", entendendo a palavra "coisas" como as realidades humanas, históricas, acontecimentos cotidianos[26]. Nestes es-

[25] EMM 25.

[26] STIERLI, J. Buscar a Deus em todas as coisas. Vida no convívio do mundo e oração inaciana. São Paulo: Loyola, 1990.

paços, eu mergulhava na beleza e no desafio de seguir Jesus, renovando as esperanças e a utopia da construção do Reino de Deus no tempo presente.

Nesse itinerário vivi um processo de discernimento que me levou a optar pelo matrimônio e uni a minha vida a de um companheiro que me acolheu integralmente e se dispôs a construirmos, juntos, um projeto de amor em torno do mesmo carisma, dom herdado de Champagnat. Vivemos histórias muito semelhantes de formação cristã e por isso abraçamos juntos a nossa missão de batizados a partir do carisma Marista.

A construção do nosso projeto de vida se deu em torno dessa fonte, dessa espiritualidade que é alimentada cotidianamente com a Palavra de Deus, revelada no Evangelho, nas pessoas e nos sinais dos tempos. Após dois anos de casados, tivemos um filho que deu um sentido diferente às nossas vidas, encheu de luz a nossa casa e assim realizamos mais uma etapa do nosso projeto de vida. A maternidade me fez experimentar um amor novo, sem limites, que doa mais do que espera, cuida, conduz, que ama incondicionalmente. Experimentei ainda o desafio de cuidar de uma vida frágil que dependia da minha atenção e cuidado para viver. Percebi que pequenos gestos podem ser a linha tênue entre a vida e a morte. Mas, principalmente, quanto o amor faz a diferença na vida de uma criança. A maternidade é uma das escolas que mais me ensinou sobre a vida.

> "As experiências da vida diária são instâncias especiais de encontro com Deus"[27].

O cotidiano é o *espaço-tempo* em que vivo a minha vocação e alimento a minha espiritualidade a partir de vivências simples como: ensinar a tarefa ao meu filho, discorrer sobre os problemas da casa com meu esposo, partilhar as refeições em torno da mesa, ler uma história para meu filho, passear em família, rezar juntos antes de dormir, passear no parque, ir às celebrações eucarísticas, visitar os familiares, compartilhar os sonhos e os desafios. Tudo isso alimentou em nós o espírito de família.

> "Desse espírito nascem os detalhes que,
> junto com outros, nos caracterizam.
> Como Marcelino, cultivamos entre nós as pequenas
> virtudes: perdoar as ofensas diárias;
> compreender as razões do outro e colocar-se
> em seu lugar; estar alegre, dando alento aos outros;
> prever as necessidades dos outros e ser solícito
> no serviço com simplicidade; ser paciente e afável;
> dar espaço aos outros quando é a vez deles de agir.
> Assim se nutre a nossa vida diária,
> que ganha em profundidade".[28]

> "Em um mundo ávido por conexão e pertença,
> o lar é um símbolo poderoso. Famílias e
> comunidades tornam-se lugares ideais para

[27] Água da Rocha, 54.

[28] EMM 70.

as pessoas poderem crescer, apoiar-se, cuidar-se e renovar seu ânimo"[29].

A dimensão comunitária continua sendo fundamental para alimentar a minha espiritualidade, e hoje eu a vivo em família. Eu a percebo como apoio e caminho: apoio porque em nossa casa tudo é colocado em comum, e o meu esposo e filho são os primeiros parceiros na missão. Eles aceitam, acolhem e me ajudam a viver a minha vocação específica. É caminho porque a partir dela e com ela sigo a Jesus.

A mesa tem sido, para além das reflexões institucionais, um espaço de encontro, partilha, troca de afeto e conversa alegre; momento em que alimentamos o nosso corpo, nossa espiritualidade e o nosso projeto de vida. Esse projeto está sendo construído na experiência conjugal no qual experimentamos momentos de alegrias e tristezas, conquistas e desafios.

> "O amor conjugal manifesta a fidelidade e a paixão de Deus e recorda a paixão e a fecundidade que deve animar toda vocação cristã. Da mesma maneira, o amor dos pais pelos filhos é imagem viva do amor incondicional que Deus tem por nós".[30]

As páginas escritas da minha história me permitem falar da vocação de marista leiga, de mulher, esposa e mãe. Enquanto marista leiga, sinto-me parte de uma comunidade internacional que vive a mesma espiritualidade, a partir do carisma de Champagnat, com uma missão comum, embora em diversas frentes.

Contemplando o caminho percorrido até aqui, sinto que a minha família é uma terra fértil onde pude crescer e frutificar. Reconheço que há ainda muito que construir, mas as luzes clareiam o caminho, e posso visualizar horizontes de esperança à minha frente. Sinto-me abençoada com o dom da vida e com maravilhosos companheiros de jornada, de vida e missão. Proclamo não apenas o que Deus fez em cada um de nós, mas o que Deus está fazendo em todos nós juntos, em família e em comunidade.[31]

4. REPENSAR A ESPIRITUALIDADE MARISTA HOJE

João Luis Fedel Gonçalves[32]

Gostaria de propor um caminho de reflexão que se baliza por meio de questões, que surgem do olhar que lançamos para frente, para o futuro. O ato de respondê-las não esgota as possibilidades, mas induz a outras, quase em movimento contínuo. É um exercício, o lado ascético da espiritualidade, que no mesmo movi-

[29] INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da Rocha*. Trad. Ricardo Tescarolo. Roma, 2007, n. 101.

[30] EMM 22.

[31] INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da Rocha*. Trad. Ricardo Tescarolo. Roma, 2007, n. 106.

[32] Trabalha no Setor de Vida Consagrada e Laicato da Província Marista Brasil Centro-Sul e é membro do Secretariado Ampliado de Leigos. jgoncalves@grupomarista.org.br

mento também se transforma em uma presença que nos toma e nos conduz... o lado místico.

Somos herdeiros da espiritualidade de Champagnat e dos primeiros Irmãos.

O que significa isso para uma leiga, um leigo marista de Champagnat?

Desde o início, o Fundador não impôs aos jovens que aderiram a seu projeto uma espiritualidade "clerical". É verdade que muitas práticas de piedade, e mesmo o estilo de vida, eram copiados do modelo monástico. Mas nada que outros grupos de leigos cristãos daquele tempo também não fizessem. No fundo, era uma espiritualidade do cristão comum, adequado a homens que estavam inseridos no universo educacional, com suas preocupações e exigências.

Os traços dessa experiência espiritual são bem evidentes. Em primeiro lugar, a centralidade do encontro pessoal com Deus, da consciência de ter sido chamado e de fazer parte de um projeto que nasce do coração do Pai. Um tema constante na tradição marista; quem evidencia esse ponto é a presença de Deus. Em suas primeiras anotações, quando tinha 11 anos, Irmão Francisco Rivat escreve, seguramente influenciado pelas palavras de Champagnat:

> "Vou me lembrar da presença de Deus ao rezar, ao dar aulas, ao caminhar, durante o recreio, no almoço".[33]

A expressão se encontra igualmente no Testamento Espiritual do padre Champagnat, redigido mais de vinte anos depois.[34]

Em segundo, a consciência de fazer parte da missão de Jesus, de quem todo marista é seguidor, como os apóstolos. Esse ponto já aparece na Fórmula de Fourvière, em que os sacerdotes recém-ordenados prometem ser "bons ministros de Jesus Cristo",[35] a exemplo do apóstolo Paulo. Em Champagnat, esse zelo vai se traduzir no esforço de ir aos meninos mais pobres para instruí-los e de chamar jovens para segui-lo como Irmãos.

A humildade, outro elemento característico, se insere nesse contexto apostólico inicialmente, antes de se tornar uma virtude de caráter. Para o Irmão, ser humilde é se dedicar à educação dos mais humildes.

---

[33] RIVAT, Ir. Francisco. Carnet 302, p. 1.

[34] FURET, J. B. *Vida de J. B. M. Champagnat*, São Paulo: Loyola, 1989, p. 224. O biógrafo dedica o terceiro capítulo da 2ª parte a esse tema (p. 272-284). Ver ainda A. Lanfrey, *Essai sur les origines de la spiritualité mariste*, capítulo 3 da 2ª parte (Roma, Maison Générale des Frères Maristes, 2001, p. 124-133, mimeo.); e M. Mesonero Sánchez, *San Marcelino Champagnat, experiencia de Dios y vida mística* (Lima: Universidad Marcelino Champagnat, 2012, p. 139-144).

[35] FURET, J.B. Vida, p. 32.

Maria é o modelo de humildade para o Irmão:

> "Como Maria foi a primeira e mais perfeita imitadora de Jesus em todas as suas virtudes, ela o foi principalmente na humildade, pelo qual mereceu ser elevada acima de todas as criaturas".[36]

A espiritualidade marista, portanto, olha para Maria como seguidora de Jesus e está intimamente ligada a ela. Na origem, se trata mais de uma "mística" marial do que de uma "devoção". Na circular "Uma revolução do coração", assim comenta o Ir. Seán Sammon:

> "O nome de Maria era importante para o Fundador. Segundo o entendimento que o Fundador tinha de nossa fé, tanto Jesus quanto sua mãe constituíam o mistério da Encarnação. Portanto, pode-se afirmar que sua espiritualidade era verdadeiramente "encarnacional" e também incondicionalmente mariana".[37]

Por isso, o uso constante, nas cartas, do binômio "Jesus e Maria"; mostra que Marcelino, para além do caráter devocional, tinha uma espiritualidade profundamente teológica, mas igualmente concreta e sensível às realidades humanas. Ir. Séan Sammon chama isso de "cristianismo prático":

> "Marcelino expressou uma espiritualidade encarnada. Aprendeu, com sua vivência, que uma autêntica espiritualidade nasce no lugar e nas circunstâncias próprias de cada um".[38]

Se olharmos para essas características da espiritualidade de Champagnat, poderemos observar sua pertinência para a vida de leigas e leigos. De modo geral, é o que apresenta o capítulo 4 do documento *Em torno da mesma mesa*:

> "Espiritualidade é viver em Deus
> e com Deus" (n. 100);
> "Somos discípulos de Jesus
> e queremos seguir seus passos" (n. 104);
> "Maria, mulher e leiga, também é para nós modelo de vida simples e laboriosa" (n. 111).

Há, no entanto, um desafio que se coloca a todos. Uma leitura superficial do jeito (modo de ser) de Champagnat pode induzir a ver a espiritualidade marista reduzida a práticas devocionais, sem que se chegue ao cerne dessa mística. Por outro lado, não se trata de uma espiritualidade de grandes voos, mas do cotidiano. A própria figura de Maria, em Champagnat, não repete os traços mais pomposos da espiritualidade francesa do séc. XVII. Ao contrário, expressa-se em nomes familiares, como "Boa Mãe", e num relacionamento de proximidade, como na carta que escreveu aos Irmãos Antonio e Gonzaga:

> "Procurem fazer com que Maria se interesse em seu favor. Digam a ela que depois que vocês tiverem feito todo o possível, pior para ela se as coisas não andarem direito".[39]

---

[36] RIVAT, Ir. Francisco. Carnet 308, p. 544.

[37] SAMMON, Ir. Séan, Uma revolução do coração: A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria. Instituto dos Irmãos Maristas, Circulares, vol. XXXI, n. 1. 6 de julho de 2003, p. 25-26.

[38] SAMMON, Ir. Séan. *Uma revolução do coração*, p. 43.

[39] CHAMPAGNAT, M. *Cartas*. Tradução de Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: SIMAR, 1997, n. 20.

Outro traço significativo da espiritualidade marista, que pode ser assimilado pelas leigas e leigos, é a sua abertura ao contexto eclesial mais amplo. Champagnat não inventa propriamente novas devoções e ou fórmulas de vivência da espiritualidade. Na circular aos Irmãos, de janeiro de 1828, o fundador começa com uma expressão que remete a uma compreensão clara da vocação dos Irmãos:

> "Deus nos amou desde toda eternidade; escolheu-nos e nos separou do mundo. A Santíssima Virgem nos plantou em seu quintal, ela tem o cuidado de que nada nos falte".

Essa confiança inabalável se reflete na solicitude por aqueles que precisam da oração dos Irmãos e dos jovens:

> "Vamos fazer súplicas, orações, votos e ações de graças por todas as pessoas".

Mais adiante pede que toda a comunidade reze as Ladainhas da Virgem Maria durante nove dias. As práticas cotidianas estão sustentadas por uma mística profundamente teológica. Champagnat não quer um grupo recluso, apegado a práticas estranhas. No lugar, pensa que as crianças e adolescentes precisam aprender a ser bons cristãos e ter uma espiritualidade que cabe no dia a dia. Eles não ficarão para sempre nas obras maristas, ao contrário, vão fazer o próprio caminho, constituir família, ter responsabilidades da sociedade civil, participar da comunidade eclesial, e ali viver "de um jeito marista". Não é isso, de certa forma, que se sonha como projeto de vida para leigas e leigos maristas de Champagnat?

Segunda questão: a espiritualidade marista cabe em qualquer realidade?

Antes de responder a essa pergunta, convém recordar que Champagnat constrói sua herança espiritual dentro do ambiente em que se formou e em que viveu: mais ascético, e até mesmo antimístico.[40] Essa espiritualidade nasce dentro do "pensamento ocidental"[41] e vai se espalhar, num primeiro momento, com essa roupagem. Isso, contudo, não anula os elementos capazes de transcender esses limites. A própria história da expansão do Instituto no mundo mostra a riqueza de possibilidades nesse sentido.

Cabem aqui duas considerações. Em primeiro lugar, a espiritualidade se depara constantemente com a modernidade (ou contemporaneidade) e precisa assumir as perplexidades do homem e da mulher em face de um mundo cambiante, desmitologizado, desterritorializado, sem amarras. Não quer dizer que a espiritualidade tenha desaparecido, mas houve uma mudança radical, para a qual os mode-

[40] LANFREY, A. *Essai*, p. 18-20.

[41] SAMMON, Ir. S. *Uma revolução do coração*. Roma, 2003, p. 65.

los antigos não respondem mais. A segunda consideração vem, não tanto do global, mas da diferença, do regional, da pluralidade, das muitas espiritualidades. Com mais ou menos intensidade, esses dois aspectos estão presentes em todas as realidades e afetam o modo de ser cristão e de ser marista. Não é um problema isolado, das comunidades *ad gentes*, por exemplo, mas atinge todo tipo de trabalho em todas as partes.

Há dois desafios. Para os cristãos maristas, como conviver com a diversidade, com o outro, com quem não faz parte da mesma tradição cultural e religiosa? Para os não cristãos que tomam contato com a tradição marista e com ela se identificam, como viver esse jeito de ser, sem renunciar necessariamente a sua própria tradição? É possível uma espiritualidade marista a partir de outra tradição religiosa? Como manter uma identidade para a espiritualidade marista, ao mesmo tempo em que se respeitam as peculiaridades de cada grupo?

Terceira questão: como incluir na espiritualidade marista novos temas

Como a desigualdade, a proteção do planeta, a diversidade, as novas linguagens, a proteção e a defesa dos direitos das infâncias e juventudes? O Ir. S. Sammon toca em alguns desses pontos em sua circular.[42]

O que parece é que a tradição do Instituto mostra ter capacidade de mudança, por causa da leveza de sua tradição. Isso é bastante evidente, por exemplo, nos espaços que tem aberto para que leigas e leigos sintam-se parte ativa do carisma de Champagnat. A vivência da espiritualidade marista em espaços de comunhão tem gerado outras reflexões e possibilitado novas experiências. Nesse sentido, a contribuição das leigas e leigos pode ser muito significativa, pois sua forma de estar no mundo permite muitas outras interações. Uma das mais significativas é a contribuição das mulheres, com suas sensibilidades e seus olhares.

Termino essas questões com o testemunho significativo de uma pessoa leiga da África do Sul. O gesto profético da comunhão possibilitou uma reviravolta na experiência daquela comunidade:

> "Quando os tempos sombrios da apartheid
> estavam chegando ao fim, os Irmãos foram
> os primeiros a abrir suas escolas a todas as raças.
> Senti-me muito feliz em poder trabalhar
> nesse ambiente sem divisão de raças,
> o que me permitiu ter uma visão aberta sobre
> as gerações futuras, em relação à diferença de cor.
> Os Irmãos, os professores leigos,
> assim como todos os outros funcionários,
> os alunos e suas famílias, as antigas como as atuais,
> todos os que faziam parte da comunidade escolar,
> no sentido mais amplo, foram todos eles
> a fazer essa revolução do coração.
> (Pinceladas 26)"

[42] SAMMON, Ir. S. *Uma revolução do coração*. Roma, 2003, p. 62-63.

Desafios que impactam na espiritualidade laical marista

Os dois últimos eventos do Instituto Marista, a Conferência Geral, em 2013, e a II Assembleia Internacional da Missão Marista, em 2014, sinalizam alguns pontos que podem inspirar nossa reflexão sobre a espiritualidade marista de leigas e leigos.

Em primeiro lugar, está o desafio de viver a mística e a profecia como dimensões da única realidade do ser cristão marista. O Ir. Emili Turú comentou a experiência durante a Conferência de visita à casa de La Valla, no subsolo, um espaço descoberto, pequeno e recolhido, que foi tomado como símbolo da mística:

> "Talvez isso seja um símbolo do caminho que, como Instituto, somos chamados a percorrer: o redescobrimento da 'vida interior', esse espaço sagrado de encontro com o Mistério que nos habita".[43]

Em Nairóbi, Irmãos, leigas e leigos expressaram:

> "nosso sonho é que, como maristas de Champagnat, sejamos reconhecidos como místicos e profetas".

Junto com a mística e a profecia, a II AIMM insistiu no tema da comunhão. É uma comunhão expandida, uma nova tenda, construída por homens e mulheres, por religiosos e leigos, por adultos e jovens. Essa comunhão não se restringe nem a territórios, nem a formas estereotipadas, mas cria novos modelos de comunhão, com abertura para a internacionalidade, para a interculturalidade, para novos contextos de missão.

Por fim, há o desafio da formação. A espiritualidade marista é um dom, uma experiência de encontro pessoal com o Deus da vida. Contudo, é preciso haver um itinerário formativo, em que as pessoas se engajam em vista de um amadurecimento na fé, de conhecimento dos fundamentos do carisma marista, de reconhecimento das possibilidades de pertença carismática.

A espiritualidade marista de leigas e leigos não é um patrimônio encerrado, mas uma herança viva, que precisa ser descoberta, cuidada e promovida. Não é tarefa individual, mas esforço de todo o Instituto. É, sobretudo, uma ação da própria Trindade em nós, a exemplo do que realizou em Maria. Essa confiança, expressa em muitas ocasiões por Champagnat, também nos guia hoje e nos empurra para os novos horizontes da missão marista, para os novos modelos de comunhão, para as novas formas de vivência da espiritualidade.

---

[43] TURÚ, Ir. E. "*Cinco palavras para uma Conferência Geral*". In: Mensagem 44, XXVII, 6/2014, p. 4.

LEGADO COMUNICACIONAL

Herdeiros da capacidade comunicativa de Marcelino Champagnat

Rosangela Florczak de Oliveira[1]

Em 200 anos de história do Instituto Marista no mundo, muito se tem afirmado acerca do perfil de seu fundador, o Padre Marcelino Champagnat, para além das caraterísticas comuns a todos os homens de fé que empreenderam obras relevantes para responder às necessidades da Igreja Católica. Diversas dessas características podem inspirar pessoas e organizações na contemporaneidade.

Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento das lideranças internas do Instituto, assim como apresentar ao mundo das organizações uma referência possível de líder, aprofundamos os estudos sobre um conjunto específico de características de Marcelino ainda pouco exploradas: as competências[2] e estratégias[3] comunicacionais. Citadas de forma breve em muitos trabalhos produzidos a partir de pesquisas sobre Marcelino, pretendemos aqui aprofundar esta dimensão a partir de pesquisa bibliográfica exploratória.

Ao concluir o artigo no qual investiga a inteligência social e emocional de Marcelino Champagnat, Consigli (2009) afirma:

> "Temos visto que Marcelino era realmente talentoso no seu relacionamento humano. [...] Era eficiente comunicador".

Ao fazer um passeio panorâmico pela trajetória do fundador do Instituto Marista, queremos compreender que lugar tiveram as interações e os diálogos, ou seja, qual a importância das

---

[1] Doutoranda e mestre em Comunicação pela PUCRS (Universidade Marista em Porto Alegre, RS, Brasil), é professora universitária e consultora em Comunicação organizacional e corporativa. roflorczak@gmail.com

[2] Conforme Fleury e Fleury (2001), a competência não se limita a um estoque de conhecimentos teóricos e empíricos detido pelo indivíduo, nem se encontra encapsulada na tarefa. Segundo Zarifian (1999), a competência é a inteligência prática para situações que se apoiam sobre os conhecimentos adquiridos e os transformam com tanto mais força, quanto mais aumenta a complexidade das situações.

[3] Forma de agir para atingir os objetivos principais de um projeto.

trocas comunicacionais na consolidação do seu grande projeto: a criação de um Instituto de religiosos consagrados, dedicados à educação na fé e nas ciências, de crianças e jovens camponeses, especialmente os mais pobres.

Para termos clareza dos desafios enfrentados por Marcelino, precisamos relembrar, de forma resumida, a sua trajetória. Jovem camponês de limitadas condições financeiras, educação inacessível, vivendo em um período de forte convulsão social, econômica e religiosa, contou com a sólida estrutura familiar como fundamento de seus valores pessoais. Enquanto a Revolução Francesa e o período Pós-Revolucionário tornavam os espaços públicos perigosos, o escudo de Marcelino era a família. Dentro de sua casa proliferaram os exemplos inspiradores como o da liderança política justa e firme de seu pai e a convicção religiosa de sua mãe e de sua tia, em um ambiente harmônico no qual a rigidez das regras sociais, a sobriedade e a vivência dogmática da fé eram carregadas de afeto e proteção.

Ao ser chamado para a vocação sacerdotal, Marcelino começou a enfrentar desafios que se multiplicariam ao longo de sua vida. A defasagem da educação formal, que tornou difíceis os tempos de seminário; a disciplina necessária para desenvolver-se em todas as dimensões; a perseverança de levar adiante um projeto no qual poucos acreditavam; a fé, a coragem e a autoconfiança para desafiar o poder clerical e assumir uma nova forma de evangelizar; empreender e abrigar um Instituto de religiosos dedicados à educação em um tempo de descrença e com a absoluta falta de recursos, foram alguns dos muitos enfrentamentos que marcaram a vida de Marcelino.

Marcelino Champagnat, hoje um santo da Igreja Católica, encontrou na comunicação um recurso eficaz. Quais as características prevaleciam no seu jeito de comunicar? Quais os princípios desta comunicação? Quais as plataformas que marcaram o seu tempo e das quais fez uso? E, por fim, qual o legado deixado pelo fundador para as lideranças maristas?

1. CONTEXTOS

O contexto social, político e religioso, no qual Marcelino viveu e desenvolveu seu projeto de vida, definiu boa parte de suas atitudes e configurou seu modo de liderar. Forjado em um ambiente de conflitos de toda ordem, ele precisou, acima de tudo, desenvolver a competência de articular interesses e negociar com forças e poderes diversos para ver o seu sonho prosperar. A importância histórica do tempo vivido pelo fundador do Instituto Marista é indiscutível. Tiecher (2012) relembra que a Revolução Francesa é considerada o marco do fim da Idade Moderna; assinala o início da Idade Contemporânea. Para Fattori (2012), pensar o século XVIII na França é lembrar-se de Voltaire, Rousseau e Montesquieu [...] e

da queda da obscura Monarquia dos Luíses, de Danton e Robespierre. É recordar, enfim, da Revolução e todas as suas etapas.

Distante do foco da convulsão social vivida antes e durante a Revolução, Marcelino era fortemente tocado por um dos temas centrais do conflito: a educação. Ela era a base de um dos princípios da Revolução, o da Igualdade, que apontava para o direito à educação de todos os cidadãos e inspirou o artigo 22 da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, aprovada em 1793, que assegurava:

> "A instrução é a necessidade de todos.
> A sociedade deve favorecer com todo o seu poder o progresso da inteligência pública e colocar a instrução ao alcance de todos os cidadãos" (DIAS, 2007, p.441).

A história pessoal de Marcelino retrata a situação educacional vivida na França do início do século XIX. Conforme Tiecher (*Ibidem*, p.26), "[...] a situação educacional estava fragilizada, não havia condições materiais, nem estrutura física, visto que as escolas funcionavam onde podiam: em celeiros, estábulos, porões e em casas de famílias". O autor complementa afirmando que, na zona rural, os camponeses enfrentavam um modelo de escola caótico. As escolas eram mantidas pela caridade pública, e a profissão de mestre-escola não era reconhecida nem remunerada.

É neste contexto, e para atender os apelos da Igreja Católica, que o Concílio de Trento (1563) pede aos Bispos e Padres que se preocupem com a instrução dos cristãos, que surgem, então, congregações religiosas voltadas para a educação. Quando, no Seminário Maior vem a inspiração de criar a Sociedade de Maria[4], junto com um grupo de colegas seminaristas, Marcelino visualiza a possibilidade de contribuir com a educação das crianças e dos jovens. Desde o princípio insiste, contrariando a percepção de seus companheiros do futuro clero, na possibilidade de criar um ramo da Sociedade de Maria formado por religiosos consagrados a Deus e dedicados, exclusivamente, ao exercício da educação.

Após a ordenação sacerdotal, quando já atuava como padre coadjutor na cidadezinha de La Valla, o fundador do Instituto Marista se depara com a dura realidade que de alguma forma conheceu quando menino: crianças sem amparo educacional, ignorantes da ciência e dos mistérios da fé. Transformar aquele mundo tornou-se a missão maior de Marcelino. Até os últimos dias de sua vida, ele lutaria para consolidar o projeto do Instituto, a despeito de to-

[4] Em 23 de julho de 1816 acontece a Promessa de Fourvière, considerada o marco da fundação da Sociedade de Maria. No dia seguinte à ordenação sacerdotal, o grupo de 12 novos padres, que haviam concebido e se comprometido com a criação da Sociedade de Maria, celebram uma missa no Santuário de Nossa Senhora de Fourvière, em Lyon, e assinam a promessa, que pode ser chamada de Ata de fundação da Sociedade de Maria.

das as dificuldades encontradas nas mais diversas áreas e da falta de apoio do poder público, do clero e, em muitos momentos, até mesmo de seus pares da Sociedade de Maria.

Decidido, após o episódio histórico do encontro com o Jovem Montagne[5], Marcelino cria, em 2 de janeiro de 1817, o *Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria*. Antes de investigarmos com mais detalhes os aspectos da liderança de Marcelino, é importante visualizarmos alguns detalhes do contexto eclesial, político, religioso (espiritualidade) e comunicacional que o cercavam. O levantamento apresentado por Strobino (2012) nos ajuda a compreender melhor as estratégias comunicacionais do fundador do Instituto Marista, objeto principal da presente investigação.

Conforme Strobino (2012), do nascimento à morte de Champagnat, a Igreja esteve sob o comando de cinco diferentes papas. No período revolucionário, o clero, considerado como o Primeiro Estado, dividiu-se entre aqueles que continuavam fiéis a Roma e aqueles que juraram fidelidade às Leis da Revolução Francesa, sofrendo, inclusive, ingerência do poder civil na nomeação dos bispos, os galicistas. Lyon, a Diocese sob a qual viveu Marcelino, teve, ao longo de sua vida, quatro bispos fiéis ao Papa e dois constitucionalistas, nomeados pela Revolução. Dois cardeais marcariam fortemente a trajetória do fundador do Instituto.

O primeiro deles, Cardeal Joseph Fesch, tio de Napoleão, foi a autoridade da Igreja na região após o fim da Revolução Francesa. Incentivador da reorganização dos seminários, por determinação dele foi desencadeada uma espécie de campanha de animação vocacional. Padres percorriam as casas de camponeses em busca de identificar novas vocações sacerdotais. Pois em uma destas incursões, houve o chamado a Marcelino. Foi também pelas mãos do Cardeal Fesch que Marcelino recebeu a tonsura, as ordens menores e o subdiaconato, em 6 de janeiro de 1814.

Outra autoridade clerical importante na história de Marcelino foi Dom Jean-Paul Gaston de Pins, que foi nomeado como Administrador Apostólico de Lyon, visto que o Cardeal Fesch se exilou em Roma a partir de 1814 e nunca se demitiu do título de Cardeal. Enfrentando já as dificuldades iniciais de convencer o Vigário-Geral de Lyon, Monsenhor Claude-Marie Bochard e outros padres da região em apoiá-lo na criação do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, encontrou em Dom de Pins o apoio necessário para dar os primeiros passos na criação do Instituto. Entre os vigários-ge-

[5] O padre Marcelino é chamado à casa de um carpinteiro em Les Palais, povoado próximo a La Valla, para atender o jovem João Batista Montagne no leito de morte. Surpreendeu-se ao ver que o rapaz de 16 anos ignorava as verdades religiosas. Pacientemente, expressou-lhe toda a solidariedade e preparou-o para morrer. Esse fato convenceu Marcelino de que não havia mais tempo para esperar. Era preciso agir. Decidiu fundar o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria ou Irmãos Maristas.

rais de Lyon, no período de Dom de Pins, Monsenhor Cholleton e Monsenhor Cattet entraram para a história de Marcelino como grandes apoiadores da obra do fundador.

As forças e fortes mudanças no clero que influenciavam o espaço de poder da Igreja, *locus* de desenvolvimento do projeto de Champagnat, refletiam o convulsionado período da história política da França e da Europa. Quando ocorreu a queda da Bastilha, Marcelino, em Rosey, completava dois meses de idade. Foi durante a sua infância que a França assistiu ao auge dos conflitos revolucionários: A constituinte, a Primeira República, a condenação do Rei Luís XVI à guilhotina, a convenção, o período de terror e o consulado. O consulado de Napoleão e sua ascensão como Imperador e a 1ª breve restauração da Monarquia, ainda com Luís XVIII, neto de Luís XV, e a campanha dos Cem Dias de Napoleão, marcaram a juventude, a vida no seminário e a ordenação sacerdotal de Champagnat.

Mas é com o movimento de recristianização que são estabelecidas as condições para o repovoamento dos seminários e a busca para suprir a falta de padres, assim como para o surgimento das congregações religiosas voltadas para a educação e a catequese. Num tempo de profundos questionamentos à Igreja por força do lugar de poder absoluto vivido pelo Clero no período pré-revolucionário, essas novas iniciativas que se materializavam em congregações como o Instituto Marista não eram facilmente compreendidas. A opção apostólica e não contemplativa, de cristianismo prático, com incidência cotidiana na vida da comunidade, feita por Marcelino não foi facilmente aceita nem mesmo pelos seus companheiros da Sociedade de Maria.

Dessa forma, é possível afirmar que as lutas de Marcelino pela legitimação do Instituto se deram em diferentes dimensões: no clima da espiritualidade da época, no ambiente interno da Igreja e, especialmente junto à estrutura do clero e, ainda, em decorrência do momento histórico e político vivido. Acrescentamos, ainda, outro elemento que nos ajuda a compreender o cenário dos tempos do fundador do Instituto Marista: a dimensão da comunicação pode evidenciar algumas referências que nos ajudam a compreender as competências e as estratégias comunicacionais de Marcelino Champagnat.

O fim do século XVIII e início de XIX foram de efervescência para a área da comunicação na França[6]. As ne-

[6] Um dos fatos históricos importantes relacionados com a comunicação e com forte influência sobre o período em que Champagnat nasceu e viveu é o surgimento do grande e primeiro registro impresso do conhecimento humano acumulado até então: a Encyclopédie. Elaborada por pensadores diversos, como Voltaire, Montesquieu, Rousseau, entre outros, foi editada por Denis Diderot e Jean le Rond d'Alembert e publicada na França entre 1751 e 1780. Em 35 volumes, foi considerada a grande realização literária do século XVIII. Comunicar o conhecimento e proclamar um novo humanismo rendeu conflitos com a Igreja e com o Estado. Em 1759, a Encyclopédie foi incluída no Index dos livros proibidos aos católicos romanos, o que não impediu que continuasse a circular.

cessidades de guerras e revoluções são férteis na busca de recursos técnicos que favoreçam as trocas entre tropas e equipes de comandos. Pois foi no início do período revolucionário que a França instala o primeiro serviço de telecomunicações do mundo, o telégrafo ótico ou aéreo, chamado de telégrafo manual, inventado por Claude Chappe. Mesmo inventado no início da Revolução, é de 1845 a 1865, que o telégrafo se expande e se consolida como meio de comunicação. Em 1853, conforme Mattelart (2000), o telégrafo deixa de ser de uso exclusivo das forças militares e, em 1867, torna-se, efetivamente acessível ao grande público. Neste mesmo período, a malha ferroviária cresce de 3.010 para 17.733 quilômetros. Lyon, região onde Marcelino viveu, era um importante centro de interligação viária.

Apesar do avanço dos novos recursos, o meio preferencial das trocas comunicacionais era a carta. E ela estava também no foco das atenções e manobras do poder. No centro dos acontecimentos políticos na região de Paris, entre as insatisfações que antecederam a Revolução Francesa estava a violação instituída pelo monarca Luís XII, o *Cabinet Noir*. As cartas tinham seus segredos violados pelo *Cabinet Noir*. O receio de conspirações institucionalizou o serviço que funcionava na Agência Central dos Correios da França e que foi abolido pela Revolução Francesa e retomado por Napoleão Bonaparte. A França exportou o modelo que se espalhou pelo mundo, mesmo depois do reconhecimento oficial do direito do cidadão ao segredo da correspondência (MATTELART, 2000).

Apesar dos riscos da violação de segredos, a carta, instrumento difundido desde a Grécia Antiga e consolidado pelo Sistema Postal no século XV, constitui-se como meio preferencial de interação, um evento comunicativo que permitia vencer as distâncias. Marcelino, ao longo de sua vida, fez uso intensivo das cartas pessoais e das cartas públicas (circulares). Estes são, portanto, alguns (poucos) recortes de aspectos do contexto vivido por Marcelino Champagnat e pela sociedade de sua época.

Além de visualizar o contexto no qual Marcelino viveu e desenvolveu seu grande projeto, é preciso evidenciar alguns pressupostos teóricos que guiam nossa pesquisa exploratória. Os conceitos de liderança e comunicação fundamentam este estudo. Mas é certo que há vários entendimentos possíveis para os dois temas pesquisados interdisciplinarmente por diversas ciências e áreas de conhecimento.

2. LIDERANÇA

A força da liderança de Marcelino é indiscutível. Furet (1999) evidencia os traços que, desde a ordenação sacerdotal, marcaram a vida pública e as relações interpessoais do fundador, comprovando o exercício de uma forte liderança colocada sempre em uma perspectiva de servio à Igre-

ja e aos cristãos com vistas à transformação da realidade.

Os estudos sobre a liderança podem ser considerados recentes (1930) e complexos, exigindo a interface entre diversas ciências para que seja possível estabelecer seu escopo. Aqui não nos interessa esgotar o tema, mas sim escolher, entre tantas opções apontadas pelas ciências, uma definição de liderança que nos ajude a compreender melhor a atuação de Marcelino. Em uma breve revisão das teorias da liderança, Santana, Tecchio e Cunha (2010) recuperam algumas das abordagens teóricas que prevalecem nos estudos da liderança.

> "Nesse contexto, verifica-se que, nas últimas duas décadas, existe uma tendência na literatura em considerar a liderança como um processo que envolve influência intencional de pessoas sobre pessoas com a finalidade de criar condições e facilitar relações, de modo que elas possam realizar atividades que contribuam para a consecução de objetivos compartilhados [...]" (Ibidem, 2010, p.4).

Para os autores, a liderança deve ser conceituada como um processo que se estabelece entre o líder e os seguidores, compondo um processo (bilateral) complexo e de múltiplas dimensões (psicológicas, cognoscente, de interações etc.) em torno de objetivos a serem atingidos. Destacamos aqui as interações como uma das dimensões importantes do processo de liderança.

Chanlat e Bédard (1996), ao tratarem não só da liderança, mas também da gestão e a colocarem como uma atividade essencialmente de fala, de interação e de linguagem, afirmam que a pessoa em posição de autoridade é, em grande parte, a responsável pelo tipo de intercâmbio que estabelece com seu grupo de influência. A atmosfera particular que cria em torno de si é de grande importância revelando a estratégia que estabelece, a partir de e para além das competências técnicas, de suas habilidades e qualidades humanas.

Consigli (2009) afirma que quanto melhor o homem se conhece, tanto maior a capacidade que tem para aceitar-se ou mudar. Ele afirma que Marcelino estava motivado pelo desejo constante de aprendizagem e autodesenvolvimento e tinha grande habilidade de focar nas áreas de mudança que precisava. As cartas de intenções, as orações, os regulamentos e os propósitos de mudança que escrevia para si mesmo são o resultado deste profundo discernimento e autoconhecimento que caracteriza a liderança.

Entre as qualidades apontadas pelos autores como as mais apreciadas em alguém que esteja à frente de um projeto e precise mobilizar grupos para que objetivos coletivos sejam alcançados estão: o senso de equidade, a capacidade de estimar, a abertura do espírito, a honestidade, a generosidade, a coragem, o senso de responsabilidade e o julgamento. São essas qualidades humanas que qualificam as habilidades técnicas como a capacidade de ouvir e a qualidade da expressão.

A essas características que posteriormente buscaremos identificar na trajetória de Marcelino, é possível acrescentar a versão de Marcelino que, ao solicitar ao Arcebispo de Pins, em 1835, um sacerdote para ajudá-lo, descreve-o assim:

> "Falta-nos alguém que supervisione, que anime e tome a direção geral da casa em minha ausência, que atenda aos que vêm e vão. Que goste e sinta a importância e as vantagens de estar no cargo, um diretor piedoso, preparado, experimentado, prudente, firme e constante" (Cartas, 1997, p. 135).

Ao citar o nome de um padre que poderia atender a esse perfil, Marcelino ainda acrescenta a importância da estima ao projeto e a alegria em dedicar-se à obra, como pré-requisitos para desenvolver um bom trabalho.

Para a liderança baseada em boas habilidades e qualidades humanas, a comunicação passa a ser recurso fundamental e desenvolvida de forma plena. Mas, assim como o conceito e os estudos sobre liderança são múltiplos e frutos da interface entre vários campos do conhecimento, a comunicação igualmente pode ser compreendida sob vários prismas. Entendemos que é importante evidenciarmos a abordagem que aqui utilizamos.

3. DE QUE COMUNICAÇÃO ESTAMOS FALANDO?

De caráter polissêmico e onipresente na vida dos indivíduos e das organizações, comunicação

> "é resultado de formidável movimento de emancipação social, cultural e político nascido no Ocidente", afirma Wolton (2006, p. 25).

O autor, que conceitua comunicação como a busca da relação e do compartilhamento com o outro, afirma também que

> "a comunicação parece tão natural que, a priori, não há nada a ser dito a seu respeito. E, no entanto, tanto o seu êxito como o seu recomeço não são fáceis" (2006, p. 13).

Uma abordagem que ganha espaço na pesquisa das Ciências da Comunicação e, especialmente, na Comunicação Organizacional, campo que estuda as relações comunicacionais entre sujeitos no ambiente das organizações, é a visão da comunicação como construtora de sentido na organização. Para o teórico francês Genelot (2001), que estuda a complexidade no gerenciamento das organizações, a construção de sentido não é algo simples e direto, mas, sim, um processo complexo, cheio de imprevistos, sutilezas e recursividades entre o emissor e o receptor (GENELOT, 2001 *apud* CARDOSO, 2006).

Por essa abordagem, entendemos que as lideranças interagem com interlocutores com demandas de diálogo. Dessa forma, reabilita-se a figura do receptor, do outro, da interação. Emissor e receptor encontram-se em relação recursiva e dialógica, na qual ambos têm poder e direito à argumentação. Tal perspectiva admite que

> "Essa igualdade de poder e direitos não significa simetria de desejos, conhecimentos, propósitos iguais ou posicionamentos, mas possibilidades e abertura na negociação para que possíveis diferenças e conflitos sejam expostos devidamente acompanhados das razões que os sustentam" (CARDOSO, 2006, p. 1.139).

A comunicação torna-se, então, o que afirma Marchiori (2006, p. 79):

> "[...] essencialmente uma ponte de significados que cria compreensão mútua e confiança [...]".

4. A COMUNICAÇÃO NA LIDERANÇA DE MARCELINO

Entendendo a comunicação na liderança como um elemento fundamental para criar algo novo em processo de colaboração, estabelecer vínculos e criar significados a partir da confiança e da compreensão mútua, trabalharemos com as evidências que encontramos para compreender as competências e estratégias comunicacionais de Marcelino Champagnat. A partir dos registros históricos da vida de Marcelino, especialmente de sua bibliografia oficial, escrita por Jean-Baptiste Furet, é possível inferir que mesmo vivendo num tempo marcado pela divisão hermética do poder e da sacralidade do lugar de autoridade, ele resistiu a colocar-se num lugar de tirania. Longe de aproveitar-se de sua condição de membro do clero ou, mais tarde, de superior da sua comunidade de Irmãos, rejeitou os abusos de autoridade, o autoritarismo, a dureza das repreensões repetidas, as afrontas gratuitas, os comentários descorteses, a desconfiança, o desrespeito e o descrédito do valor das pessoas (Chanlat e Bédard, 1996, p. 143). Ao longo de sua vida, privilegiou um modelo de liderança coerente com o seu projeto de educação e evangelização e trabalhou arduamente para, junto às pessoas envolvidas, atribuir o sentido e legitimar o projeto no qual estavam envolvidos sob sua liderança.

Considerando que as interações de Marcelino com os jovens Irmãos que constituíam os primeiros membros de seu Instituto, os pares do Clero (muitas vezes hierarquicamente superiores) e seus companheiros da Sociedade de Maria, vamos definir, para fins de pesquisa, que se tratavam de trocas comunicacionais em um grupo com características de grupo informal. Nesses grupos, as pessoas costumam ser generosas com as palavras, há troca intensa e a satisfação está no espaço para falar e para ser ouvido. As narrativas dos grupos informais são marcadas pelo clima amoroso, de afeição, de respeito mútuo e de amizade. Também caracterizam esses grupos, a capacidade de abordar os problemas de frente que as pessoas envolvidas são capazes de trocar, intercambiar e até mesmo de comentar sobre a maneira com a qual se comunica. Neste tipo de grupo, o líder deve dar o exemplo, estar próximo de seus companheiros e ouvir a cada um.

Todas essas características estão evidentes nas interações face-a-face, ou seja, nas oportunidades de manifestar-se publicamente ou de dialogar com interlocutores específicos.

Marcelino evidencia as qualidades profundamente humanas que qualificam suas competências técnicas e estratégias comunicacionais sofisticadas, típicas de um grande líder.

Aproveitando algumas das características listadas por Chanlat e Bédard e considerando-as como pano de fundo essencial para visualizar as competências e estratégias comunicacionais de Marcelino, buscamos identificar em Furet (1999) a descrição de alguns, entre muitos possíveis, fatos e características do fundador do Instituto que evidenciem a intenção comunicacional de Marcelino nas circunstâncias selecionadas.

Evidência encontrada na biografia de Marcelino, expressa em suas práticas comunicacionais	**Competência / Estratégia comunicacional**
Em sua ação como coadjutor da Paróquia de La Valla *Gozando de confiança e estima de todos, era solicitado para arbitrar as eventuais desavenças na paróquia. Quantas vezes conseguiu restabelecer a concórdia em famílias desunidas, reconciliar inimigos, erradicar velhas discórdias, silenciar os detratores do senhor pároco, de cujo procedimento se queixavam! Seu espírito conciliador, caráter alegre, modos simples, bondosos e afáveis, conquistaram-lhe o coração; bons e maus gostavam dele e aceitavam com prazer, ou pelos menos sem maiores dificuldades, seus avisos, conselhos e mesmo as repreensões* (FURET, 1999, p. 53). **Na sua responsabilidade de acompanhamento e formação dos novos Irmãos, ao corrigir o Irmão responsável pela vigilância dos alunos internos que se entretia com a reza do Ofício.** *Sua primeira obrigação é cuidar de seus alunos para prevenir o mal e conservar-lhes a inocência. Se conseguir isso, sua oração será mais agradável a Deus e mais meritória, ainda que, em decorrência de sua função, você se distraia um pouco. É bem melhor do que rezar sem distração, mas negligenciando esse importante dever* (*Ibidem*, p. 73). **Na coibição dos excessos, dos castigos e dos julgamentos** *[...] informado de que um Irmão impusera aos alunos proibições demasiado rigorosas, mandou chamá-lo e lhe disse:* *- Que foi que você proibiu aos alunos?* *- Proibi falarem, perderem tempo etc.* *- Vá ter com eles e diga-lhes que, mesmo no caso de dizerem alguma palavra ou fazerem alguma dessas coisas que você proibiu, não cometeriam nenhum pecado* (*Ibidem*, p. 75).	Mediação

No acompanhamento de seus Irmãos *[...] levava-os a descobrirem as falhas ocorridas, retificava possíveis erros na explanação [...] aprovava e elogiava o que fora bem feito. Sempre terminava animando-os e mostrando a excelência da função [...]* (*Ibidem*, p. 75).	
Na relação com os seus paroquianos de La Valla *Convencido de que, para se fazer o bem e levar as pessoas a Deus, é preciso conquistar-lhes a afeição e a estima, quando chegou a La Valla o Pe. Champagnat tratou de conquistar a confiança de seus paroquianos. Seu caráter alegre, franco, expansivo, sua aparência simples, modesta, risonha, simpática e nobre ao mesmo tempo, contribuíram muito. Ao passar pelas ruas, e quando encontrava alguém,* ***sempre tinha de dizer alguma coisa engraçada, uma palavra de elogio, consolo ou animação. Conversando familiarmente com todos****, sabia pôr-se ao alcance de cada um, adaptar-se ao seu gênio,* ***entender seus pontos de vistas e o modo de ver as coisas.*** *Após haver lhe preparado o espírito,* ***termina a rápida conversa com uma palavra de edificação, um bom conselho ou leve reparo, se fosse o caso*** (FURET, 1999, p. 38). **A capacidade de animar no momento da homilia/sermões.** *Os sermões do Pe. Champagnat não produziram menos frutos do que os catecismos. No púlpito* ***exprimia-se com veemência. Nele, tudo falava:*** *o gesto, a aparência humilde e piedosa, o tom de voz,* ***a palavra viva, sonora e inflamada****, tudo contribuía para comover e convencer os ouvintes. Nunca subia ao púlpito sem ter-se preparado pelo estudo, reflexão e oração. Começou com breves exortações. A primeira consistia em simples reflexões. Entretanto, agradou a todos os ouvintes. Ao saírem da igreja, diziam:* ***"Nunca tivemos aqui um padre que pregasse tão bem!"*** *Essa opinião difundiu-se na paróquia e nas famílias procuravam informar-se do dia em que ele devia pregar. O povo acorria então e a igreja ficava sempre cheia.* *Pregava essas verdades com tanta veemência que, por várias vezes, arrancou lágrimas do auditório e abalou os pecadores mais empedernidos.* ***Suas palavras, repassadas de clareza, ardor e unção, empolgavam os espíritos e sensibilizavam*** *os corações.* *"Ele é de Rozet, por isso as palavras dele são macias e agradáveis como as rosas".* (*Ibidem*, p. 43 e 44). **Na animação dos primeiros Irmãos.** *O Pe. Champagnat, que os amava como filhos, ia muitas vezes visitá-los. De vez em quando trabalhava com eles, animava-os, dava-lhes aula de ler e escrever,* ***orientava-os, expunha-lhes suas intenções, seus projetos*** *[...]* (*Ibidem*, p. 60).	Por meio do testemunho pessoal, estabelecer relações de confiança a partir da transparência e da coerência e de um ótimo estado de ânimo em relação ao projeto, à missão.

A direção da casa dos Irmãos absorvia tempo considerável de Champagnat. [...] Convenceu-se, porém, que isto era insuficiente, pois seus Irmãos eram apenas noviços na vida religiosa e no magistério e necessitavam a toda hora de orientação e seus conselhos. [...] Essas razões e, mais ainda o afeto [...] decidiram-no a ir morar com eles. *Falou ao pároco, que tudo fez para demovê-lo. Que fará você, disse ele, no meio desses jovens, bons e piedosos, sem dúvida, mas rudes e pobres, incapazes de assisti-lo e de preparar-lhe a comida? [...] No seu entender, o melhor meio de aperfeiçoá-los à vocação [...] era dar-lhes o exemplo e ser o primeiro a praticar antes de ensinar* (*Ibidem*, p. 71).	
Dando o seu testemunho de sacrifício pessoal e presença junto aos primeiros Irmãos. *Outras vezes, em suas instruções familiares ou nos sermões,* ***atacava com veemência*** *os vícios, os abusos e as desordens na paróquia. Bebedeiras, danças, reuniões noturnas, juras, blasfêmias e a leitura de livros perniciosos foram alvo de suas mais rigorosas recriminações* (FURET, 1999, p. 48). **Acompanhando a ação dos Irmãos junto ao magistério.** Em pouco tempo julgaram-se capazes de arcar com a responsabilidade de toda a escola. Levaram a proposta ao Pe. Champagnat, que não aceitou, pois desejava que as primeiras experiências fossem mais humildes e fossem desenvolvidas em cenário mais modesto. Reuniu-os e lhes disse: "Meus amigos [...] (*Ibidem*, p. 69). *Os Irmãos lhe consagravam a máxima veneração e amavam-no como pai. [...] por isso embora tendo-lhe profundo respeito, tratavam-no como companheiro* (*Ibidem*, p. 72).	Escuta, transparência e foco na missão
No cuidado com as crianças *Dava catecismo todos os domingos e no inverno, durante quase todos os dias da semana. Seu modo de explicar o catecismo era simples e familiar. Exigia primeiro o texto. Os que sabiam ler deviam decorá-lo e ele mesmo ensinava-o àqueles que não sabiam ler. Por fim,* explicava-lhe o sentido por meio de breves perguntas. *Ouviam-no com visível satisfação, facilmente o que ensinava. Sabia interessá-los e despertar-lhes a curiosidade por meio de comparações, parábolas e breves historietas.* (FURET, 1999, p. 38 e 39)	Criação de vínculos e busca da compreensão mútua usando amplamente os recursos das parábolas e metáforas.

Na relação com seus superiores (Trecho que narra o início da vida sacerdotal de Marcelino na paróquia de La Valla. Ao se deparar com o "triste hábito" do pároco de exceder-se no vinho). *[Infelizmente, essa limitação tão grave num sacerdote não ficou oculta, e o Pe. Champagnat, testemunha do mal causado ao pároco e do escândalo provocado na paróquia, sentia profunda mágoa. Com prudência, respeito e caridade lançou mão dos meios ao seu alcance para cortar o mal. Primeiramente rezou com fervor para alcançar ao pároco a graça de se corrigir do mau costume. Dirigiu-lhe depois respeitosas observações sobre o assunto. Ele mesmo abstinha-se de vinho, no intuito de levá-lo à sobriedade pelo exemplo. Se não conseguiu recuperá-lo totalmente, pelo menos teve a consolação de prevenir muitas faltas e levá-lo a evitar outros excessos]* (FURET, 1999, p. 37). **No empreendimento do Instituto** *Com esses dois jovens cheios de bons sentimentos, o Pe. Champagnat julgou poder iniciar a fundação. Onde, porém, achar um lugar adequado para os dois discípulos? Uma casinhola bastante próxima ao presbitério estava à venda. Não hesitou em comprá-la, embora não dispusesse de recursos* (*Ibidem*, p. 59). **Em desafiar o *status quo* do Clero** *Era evidente que a casa [de La Valla] não podia comportar tanta gente. Urgia a construção de outra. Champagnat não teve dúvida em executá-la. Por falta de recursos construiu-a pessoalmente com a ajuda dos Irmãos. [...] Certo dia, um padre amigo, vendo-o daquele jeito, disse-lhe:* *[...]* *Meu amigo, você está exagerando; este tipo de trabalho não condiz muito com a vida sacerdotal [...].* *Este trabalho não rebaixa o ministério sacerdotal e muitos padres ocupam-se menos utilmente do que eu [...]* (*Ibidem*, p. 99). **Na construção de L'Hermitage** *À luz da sabedoria humana, o piedoso fundador cometia grave imprudência ao empreender, sem nenhum recurso uma construção que acarretaria volumosas despesas. Somente o terreno custou-lhe mais de 12 mil francos. Quando o projeto de transferência da comunidade e da construção de vasta moradia veio a público, deu-se uma nova explosão de censuras, críticas, invectivas e ofensas que superou, talvez, a que ocorrera na fase mais tempestuosa do Instituto* (*Ibidem*, p. 126).	Capacidade de escuta, contextualização constante da missão e das necessidades específicas de cada situação e resiliência.

Como coadjutor em La Valla *Porém, o que o mais contribuiu para atrair-lhe a estima e benevolência dos fieis foi sua conduta edificante, sua virtude, piedade, regularidade e fidelidade a todos os deveres.* **Estava sempre disponível e sempre se mostrava afável**, *fosse qual fosse a hora e em que vinha solicitar-lhe serviços, o chamassem à igreja ou para junto aos doentes.* (FURET, 1999, p. 38). *Dia e noite estava sempre disposto a sair quando solicitado. Nem sempre esperava que o chamassem. Sabendo da existência de algum doente, ia visitá-lo. Geada, chuva, neve, nada o segurava* (*Ibidem*, p.51). **Na fundação do Instituto** *[...] Pessoalmente, com umas tábuas fez duas camas para seus dois Irmãos e também uma mesinha de jantar. Levou, então, os dois discípulos para a casinha modesta que se tornou o berço do Instituto dos Irmãozinhos de Maria. A pobreza transparecia por toda parte. [...] Foi em 2 de janeiro de 1817 que os dois noviços tomaram posse da casa, começaram a viver em comunidade [...]* (*Ibidem*, p. 59, 60).	Coerência absoluta entre o que pregava e o que vivia, estabelecimento de vínculos, corresponsabilidad e, igualdade no diálogo. Comunicava a disponibilidade e a presença.

FONTE: A autora (2013), a partir de trechos da biografia de Marcelino Champagnat (FURET, 1999)

5. O LEGADO: SEIS QUALIDADES, SEIS COMPETÊNCIAS E SEIS ESTRATÉGIAS

Sendo a interação uma das importantes dimensões da liderança, compreendemos nesta pesquisa que o líder Marcelino Champagnat a exerceu a partir de fortes habilidades e qualidades humanas. Foi a partir delas que se tornou possível comunicar com excelência, ou seja: conhecer a si mesmo e ao outro, estabelecer um projeto e torná-lo comum a um grande grupo de pessoas e compartilhar atributos em comum para que, mesmo na expansão, a missão permanecesse intacta e defendida por todos os membros de seu Instituto.

Como legado para quem busca em Marcelino a referência de um homem que construiu, a partir de sua fé e de suas convicções, uma obra relevante para a humanidade e que já perdura por dois séculos, é importante destacar aqui o conjunto de qualidades humanas que as pesquisas sobre liderança apontam como importantes e que facilmente encontramos nos relatos sobre Marcelino, a saber:

> capacidade de animar e estimar, coragem, generosidade, honestidade, senso de equidade e senso de responsabilidade.

As características acima foram desenvolvidas, aprimoradas e aproveitadas com maestria por Marcelino.

Contudo, foi só a partir delas que se tornou possível desenvolver as competências comunicacionais e implementar estratégias que o apoiaram na criação do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, futuro Instituto Marista. As qualidades humanas citadas são fundamentais para que o líder possa ser um comunicador efetivo e eficaz.

A partir das qualidades humanas de líder, de forma intuitiva ou planejada, não há como saber, Marcelino desenvolveu competências comunicacionais (inteligência prática para situações cotidianas) de relevante importância no exercício da liderança. Citamos, a seguir, o que identificamos como as principais competências comunicacionais de Marcelino: autoconhecimento, relação saudável com o poder - sem onipotência, arrogância ou autoritarismo - mediação, escuta, coerência, oratória de grande qualidade com uso intensivo de metáforas e parábolas.

Dono de qualidades humanas ímpares e de competências comunicacionais dificilmente identificadas todas em um só líder, Marcelino ainda foi capaz de ousar nas estratégias comunicacionais que desenvolveu ao longo de sua vida. Entre as que conseguimos identificar claramente nos documentos estudados estão as que citamos a seguir:

1. **Estabelecer vínculos** por meio de relações de confiança.

2. **Criar significados comuns** para todos os participantes do projeto por meio do compartilhamento de objetivos e informações.

3. **Estabelecer o diálogo**, de forma igualitária e horizontal, com todos que pudessem influenciar positiva ou negativamente sobre o projeto.

4. **Compartilhar** tudo com os Irmãos e envolvê-los, desenvolvendo, em todos, o sentido de pertença à Missão.

5. **Dar testemunho**, ser exemplo e referência. Antes de tudo, deixar que suas atitudes coerentes falassem por ele, sem nunca negligenciar suas responsabilidades.

6. **Atuar com absoluta transparência,** sem negar ou adiar situações de conflito, que enfrenta sem se cansar de dar explicações.

Considerando esses três conjuntos, é natural que nos impressionemos com a capacidade de Marcelino Champagnat. Se hoje, nos tempos vividos, considerados como *Era da Transparência e da Informação*, é difícil imaginar que um líder possa reunir todas essas qualidades, competências e estratégias. Devemos pensar que na França do período Pós-Revolução Francesa, os desafios e dificuldades deviam ser ainda maiores.

Entretanto, como referência inspiradora, especialmente para as lideranças do Instituto Marista que continuam levando em frente o son-

ho e o projeto de Marcelino, julgamos relevante o conhecimento desse conjunto de características que podem servir como inspiração cotidiana.

Referências

CARDOSO, O. O. Comunicação empresarial *versus* comunicação organizacional: novos desafios teóricos. In: **Rev. Adm. Pública**, v.40, n.6, p. 1.123-1.144, dez. 2002.

CHAMPAGNAT, **Marcelino. Cartas.** São Paulo: SIMAR, 1997.

CHANLAT, A.; BEDARD, R. Palavras: a ferramenta do executivo. In: CHANLAT, J.-F. (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** São Paulo: Atlas, 2007.

CHANLAT, J.F. Por uma antropologia da condição humana na organização. In: **O indivíduo na organização**. São Paulo: Atlas, 2007.

CONSIGLI, Ben (FMS). A inteligência emocional de Marcelino Champagnat. In: **FMS Cadernos Maristas**. Roma, Ano XX, n.27, out. 2009. Instituto dos Irmãos Maristas.

DIAS, Adelaide Alves. Da educação como direito humano aos direitos humanos como princípio educativo. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy, et al. **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

FATORI, Vinícius. Um charlatão, padres devassos e escritores libertinos: popularização de ideias no período pré-revolucionário francês. In: **Revista Eletrônica História em Reflexão**, UFGD - Dourados, v.6, n.11, p.1-11, jan/jun. 2012.

FLEURY, Maria Tereza Leme and FLEURY, Afonso. **Construindo o conceito de competência.** Rev. adm. contemp. [online]. 2001, vol.5, n.spe, ISSN 1982-7849. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552001000500010&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 10 fev. 2013.

FREITAS, Sidinéia Gomes. Liderança e Poder: um enfoque comunicacional. In: MARCHIORI, Marlene. **Faces da Cultura e da Comunicação Organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2006.

FURET, Jean-Baptiste. **Vida de São Marcelino José Bento Champagnat.** São Paulo: Loyola; SIMAR, 1999.

MATTELART, A. e, M. **História das Teorias da Comunicação.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MARCHIORI, Marlene. (org.) **Faces da Cultura e da comunicação organizacional.** São Caetano do Sul, São Paulo: Difusão Editora, 2006.

SANTANA, Julival de Queiroz; TECCHIO, Edivando Luiz; CUNHA, Cristiano José Castro de Almeida. **O papel do líder no processo de gestão do conhecimento.** 2010. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/97078. Acesso em 10 fev 2013.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal:** das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG. Belo Horizonte: 2002. 208p.

STROBINO, Ivo. **Sociedade de Maria.** In: Curso de extensão em Espiritualidade e Patrimônio Marista (apostila). Porto Alegre: Edição 2012, Módulo 1.

TIECHER, Claudiano. **Contexto histórico, social, político e religioso.** In: Curso de extensão em Espiritualidade e Patrimônio Marista (apostila). Porto Alegre: Edição 2012, Módulo 1.

BASÍLIO RUEDA GUZMÁN[1], IRMÃO MARISTA DA EDUCAÇÃO

Ir. Aureliano Brambila

Nasceu em Acatlán de Juarez, Jal., (México) no dia 14 de outubro de 1924 e faleceu em Guadalajara, Jal (México) em 21 de janeiro de 1996.

Na vida cristã a figura de Jesus Cristo é chave, pois nos revela quem é Deus e o que é o ser humano. Essa vida consiste, nem mais nem menos, em uma progressiva identificação com Jesus Cristo, com seus sentimentos, com suas atitudes (Ef 1,31). Todos, sem exceção, são convidados a percorrer esse caminho. Trata-se da plenificação de cada pessoa segundo o plano criador e redentor de Deus.

Há homens e mulheres que ficaram deslumbrados pela figura de Jesus e o seguiram passo a passo por toda a vida, imitando-o em sua forma de ser e de fazer. Entre eles se destacam, em primeiro lugar, Maria de Nazaré, sua Mãe, a discípula perfeita e a primeira cristã, e em seguida toda uma plêiade de santos: Pedro, Paulo, João, Maria Madalena, Francisco, Clara, Teresa, Inácio de Loyola, Marcelino Champagnat...

Esse último toca muito de perto os Irmãos Maristas: é o nosso Fundador. Viveu a santidade e nos falou dela em suas conferências e escritos:

Deus nos amou desde toda a eternidade (Carta 10, Circular);

Diga às crianças que apenas Deus pode ser sua felicidade, que é apenas para Ele que foram criadas (Carta 19, ao Ir. Barthélemy);

[1] Para um estudo amplo sobre sua pessoa e obra, consultar: Flores, José. "Quemar la vida". México: Ed. Progreso, 1997, 312 p. e "Flores, José. "El estilo de una vida". México: Ed. Progreso, 1998, 160 p.

Deus nos chamou para ser santos. Busquemos, pois, mais e mais, o seu amor, procuremos viver em paz conosco e com os outros e apliquemo-nos no que deve ser feito, isto é, no cotidiano da vida (Carta 135, circular); Com toda a verdade podemos dizer que nossa (própria) felicidade depende de nós, pois não há nada, se sabemos viver, que não nos sirva para consegui-la: bens, saúde, pobreza, doenças, sofrimento (Carta 180, para sua cunhada, Maria Clermondon, viúva).

E, depois, legou sua espiritualidade apostólica marista à Igreja e ao mundo, fundando um Instituto de educadores para trabalhar na vinda do Reino de Deus, entendendo esse Reino como a configuração de uma humanidade segundo os planos de Deus, onde haja felicidade para todos, onde todos sejam respeitados, independentemente de raça, cor, sexo e onde haja oportunidades para todos. A obra de Marcelino Champagnat é um Instituto que aposta na dignidade humana, que evangeliza educando e tudo se coloca a serviço da criança e do jovem:

> "Trabalhando em instituições escolares ou em outras estruturas de educação, consagramo-nos a serviço da pessoa humana, por amor ao Reino". (Constituições dos Irmãos Maristas, Art. 85.2)

E nos passos de Marcelino, aqui vai o contingente de seus inumeráveis e corajosos discípulos que viveram sua espiritualidade apostólica: os Irmãos mártires Laurentino, Bernardo, Anselmo..., e tantos e tantos outros, discípulos da vida cotidiana, Irmãos mártires incruentos: Francisco, Alfano, Leôncio, Ignacio Vázquez, e uma longa fila dos que ainda peregrinam nesta terra, Irmãos Maristas de hoje dos cinco continentes

> "que vivem sua consagração religiosa em uma comunidade fraterna e que fazem de tudo pelo Reino, evangelizando os jovens nas escolas e em outras estruturas de educação" (Decreto aprobativo da Santa Sé, 7 de outubro de 1986, Constituições, p. 9, ed. Luis Vives, 1986, Zaragoza, Espanha). – Não tem sentido essa citação em espanhol, pois as constituições existem em Português.

O Ir. Basílio Rueda Guzmán é mais um dessa grande multiplicidade de apóstolos maristas, discípulos de Marcelino Champagnat, enamorados de Jesus e de Maria. E seguramente com a peculiaridade de ter sido, durante 49 anos, educador, mestre de espiritualidade, diretor espiritual, formador e superior, em diversos contextos e níveis. Se pudéssemos resumir suas principais (falta uma palavra) em todos esses ministérios, diríamos que foram: uma intensa vida de oração, um trato impregnado de delicadeza mariana com todos e uma dedicação sem limites à atenção pessoal a todos que o rodeavam ou que dependiam dele.

Nestas linhas que escrevo quero destacar a figura do Irmão Basílio Rueda Guzmán a partir de sua dimensão como Superior Geral dos Irmãos Maristas durante dois períodos canônicos consecutivos, de 24 de se-

tembro de 1967 até 7 de outubro de 1983.

Nada mais adequado do que a percepção dessa fase de sua existência. Penso que ser Superior Geral dos Irmãozinhos de Maria foi a missão de sua vida:

> "Sucessor do Fundador, o Irmão Superior Geral reúne todos os Irmãos do Instituto em torno de Cristo. Guia-os e acompanha-os na fidelidade a seus compromissos" (C 130).

Basílio nascera para isso. Tudo o que acontece anteriormente foi como uma lenta aurora de preparação, e todo o posterior como um grande crepúsculo que continua iluminando com luzes de grande serenidade:

> "Tu me teceste o seio materno... me escolheste portentosamente... teus olhos viam minhas ações... meus dias estavam todos contados antes que chegasse o primeiro... que incomparáveis são os teus desígnios... Deus meu, que imenso é seu conjunto... " (Cf. Salmo 138)

Evidentemente, não falo do generalato como o acesso ao posto de maior dignidade nem como o uso do máximo título hierárquico no Instituto. Isto careceria de profundidade e significado existencial e de densidade evangélica. Refiro-me ao generalato como a missão de serviço total e amoroso de amplitude universal à qual Deus tinha destinado ao nosso Basílio. Deus havia pacientemente preparado, equipado, formado esse homem para que, durante 18 anos, fosse o sucessor de São Marcelino Champagnat em momentos especialmente difíceis do período pós-conciliar (1967-1985).

O Carisma Marista, esse dom do Espírito Santo dado a Marcelino pelo bem da Igreja e da humanidade, foi assim descrito nos três primeiros artigos das Constituições vigentes, aprovadas pela Santa Sé no dia 7 de outubro de 1986:

> "Marcelino Champagnat fundava, em 2 de janeiro de 1817, o Instituto religioso laical, ou Instituto religioso de Irmãos, sob o nome de Pequenos Irmãos de Maria. Considera-o como um ramo da Sociedade de Maria. A Santa Sé aprovava-nos em 1863 como Instituto autônomo e de direito pontifício. Ao mesmo tempo em que respeitava nosso nome de origem, dava-nos o de Irmãos Maristas das Escolas (F.M.S. - Fratres Maristæ a Scholis)" (Art. 1).

> Guiado pelo Espírito, Marcelino Champagnat foi cativado pelo amor de Jesus e Maria para com ele e para com os outros. Tal vivência, como também sua abertura aos acontecimentos e às pessoas, está na origem de sua espiritualidade e de seu zelo apostólico. Torna-o sensível às necessidades de seu tempo, especialmente à ignorância religiosa e às situações de pobreza da juventude.
> Sua fé e desejo de cumprir a vontade de Deus revelam-lhe sua missão: "Tornar Jesus Cristo conhecido e amado". Dizia muitas vezes: "Não posso ver uma criança, sem sentir o desejo de ensinar-lhe o catecismo, sem desejar fazer-lhe compreender quanto Jesus Cristo a amou".
> Neste espírito, fundou nosso Instituto para a educação cristã dos jovens, particularmente os mais necessitados (Art. 2).

O amor que o Espírito Santo derrama sobre nossos corações torna-nos participantes do carisma de Marcelino Champagnat e orienta todas as

nossas energias para esta única meta: seguir o Cristo, como Maria, em sua vida de amor ao Pai e aos homens. Procuramos viver este ideal em comunidade.

> Pela profissão dos votos de castidade, de pobreza e de obediência, comprometemo-nos a viver os conselhos evangélicos. Tal engajamento faz de nós testemunhas e servidores do Reino de Deus. Nosso caráter de Irmão é um apelo específico a viver, para com todos, a fraternidade de Cristo, especialmente para com os jovens, amando-os gratuitamente.
> As Constituições, aprovadas pela Santa Sé, guiam-nos na realização de nossa consagração e na fidelidade às intenções do Fundador (Art. 3).

Basílio Rueda Guzmán historicamente se situa na linha dos sucessores de nosso Fundador: os Irmãos Francisco, Luís Maria, Nestor, Teofânio, Stratonique, Diógenes, Leônidas, Charles Rafael, Basílio Rueda, Charles Howard, Benito Arbués, Seán Sammon e Emili Turú. Essa série de homens encarregados de manter vivo o carisma do Fundador, em todas as partes da Igreja e do mundo, de aglutinar os Irmãos no seguimento de Cristo, o Senhor, e em torno de Maria, em benefício das crianças e jovens em qualquer situação em que se encontram. Ocupou o nono lugar desse grupo de discípulos destacados de Marcelino.

Encontrava-me em Roma poucos dias antes da celebração do XVI Capítulo Geral (1967-1968), chamado de "renovação", em razão de sua importância. Dada sua envergadura duraria dois anos. Conversando com um Irmão Assistente Geral, o Ir. Paul Ambrose, que havia sido meu superior em Marian College, em Poughkeepsie, NY, (1954-1956), e que gozava das simpatias de muitos Irmãos no Instituto, perguntava-lhe de maneira informal e amistosa como se sentia acerca de sua quase certa designação como Superior Geral por parte do Capítulo que iria começar. Recordo que me disse com grande simplicidade marista e com profundidade profética:

> "Não, Irmão, você me conhece bem. Posso ser alguém bem dotado para governar. No entanto, preciso de pontos de referência seguros, algo como estradas traçadas ou de estradas de ferro por onde poder conduzir com grande impulso o comboio. Nestes momentos tão difíceis que vive a Igreja pós-conciliar, exige-se para o Instituto um Irmão que saiba viajar no mar agitado das ideias e conduza a embarcação a um porto seguro sem mapas claros de navegação, sem pontos de referência irremovíveis...".

Após a eleição, o Irmão Paul Ambrose apresentava a todos os ocupantes da Casa Geral o novo Superior Geral: o "petit mexicain", o Irmão Basélio Rueda Guzmán. Foi um acontecimento marcante: era o primeiro Irmão mexicano Superior Geral. Alguém pertencente a um dos países considerados de terceiro mundo, nascido em um vilarejo de Jalisco, em uma família solidamente cristã, formada pelo Sr. Heladio e Sra. Josefina, seus pais, e por Maria Guadalupe, Josefina e Eladio, seus irmãos. Sua educação básica começou ali em Acatlán de Juárez e continuou em Guadalajara, capital do estado de Jalisco, onde fora batizado no dia 31 de março de 1925.

Lembro-me ainda que nesse dia da eleição, quando fomos felicitá-lo pessoalmente, disse-me Basílio, com lágrimas nos olhos: "*Peça por mim ao Senhor que me ajude...*". Sim, Basílio comovido até o mais profundo de seu ser começava a missão de sua vida, aquela para a qual havia nascido: conduzir a embarcação de Champagnat durante dezoito longos, e cruciais anos de sua história, em um mar agitado e turbulento. Seu pedido de orações não era retórica, nem emoção de momento: estava em verdade vivendo seu próprio Getsêmani!

O Vaticano II, que durou quatro anos (1962-1965), foi transcendental para a Igreja. Viveu a irrupção do Espírito Santo que sobrepujou toda compreensão, naquele momento e até hoje. De tal modo que vários bispos (além dos participantes do Concílio), muitos sacerdotes e religiosos e uma infinidade de leigos não conseguiram até hoje assimilar tudo o que aconteceu e os apelos que nos lança ainda hoje.

Entre muitas outras coisas, esse Concílio pediu a renovação da vida religiosa. Mas reação mudança profunda, não simples operação de maquiagem, indo ao essencial e deixando de lado o que era mera poeira de contextos culturais de épocas passadas. Essa renovação foi imediatamente anunciada, mas sua implementação concreta envolveu enormes dificuldades. Em geral, nós, humanos, somos especialistas no acessório, mas não no essencial. Era preciso, pois, provocar uma grande quantidade de reflexão; filosofar sobre a vida religiosa; compreender a Igreja hoje e sua resposta ao mundo de hoje; ir ao essencial do carisma marista; examinar minuciosamente as intuições originais do Fundador para dar resposta aos problemas de hoje a partir das genuínas atitudes fundacionais.

Nessa importante operação, Basílio lançaria mão de toda a sua inteligência. Aproveitaria de todos os recursos que a Providência lhe proporcionou: ter nascido em um lar cristão, sua educação marista, seu noviciado sob a orientação de um exímio formador (Ir. Othonis), sua formação humanista em seus estudos profissionais (tanto na escola Normal Queretana como na Universidade Nacional Autônoma do México), seu contato com a juventude (no Instituto México e no Centro Universitário México, do Distrito Federal), sua participação ao "Movimento por um Mundo Melhor", do Pe. Ricardo Lombardi, seu contato a partir da direção espiritual com um variadíssimo tipo de pessoas, seu trabalho na formação permanente do segundo noviciado marista (em Sigüenza e em El Escorial, Espanha)... Em uma palavra, toda a sua vida estava direcionada e habilmente dedicada para assumir o grande encargo: renovar a vida marista mundial a partir do carisma de São Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas das Escolas (1789-1840).

Impulsionou, como nunca se havia feito antes, o estudo do Patrimônio Espiritual Marista. Fundou centros que se dedicaram exclusivamente a

isso. Envolveu Irmãos em período integral no trabalho de pesquisa e difusão... Empenhou-se em criar um movimento atento às fontes para gerar uma mística que dinamizasse e ressaltasse o fundamental... Nesta área do patrimônio marista favoreceu a integração cordial, embora não jurídica, dos diversos ramos da Sociedade de Maria: Padres Maristas, Irmãs Maristas, Leigos Maristas, Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria e nós, Irmãos Maristas. Em combinação com os superiores gerais dessas entidades, estabeleceu a festa da Família Marista, que comemora a Promessa de Fourvière de 1816.

Dedicou-se, até os limites da exaustão, a pregar retiros e conceder entrevistas a milhares de Irmãos, para estender-lhes a mão em meio a tanta desorientação e confusão... As fronteiras do essencial e do acidental, sem malícia de ninguém, estavam desfiguradas... O sopro do Espírito vinha tornar novas todas as coisas, construindo-as a partir de sua essência imutável. E aí estava Basílio, indo de um lado ao outro, incansável: cursos, congressos, encontros... E sempre partindo da realidade concreta, mediante o uso meticuloso e exaustivo de pesquisas: "*Deixemos que a realidade nos diga tudo o que tem a nos dizer*", costumava dizer com frequência, parafraseando o filósofo espanhol.

Soube maravilhosamente aproveitar a plataforma das Circulares de que dispõe um Superior Geral. Suas Circulares eram magistrais, volumosas, cheias de ideias, como o exigia o momento difícil, quando havia crises não tanto dos costumes, mas de mentalidades.

"Apelos do mundo e da Igreja ao Capítulo Geral"
(2 de janeiro de 1968, em 5 partes, 523 páginas)

Foi sua primeira Circular. Continha o núcleo da missão de um Instituto: dar resposta a Deus que fala por intermédio da Igreja e de toda a humanidade. Com isso priorizava a missão como resposta da vida religiosa marista à Igreja e ao mundo. Apresentou ao Instituto em vários volumes, como uma espécie de ansiedade para que compreendêssemos a transcendência da conjuntura: tratava-se nada menos do que saber dar essa resposta ou de deixar de existir por sua inutilidade.

"A vida comunitária"
(de 6 de junho de 1970, 212 páginas)

A vida religiosa, outro tema fundamental abordado por Basílio. Desmistificou a comunidade negando-a como lugar de felicidade "encontrada" e apresentando-a como tarefa a realizar, ajudados pela graça. "*Ela não é a soma de egoísmos, mas de doações*", proclamava. Comunidade aberta e com consciência de ter uma missão. Foi ele o primeiro a expressar a ideia da espiritualidade apostólica marista, que seu sucessor, Charles Howard, veio retomá-la com tanto entusiasmo e iria levá-la ao XIX Capítulo Geral e à qual foi dedicado todo um documento.

"Conversas sobre a oração"
(11 de setembro de 1973, 81 páginas)

Elemento-chave da espiritualidade marista ao qual consagrou páginas muito belas, retiros especiais e todo um movimento no Instituto. Compreensivo, mas preciso, costumava nos interpelar: "*Irmão que diz não ter tempo para orar, não é tempo que lhe falta, mas amor*". Insistia muito no fundamental: a oração está além das "orações", não se esgota nelas. "*Orar é pensar em Deus, amando-o*", setenciava com a grande Teresa de Ávila. "*Nada nos tornará mais sensíveis ao mundo e às suas necessidades do que vê-lo com os olhos de Jesus. E para isso temos de levar Jesus na mente e no coração, temos de tornar nossos seus sentimentos e suas atitudes. O Instituto há de chegar ao pobre por este caminho, a partir de Jesus e com Jesus...*"

"A Obediência"
(30 de maio de 1975, 160 páginas)

Outra de suas circulares. A obediência ao Espírito por parte da Igreja, do Superior religioso. A importância da mediação. O diálogo vital no exercício da autoridade e na prática da obediência. O imprescindível de uma mediação mediada mediação, isto é, de uma autoridade obediente, pois "obedecer a um desobediente especificamente no que está desobedecendo é em realidade desobedecer". Isso ele dizia em relação aos superiores ou religiosos que desobedeciam ao Concílio e tentavam formar prosélitos dessa atitude entre seu grupo ou sua comunidade, sob pretextos aparentemente louváveis.

"O Espírito do Instituto"
(25 de dezembro de 1975, 74 páginas)

Nesta circular ele foi magistral e audaz. Analisou nossas virtudes tradicionalmente características da humildade, simplicidade e modéstia. Denunciou com força profética as adulterações e os sucedâneos dessas belas virtudes. Respondeu com um "não" ao apoucamento em nome da humildade, à simploriedade em nome da simplicidade ou à autocastração apostólica e ao absenteísmo em nome da modéstia... O material dessa circular continua sendo válido como denúncia e como anúncio. Trata-se de buscar a força que dão essas virtudes maristas quando são autênticas, pois permitem, como no Fundador, todas as audácias na fé e na esperança.

"Um novo espaço para Maria"
(8 de setembro de 1976, 260 páginas)

Uma circular onde Brasílio, sem pretendê-lo, descobriu todo o segredo de seu dinamismo, que era profundamente mariano. Possuía uma sublime visão de Maria a partir de um apaixonado cristocentrismo. Sua Circular foi uma atualização de nossa devoção a partir dos parâmetros precisos do Vaticano II. Em sua elaboração convidou todos os Irmãos para que enviassem testemunhos do que Maria representava para eles. Essa foi uma circular conjunta, escrita pelo Superior Geral e os Irmãos. Era a alma coletiva do Irmãozinho de Maria que se expressava sobre quem "fez tudo entre nós" em âmbito institucional e individual.

"O projeto comunitário"
(19 de março de 1978, em 2 partes, 156 páginas):

Instrumento de revitalização muito adequado para o desenvolvimento de uma mística comunitária marista. Pouco a pouco as Províncias, as Comunidades o adaptaram na forma de ensaio. Adquiriu tal relevância que encontrou acolhida nas Constituições de 1986:

> "O projeto de vida comunitária é um meio importante para construir a comunidade Marista. Permite exercer a corresponsabilidade na procura da vontade de Deus. O Capítulo Provincial decide quanto a sua obrigatoriedade para as comunidades. Esse projeto incide sobre alguns pontos das Constituições de acordo com a situação concreta da comunidade. Leva em conta as prioridades da província, indicadas pelo Irmão Provincial, segundo as orientações do Capítulo. Deve ser aprovado pelo Irmão Provincial... Onde o projeto de vida comunitária não é obrigatório, o Capítulo Provincial indicará um modo de substituí-lo". (Cf. 50.1 e 50.2)

"A Fidelidade"
(8 de setembro de 1984, 510 páginas)

Densa circular, por seu tema e por seu tamanho. De fato, o tema da fidelidade merecia tal destaque. Os recentes acontecimentos em nível de Igreja e do Instituto o aconselhavam. Ser fiéis a Deus, à Igreja, à humanidade, a cada um... Não podemos falhar com Deus! Ele, embora onipotente, conta conosco, e apesar de tudo. Essa Circular foi seu testamento como Superior Geral, "seu canto do cisne". Foi lançado no final de seu segundo e último período de governo. Falava o homem fiel, "*que estava sacrificando sua vida pelo Reino*". Que deixara sua saúde ser consumida, aos bocados: em retiros, entrevistas, viagens, congressos... Tocava o ponto crucial: ser fiéis a Deus, ser fiéis ao Espírito nessa época pós-conciliar... E pensando que todos vivíamos a fidelidade e na fidelidade, voltou a nos convidar para que escrevêssemos com ele essa circular. Os testemunhos nela são abundantes, e de uma beleza e realismo comoventes. Deus continua fazendo maravilhas nos vasos de barro e a partir deles!

A influência renovadora que exerceu o Irmão Basílio Rueda, Superior Geral dos Irmãos Maristas, não se circunscreveu a seu Instituto, mas transcendeu a outras Congregações Religiosas por sua valiosa participação na União dos Superiores Gerais em Roma e em eventos eclesiais de primeira ordem, como o "Sínodo sobre a missão da família cristã" (26 de outubro – 25 de novembro, 1980) no qual participou a convite do Papa, São João Paulo II. E já para terminar seu segundo mandato como Superior Geral (somando um total de 18 anos com o primeiro), organiza tudo para que o XVIII Capítulo Geral (1985) desse a seu sucessor e a todo o Instituto um ponto de referência seguro para continuar caminhando pelos caminhos da vida: as Constituições. E será o Ir. Charles Howard, que ao recebê-las desse Capítulo Geral, submetê-las à aprovação da Santa Sé (que as aprovara mediante decreto no dia 7 de outubro de 1986) e apre-

sentá-las ao Instituto, como o novo Superior Geral consciente de toda a sua transcendência, fará uma magistral descrição de tal documento, que encerra de maneira privilegiada a expressão escrita do carisma de Marcelino, encarnado para nosso hoje, pós-conciliar e atual:

> "Sinto-me muito feliz em lhes apresentar o texto
> de nossas Constituições e Estatutos
> em sua forma definitiva. Esse texto representa,
> a um só tempo, um ponto de chegada e
> um ponto de partida. (...)
> Lendo-os, rezando-os, em particular
> ou em comunidade, descobrir-lhes-emos as riquezas;
> adquiriremos, ao mesmo tempo, ou retocaremos,
> os traços particulares de nosso rosto único
> no seio do Povo de Deus, e tornaremos atraente,
> especialmente para os jovens aos quais
> nos dedicamos. Que Maria, nossa Boa Mãe
> e Primeira Superiora, seja nossa inspiradora
> e nosso recurso na prática dessas Constituições
> e Estatutos, a fim de que, para além
> de todo legalismo, possamos realizar a finalidade
> de nossas vidas: amar e tornar amado Jesus Cristo".
> (Constituições e Estatutos dos Irmãos Maristas.
> Casa Generalícia dos Irmãos Maristas,
> Roma – Itália, 1986, p. 5 e 6)

E assim, a missão do "petit mexicain" como Superior Geral terminara. Dezoito anos de navegação sem ponto fixo de referência, conduzindo o barquinho marista com mão amorosa no timão e os olhos na estrela da manhã, infladas as velas da fidelidade com o sopro do Espírito e a mística genuína de Marcelino, e preservando suas intuições originais. Havia cumprido a missão de sua vida. O que viria depois seria importante porque indicaria sua simplicidade marista de viver deixando o espaço totalmente aberto para que o sucessor governasse.

Ao regressar ao México, foi encarregado de animar o Movimento Champagnat da Família Marista, pois sempre acreditou nos leigos maristas. E, em seguida, assumiu também a liderança do noviciado para transmitir o patrimônio marista existencialmente, formando o coração dos noviços, 'seus noviços', os quais Marcelino muito apreciava. Estou seguro de que esses jovens, à medida que amadureceram, tomaram consciência da dimensão espiritual do homem que viveu entre eles com tanta simplicidade. Então sentiram saudade de terem sido testemunhas privilegiadas da grandeza dos simples e da simplicidade dos grandes. Conviveram os últimos anos de um desses homens que, mesmo depois de mortos, continuam iluminando com luz crepuscular, como um sol poente prolongado e misterioso, os céus que nos abrigam...

Poucos dias antes do falecimento do Ir. Basílio (21 de janeiro de 1996), o Ir. Benito Arbués, Superior Geral, empreendeu uma viagem exclusiva de Roma a Guadalajara para passar quatro dias com o Ir. Basílio, cancelando todos os compromissos com o mundo marista. De certo modo, na pessoa de Benito, todo o Instituto esteve presente durante esses quatro dias à cabeceira de Basílio. Era de se esperar esse gesto tão fraternal. Bem sabia Benito que o Ir. Basílio podia perfeitamente dizer,

referindo-se a todos os Irmãos do Instituto, o que dissera o Fundador São Marcelino: "Trago a todos bem no fundo no meu coração". E que os Irmãos do Instituto dos anos 1967 a 1985 de todas as línguas e raças podiam lhe responder: "Basílio, nós também o trazemos no coração. Você deixou uma profunda marca em nosso ser".

CHAMPAGNAT E COLIN
Maristas no processo de desenvolvimento

Ir. Frederick McMahon*

Um estudo em três partes sobre o desenvolvimento pessoal e espiritual de Jean-Claude Colin, SM e Marcelino Champagnat, SM e o relacionamento entre esses Maristas em seus respectivos apostolados. As cartas também são examinadas pela sua influência sobre acontecimentos e personagens.

PARTIE III

Revelações das cartas: a correspondência de 1835 a 1840

INTRODUÇÃO

Nesta seção, relativa ao desenvolvimento de Colin e Champagnat como Maristas, propusemo-nos considerar as cartas do período de 1835 a 1840, aproximadamente.

Foi em setembro de 1836 – logo após a aprovação oficial da Sociedade de Maria por Roma (o ramo dos sacerdotes) pelo decreto "Omnium Gentium" – que Colin foi eleito Superior da Sociedade.

Os votos religiosos agora limitavam todos os membros, então a questão da obediência ganhou ainda mais importância para Champagnat no seu relacionamento com Colin.

Colin prova mostra ter uma influência moderadora entre sobre Champagnat e o Padre Douillet, um sacerdote com quem Champagnat teve um relacionamento tenso durante um longo período. Colin continua a demonstrar um interesse persistente em recuperar Terraillon para as fileiras maristas e desempenha um papel no aconselhamento de Champagnat quanto à questão da autorização oficial do Instituto dos Irmãos Maristas.

* O Ir. Frederick McMahon faleceu no dia 29 de setembro de 2015.

Colin, o Superior, surge em uma carta de repreensão a Champagnat, em agosto de 1837, e em uma carta de controle, em setembro do mesmo ano. Há, no entanto, um elogio a Champagnat, em uma carta sobre um noviciado em La Côte-St-André, mas há também um aviso para ser moderado ao lidar com o Pe. Douillet, de La Côte.

Colin pede orações para o sucesso da Missão Marista na Oceania e, no *front* doméstico, faz algumas declarações ameaçadoras sobre a "melhor dedicação" dos Irmãos, que seria de servir aos sacerdotes. Felizmente, Colin se volta para a ideia de formar um grupo especial, os "Irmãos José", como parte da congregação dos padres, separado do grupo de Champagnat.

Essa solução é acelerada pelo famoso episódio Verdelais, em que Champagnat é repreendido e recebe uma penitência por não ter enviado prontamente alguns de seus Irmãos para ajudar o padre marista em Verdelais. A regra "20.1" é então invocada, ou seja, um Irmão ajudando um Padre é vinte vezes mais útil apostolicamente do que ensinando em uma escola.

Mais tarde ocorreu outro problema, desta vez sobre o vestuário dos Irmãos Maristas e dos Irmãos José, mas uma solução veio com a decisão, em 1839, de separar permanentemente os dois grupos.

Colin novamente intervém apoiando outro projeto do bispo Devie – o noviciado em S. Didier. Finalmente, sua sugestão ao Champagnat agonizante enfermo de que o Instituto dos Irmãos passasse para as mãos do Arcebispo de Lyon, não trouxe nenhuma alegria ao agonizante Champagnat.

Há um longo período de tempo, quase cinco meses, antes de nos depararmos com a seguinte carta de Colin para Champagnat; ela se refere a um tema completamente novo:

Belley, 23 de abril de 1835.

Meu caríssimo confrade:

Demorei mais do que pensava para escrever esta carta. Não queria ser precipitado e quis ver o resultado do novo empreendimento do bispo para sua catedral. O assunto está resolvido; dois Irmãos (Sagrada Familia) devem tomar posse da sacristia em primeiro de maio. Espero que tudo isso concorra para a glória de Deus e seu justo culto. Para nós, o essencial é nos despojarmos de nós mesmos e evitar prudentemente tudo o que poderia enfraquecer o espírito de união tão necessário em um empreendimento, sobretudo neste em que trabalhamos. Se um espírito egoísta entrar muito em nossos esforços, em nossas relações mútuas, veremos em breve o espírito de Deus nos abandonar e, então, que poderíamos fazer de bom? Não há sacrifícios que não devamos fazer

para prevenir tal infortúnio. Lembremo-nos que não é para nós que trabalhamos; que nosso empreendimento não é um negócio nosso, mas de Deus; que um só sentimento deve ocupar nossas mentes, isto é, que devemos confiar em Deus e sempre temer que nos tornemos um obstáculo para seu projeto para nós. Pedi essa graça para mim; roguemo-la para cada um de nós e estreitemos mais e mais os laços de caridade que devem existir entre os membros da Sociedade nascente.
Podereis enviar o Ir. Eugène de volta para nós; ele não terá muito o que fazer na "Capucinière", mas poderá nos dar uma mão de várias maneiras no seminário. No lugar dele, devolvo para vós o Irmão André, que parece estar se saindo um pouco melhor, ou, ao invés disso, talvez envie de volta o Ir. Marie para tomar o santo hábito. Cada coisa como desejardes ou achardes adequado. Podereis mandar-me também a conta das despesas com o Irmão Eugène. Aquelas do Irmão Anthelme Millot ficarão por conta da família dele.
Quanto às Irmãs de St. Antoine, não sei bem o que devo dizer-vos. Talvez fizésseis bem em visitá-las e aconselhá-las sobre os meios de fundar, se possível, um estabelecimento de Irmãs na diocese de Grenoble. Seria preferível, entretanto, que tal fundação acontecesse na diocese de Lyon. Que em tudo, porém, se cumpra a vontade de Deus.
Estou muito satisfeito com o Irmão Timothée. Os meus confrades vos transmitem os mais ardorosos cumprimentos, bem como ao Pe. Terraillon e ao vosso confrade.
Sou, com a mais sincera e cordial afeição, o vosso muito humilde e muito dedicado servidor

Colin.[1]

Até onde é possível julgar, pelo primeiro parágrafo desta carta, parece que, em determinado momento, tanto para o bispo Devie quanto para os padres Colin e Champagnat, havia uma possibilidade de que a sacristia da catedral de Belley fosse confiada aos Irmãos da Sociedade de Maria, seja os Irmãos José ou os Maristas. No final, Devie chamou os Irmãos da Sagrada Família, que se encarregaram no dia 6 de maio de 1835. Este assunto não deve ser confundido com a ideia de uma união entre os Irmãos da Sagrada Família e os Irmãos Maristas, projeto que surgiu no outono seguinte.

Magnífico exemplo de exortação à abnegação. Esse primeiro parágrafo também pode ser considerado como uma manifestação de *mea culpa* por parte de Colin por não ter prontamente se disposto a ajudar o bispo em sua busca por sacristãos.

É bastante provável haver uma reprovação a Champagnat no parágrafo de abertura. Talvez Colin achasse que Champagnat, com os Irmãos à sua disposição, deveria ter sido mais disponível para ajudar o bispo da diocese de Colin, pois uma resposta pronta e positiva da parte de Cham-

[1] Carta do padre Colin ao padre Champagnat, O. M. 1, Doc. 336. São Marcelino Champagnat: *Cartas Recebidas*, Ir. Ivo Antônio Strobino; Virgílio Josué Balestro (Organizadores). Edição Brasileira, Curitiba: Champagnat, 2002. Carta 64, p. 130.

pagnat teria ajudado Colin na situação com seu bispo. Colin provavelmente desconhecia que Champagnat se opunha, em princípio, a que seus Irmãos se tornassem sacristãos; era um trabalho apostólico que trouxe muitos problemas para Champagnat em 1839 – o famoso caso Verdelais.

O pobre Colin ainda não tivera a sorte de se livrar do Ir. André – teve que aturá-lo até outubro!

Três anos antes, Colin pediu a Champagnat para obter informações em Grenoble sobre as Irmãs de S. Clair – um grupo de Courveille. Colin foi então informado de que as religiosas, trazidas por Courveille, estavam em S. Antoine desde 1826; talvez tivesse mesmo feito contato com elas. Em todo o caso, foi a Champagnat que elas se dirigiram na primavera de 1835, talvez com vistas à união com as Irmãs Maristas, questão discutida mais tarde.

Foi em outubro de 1835 que Colin escreveu ao Ir. Marie, aconselhando-a sobre a profissão dos votos. Ao longo da carta, Colin apresenta seu ponto de vista sobre os Irmãos José e os Irmãos Maristas:

Belley, 3 de outubro de 1835.

Estimado Irmão Marie,

Quanto ao que é ser Irmão Marista ou Irmão José, basta que você saiba que o mesmo Irmão pode, no mesmo dia, ser um Irmão Marista e um Irmão José. Ele é um Irmão Marista quando está ocupado em instruir as crianças, e é Irmão José quando está ocupado na forja ou na cozinha, o que é praticado mesmo em L'Hermitage. Você vê, portanto, que é a ocupação, por si só, o que faz a distinção."[2]

É claro que dessa distinção, curta e grossa, ressaltaram os problemas de uma situação que já estava carregada e se tornou ainda mais à medida que o número de Irmãos foi aumentando. É óbvio que os dois fundadores precisaram trabalhar juntos nesse tema. Infelizmente, a diferenciação entre os dois grupos de Irmãos foi feita apenas em 1839, e não pelos fundadores, mas por uma assembleia de padres maristas.

Enquanto isso, no que diz respeito à arquidiocese de Lyon, as diferenças persistiram entre Colin e

[2] Carta do Pe. Colin ao Irmão Marie, O. M. 1, Doc. 345.

Champagnat, por um lado, e os sacerdotes de Valbenoîte (da arquidiocese de Lyon), por outro. Colin preferiu uma concentração na diocese de Belley, mas foi dissuadido pelo plano do Vigário Geral de Lyon, Cholleton. Na carta seguinte, Colin pede que alguns do grupo de Lyon (não Champagnat) abandonem a proposta de uma fundação na cidade de Lyon. A palavra "noviciado", nas cartas que tratam desse tema, significa não tanto uma casa para a formação do noviciado como tal, mas, ao invés disso, uma casa reservada aos membros padres – uma residência onde eles poderiam levar uma vida religiosa:

Belley, 19 de janeiro de 1836.

Padre e muito estimado confrade,

Senti-me impelido a escrever-vos e sigo de bom grado esse impulso. Desde que trabalho para a Sociedade de Maria, sempre considerei como dever seguir os conselhos do Pe. Cholleton e estar de acordo com ele antes de agir. Nas circunstâncias atuais, quero, com a graça de Deus, novamente seguir mais fielmente este modo de conduta. Assim, em conformidade com o seu conselho, suspendemos todos os esforços para adquirir um noviciado. Penso que seria bom fazer o mesmo em Lyon e aguardar o tempo da Providência.

Vocês se lembram que os meus confrades tinham pensado que deveriam eleger dentre nós um centro de unidade; e esta medida certamente era de todo natural e necessária para o êxito do nosso empreendimento. Não declaro qual foi o resultado de tal medida, mas devo dizer isto, e dizê-lo com toda sinceridade: há um bom tempo tenho desejado de todo o meu coração colocar em outras mãos, com toda a documentação referente à Sociedade, este título de Superior que me foi outorgado, e espero muito em breve ver realizado meu desejo – o mais ardente desejo do meu coração. Sempre desejei que a escolha daquele que deve caminhar à nossa frente recaísse no Pe. Cholleton, mas, enquanto se aguarda que a Providência o desonere do Vicariato Geral e o ponha publicamente à nossa frente, devemos sentir a necessidade de que algum membro totalmente dedicado à Sociedade se torne o ponto central, para dirigir todas as aproximações com as administrações diocesanas e todos os novos empreendimentos. De outra forma, nada faremos de sólido e nos destruiremos. No passado, as imprudências e a falta de unidade atrasaram a obra, prejudicaram-na e, por certo, terminariam por torná-la impossível. É este sentimento, esta visão sobre as disposições mentais que me fazem dizer que deveríamos acabar nos concentrando na diocese de Belley até nova ordem e, nisto, expressei o desejo do meu coração, e não tanto a necessidade das circunstâncias.

Que devemos fazer, então, se abraçamos o êxito da obra? Devemos nos juntar mais do que nunca; não devemos fazer nenhuma abordagem junto às administrações de Belley ou de Lyon antes de termos discutido a questão juntos. A certeza de que nada faço sem consultar o Pe. Cholleton deve afastar de vós qualquer inquietude, qualquer temor de que eu esteja mais interessado nas questões

de Belley do que nas de Lyon. Aliás, aqui não quero ver senão o bem geral da Sociedade, cujo fim principal é que sejamos unidos e trabalhemos de acordo com os bispos.
Enfim, meu caro confrade, dirijo-me a vós, pois é em vós e no Pe. Pompallier que tenho mais confiança; é em vós dois que mais descubro este espírito religioso tão necessário ao êxito de um empreendimento. Estou inclinado a acreditar que será novamente por meio de vós que a Sociedade se consolidará na diocese de Lyon. Pensai também em pôr em ordem o ramo dos vossos Irmãos. Se eu tiver tempo, procurarei descobrir como poderemos vinculá-los ao grupo dos padres.
Avante, coragem. Entendamo-nos e nos esforcemos por todos os meios da prudência e da submissão às suas Senhorias para dar ao nosso empreendimento uma direção mais uniforme e mais firme. Ponhamos de lado todo espírito de interesse próprio, de ponto de vista particular. É à mesma obra que devotamos os nossos esforços; é o bem geral da Sociedade que devemos procurar, antes de mais nada. Roguemos ao Senhor que nos ajude e nos ilumine, especialmente na escolha dos candidatos que se apresentam, e que nos dê o verdadeiro espírito da Sociedade, que deve ser um espírito de humildade, de abnegação e de dedicação. Escrevo algo similar aos padres Pompallier e Cholleton.
Recebei a certeza do meu sincero afeto e respeito, nos quais sou o vosso muito humilde e obediente servidor,

Colin, Superior.[3]

Nesta carta, Colin deixa bastante claro o quanto deseja renunciar à sua posição como Superior Geral. É óbvio também que ele deseja que seu sucessor seja o Vigário Geral Cholleton, que na época não era membro do grupo marista.

Colin decide deixar para mais tarde a questão da escolha de um noviciado para os padres Maristas tanto de Belley quanto de Lyon. Seu desejo de se concentrarem na diocese de Belley, mesmo que isso signifique transferir homens de Lyon para Belley é, evidentemente, uma quimera, pois o Arcebispo De Pins não permitiria que seus padres fossem transferidos para outra diocese.

Colin presta uma simpática homenagem tanto a Pompallier quanto a Champagnat, mas sua menção aos Irmãos – "como poderemos vinculá-los ao grupo de padres" – soa ameaçadora, pois suas ideias e as de Champagnat sobre o *status* e a função dos Irmãos não eram de forma nenhuma semelhantes.

"Pensai também em pôr em ordem o ramo dos vossos Irmãos" provavelmente se refere a alguma forma de aprovação canônica.

[3] Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O. M. 1, Doc. 358. *Cartas Recebidas,* Carta 82, p. 163.

As preocupações que motivaram esta carta, a saber, a insatisfação de alguns membros do grupo de Lyon sobre a prevalência de Belley na administração dos negócios maristas, desapareceu em razão das boas notícias vindas de Roma: a aprovação Papal dos padres da Sociedade de Maria era iminente.

Em uma breve carta de 1° de março de 1836, Colin escreve sobre algumas questões administrativas. Ele adota um tom de admoestação:

Não sei se mantivestes uma escritura, com correções na margem, referente ao último contrato da Sociedade. Não o encontramos aqui. Poderíeis, por favor, providenciar que fosse enviado a nós. Fiquei muito triste por haverdes depositado vossa escritura da Sociedade no tabelionato de Saint Chamond. Era um ato de confiança, que não podíeis depositar; é o Sr. Bertholey o proprietário. Todas as coisas boas para vós,

Colin. [4]

A carta seguinte parece ser uma resposta a alguma correspondência de Champagnat que não foi mantida. Refere-se a outras cartas de Roma que não chegaram até nós:

"Belley, 11 de abril de 1836.

Meu caríssimo confrade,

Sinto-me envergonhado por não ter vos dado antes as felizes notícias que recebemos de Roma. Em 11 de março último, a questão da Sociedade dos padres foi aprovada pela Congregação dos Bispos e Regulares e, no mesmo dia, Sua Santidade aprovou bondosamente o decreto da Sagrada Congregação e ordenou a emissão das Cartas Apostólicas em forma de Bula. É o que tem me mantido ocupado – as seis cartas recebidas de Roma, duas delas dos cardeais Castracane e Sala. Estive tão ocupado que não pude vos dar antes as boas notícias. Façam gentilmente orações de ação de graças e transmitam as notícias ao Pe. Terraillon, a quem ainda amo, apesar de tudo. Tende o cuidado ao selecionar os Irmãos que podereis oferecer para a Polinésia. Eles devem ser bons sujeitos, firmes na virtude, suficientemente bem instruidos na religião e em todos os tipos de pequenas tarefas. Creio que a partida ocorrerá antes do que imaginamos; por isso tende-os prontos.

[4] Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, AFM 122.28(?) A360301C. DOC *Cartas Recebidas*, Carta 87, p. 176.

Fico satisfeito em saber que vos ocupais com a redação da Regra, o que me causa grande prazer. Mas lamento que não tenhais aproveitado a estadia do Pe. Depéry em Paris para tentar obter a aprovação dos vossos Irmãos; para mim a ocasião parecia favorável.
Registramos as espórtulas da missa que tão gentilmente obtivestes para nós, no total de 800 francos. Recebei os meus sinceros agradecimentos. Nossos missionários ainda não retornaram. Nós padres, e também os Irmãos, vos enviamos as mais respeitosas e afetuosas saudações. Estou pensando em ir a Lyon no começo de maio; ficaria muito feliz em encontrar-vos lá.
Não tenho tempo de reler a minha carta. Adeus. Abraço-vos de todo o meu coração (toto corde) e sou, com a mais cordial amizade,
Vosso muito humilde e obediente servidor

Colin, Superior

P.S. Tinha-vos falado sobre um dos meus irmãos a quem eu gostaria de ver morrer em l'Hermitage, se pudesses recebê-lo. É pela sua salvação que desejo colocá-lo aí; tem 55 anos de idade. Ele viveria junto com os vossos idosos aposentados sem, entretanto, utilizar seus próprios recursos.[5]

Pe. Depéry era secretário do bispo de Belley e estava em Paris para negociar a construção da catedral de Belley. Champagnat não era favorável ao procedimento sugerido e fez ele mesmo a viagem a Paris em agosto.

O irmão de Colin, Sebastien, nascido em 1782, enfrentou alguns contratempos nos negócios. Ele acabou não indo para L'Hermitage, mas se refugiou na casa de um irmão mais velho e lá faleceu quatro anos depois. Os "*vieux rentiers*" (idosos aposentados) eram homens com recursos próprios para se sustentar. Eles pagavam pensão e assim ajudavam nas finanças de L'Hermitage.

O Cardeal Castracane escrevera para Colin, no dia 11 de março, confirmando-lhe que a aprovação da Sociedade de Maria era certa, principalmente em razão do compromisso Marista com a missão além-mar na Oceania. Colin foi obviamente lento em contar a Champagnat e a outras partes interessadas sobre a aprovação dos Padres Maristas por Roma. Mas o atraso talvez tenha aumentado o tamanho da incontida alegria que brotou dos corações maristas.

Notamos o continuado interesse de Colin na vocação marista de Terraillon, interesse que finalmente levou Terraillon a se juntar ao grupo. Observamos também o fluxo constante de contribuições das espórtulas das

[5] Letter of Fr Colin to Fr Champagnat, O. M. 1, Doc. 380. *Cartas Recebidas*, Carta 88, p. 177.

missas. Os missionários de Colin e os padres que lecionavam no seminário podiam prontamente celebrar missas pelas intenções dos doadores de espórtulas, pois, não estando ocupados em paróquias, não estavam normalmente disponíveis para as intenções de missa dos paroquianos.

Ouvindo que a Bula Papal *"Omnium Gentium"* (embora ainda não tivesse recebido uma cópia) autorizava os Padres Maristas a fazer os votos, Champagnat escreveu a Colin para se declarar pronto para fazê-los. A esta generosa oferta Colin, Superior provisório, respondeu:

Belley, 23 de junho 1836

Meu muito estimado confrade,

Sem dúvida sabeis que a Bula de aprovação da Sociedade nos autoriza a eleger um Superior Geral. Enquanto isso, estou muito longe de querer considerar-me como tal e, consequentemente, agir nessa qualidade. Até a eleição, concordo totalmente em continuar, como no passado, a ser o ponto de união, mas tomarei o cuidado de não ordenar ninguém nem receber quaisquer votos.
Não é menos verdade que as vossas disposições me edificam grandemente. Gostaria muito que todos os outros confrades pensassem e agissem como vós. Espero que com o tempo Deus lhes dê essa graça.
O Pe. Mazelier escreveu-me e anexou o prospecto da sua congregação de Irmãos. Fala-me de unificação com os Irmãos Maristas, mas ele deseja que algumas das suas Regras sejam mantidas, como a possibilidade de enviar um Irmão sozinho que, então, viveria com o pároco.
Esperarei vossa opinião antes de responder a ele.
Não sei se é este o momento certo de viajar a Paris. As Câmaras estão fechadas e os ministros ficarão felizes em descansar por algum tempo. Em todo o caso, o Pe. Depéry está retornando a Paris; deve sair na segunda-feira à noite. Poderíeis talvez confiar a ele os vossos documentos. Ele encontrará o Cônego Bétemps em Lyon. Vós poderíeis enviar por ele vossos documentos e recomendações e ele os entregará ao Pe. Depéry, o qual me disse estar disposto a cuidar deles. Vedes o que é mais conveniente fazer.
O Pe. Pompallier acaba de escrever-me. Ainda não foi consagrado, mas está se preparando para isso. Penso que não virá antes do mês de agosto.
A casa do noviciado é ainda o objeto do meu empenho. Precisamos necessariamente ter uma se queremos começar bem. Não importa o lugar onde esteja, desde que a tenhamos e façamos a santa vontade de Deus. Se escutardes muito em breve algo sobre as intenções dos superiores de Lyon, dai-me o prazer de conhecê-las. Vejo agora menos dificuldades em ter esta casa na diocese de Lyon. Se uma providencial ocasião nos ajudar a encontrar uma, aceitá-la-ei, ou melhor, serei uma parte dela.
Todos os confrades vos abraçam nos corações de Jesus e de Maria. Rezemos, e rezemos sem cessar. Estou pensando em escrever ao Pe. Terraillon assim que tiver um momento livre. Enquanto isso, induzi-o a examinar cuidadosamente diante de Deus o que Maria tem direito de esperar dele.

Os Irmãos estão bem e vos oferecem o respeito e o sentimento de obediência.
Tenho a honra de ser, em cordial amizade e respeito, caríssimo confrade,
Vosso muito humilde e totalmente dedicado servidor,

Colin, Superior [6]

Ao elogiar a disposição de Champagnat em fazer os votos, Colin parece temer que certos aspirantes à Sociedade não estejam tão bem decididos a fazer os votos. Pela segunda vez Colin recomenda o procedimento de tentar a autorização legal dos Irmãos de Champagnat por intermédio do Pe. Depéry. Evidentemente, Champagnat não era favorável a isso e ele mesmo foi a Paris em agosto.

No parágrafo anterior às costumeiras cortesias finais, há uma clara referência à profissão religiosa de Terraillon na Sociedade de Maria, que foi um dos primeiros aspirantes a fazer a promessa em Fourvière.

Ao final de 1836, chegou a seguinte correspondência de Colin. Ele necessita de reforços:

Lyon, 16 de novembro de 1836

Meu muito querido confrade,

Desde ontem estamos aqui, meu irmão e eu. Pensamos em abençoar a capela da casa no próximo sábado, dia dezenove do mês corrente. Peço-vos que envie o Pe. Besson para nós. Ficarei muito grato se ele chegar no sábado para que, todos juntos, possamos estabelecer a regra e ordem da casa. Como a casa em Lyon é mais importante que qualquer outra, creio, pois, ser necessário que deixeis conosco o Irmão Luc, que resolve perfeitamente nossa situação. Portanto, por favor colocai o Irmão Felix no lugar do Irmão Luc e enviai Luc para nós, se for possível.
Solicito-vos que providencie o envio para mim da ata da Sociedade dos confrades de Valbenoîte, um documento que tendes em vossa posse. As pessoas me pedem cópias dos Prospectos do estabelecimento de vossos Irmãos; poderíeis por favor enviar-me alguns exemplares? Há uma solicitação para enviardes Irmãos para Draguignan, Departamento de Var. Dai-me vossa resposta.
No que diz respeito às Irmãs, sobre as quais me fizestes um pedido, é assunto que só podemos

[6] Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O. M. 1, doc. 396. *Cartas Recebidas*, Carta 90, p.182.

tratar em uma conversa pessoal. Não sei quando poderemos nos ver. Pe. Besson pode trazer seus pertences, pelo menos os essenciais.
Escrevo-vos com muita pressa e tenho tempo somente de dizer que sou, com respeito, meu muito querido confrade, o vosso muito humilde e muito obediente servidor,

Colin, Superior[7]

Com a aprovação da Sociedade por Roma, aumentou a importância de um noviciado apropriado para a formação dos futuros padres Maristas. Colin tem tal lugar em Lyon e deseja que Champagnat envie um Irmão (Luc), admiravelmente adequado para essa situação. Também solicitou os documentos dos padres de Valbenoîte, assim como cópias dos Prospectos dos Irmãos.

Pode-se observar que, como o recém-eleito Superior Geral da Sociedade de Maria, Colin vai se envolvendo em todos os aspectos da Sociedade – a transferência dos Padres e Irmãos, as recomendações para a abertura de novas escolas para os Irmãos, as questões das Irmãs etc. Parece haver um tom peremptório na ordem urgente sobre a proposta de troca dos Irmãos, embora a expressão "se for possível" seja uma atenuante.

Belley, 1º de março de 1837.

Padre Superior,

Um aumento de atividades provocado pelos mais de 80 dos nossos estudantes afligidos por gripe me fez adiar a resposta à sua última carta. Não obstante, providenciei que um confrade fosse solicitado para vos pedir que não façais nada precipitado com o Pe. Douillet, e me atrevo a implorar-vos novamente. Uma ruptura aberta prejudicará toda a Sociedade na diocese de Grenoble, onde as imprudências do Pe. Courveille ainda são recentemente lembradas. Lembrai-vos de que o espírito do Senhor é suave e frequentemente obtemos com o tempo o que no começo não esperávamos conseguir. Contentemo-nos, pois, em rezar até que surja uma nova situação. Quando nos virmos novamente na época da Páscoa, tomaremos juntos as medidas de prudência que Deus nos sugerir. Sinto cada vez mais a necessidade de união nos nossos vários empreendimentos e me ocupo sinceramente em alcançar essa unidade. Caso contrário, os diversos ramos da Sociedade prejudicarão uns aos outros. Ocorre, com frequência, que nós não vemos nenhum problema onde,

[7] AFM 122.29 A361116C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 99, p.200.

entretanto, os superiores veem diversos. Vejo isso todos os dias e, nas vossas negociações com o Pe. Doullet, se a questão não fosse, pela sua natureza, nociva à Sociedade dos padres, teria me abstido de aconselhar-vos por razões que vos exporei mais tarde.
Tenho a honra de ser, com respeito, o vosso humilde e muito obediente servidor,

Colin, Superior.

P.S. Penso em escrever ao Pe. Terraillon sobre meus sentimentos relativos às nossas disposições para os Padres Maristas.[8]

Nesta carta, há mensagens a serem lidas nas entrelinhas. "O espírito de Deus é suave" insinua que Champagnat é abrupto em seu modo de agir. "Ocorre, com frequência, que nós" (ele provavelmente se refere a Champagnat) "não vemos nenhum inconveniente em situações onde os superiores veem diversos". A implicação é: "Por favor, não cause mais nenhum problema na Diocese de Grenoble por causa de uma ação repentina tomada por causa do Pe. Douillet." Colin pode também querer dizer que, se os superiores (Colin e Champagnat) estão divididos sobre esse assunto, com certeza se trata de um mal-entendido.

Agora, os Irmãos de Champagnat haviam sofrido muito com as autoridades da igreja local em La Côte-St-André, diocese de Grenoble, em razão da interferência na vida dos Irmãos por Douillet e sua governanta. Nos primeiros anos da fundação, contudo, o mesmo Douillet trouxera onze postulantes a L'Hermitage; portanto, a região parecia boa para vocações ao sacerdócio e à vida religiosa.

Uma razão adicional para evitar ação precipitada está na referência a Courveille. Aqui Champagnat é lembrado do desastre educacional dos empreendimentos de Courveille na diocese de Grenoble. Por isso, os Maristas, como antigos associados de Courveille, deviam agir com cautela.

"*Frequentemente obtemos com o tempo o que no começo não esperávamos conseguir*" é uma chave para entender Colin e seu modo de agir.

Belley, 15 de março de 1837.

Meu caro Superior,

O Pe. Depéry, Vigário Geral de Belley, tem que ir a Paris após a Páscoa. Ele deseja conseguir para vós a aprovação dos seus Irmãos. Para tanto ele solicita:

[8] AFM 122.17 370301C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 112, p.228.

1. Uma cópia dos documentos enviados a Paris com essa finalidade; 2. Uma indicação do departamento onde os referidos documentos foram depositados e a identidade das pessoas a quem foram confiados.
Finalmente, ele pensa que o êxito seria assegurado se fossem submetidos os Estatutos das congregações de Irmãos já aprovadas.
O bispo também parece estar disposto a aprovar o estabelecimento de St. Didier. Por conseguinte, poderíeis responder-me o mais rápido possível?
Como temos muitos doentes no Seminário, o Ir. Paulin, que chega de Savcy, foi solicitado a assumir as funções de enfermeiro. Se ele se ajustar à situação, gostaríamos de mantê-lo conosco. Vede se há essa possibilidade. Estou pensando em vos enviar o Ir. Léon. Não creio que esse jovem se saia bem em algum lugar; falta-lhe tanto virtude quanto juízo.
Peço-vos que me forneçais o resultado de vossas tentativas em Grenoble e me deixeis saber o dia preciso de vossa reunião em Lyon com o Pe. Terraillon; precisamos chegar a um acordo sobre diversos assuntos.
Aceitai a certeza do respeito com que tenho a honra de ser,
Padre, o vosso muito humilde servidor,

Colin, Superior[9]

Aqui, Colin novamente insiste para que Champagnat aceite os serviços do Pe. Depéry no empenho de obter autorização legal para os Irmãos, uma oferta que não foi acolhida por Champagnat. Por deferência às autoridades eclesiásticas, Champagnat permitiu que uma escola dos Irmãos Maristas fosse instalada em St. Didier em 1836, mas o Bispo Devie e Champagnat não conseguiram chegar a um acordo sobre o noviciado para os Irmãos, como pretendia o bispo. Este, que tinha sido bispo de Colin desde 1824, não ficou satisfeito.

Novamente vemos o processo de intercâmbio de Irmãos, um procedimento que deve ter sido inconveniente para Champagnat. Também notamos o contínuo interesse de Colin em-assegurar Terraillon para os Maristas. Terraillon fez os votos com eles em 1836, mas permaneceu como pároco de Notre-Dame em St. Chamond, morando, portanto, perto de Champagnat. Colin também expressa sua preocupação com os assuntos da diocese de Grenoble (os problemas de Champagnat com Douillet).

[9] AFM 122.18B A370315C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 115, p.232.

Belley, 22 de junho de 1837

Meu caríssimo confrade,

O Ir. Paulin pede que eu me empenhe junto a vós em favor dele. Respondi-lhe que ele devia tratar desse assunto com o seu Superior imediato, que eu o consideraria como sendo da Sociedade somente quando vós o aceitásseis. Vede o que pode ser feito. Ele parece muito arrependido. Não acredito que seja pessoa extraordinária.
Um rapaz de quinze anos, irmão de duas religiosas de Bon Repos, se apresentou para nós. Estou pensando em enviá-lo para vós; ele poderá pagar pelo noviciado.
Teria gostado muito que me tivésseis escrito a respeito do velho Sr. Villot – o que ele está fazendo, se estais contente com ele, o que pensais dele. Estão procurando um lugar para ele e espero não deixá-lo convosco por muito tempo. Tende paciência. Se encontrardes um lugar para ele, podereis dar-me sua opinião sobre isso. O bom Senhor o recompensará pela vossa caridade.
Os Irmãos estão indo como de costume e vos enviam saudações. Parece-me que não estais cuidando o suficiente da vossa saúde. Tentai cuidar de vós um pouco mais quanto a esse aspecto.
Minhas saudações ao Pe. Terraillon.
Tenho a honra de ser, com respeito, o vosso muito humilde e obediente servidor,

Colin, Superior.

P.S. Todos os seus confrades de Belley vos abraçam.[10]

Colin revela um tom fraterno em sua sincera preocupação com a saúde de Champagnat. A maior parte da carta está preocupada com a adequação ou não de um Irmão (Paulin) e também de alguns candidatos a admissão na Irmandade. Terraillon é novamente mencionado.

Com toda a probabilidade, o nome "Villot" é uma grafia errada de "Millot", um dos sobrinhos de Jeanne-Marie Chavoin. Colin estaria muito interessado nesse jovem, em parte por causa de Jeanne. Ele conhecera a família Millot nos primeiros anos em Cerdon; daí o interesse permanente de Colin. Esse jovem fez os votos temporários como Irmão Marista em 1835, renovou então em 1836, mas após 1837 não mais constou da lista de Irmãos professos.

Lyon, 7 de agosto de 1837

Caríssimo confrade,

Estou atrasado em responder à vossa carta. Mas, além de estar muito ocupado, não sei bem o que dizer desta aquisição sobre a qual me perguntais. O ramo dos Irmãos ainda não tem bases consolidadas sobre as quais podemos estabelecer uma resposta para a questão.

[10] AFM 129.19 A370622C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 123, p. 248.

Os estabelecimentos específicos dos Irmãos terão fundos ou rendas fixas pertencentes à Sociedade ou a cada estabelecimento particular? Ou terão apenas os salários fornecidos pelas paróquias com o pagamento mensal das crianças? Há tantos outros pontos importantes que seria necessário definir. Então seria fácil responder à questão proposta.

De qualquer modo, rezemos com fervor. Talvez estejamos sendo muito negligentes com esse meio único que temos para conhecer a vontade de Deus e ter sucesso em nossos empreendimentos.

Sinto-me impelido a aconselhar-vos a suspender por três meses qualquer tipo de projeto, a fim de que vos ocupeis inteiramente em construir e colocar em uma base firme sua Casa Mãe e seus próprios estabelecimentos, e regulamentar tão bem vossos assuntos que, se morrêsseis no período de três meses, tudo estaria em ordem.

Peço-vos, como amigo e confrade, que vos ocupeis menos com questões externas do que com as questões espirituais – aquelas da vossa comunidade. Vossa saúde melhorará com isso – assim como vossa alma.

Creio que ainda não chegou o momento de priorizar arranjos similares para os estabelecimentos dos padres. Ainda não oferecemos garantia suficiente e poderíamos inspirar desconfianças. Pe. Chomel, vigário de Tarentaise, está pedindo para entrar na Sociedade. Poderíeis examinar a vocação dele e me dizer o que pensais sobre essa questão? Ontem vi o Pe. Paullier. Sobre os Irmãos em Fourvière, ele os aceitará com o hábito deles. Ele pediu apenas dois deles; mas adiamos alguns assuntos até o mês de setembro e tomamos este tempo para examinar as coisas diante de Deus.

Gostaria de saber se podemos fazer o nosso retiro no dia 11 de setembro, isto é, começá-lo neste dia. Não tenho tempo de conferir a minha carta. Estou voltando para Belley novamente. O vosso muito humilde irmão,

Colin, Superior.[11]

Evidentemente, há aqui referência a alguma aquisição que Champagnat pediu para fazer. Podemos perceber certa aspereza em "*Você age muito rapidamente*". Em todas as orientações dadas aqui por Colin podemos constatar uma tentativa, se não de organizar a vida e o trabalho de Champagnat, pelo menos de assegurar que tudo esteja em ordem nos seus negócios. Agora que a Sociedade de padres maristas tinha sido aprovada por Roma, Colin vai se tornando cada vez mais cuidadoso das implicações financeiras e patrimoniais para o ramo dos Padres Maristas e também para os ramos "dependentes" – aqueles das Irmãs e dos Irmãos. Ele quer conter Champagnat nas questões patrimoniais – daí a moratória de três meses.

Ao pedir a Champagnat para acompanhar a vocação marista do Pe. Chomel, Colin estava depositando muita confiança no seu julgamento a respeito desse assunto. E mais uma vez Colin se preocupa com a possibilidade de uma outra abertura apostólica para os Irmãos, assim como ele

[11] AFM 122.20, CSG 01, 230 A 370809C. DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 125, p.251.

também se mostra preocupado com o que considera ser o envolvimento excessivo de Champagnat com "assuntos exteriores". Claro, ele parece também estar ansioso para que Champagnat não se comprometa demais financeiramente. Quaisquer que sejam as razões para a correspondência, contudo, Colin, como Superior religioso, dá uma lição sutil sobre os benefícios da oração e a concentração no espiritual – "rezemos com fervor". Ele argumenta que a saúde de Champagnat vai se beneficiar disso. "Assim como sua alma" é um toque sutil (e melodramático) de clímax.

29 de setembro de 1837

Meu estimado confrade,

Obtive os recursos para enviar todos os Irmãos de Belley para o Retiro. Espero que você os encaminhe todos de volta para mim ou os substitua se for mais favorável para mim. O Ir. Timothy é absolutamente necessário em Belley; peço gentilmente que não o retenha. Estou igualmente lhe enviando um noviço, Sr. Bellimas. Ficaria muito mais tranquilo se ele recebesse o hábito sagrado após o Retiro. Além disso, devo chegar em L'Hermitage antes do final do Retiro.
Peço-lhe que aceite que meu irmão e Pe. Convers sigam para St Etienne durante o Retiro. Pe. Lagnier os substituirá. A ausência de meu irmão seria longa demais se ele fosse a St. Etienne apenas após o Retiro.
Ore intensamente para que o Senhor bondoso me proporcione os meios para ajudar-vos o quanto antes. Peço essa graça a Ele todos os dias; sinto que precisais disso.
Por motivos de compaixão e caridade, e também para removê-lo de suas instalações, permiti que o Sr. Millot venha visitar os parentes em Belley. Ele não é noviço, tampouco teólogo. Já me ocupei de encontrar um lugar para ele. A propósito, não foi a superiora de Bon Repos que me induziu a tomar a posição que assumi; foi apenas o meu desejo de afastá-lo do lugar onde estava.
Por intermédio de uma correta pessoa de fé, sou levado a crer que o pároco de Tarentaise foi mais uma vez induzido ao erro. Vou conversar convosco longamente a respeito do assunto em questão.
Um abraço, com todo o meu coração. Vosso muito humilde servo,

Colin, Superior[12]

Há uma forte conotação de autoridade no primeiro parágrafo na referência ao Ir. Timothy. Para Champagnat, as escolas precisavam dos melhores homens disponíveis, então a reivindicação de Colin por Irmãos que tivera à sua disposição anteriormente ou outros novos mais adequados, mostra que ele talvez não estivesse plenamente consciente da

[12] Arquivos dos Irmãos Maristas, Roma.

multiplicidade de demandas de Champagnat para seu grupo de religiosos. Talvez, com a devida consideração de sua parte, Colin sentia honestamente que suas necessidades tinham prioridade sobre as da maioria dos outros solicitantes.

Aqui vemos novamente a preocupação de Colin com Millot (sobrinho de Jeanne-Marie Chavoin), que se retirou dos Irmãos de Champagnat. Segundo o Pe. Jean Coste, Millot, ao deixar a Sociedade em 1837, se estabeleceu como professor em St-Victor-sur-Rhins, onde faleceu em 1840.

A referência ao pároco de Tarentaise mostra que Colin não vivia no isolamento de uma torre de marfim. Ele tinha consciência dos eventos locais, mesmo aqueles em lugares tão distantes como Tarentaise.

12 de outubro de 1837

Meu caríssimo confrade,

Estive com o Pe. Douillet ontem. Disse-lhe que não aceitais as condições propostas por ele. Porém, mudando de assunto, achei-o homem bom e íntegro, que pode prestar serviços à Sociedade. Prometi-lhe que vos escreveria e que vos pediria que enviásseis os Irmãos como de costume. E intimo-vos que o faça. Ao mesmo tempo, poderíeis escrever-lhe dizendo que não aceitais de maneira nenhuma as suas condições, mas que vós e eu iremos ter com ele depois da festa de Todos os Santos, e então procuraremos, os três juntos, estabelecer bases sólidas e favoráveis ao estabelecimento de Côte-Saint-André e da Sociedade. Se, nessa visita, não pudermos definir nada nem chegar a um acordo, então vamos esperar um ano. Devemos conversar com o bispo de Grenoble e, no ano seguinte, devereis fazer as mudanças em La Côte como desejardes. Lembrai-vos que tendes obrigações com todas as dioceses, e deve cuidar dos assuntos em todas elas. Não veria grande dificuldade em que, em breve, houvesse em La Côte um bom noviciado, desde que fosse dirigido com o mesmo espírito de L'Hermitage e que permanecesse sob a vossa orientação. Portanto, enviai, imediatamente, pelo menos um Irmão à casa em Lyon; o Irmão Luc não pode fazer tudo sozinho. Sabeis que são necessários dois deles. Se o Irmão Benoît não quiser retornar, enviai-nos alguém forte, que possa trabalhar na horta. Enviai também de volta imediatamente para Belley os dois que devem partir. Caso possais prescindir ainda do Irmão Marie, nós o receberemos com prazer.
Abraço-vos de todo o coração. O vosso muito humilde servidor,

Colin, Superior[13]

[13] CSG 01, 235 A371028C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 135, p. 269.

O caso Douillet mostra a prudente intervenção de Colin para reter os Irmãos de Champagnat na diocese de Grenoble. Champagnat sofreu bastante com a interferência de Douillet na vida e no trabalho de seus Irmãos em La Côte-St-André e esteve fortemente inclinado a retirá-los de lá. Colin, no entanto, tinha consciência do erro de Courveille nessa diocese e estava ansioso em não colocar os Maristas em mais descrédito com os habitantes, retirando dali os Irmãos Maristas. Além disso, ele também via possibilidades para um noviciado dos Irmãos ali. O mesmo Douillet tinha sido responsável por enviar postulantes a L'Hermitage, portanto havia outra razão para agir com cautela. A fórmula de Colin para um longo período de reflexão, como destacado nesta carta, mostra novamente sua abordagem "*festina lente*" (*apressa-te lentamente*).

"Lembrais-vos que tendes obrigações com todas as dioceses e deve cuidar dos assuntos em todas elas", isto é, Champagnat deve organizar as questões com todas as autoridades diocesanas e cuidar de todos os seus Irmãos, onde quer que estejam. Talvez haja aqui uma sugestão de que os Irmãos que trabalham nas casas dos Padres poderiam ser negligenciados.

"Portanto, enviai, imediatamente, pelo menos um Irmão à casa em Lyon; o Irmão Luc não pode fazer tudo sozinho". Colin está sempre ansioso para prover as casas dos padres com um número suficiente de Irmãos, tanto Maristas quanto José, para manter as residências presbiterais.

Colin faz um sincero elogio a Champagnat quando fala da possibilidade de estabelecer um noviciado em La Côte-St-André. Suas palavras "desde que fosse dirigido com o mesmo espírito de L'Hermitage, mas sempre sob a vossa orientação" são o reconhecimento da capacidade de Champagnat para formar homens. Para um homem que não é particularmente conhecido por conferir elogios, Colin aqui presta tributo à competência de Champagnat.

19 de outubro de 1837

Meu caríssimo confrade,

Estamos esperando os Irmãos ainda com mais impaciência, porque temos uma necessidade cada vez maior deles. Estou espantado que não tenhais nos enviado pelo menos dois – o Irmão André e o Irmão Marie – ou outros. Poderíeis por favor enviá-los imediatamente? A Festa de Todos os Santos se aproxima e os preparativos para a reentrada das crianças nos mantêm esperando por eles, pois estamos sobrecarregados de ocupações. Rogo-vos também que neste ano nos envieis Bellimaz, aquele que vos encaminhei sem o hábito. Deixai que traga também as roupas comuns, porque, algumas vezes, terá necessidade delas. Poderíeis dizer ao Sr. Voron, de St. Jean Bonnefonds,

que não pude encontrar lugar para ele. Podemos enviá-lo somente para um lugar onde, acredito, ele não seria bem sucedido. O Pe. Chanut permanecerá convosco, para ajudar-vos, e o Pe. Lagniet chegará a La Favorite como capelão, por enquanto.
Por favor, aceitai a expressão da minha sincera afeição. O vosso devotado e muito humilde servo,

Colin, Superior[14]

"Estou espantado que não tenhais nos enviado pelo menos dois...". O tom geral aqui é de impaciência e urgência em relação à provisão de Irmãos para as casas dos padres. Pe. Lagniet, mencionado acima, veio a se tornar um importante membro da Sociedade de Maria como Provincial, Assistente-Geral e historiador. Chanut também tem sua importância, pois ele veio a se tornar "a faísca" que levou à carta explosiva de Colin para Champagnat em 1839.

La Favorite, nessa época, era um internato dirigido pelos Irmãos Terciários de Maria, tendo Pompallier como primeiro capelão. Os jardins dessa propriedade foram projetados pelo famoso Le Nôtre, um dos mais importantes paisagistas do século 18.

Belly, 27 de outubro de 1837

Meu caríssimo confrade,

Lembrai-vos que o Irmão que vos solicito estará continuamente no meio de crianças que vêm de familias seletas, e, portanto, é necessário que tenha certa compostura e seja bem-educado. É necessário também que ele tenha uma boa mão para escrita e ressoe os valores morais, pois ficará no dormitório dos meninos e será obrigado a prestar-lhes, a todo o momento, serviços que lhe demandam virtude comprovada. Poderíeis contar com um noviço que conheceis apenas por informações de outrem? Pedi Bellimaz, porque temia ter outros menos aptos ainda do que ele e, além disso, todas estas mudanças trouxeram problemas para toda a minha casa. De acordo com todos os relatos, duvido muito que o Irmão Fabien possa substituir o Ir. Marie, que, além disso, voluntariamente consentiria em retornar.
Estou bastante disposto a ceder para agradar-vos, mas é preciso também que procureis dar o que é razoavelmente necessário para nós, caso contrário poderíeis colocar-nos em uma situação embaraçosa e dar aos confrades padres uma ideia desfavorável sobre vossos Irmãos, se não podeis nos enviar alguém capacitado. Conto portanto convosco para a escolha dos Irmãos que ireis enviar-nos –

[14] AFM 1.2.2.22 A371019C. DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 136, p. 270.

exceto que devo reclamar se nos servirdes mal e eu tiver que prover essa necessidade de outra maneira.
É do interesse da Sociedade que as casas dos padres sejam bem servidas e que, para isso, se for necessário, fundemos menos estabelecimentos.
Estou pensando agora em uma grande reforma no governo e na administração dos Irmãos e espero de vós uma obediência verdadeiramente religiosa, que vos dará renome e felicidade. Mas, antes disso, rezemos com fervor para que Deus nos ilumine e vos dê o seu espírito. Não quereria, por nada neste mundo, colocar na frente dos meus planos um pingo sequer de minhas ideias, porque tenho certeza de que o bom Senhor deixaria de nos abençoar. Vossas ideias parecem-me por demais fixas em certos pontos, e duvido de que, nessas questões, estejais cumprindo a vontade de Deus.
A Providência proveu-vos o Pe. Chanut para auxiliá-lo. Formai-o bem; evitai tratar os negócios de maneira precipitada; evitai, além disso, todo tipo de brincadeira, as quais considero inteiramente opostas ao espírito religioso.
Nossa fraterna saudação a todos os confrades. Devo escrever ao Pe. Lagnier para orientá-lo sobre o curso da ação de La Favorite. Neste meio tempo, dizei-lhe que ele terá de se preocupar somente com os assuntos espirituais da casa, que ele se manterá afastado de todas as outras questões.
Abraço-vos, bem como todos os vossos Irmãos e, especialmente, o Irmão François, com sincera afeição, e sou, com respeito, vosso muito humilde servidor,

Colin, Superior[15]

Colin solicita um Irmão que se apresente bem, tenha alguma educação, tenha boa mão para a escrita e seja confiável no aspecto moral... "Mas devo reclamar se me enviardes um inferior." Este é um comentário um tanto cortante. Colin também insinua que os padres terão a impressão que Champagnat não está discernindo bem sobre a escolha de Irmãos a enviar-lhes. Apresenta, assim, o que poderia ser considerada uma prática desleal – tentar influenciar Champagnat sugerindo que haverá uma queda na estima que seus companheiros Padres Maristas lhe têm.

"Vamos deixar as casas dos padres bem servidas, mesmo que seja necessário fundar menos estabelecimentos". Uma prioridade é estabelecida aqui, o que sugere que servir as casas dos padres deveria ser a função primordial dos Irmãos. Se "menos estabelecimentos" se refere às casas dos Irmãos, como parece ser o caso, então Colin talvez esteja sugerindo que os Irmãos professores deveriam cobrir as lacunas nos serviços das casas dos padres.

"Duvido de que nisso estejais fazendo a vontade de Deus". Este é um

[15] AFM 122.23 A371027C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 139, p. 277.

forte ataque a Champagnat por seu superior religioso.

"Evitai tratar os negócios de maneira precipitada; evitai, além disso, todo tipo de brincadeira, as quais considero inteiramente opostas ao espírito religioso." O aborrecimento é claramente demonstrado aqui, bem como uma atitude preconceituosa em relação ao brincar. Fica bastante claro que Colin está sob tensão.

"Uma grande reforma no governo e na administração dos Irmãos" soa ameaçador, mas Colin não toma medidas imediatas para realizar essa "grande reforma". De fato, foi a Assembleia de Padres Maristas, em 1839, que determinou a separação os Irmãos José e os Irmãos Maristas – decisão que, tomada antes, teria evitado muita tensão e dor de cabeça.

A referência a formar bem Chanut é, à luz dos acontecimentos subsequentes, irônica, pois Chanut foi aquele cujos projetos provocaram uma explosão de raiva de Colin contra Champagnat.

Belley, 26 de dezembro de 1837

Meu caríssimo confrade,

No mesmo dia de minha partida de Lyon, o Pe. Burgos, que é oriundo, creio, de Saint Etienne e foi Diretor do Colégio de Villefranche e de outro colégio durante doze anos, veio se apresentar para ingressar na Sociedade. Ele tem quarenta e sete anos de idade, é um homem bem educado e acostumado com questões administrativas. Depois de uma consulta ao Pe. Cholleton, foi decidido que vos pediríamos que o recebesse em sua casa, acreditando que ele vos será útil. Ele pagará 500 francos no primeiro ano. Mais tarde, ele pagará algo se permanecer na casa. Mas é oportuno que eu diga que esse homem tem muito a ser dito sobre ele – creio que do ponto de vista moral. Ele sofreu interdição, mas há um ano voltou do período de exame de consciência; recebeu novamente o direito de celebrar a missa. O Cura D'Ars, que o converteu, aconselhou-o a entrar para a Sociedade. Vós tendes plena consciência de que não podemos recebê-lo em Lyon. Não creio que tereis a mesma dificuldade de recebê-lo em L'Hermitage, como padre aposentado, pagando sua alimentação e sua hospedagem. Deixo-vos à vontade para fazer o que desejar. Fale sobre isso somente com o Pe. Terraillon. Se achardes que pode recebê-lo, escreva-lhe. Seu endereço é: Pe. Burgos, sacerdote, em Glesé Saint Roch, Villefranche. Se não puderdes recebê-lo, escreva-lhe para ele saber da impossibilidade de recebê-lo em vossa casa.
Parece-me que não haverá grande inconveniência em aceitá-lo em L'Hermitage como padre aposentado, e poderíeis usá-lo na escrita cotidiana das cartas. Dizem que ele retornou a Deus com sinceridade. Se decidir recebê-lo, vós lhe explicareis que não podeis admiti-lo na Sociedade, nem lhe dar esperança de que será recebido nela, mas que, aconselhado pelo Pe. Cholleton, vós lhe oferecereis um lugar de retiro em sua casa.

Se encontrardes o Pe. Chanut, gentilmente dizei-lhe que desejo colocá-lo na casa de Lyon, onde logo ficará encarregado de todos os procedimentos com o público e com a direção dos negócios temporais. No entanto, ele poderá pregar os sermões da Quaresma em Valbenoît.
Estou vos escrevendo currente calamo (com alguma pressa). Deduzireis o que não podeis ler.
Um abraço de todo o coração, e sou, com a mais sincera afeição, vosso humilde servidor.

Colin, Superior.

P.S. Se não quiserdes escrever ao Pe. Burgos, deixai-me a par de suas intenções e eu as transmitirei a ele.[16]

Temos aqui um pedido de Colin para que Champagnat aceite o padre convertido pelo Cura D'Ars. Por que Colin o enviaria a L'Hermitage, quando Champagnat está tão ocupado? Não obstante, é um tributo ao espírito que Champagnat manteve em L'Hermitage, espírito de paz e recolhimento, onde a força espiritual pôde se desenvolver. O pedido também mostra que Colin sente que pode recorrer a seu amigo Champagnat, que no passado tantas vezes o ajudou.

Terraillon é novamente mencionado. Colin continua a unir esses dois homens; ele quer a unidade nas fileiras de seus padres.

Chanut parece ser uma estrela em ascensão. Mas em alguns poucos anos ele vai despencar no conceito – e nas fileiras dos Maristas.

Belley, 10 de janeiro de 1838

Meus queridos confrades em Jesus e Maria,

A última carta de Valparaiso, datada dos primeiros dias de agosto, nos diz que o bispo Pompallier e nossos demais confrades e Irmãos estavam ainda nessa cidade, mas prestes a embarcar novamente para seu destino. Podemos assim razoavelmente presumir que, atualmente, já se encontram em meio àqueles pobres ilhéus, que seus pés já pisam naquela terra primitiva, objeto de seus mais ardentes desejos, terra essa que, pelos desígnios da Providência, se tornou um terreno compartilhado pelos filhos de Maria.
Nosso dever para conosco mesmos, já que estamos privados da grande honra de partilhar os honrosos trabalhos dos nossos muito dignos confrades, é conseguir-lhes trabalhadores cheios do espírito de Deus que, sob os auspícios da mais terna e mais poderosa das Mães, voem ao seu

[16] Arquivos dos Irmãos Maristas, Roma.

socorro e se apressem em ajudá-los a desbravar esta terra estéril.
Eis que o Pastor dos pastores, o Sumo Pontífice, pela voz do seu embaixador Franzoni, Prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, que nos escreveu no último dia 26 de dezembro, exorta-nos a enviar-lhes o reforço de apóstolos e realizar esse envio quam optime fierit potest "(o melhor que pode ser feito)". Como consequência, meus caríssimos Irmãos, devemos nos apressar em organizar o mais rapidamente possível os preparativos para a partida de três ou quatro padres, com dois Irmãos catequistas.
Sem dúvida, não deixa de ser motivo de consolação para mim ver o zelo com que vários dentre vós solicitam ardentemente a graça de fazer parte desse segundo grupo apostólico. E, certamente, esse zelo puro e generoso não é para meus olhos o último sinal da proteção dos céus para nosso empreendimento. A dificuldade não é de encontrar trabalhadores, mas sim, escolher dentre eles, o que vai me deixar embaraçado, pois, em vista do nosso número, não podemos deixar que partam todos aqueles que estão pedindo para fazer isso.
É nisso que sinto, mais que em qualquer outro assunto, todo o peso do meu cargo; e é por isso, aqui e agora, que solicito que todos os membros da Sociedade se unam a mim para rezar com fervor a Jesus e Maria, que venham em meu socorro, me iluminem e me façam saber quem eles destinam para a sublime vocação da missão apostólica, pois tão sublime vocação pode vir apenas do alto. É por isso que peço a todos os membros da Sociedade, qualquer que seja o ramo a que pertençam, que gentilmente redobrem seu fervor e que, de agora até a Festa da Purificação, ofereçam de modo especial a Deus as minhas intenções: 1. Uma hora de adoração diante do Santíssimo; 2. Para cada padre, pelo menos uma missa; de cada Irmão e cada Irmã, três comunhões; de todos, três Ave-Marias diariamente. Cada qual poderá acrescentar outras preces, conforme o zelo lhe inspirar, tais como o oferecimento do Santo Ofício e do Rosário. Podeis também convidar pessoas devotas, com quem tiverdes contato, a unirem as suas orações às nossas para essa mesma finalidade. É com os sentimentos da mais terna afeição que ouso declarar-me, meus queridos confrades e Irmãos, o vosso muito humilde e obediente servidor,

Colin, Superior

P.S. Gentilmente fazei que esta carta seja lida para todos os Irmãos.[17]

Esta é uma bela carta de exortação de um líder religioso incentivando homens e mulheres a uma vida de oração fervorosa, com especial intenção de orar pelo sucesso da missão estrangeira e pelo bem-estar dos missionários. Ele também implora para que rezem a fim de que ele seja orientado pelos céus na seleção de missionários e na administração das questões da missão. É importante notar que, apesar das tarefas variadas com que Colin precisa lidar como Superior Geral de um novo Instituto religioso, ela dá alta prioridade à oração e aos assuntos concernentes à vida espiritual e à nossa dependência de Deus.

[17] AFM 1.2.2.24 A380110C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 151, p.297.

1º de março de 1838

Meu muito estimado confrade,

No momento não precisamos do Irmão Paulin. Estou surpreso por ele ter vindo dessa maneira.
Além do mais, não que ele seja adequado para a casa dos Padres.
O arcebispo deseja que, durante a Páscoa, o Pe. Besson ouça as confissões em Isieux,
cujo pároco está doente. Ele poderia estar lá três dias por semana, se possível.
Não sei como conseguistes uma cópia, corrigida na margem, da mais recente Ata da Sociedade;
nós não a encontramos aqui.
Por favor, enviem-na a nós. Fiquei bastante preocupado por vós terdes depositado sua cópia da Ata
com o Tabelião de St. Chamond. Era uma Ata confidencial que deveríeis ter confiado apenas
ao Sr. Bittoly, que é o proprietário.
Com meus melhores votos,

Colin.[18]

Colin está aborrecido por "vós terdes depositado sua cópia da Ata da Sociedade com o Tabelião em St. Chamond". Isso talvez se deva ao jurista, Viennot, que se juntou aos padres como postulante e estava organizando escrituras etc. Esta é outra carta de descontentamento em relação a L'Hermitage em razão de suas questões legais.

O padre aqui mencionado, Pe. Besson, passaria trinta anos como capelão dos Pequenos Irmãos de Maria, aos quais era devotado e que o amavam muito.

Lyon, 14 de julho de 1838

Meu muito querido confrade,

Não creio que o Irmão Régis tenha sido chamado para ir à Missão na Oceania. Por favor, substituí-o gentilmente o quanto antes, e tenhais prontas as roupas e sapatos dos Irmãos que partem, de maneira que tudo esteja pronto na primeira oportunidade. Com certeza teríeis sido escolhido para receber os rendimentos do bispo Pompallier e teríamos nos organizado para repassá-los a ele. Disse ao Irmão Jean-François Régis que eu não estava decidindo nada sobre a sua vocação ao

[18] Arquivos dos Irmãos Maristas, Roma.

estado eclesiástico; que, se saísse da comunidade dos Irmãos, seria dispensado de seus votos, mas que cabia apenas a ele assumir todo o peso da responsabilidade sobre seu pedido.
O Irmão Amiens esteve doente desde que vós partistes de Lyon. Ele sofreu fortes crises nervosas e teve sangue drenado pelo braço. O médico foi o primeiro a recomendar-lhe o ar do campo. Tenhais a fineza de substituí-lo imediatamente, porque o Irmão Luc também está doente. Vedes o nosso embaraço e entendereis a nossa situação. O Irmão Adolphe conviria perfeitamente; aqui não necessitamos nem de noviço nem de alguém com a saúde frágil, mas de um Irmão habilidoso, inteligente e capaz de administrar a cozinha. Talvez, com o tempo, acabemos formando um grupo de Irmãos destinados exclusivamente ao serviço dos padres.
Abraço-vos de todo o coração. Sou, com respeito, o vosso humilde servidor,

Colin, Superior

P.S. Dizei, por fineza, ao Pe. Besson que ele é chamado a emitir os votos; e que poderá vir durante seu tempo de lazer para fazer o retiro em Lyon ou pode esperar o retiro geral das férias.[19]

Colin está novamente se queixando da qualidade dos Irmãos enviados para ajudar nas casas dos padres. Possivelmente, alguns dos padres estavam dizendo que Champagnat não dava atenção suficiente na escolha dos Irmãos que ele enviava, que ele estava mais preocupado em suprir as escolas com homens competentes e que aqueles Irmãos que não eram suficientemente bons para a escola eram os que vinham para as casas dos Padres. Bem, o que mais Champagnat poderia fazer, estando sempre sob a tensão de suprir tanto Irmãos professores quanto Irmãos "servidores"? Além disso, considerando os Irmãos que ele enviava para as casas dos Padres, Champagnat poderia estar pensando nesses jovens vivendo distantes, lá em Belley – ou em outros lugares – dentro de uma comunidade de estranhos, possivelmente sem ninguém para ajudá-los e sem um responsável pelo seu bem-estar.

"Talvez, com o tempo, acabemos formando um grupo de Irmãos dedicados exclusivamente ao serviço dos padres". Esta é a 'fórmula mágica' adotada na reunião dos padres em 1839. Parece estranho que tanto Colin como Champagnat tenham levado tanto tempo para tomar essa decisão. Sem dúvida, e isso vamos constatar mais adiante, eles tinham suas razões para não chegar mais cedo a esse arranjo.

[19] AFM 122.25 A380714C. DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 160, p.314.

Belley, 22 de fevereiro de 1839

Padre e muito estimado confrade,

Já é a quarta ou quinta vez que vos peço ou rogo o envio de um Irmão ao Pe. Chanut, na diocese de Bordeaux. A minha petição, tão reiterada, mostra-vos a importância que atribuo a esse ato de obediência que espero de vós. Lembrai-vos de que Maria, nossa Mãe, que deveríamos tomar como modelo, após a Ascensão de seu divino Filho, dedicou-se completamente às necessidades dos apóstolos. É esse um dos primeiros fins da congregação dos Irmãos e das Irmãs Maristas para com os Padres da Sociedade, para que estes, totalmente livres das preocupações temporais, possam se devotar por inteiro à salvação das almas. Um Irmão a serviço dos Padres da Sociedade faz vinte vezes mais bem, em minha opinião, do que se estivesse empregado numa cidade onde, graças a Deus, não faltam os meios para a educação da juventude.

Mas nunca pudestes compreender bem esse projeto e finalidade da Sociedade. Seja como for, após receber esta carta, passareis três dias numa espécie de retiro para vos humilhar perante Deus por haver feito, até agora, tão pouco a sua divina vontade, sob alguns aspectos; depois, escolhereis o Irmão ou o noviço que, diante de Deus, julgardes mais capaz de fazer sozinho a viagem de Lyon a Bordeaux, para administrar a casa e formar, juntamente com o Pe. Chanut, outros Irmãos no espírito da Sociedade. Não esqueçais que a obediência plena e inteira é sempre abençoada por Deus e que deve ser o caráter distintivo dos filhos de Maria. Esta será a vossa segurança e o fundamento da vossa maior recompensa.

Aceitai gentilmente a certeza da sincera afeição com que tenho a honra de ser, meu querido confrade, o vosso muito humilde e muito obediente servidor,

Colin, Superior

P.S. Recomendo-vos que não aporteis nenhuma desculpa nem demora à petição que vos formulo de um Irmão para a região de Verdelais. Uma carta que acabo de receber de Bordeaux insiste no envio de dois Irmãos, um para dirigir os trabalhos da horta e o outro para a cozinha. Há já alguns noviços. É preciso, portanto, tão rápido quanto possível, enviar pelo menos um Irmão inteligente. O Pe. Chanut paga as despesas de transporte.[20]

Esta é a famosa carta dura de Colin a Champagnat. Este estava muito relutante em deixar seus Irmãos irem a Verdelais, que ficava muito distante de L'Hermitage e, portanto, um lugar solitário para seus Irmãos. Ele provavelmente temia que os Irmãos em Verdelais fossem solicitados a assumir as ocupações de sacristão, um apostolado que Champagnat não queria para seus Irmãos. Novamente, Champagnat conhecia Chanut (o

[20] AFM 122.30 A390222C. DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 181, p. 350.

padre Marista responsável por Verdelais) e não tinha grande entusiasmo em colocar seus Irmãos sob sua liderança. Acontecia também que havia muitas solicitações urgentes para os serviços dos Irmãos, principalmente em escolas – o apostolado natural dos Irmãos Maristas.

Não há provas de que Champagnat tenha recebido uma ordem direta de Colin sobre este assunto. O próprio Colin diz: "Eu vos peço ou rogo." Se Champagnat tivesse recebido uma ordem direta, sem dúvida teria obedecido – como o fez com a ordem "passareis três dias numa espécie de retiro para vos humilhar perante Deus". Como em outras instâncias, Champagnat simplesmente adiou a ação.

Em uma carta ao Ir. Marie-Laurent, alguns meses depois (8 de abril de 1839), Champagnat escreveu: "Estamos prestes a enviar alguns Irmãos a Bordeaux." Champagnat queria, mas, nessa ocasião, seus Irmãos não foram enviados. Colin ficou alarmado com a maneira independente de Chanut agir em Verdelais e eventualmente discutiu com ele. Esse desentendimento fez com que os Irmãos de Champagnat não fossem mais requisitados; e, por fim, resultou na dispensa de Chanut das fileiras dos Maristas.

"Um Irmão a serviço dos Padres da Sociedade faz vinte vezes mais bem, em minha opinião, do que se estivesse empregado numa cidade". Eis aqui um conjunto real de valores de Colin – Irmãos estão realmente a serviço dos padres da Sociedade. E isso é verdadeiro – para os Irmãos coadjutores. Mas a maioria dos homens de Champagnat não se reuniu com a finalidade do serviço manual, mas sim com o apostolado educativo. Além disso, havia alguns Irmãos Maristas que, não sendo professores, assumiam trabalhos manuais, mas que desejavam estar em um Instituto somente de Irmãos. Colin não dedicava atenção e respeito necessários à diferenciação entre os Irmãos José e os Irmãos Maristas.

Estabelecer um paralelo entre o serviço da Santíssima Virgem aos Apóstolos e o serviço dos Irmãos aos padres, como Colin faz nesta ocasião, não é realmente uma comparação justa.

Apesar da longa série de problemas com Colin sobre o serviço dos Irmãos Maristas nas casas dos padres, essa situação incômoda se arrastava. Tanto Colin como Champagnat protelaram uma tentativa imediata de solução. Da maneira como as coisas estavam, Colin ainda podia recorrer a Champagnat para fornecer Irmãos Maristas para ajudar nas casas dos padres. Para Champagnat, contudo, a posição era mais complicada. Ele com certeza se opunha à separação dos Irmãos Maristas dos outros ramos da Sociedade de Maria, em parte porque acreditava na unidade dos ramos sob um Superior Geral; afinal de contas, esta era a Promessa de Fourvière e ele era devoto da Promessa. Por outro lado, de-

sejava manter os Irmãos dentro da estrutura da Sociedade, pois não queria provocar qualquer possível enfraquecimento da situação dos Irmãos. Ele provavelmente sentia segurança para os Irmãos em sua existência dentro da estrutura de uma Sociedade cujo ramo dos padres tinha recebido recentemente aprovação papal. Dessa forma, sua administração poderia transcender o controle dos bispos diocesanos.

Não obstante a oposição de Champagnat e de alguns padres mais velhos, a maioria dos Maristas votou pela separação dos dois grupos de Irmãos em uma reunião de padres em 1839. Os Irmãos José eram agora parte do ramo dos padres (como na ideia original da Sociedade) e dirigidos pelo líder dos padres; eles teriam seu próprio noviciado separado. Os Irmãos Maristas educadores também eram considerados parte da Sociedade e estavam subordinados, em última instância, ao Superior Geral dos padres. Mas sua direção imediata estava nas mãos, em primeiro lugar, de Champagnat e, depois, de um Irmão Diretor Geral. Na reunião de 1839, apesar dos protestos daqueles que se opunham à separação, a decisão de haver dois grupos distintos de Irmãos foi tomada. Foi o que prevaleceu; foi também o correto.

Lyon, 29 de fevereiro de 1840

Padre e meu caríssimo confrade,

Em minha viagem a Belley, o bispo me expressou o desejo de que o terreno que ele comprou em St. Didier fosse tomado como dedução da soma que ele dá aos Irmãos. Prometi-lhe que vos falaria disso. Como os Irmãos usufruirão da terra, penso que o usufruto compensará com folga os fundos [destinados aos Irmãos] que serão desembolsados com o terreno. Ele também me falou do noviciado. Disse-lhe que eu tornaria a falar-vos novamente sobre isso, mas que essa questão compete somente a vós. O bispo também pensa que obtereis a aprovação dos vossos Irmãos somente reapresentando os estatutos de alguma congregação de Irmãos já aprovada e solicitando apenas a extensão do decreto de aprovação.
Recebi com prazer a vossa resposta e a dos Irmãos acerca do que escrevi sobre os nossos futuros procedimentos. Como vos disse muitas vezes, não teremos nenhuma dificuldade entre nós.
Devo fazer as minhas observações e expor minhas ideias, que estou muito longe de considerar infalíveis. Se não estiverem do vosso gosto, devo ser o primeiro a renunciar a elas.
Havia acreditado que, para vincular o ramo dos padres e o dos Irmãos, deveríamos estabelecer entre ambos um tipo de dependência mútua, colocando nos dois ramos a necessidade de recorrer um ao outro em tempos de carência. Não via nenhuma dificuldade em que os Irmãos mudassem de hábito, ao passar de uma casa para outra, até porque era do interesse dos padres que essa

transferência se fizesse apenas quando realmente necessária. Achava que, como em L'Hermitage os irmãos mudam de hábito para os trabalhos, também poderiam mudar enquanto estivessem nas nossas casas. Além disso, não acho que haveria dificuldade para os Irmãos ensinantes receberem alguns noviços para as nossas casas, e era por esses meios que eu pensava em vincular os dois ramos um ao outro, colocando-os na situação de prestação de serviço mútuo.

Mas, como esses temas parecem apresentar algumas dificuldades a vós e aos irmãos, uma vez que se percebe alguma aversão em aceitá-los, renuncio voluntariamente a eles. Assim, não haverá mais questão de mudança de hábito nem de receber postulantes para nós em vossas casas. A Providência proverá. Os hábitos dos Irmãos Luc e Aurélien estão prontos; eles esperam para tomá-los e que eu lhes dê a permissão para isso. Mas devo adiar esta permissão e, se pensais que é uma boa coisa, procurarei substituí-los o quanto antes, pois vejo um grave inconveniente em ter nas nossas casas dois tipos de Irmãos.

Tendo Irmãos à nossa disposição, estamos retornando às ideias originais. Acreditamos que isso seja conforme a vontade de Deus e até necessário ao ramo dos padres. Além disso, sabeis tão bem quanto eu que, muitas vezes, vós próprio no-lo sugeristes e que a maioria dos confrades se declarou em favor dessa medida. Por causa dessa mudança de hábito, e dos Irmãos, vejo, com grande pesar, uma dificuldade, no começo, em que os Irmãos ensinantes morem nas casas dos nossos padres. Sentireis isso como eu, porém, mais tarde esta dificuldade desaparecerá. Apesar de tudo, o meu desejo é ajustar tão bem as coisas que, mais tarde, tudo continuará em paz e de acordo com o espírito de Deus. Não posso deixar de vos dizer que, enquanto viverdes, dificilmente poderei me ocupar dos Irmãos ensinantes. Portanto, podeis continuar a governá-los consoante o espírito de Deus, como no passado, e se, em razão dos vossos votos, experimentais necessidade de autorizações quaisquer, concedo-vos tais permissões tanto quanto está no meu poder fazê-lo.

Recebei por favor os sentimentos de afeição e de respeito com os quais tenho a honra de ser o vosso muito humilde e muito obediente servidor,

Colin, Superior

P.S. Minhas calorosas expressões de amizade aos Irmãos.[21]

Champagnat não ficou entusiasmado com a possibilidade de ter um noviciado em St. Didier. Tinha consciência, contudo, da associação de Colin com o Bispo Devie e, no espírito de obediência, foi adiante com o plano. Por fim, a ideia do noviciado foi abandonada, para o grande desapontamento do bispo.

O tom desta carta, especialmente no segundo e quarto parágrafos, é muito respeitoso e afetuoso.

[21] CSG 01, 316 A400229C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 201, p. 400.

"Tendo Irmãos à nossa disposição" – isto é, para o serviço dos padres – "retornamos às ideias originais". As primeiras ideias, de fato, incluíam Irmãos coadjutores para o serviço dos Padres, mas Champagnat convencera seus colegas da Promessa de Fourvière a incluir Irmãos educadores na Sociedade de Maria, e foi encarregado por eles de cuidar desses Irmãos educadores. Parte do problema era que Champagnat também aceitava homens que não eram aptos para ensinar ou que desejavam realizar um outro trabalho que não fosse de ensino, mas que queriam pertencer aos Irmãos de Champagnat. Uma vez que, nos primórdios, não havia o recrutamento de Irmãos coadjutores como tal, os homens de Champagnat vieram a ser utilizados para ajudar os padres em seu ministério.

"Vejo, com grande pesar, uma dificuldade, no começo, em que os Irmãos ensinantes morem nas casas dos nossos padres". Isso de fato criaria uma situação cheia de dificuldades; haveria insatisfação geral.

Como seu Superior eclesiástico, Colin dá a Champagnat permissão para ampliar seus próprios poderes e assumir a administração dos negócios dos Irmãos, como Champagnat bem entendesse.

Lyon, 24 de abril de 1840

Meu caríssimo confrade.

Negócios inesperados surgidos nesta semana estão me privando do prazer de visitar-vos. Valho-me, pois, da viagem do Pe. Girard a St. Etienne para informar-me por ele acerca da vossa saúde. Cuidai bem de vós! Espero ver-vos muito em breve. Ai de mim! Receio singularmente o vazio que se seguirá, caso o Senhor vos chame para Ele. Faça-se a vontade de Deus! Mas este temor sugere-me a ideia de colocar o ramo dos Irmãos ensinantes nas mãos do arcebispo. Parece-me que haverá vantagens nisto.

O arcebispo, sem dúvida, nomeará um padre marista para cuidar disso, e cooperação com a autoridade principal resultará no bem de todos. Comunicai essa ideia aos dois Irmãos, Francisco e Louis-Marie, e rezai todos ao Senhor para que nos faça conhecer a sua divina vontade.

Soube, não pelo Sr. Viennot, mas por outra pessoa, que tendes contas a liquidar com ele acerca de alguma venda de vinho; aconselho-vos a pagá-las. Dado o alto preço dos alimentos, e também que este ano que não se anuncia muito bom para a colheita, aqui não ousamos prosseguir em todas as reformas da nossa casa, para não nos endividarmos. Aconselho-vos a mesma coisa, que assuma o menos possível de reparos este ano, para não colocar vossa casa em uma situação embaraçosa.

Quanto a Autun, resolvei as questões como julgardes conveniente.

Estou enviando em anexo carta de certo pároco de Paris, que pede um Irmão ou dois. Por favor, indicai-me a resposta que devo dar-lhe.

O meu afeto e saudação aos Irmãos. Tenho a honra de ser, com sincero respeito, o vosso muito humilde e muito obediente servidor,

Colin, Superior[22]

Colin apresenta a ideia de entregar o ramo dos Irmãos Maristas (se Champagnat viesse a falecer) ao arcebispo de Lyon. Isso mostrava uma falta de confiança de Colin em sua própria capacidade de assumir o ramo dos Irmãos Maristas? Talvez Colin não estivesse ansioso para acrescentar mais de 200 Irmãos às suas próprias responsabilidades. Estava Colin de fato interessado nos Irmãos Maristas e nas escolas das vilas? Talvez ele se lembrasse da referência de Champagnat, em sua declaração de renúncia em 1837, ao endividamento dos Irmãos Maristas com o arcebispo De Pins. Talvez Colin visse nessa referência uma saída possível. Mas parece ser uma situação estranha – excluir, com a morte de seu Fundador, o ramo dos Irmãos educadores da Sociedade e passá-lo para o controle arquidiocesano.

Com certeza Colin tinha consciência do desejo de Champagnat de manter seus Irmãos na estrutura da Sociedade de Maria. E sem dúvida Colin sabia que foi esse desejo da parte de Champagnat que o levou a suportar as constantes pequenas desavenças com Colin sobre suprir as casas dos padres com os Irmãos de Champagnat.

O Testamento de Champagnat demonstra quão fortemente ele desejava a unidade dentro da Sociedade e a união dos Irmãos com a Sociedade. Seus Irmãos teriam muito mais chance de sobreviver se estivessem sob a liderança do Superior Geral de um Instituto religioso reconhecido por Roma, que era a situação dos Padres Maristas. Se estivessem sujeitos aos bispos de diferentes dioceses, rapidamente teriam problemas para sobreviver como um grupo unido.

O Ir. Silvestre descreve o respeito com que Champagnat recebia Colin quando este vinha a L'Hermitage. Este foi um sinal de sua adesão ao princípio de um líder geral e à unidade dos ramos sob uma única autoridade.

Tivesse Colin conhecido a extensão da doença de Champagnat (apenas seis semanas antes da morte deste), esperaríamos que ele não teria preocupado seu amigo moribun-

[22] CSG 01, 319 A400424C.DOC. *Cartas Recebidas*, Carta 205, p. 413.

do com uma questão relativamente menor – a dívida do vinho de Viennot, nem com um assunto importante – o futuro dos Irmãos sob o controle de diversos bispos diocesanos em vez de sob o Superior Geral da Sociedade de Padres Maristas aprovada por Roma. Podemos, então, supor que Colin não conhecia a gravidade da condição de Champagnat.

Sabemos bem que Colin visitou seu amigo Champagnat poucos dias antes da morte deste, no dia 6 de junho de 1840. Sem dúvida ele trouxe bálsamo para o espírito e conforto para a alma de seu santo companheiro da Promessa de Fourvière.

CORRESPONDÊNCIA DE MARCELINO CHAMPAGNAT A COLIN

Sendo esta a única carta existente de Champagnat para Colin, nós a apresentaremos na íntegra, com um comentário mais longo do que o normalmente empregado nas cartas de Colin.

Pe. Champagnat escreve ao Pe. Jean-Claude Colin, Superior da Sociedade de Maria em Belley, Ain, no dia 29 de março de 1835. O propósito da carta é o de informar Colin sobre as exigências para a admissão na congregação dos Irmãos e resolver diversos problemas específicos.

29 de março de 1835

Padre Superior

Os jovens que desejam ingressar na Congregação devem apresentar boas razões para esperar que, durante seu noviciado, virão a adquirir as virtudes exigidas para o estado religioso, assim como os talentos necessários para o tipo de trabalho ao qual cada um está destinado.
O noviciado dura dois anos e parte dele é passada em um estabelecimento da Sociedade, para que ganhem experiência prática tanto no ensino quanto na cozinha, de modo que nos dê provas de sua verdadeira vocação. Exigimos de cada candidato que, ao ingressar, pague pelo menos a quarta parte do alojamento e alimentação, mais vinte e cinco francos para livros, papel etc., etc., que são fornecidos pela Sociedade. Entregamo-lhes o hábito religioso somente quando tenham pago seu noviciado e adquirido o enxoval exigido. Se alguém se retirar, manteremos, do que entregou para nós, somente uma pro rata correspondente ao tempo que passou no noviciado. Àqueles que ingressam não é permitido ficar com dinheiro nem com o relógio. Seu vestuário é entregue ao Irmão alfaiate, que todo sábado dá a cada um o que necessita, e na segunda-feira recebe de volta o que foi usado no domingo. Tudo é guardado debaixo de sete chaves.
O enxoval e o primeiro hábito custam cerca de 400 francos. Assim, os que não trazem nenhum vestuário pagam 600 francos. Se alguém não puder pagar nada, mas tivermos certeza de sua vocação, faremos com que prometa que, se deixar a Sociedade por sua própria vontade, ou se for dispensado por causa de má conduta, reembolsará a Sociedade com seus ganhos futuros.

Cada um deve trazer também uma cópia da sua Certidão de Batismo e Registro de Nascimento.
Antes de ingressar no noviciado, o candidato deverá responder às seguintes questões:

1º Qual é seu lugar de origem, seu nome de familia e de batismo, nome do pai e da mãe, sua ocupação, idade, endereço residencial?

2º É filho legítimo?

3º Qual é a profissão e a situação dos pais?

4º Em que idade o jovem fez a primeira comunhão? Foi recusado depois de ser admitido para fazê-la?

5º Viveu sempre com os pais? Se não, com que idade deixou a casa? Por quê? Trabalhou para alguém? Quanto tempo trabalhou para esta pessoa? Que tipo de serviço fazia?

6º Há na familia algum fato que a desabone, seja por causa da sua ocupação ou por causa de algum crime?

7º Quantos irmãos e irmãs tem? Estão bem estabelecidos?

8º Ganhou ele mesmo o dinheiro com que contribui para as despesas do noviciado, ou algum parente ou pessoa estranha à familia está pagando por ele? Se exercia alguma ocupação ou se trabalhava para alguém, por que não adquiriu nada? Que fez com suas economias?
Deve-se ter grande consideração por alguém que está pagando com o dinheiro que ele mesmo poupou, e por aquele que, não tendo nada, deu assistência ao pai ou mãe pobres.

9º Quão prósperos são os pais?

10º O que o jovem fazia para viver depois de sair da casa dos pais?

11º É de boa compleição? E de bom temperamento? É forte?

12º É de bom gênio?

13º É fisicamente saudável? Padece de escrófula (tuberculose linfática)? Problemas de pulmão? Mau hálito?

14º Há na familia alguém com problemas de pulmão?

15º Tem boa visão? Goza de boa reputação?

16º É instruido? Que razões apresentou para reivindicar a dispensa do serviço militar?

17º Continuou a frequentar os sacramentos depois de fazer a Primeira Comunhão?

18º Quem o aconselhou a entrar para a vida religiosa? Há quanto tempo tem pensado sobre isso?

19º Talvez tenha pensado que terá menos trabalho na vida religiosa do que no mundo? Que terá uma vida mais fácil? Que não terá mais nada para fazer exceto rezar, ir à missa etc., etc.?

20º Já pertenceu a alguma congregação religiosa? Nesse caso, pode ser admitido somente por razões muito sérias.

21º Se o jovem postulante não for maior de idade, necessita do consentimento dos pais.

22º Já mendigou? Seus pais ainda mendigam?

23º Se o postulante pede conselhos sobre em qual congregação deveria ingressar, deve receber informações sobre uma outra que mereça mais a sua confiança do que a nossa. No entanto, se ele ainda demonstrar preferência pela Sociedade de Maria, especialmente por causa de nossa padroeira, ele deve ser bem acolhido e lhe deve ser mostrado como sua confiança está segura, uma vez que a coloca na Mãe de Deus.

24º Se o noviço não pagar nada, necessita assinar uma nota promissória ou uma promessa de pagar a Sociedade, no caso de deixá-la. Seus pais também devem assinar, se possível.

25º Ainda penso que as ocupações nas sacristias para nossos Irmãos trarão muitos problemas para nós. Faça tudo o que puder para nos deixar fora disso. Faremos o possível para ceder ao senhor, na época da festa de Todos os Santos, alguém com quem possa contar no noviciado, caso tenha um número suficiente de noviços.

O Irmão Anthelme parece melhorar cada vez mais, graças a Deus! Continuo esperando sua ordem para enviar-lhe o Irmão Joseph-Eugène.[23]

Não temos nenhuma ideia do que Colin teria perguntado a Champagnat sobre as exigências para a admissão em sua congregação. Não temos uma carta em que tal exigência tenha sido feita, portanto ele deve tê-la feito verbalmente. Colin queria essa informação para si mesmo? Não temos nenhuma razão para afirmar isso. Normalmente, alguém pensaria que ele conhecia de antemão as condições, pelo menos em seus aspectos gerais. Alguém teria lhe perguntado sobre isso? Em caso afirmativo, porque essa pessoa não escreveu diretamente a Champagnat? Podemos fazer apenas conjecturas. Mas, de qualquer modo, essa carta demonstra o interesse de Colin pelos Pequenos Irmãos de Maria.

Quanto ao trabalho de cuidar das sacristias, isso sem dúvida veio do Bispo Devie por meio de Colin. Teria o bispo perguntado expressamente pelos Irmãos de Maria ou estaria se referindo aos Irmãos José? Não temos como saber, uma vez que não há documentação disponível. Essa solicitação deve também ter sido feita verbalmente. Tudo o que sabemos é a decisão final, que Colin comunicou a Champagnat em sua carta de 23 de abril de 1835.[24]

Champagnat demonstra deferência, respeito e prontidão para ajudar. Ele considera Colin seu Superior religioso, que fora eleito Superior Geral dos "esperançosos" Maristas em 1830. E não foi antes de a Sociedade de Maria ser pontificalmente aprovada em 1836 que Colin foi canonicamente eleito Superior religioso.

Por diversas razões, Champagnat não estava interessado no papel de sacristão para seus Irmãos; não era um apostolado que ele favorecia. Tinha consciência da ligação próxima de Colin com Devie e procurou sua ajuda para evitar esse compromisso com a Diocese de Belley de Devie.

[23] Carta do Pe. Champagnat ao Pe. Colin, "Cartas de Marcelino Champagnat", Carta 55, p. 124.

[24] O.M. 1, Doc. 336, p. 758.

Constatamos aqui a oferta de Champagnat de um Irmão para estar a serviço de Colin. O estabelecimento de um noviciado para formar os Irmãos José de Colin, entretanto, não aconteceu até 1839.

UMA CONCLUSÃO

1. Jean-Claude Colin

Nas cartas aqui consideradas, a personalidade do Pe. Jean-Claude Colin é muito mais claramente definida do que a do Pe. Champagnat. Para um leitor moderno, a imagem de Colin pode aparecer como a de um Superior exigente que não conseguia enxergar o ponto de vista de seu amigo quanto ao papel dos Irmãos Maristas e que era bastante insensível a Champagnat nessa questão. E talvez essa seja a impressão dada pelos comentários feitos por um membro de um Instituto religioso do século XXI.

Por outro lado, ao comentar estas quarenta e nove cartas de Colin a Champagnat, um membro de uma congregação religiosa vivendo nos anos 1850 talvez apresentasse pontos de vista e comentários bastante diferentes daqueles apresentados acima. Um religioso dos anos 1850 estaria muito mais imbuído com uma compreensão do tipo de formação religiosa que Colin e Champagnat tiveram. Podemos recordar a formação desses homens, recebida no seminário maior de S. Irineu:

> As regras também prescreviam que o seminarista deveria se esforçar para desenvolver um bom espírito – 'o espírito de simplicidade ou da santa infância, o espírito de obediência cega, uma vida humilde e modesta, o espírito de caridade e abertura de coração, o espírito de morrer para si e para o mundo, o espírito da santa indiferença nas mãos de Deus e superiores." [25]

Esse era o tipo de formação que os padres diocesanos recebiam. Para os padres das congregações religiosas, seria muito mais rigorosa a formação nas questões de respeito e obediência aos superiores.

Não era apenas questão de mostrar tanto deferência quanto submissão aos superiores, mas muitos superiores inevitavelmente chegavam a enxergar sua eleição perante Deus (e o voto de seus colegas) como um chamado para que liderassem e, quando necessário, exigissem total obediência dos membros da congregação.

Portanto, os comentários sobre Colin, feitos durante o nosso exame das cartas devem ser relativizados por essas considerações, e a apresentação dos personagens deve ser vista no contexto da vida religiosa no início do século XVIII. Há aquele velho adágio sobre não colocar roupas novas sobre trajes velhos. Talvez não seja muito justo considerar as cartas de Colin a partir do ponto de

[25] "The Seminarian's Guide". (In "Voyages et Missions", Nº 126).

vista de um religioso do século XXI. Precisamos fazer concessões; é fazendo isso que uma imagem diferente de Colin é revelada.

Embora Jean-Claude Colin fosse às vezes bastante mordaz com Champagnat e "tivesse explodido" no famoso caso Verdelais, não era em geral o Superior intransigente. Ao contrário, ele era mais o solicitante, o sensato, o persuasivo, o amigo – e não o Superior arrogante pronto para comandar "em razão da santa obediência".

Compreendendo a personalidade e o temperamento de Colin, o leitor pode admirar a moderação que normalmente caracteriza as cartas de Colin a Champagnat. A maioria de seus problemas com Champagnat se centrava no fornecimento de Irmãos para servir as comunidades dos padres. Podemos argumentar, é claro, que esses problemas poderiam ter sido prevenidos se Colin tivesse fundado a congregação dos Irmãos José bem antes, mas devemos admitir que o próprio Champagnat não fez nenhum movimento de pressão por uma congregação separada de Irmãos ligada ao grupo de sacerdotes – provavelmente porque ele queria que seus Irmãos permanecessem o mais próximo possível do ramo dos padres da Sociedade, para preservá-los do controle dos bispos diocesanos. Quanto a Colin, ele podia confiar em Champagnat para conseguir Irmãos para ajudar os padres. Isto o aliviava de todos os encaminhamentos necessários para o recrutamento e formação do grupo especial para as casas dos padres – o ramo que veio a ser conhecido como "Irmãos José".

Há muitos outros fatores que destacam a qualidade geral de contenção demonstrada por Colin nessas cartas. Como "Centro de Unidade", ou Superior Central, depois de 1830, e como Superior dos Padres Maristas, depois de 1836, Colin tinha muitas questões que demandavam sua atenção, consumiam sua energia e abalavam seus nervos. Precisamos lembrar algumas de suas principais preocupações: a Sociedade nascente dos padres e seu trabalho apostólico; Jeanne-Marie Chavoin e as Irmãs Maristas; o ramo recém-criado da Ordem Terceira, por exemplo, os Irmãos Terciários de Maria de Pompallier e o grupo feminino chamado Virgens Cristãs da Ordem Terceira de Maria; os missionários recém-enviados ao Pacífico e os encaminhamentos de provisão para a Propagação da Fé; e, é claro, a autorização dos Irmãos de Champagnat e as questões relativas aos Irmãos José. Colin tinha muitos motivos de preocupação; podemos, portanto, compreender e aceitar a rispidez ocasional de sua correspondência.

Diferenças de opiniões, mal-entendidos e leves repreensões à parte, o relacionamento de Colin com Champagnat permaneceu de mútuo respeito e sólida amizade, cada um admirando e dando suporte ao tra-

balho que o outro fazia para Cristo e Sua Mãe. Peneirando as cartas que aqui consideramos, encontramos expressões usadas por Colin que exaltam as qualidades de Champagnat. Ele é quem falou as palavras que demonstram sua própria magnitude:

> "Todas as cartas que vêm de vossa mão são prezadas e agradáveis para mim, mas certamente nunca recebi nenhuma que me tivesse dado mais prazer do que vossa penúltima, na qual me informais que escrevestes para o Pe. Cholleton.
> Vi então vosso despojamento e vossa devoção à Sociedade de Maria em geral."
> (4 de setembro de 1834)

> "Enfim, meu caro confrade, dirijo-me a vós, pois é em vós e no Pe. Pompallier que tenho mais confiança; é em vós dois que mais encontro aquele espírito religioso tão imprescindível para o êxito de um empreendimento.
> Estou inclinado a acreditar que será pelo vosso intermédio que a Sociedade se consolidará na diocese de Lyon."
> (19 de janeiro de 1836)

> "Não é menos verdade que as vossas disposições me edificam grandemente. Gostaria muito que todos os outros confrades pensassem e agissem como vós. Espero que com o tempo Deus lhes dê essa graça."
> (23 de junho de 1836)

> "Parece-me que não estais cuidando o suficiente da vossa saúde. Tentai cuidar de vós um pouco mais quanto a esse aspecto." (22 de junho de 1837)

> Não veria grande dificuldade em que, em breve, houvesse em La Côte um bom noviciado, desde que fosse dirigido com o mesmo espírito de L'Hermitage e que permanecesse sob vossa orientação.
> (12 de outubro de 1837)

Estas citações nos dão a convicção da força fundamental da estima que Colin tinha por Champagnat. Companheiros de trabalho nas vinhas do Senhor e dedicados à causa marista, Colin e Champagnat apoiaram-se mutuamente em seus empreendimentos apostólicos, cada um tendo consciência das finas qualidades do caráter e do espírito religioso do outro.

2. Marcelino Champagnat

A única carta de Champagnat para Colin é um documento bastante formal, mostrando as exigências exatas para aqueles que desejassem se tornar Irmãos Maristas em 1835. Obviamente, houve considerável desenvolvimento dessa questão desde os primeiros dias do Instituto. O documento mostra Champagnat como um pensador e um organizador.

Em relação a Colin, Champagnat mostra o devido respeito e a boa vontade para ajudar seu Superior, tendo Colin sido eleito Superior Central dos futuros Maristas em 1830.

Mesmo nesta única carta, podemos constatar a oposição de Champagnat à ideia de seus Irmãos atuarem como sacristãos. Podemos especular suas razões para isso, mas a questão é que Champagnat sabia o que queria para o trabalho apostólico dos Irmãos. Ele vislumbrou o cenário do trabalho apostólico e determinou a quais partes dele queria estar associado.

Algo da sabedoria de Champagnat em lidar com as pessoas também fica evidente. Seu pedido a Colin para intervir é uma tentativa de evitar que seus Irmãos Maristas sejam enviados como sacristãos. Obviamente, Colin estava em situação melhor que Champagnat para obter o resultado desejado. Sabendo disso, Champagnat recorreu a seu amigo.

A oferta de Champagnat de um Irmão para o serviço de Colin é ainda outro exemplo de Champagnat ajudando Colin; o pedido de ajuda é tema constante nas cartas de Colin.

Pelas cartas de Colin, é óbvio que Champagnat é confiável, respeitoso e prestativo. É, no entanto, precavido e lento para responder. Compreensivelmente, essa precaução em responder é simplesmente o resultado de Champagnat ter poucas pessoas à sua disposição e muita demanda de seus serviços. Com os bispos e párocos fortemente impulsionando suas respectivas causas, era uma questão de extrema dificuldade para Champagnat satisfazer as solicitações de seu amigo Colin em providenciar Irmãos Maristas para o serviço nas comunidades dos padres.

Com o passar do tempo, Colin e Champagnat passaram a se conhecer melhor e a trabalhar juntos em nome de Maria. Apesar das diversas vicissitudes de uma vida apostólica agitada para ambos, eles constituíram uma boa equipe, tanto fazendo outros homens se tornarem Maristas quanto moldando a si mesmos como Maristas por excelência.

APÊNDICE A

Irmãos maristas como parte da Sociedade de Maria

Pe. Champagnat não tinha nenhuma intenção de separar seu Instituto daquele dos Padres, por nenhuma outra razão que o fato de ser ele mesmo um Padre Marista e, como tal, sob a autoridade direta de Colin. Em 1837, após a aprovação por Roma da Sociedade dos padres (apenas) e a eleição de Colin como Superior Geral, passos foram dados para evitar qualquer desentendimento sobre a estrutura de autoridade. Consequentemente, a questão de regularizar a posição de Champagnat como Superior dos Irmãos veio a ser esclarecida. Champagnat foi convidado a apresentar sua renúncia e, com toda humildade, apressou-se em fazê-lo. Ele teve o cuidado, no entanto, de mencionar o arcebispo de Lyon como benfeitor e como superior arquidiocesano que poderia reclamar os serviços dos Irmãos.

Colin imediatamente voltou a indicar Champagnat para o mesmo posto de antes e, pelos próximos dois anos, Champagnat dirigiu seu Instituto como no passado. Em razão da existência de um único ramo de Irmãos, alguns comprometidos com o ensino e outros a serviço dos Padres, Colin e Champagnat trocavam frequentemente correspondência cujo tema era sempre a provisão de Irmãos para as casas dos Padres. Essa situação criou numerosos problemas práticos e inevitavelmente levou ao atrito.

No retiro de 1839, a separação dos dois grupos de Irmãos esclareceu a situação. Um mês depois, no dia 12 de outubro de 1839, por sugestão de Colin, Champagnat renunciou à sua posição de Superior e os Irmãos Maristas, sob a presidência de Colin, elegeram um de seus próprios integrantes, o Irmão Francisco, para suceder o Fundador. Assim, durante a vida do Fundador, a continuidade da gestão foi garantida. É interessante notar que, quando ditava seu Testamento Espiritual, em 18 de maio de 1840, Champagnat solenemente reafirmou a dependência do Instituto dos Irmãos em relação ao Superior Geral dos Padres.

Em 1842, os Irmãos enviaram uma petição ao Capítulo dos Padres solicitando, de uma vez por todas, a união entre os Padres e os Irmãos sob a liderança de um mesmo Superior Geral. O Capítulo dos Padres concordou com a solicitação, sujeita à aprovação de Roma. No entanto, Roma sempre expressara reservas à estrutura da Sociedade, com seus quatro ramos consistindo de Padres, Irmãos, Irmãs e uma fraternidade leiga. Roma não deu sua aprovação.

Parece que, por essa época, Colin começou a falar abertamente em abandonar a ideia da união. No Capítulo Geral de 1845, Colin apresentou a seguinte questão aos Padres: "É oportuno que o Superior Geral dos

Padres Maristas seja também o Superior Geral dos Irmãos Maristas?" Considerando a oposição da Santa Sé e a dificuldade de uma pessoa enfrentar os problemas das duas congregações, os Padres responderam negativamente. Decidiram, contudo, que o Superior Geral poderia reter "o direito de alta supervisão, pelo menos de restrição, pelo qual ele poderia presidir os Capítulos dos Irmãos e, se necessário, recordar-lhes com veemência o espírito da Sociedade nos campos tanto temporal quanto espiritual". Essa decisão não era tão precisa, mas, na realidade, Colin transferira ao Ir. Francisco a inteira responsabilidade por todas as decisões.

Em 1852, os Irmãos reuniram-se em Capítulo Geral para examinar e promulgar as Regras que tinham sido sistematizadas pelo Ir. Francisco e seus Assistentes. Colin, que presidiu, aproveitou a oportunidade para notificar os Irmãos que a união dos dois ramos sob o mesmo Superior estava, a partir de então, fora de questão. Essa pode ser lembrada como a data da separação oficial dos dois ramos.

APÊNDICE B

Os Irmãos Coadjutores

Três Irmãos coadjutores viviam em Belley em 1832. Eles eram bastante distantes dos Irmãos do Pe. Champagnat, mas em 1834-1835 Pe. Colin enviou os três para tomar o hábito em L'Hermitage.[26]

Até 1839, todos os Irmãos, não importa de qual dos dois ramos, fizeram a profissão em L'Hermitage entre os Pequenos Irmãos de Maria, mas chegou o tempo em que era preciso considerar cuidadosamente a diferença entre esses dois grupos de Irmãos. Colin apresentou o assunto da separação aos padres no Retiro de 1839. Champagnat e outros entre os padres mais antigos se opuseram, mas o voto dos padres jovens prevaleceu; a separação foi então decidida.

Não há evidência mostrando como a distribuição foi feita. Parece que os Irmãos empregados nas casas dos Padres em 1839 (alguns deles deviam ter sido Irmãos de Champagnat) continuavam como Irmãos Coadjutores; os outros permaneciam como Pequenos Irmãos de Maria. Um total de 1840 candidatos a Irmãos Coadjutores foram acolhidos pelos Padres Maristas e, no dia 25 de setembro de 1841, a primeira cerimônia de profissão desses Irmãos foi realizada na Casa-Mãe dos Padres em Belley, quatro deles fazendo o voto de Obediência e um, os votos perpétuos. Essa prática se manteve.

A situação teria sido perfeitamente esclarecida se não tivesse sido necessário contar com aqueles Irmãos formados por Champagnat que já tinham partido para a Oceania. Todos os que partiram para o Pacífico antes de 1839 tinham, é claro, professado com os Pequenos Irmãos de Maria. Além disso, de 1839 em diante e durante todo o generalato de Colin, os Irmãos de ambos os grupos foram enviados à Oceania. No entanto, independente do grupo ao qual pertenciam, a posição de todos esses Irmãos era de Irmãos Coadjutores, uma vez que ajudavam os padres missionários e com eles viviam. É por isso que os Padres Maristas sempre consideraram que esses Irmãos tinham escolhido ser Irmãos Coadjutores pelo fato de partirem para as Missões. Consequentemente, todos os que morreram na Oceania figuram em seu necrológio. Por outro lado, contudo, os Irmãos Maristas nunca deixaram de reinvindicar como seus Irmãos quem partiu para as missões após ter professado com eles e, certamente (diz o Padre Coste), esse direito não lhes podia ser negado. Entretanto, a condição exata desses

[26] "The Seminarian's Guide". (In "Voyages et Missions", No. 126).

Irmãos permaneceu incerta, como fica evidente na variedade de atitudes adotadas por aqueles que retornaram à França: o Ir. Charise reintegrou-se aos Irmãos Maristas, enquanto os Irmãos Justin e Emery, embora também tivessem professado com os Irmãos Maristas, terminaram seus dias como Irmãos Coadjutores nas casas dos padres.

Deve-se ter em mente, portanto, que durante o período do Generalato de Colin, e na verdade durante todo o século dezenove, a condição de cada Irmão precisa ser estudada separadamente, embora após 1839, na Europa pelo menos, não houve mais confusão, pois os Irmãos Maristas e os Irmãos José foram, daí em diante, formados e registrados separadamente.[27]

[27] Em uma nota de rodapé do relato do Pe. Jeantin sobre a história do Pe. Colin, encontramos a seguinte referência: *O primeiro uso do termo 'Irmãos José' foi em fevereiro de 1832. Em 1833 ele diz que os Irmãos Coacjutores estão de modo especial sob a proteção de São José e por isso são chamados de Irmãos de São José*. Usado novamente em 1835, o termo 'Irmãos José' não é mais mencionado na correspondência do Pe. Colin e parece ter desaparecido rapidamente. O.M. 3, Doc. 819, p. 322 (Rodapé 3).

APÊNDICE C

A história dos "doze" apóstolos da Promessa de Fourvière

Quando Jesus sofria a agonia da cruz, apenas um de seus Apóstolos permaneceu fiel ao seu lado. Em 1823 os doze "apóstolos" originais da Promessa de Fourvière se saíram melhor: três deles (Colin, Courveille e Champagnat) engajaram-se ativamente nos empreendimentos da Sociedade de Maria durante aqueles primeiros sete anos. Mas, enquanto onze dos Apóstolos de Jesus permaneceram no "aprisco", apenas quatro dos "apóstolos" de Fourvière se tornaram Padres Maristas – Colin e Champagnat, mais Déclas, que se juntou em 1824, e também Terraillon, que afinal retornou ao grupo (em 1839).

É o Pe. Mayet, o infatigável escriba dos temas que dizem respeito a Jean-Claude Colin e às questões maristas, quem nos dá uma lista de, e um comentário sobre, os primeiros doze – aqueles que fizeram a Promessa de Fourvière.

Dos quatro que permaneceram fiéis à promessa, Mayet tem sua própria lista de "ponto de deméritos" por falhas parciais na fidelidade. Terraillon perdeu três pontos, pois deixou a obra, mas se manteve em contato. Ordenado em 1816, tornou-se vigário e capelão, e em 1825 foi nomeado para L'Hermitage de Champagnat, de onde saiu para pregar a Indulgência do Jubileu no final de 1826. Mais tarde, ele tornou-se pároco em S. Chamond, fez os votos com outro Marista em 1836 e, finalmente, deixou a posição de pároco em 1839 para ficar com seus confrades, tornando-se mais tarde um Assistente Geral Marista.

Champagnat, de acordo com Mayet, perdeu dois pontos; ele duvidou da eficiência do trabalho durante um tempo. Ele foi resgatado de sua pouca crença em relação ao ramo dos padres pelo jovem Séon e depois disso nunca mais vacilou em sua crença no futuro dos Padres Maristas.

Déclas mereceu apenas um ponto de demérito. Logo no início, ele estava hesitante sobre a possibilidade de ser designado para um tipo diferente de trabalho, mas se uniu aos irmãos Colin em 1824 e daí em diante não tirou "sua mão do arado".

Pierre Colin, é claro, não entra nessa avaliação, pois ele não era um dos doze em Fourvière no dia 23 de julho de 1816. Seu irmão, Jean-Claude, contudo, era e sempre foi o que recebe o louvor de Mayet como aquele que nunca vacilou.

As carreiras dos outros oito (aqueles que, por assim dizer, "caíram no esquecimento") seguiram por caminhos distintos do estilo de vida marista. Os quatro fiéis finalmente alcançaram a consumação de seus desejos, ingressando na recém-aprovada Sociedade de Maria em 1836 –

um longo caminho desde os impetuosos dias da Promessa de Fourvière em 1816.

Mayet admite que não tem certeza absoluta de ter listado com precisão os doze. Embora a Promessa tenha sido certamente registrada, aqueles que a fizeram não foram listados. Mayet diz: "Por muito tempo pesquisei cuidadosamente para descobrir quem eles eram. Até onde sei, eis os nomes (além dos quatro mencionados acima):

Seyve:
ordenado em 1816, tornou-se vigário em Tarentaise, Feurs, La Valla (1823) e, em seguida, em Burdignes, onde mais tarde se tornou pároco até sua morte em 1866.

Maynard (Perrault-Maynard):
dividiu um quarto com Courveille no seminário maior e foi ordenado em 1822. Tornou-se vigário e padre encarregado, aposentando-se do ministério ativo em 1836. Escreveu dois livros e faleceu em 1850.

Jacob:
ordenado em 1817, foi vigário em Feurs quando Courveille abriu ali uma escola em 1822. Mais tarde se tornou pároco em duas paróquias na arquidiocese de Lyon e morreu em 1848.

Gillibert:
foi secretário do Cardeal Fesch durante um ano e meio. Ordenado em julho de 1816, veio a ser professor de um seminário. Em 1831 foi transferido para a diocese de Belley, depois para Paris. Em 1840 juntou-se a seu irmão como vigário em S. Genest-Malifaux, morrendo ali em 1862.

Motton (Mottin):
foi ordenado em 1821 e foi vigário até 1827, quando entrou para o noviciado da Sociedade da Cruz de Jesus. Rejeitado por esse grupo, voltou a ser vigário e juntou-se aos Jesuítas em 1840. Ele trabalhou então em diversas paróquias até sua morte em 1872.

Verrier:
ordenado em 1819, tornou-se pároco e professor em Verrières, integrando-se depois à Sociedade da Cruz de Jesus em 1820. Era um padre muito santo e se tornou co-herdeiro da "Vontade de Champagnat", elaborada em janeiro de 1826. Faleceu em 1837, sendo o primeiro a morrer desse grupo dos doze.

Poucet:
foi ordenado em 1817 e se juntou à Sociedade da Cruz de Jesus em 1820. Fundou a congregação diocesana das Irmãs da Sagrada Família em 1832, foi autor de dois livros de espiritualidade e morreu em 1883. Foi o último dos doze "apóstolos" a morrer.[28]

As cartas do Padre Colin

Uma palavra sobre as fontes das cartas. A maioria das cartas de Colin aqui relacionadas foi obtida em "Origines Maristes". Outras, do período pós-1836, vieram principalmente dos arquivos dos Irmãos Maristas, em Roma. Cópias de todas as cartas de Colin estão agora nesses arquivos.

BIBLIOGRAFIA (resumo)

1. O. M. = "Origens Maristas", Volumes I-IV.
2. CHAMPAGNAT, Marcelino. Cartas. São Paulo: Loyola, 1997.
3. Arquivos dos Irmãos Maristas, Roma.
4. "The Seminarian's Guide" (in "Voyages et Missions").
5. "A Certain Way", por C. Larkin S.M.
6. "A Founder Speaks".
7. The Bible. "Book of Revelations".
8. William Shakespeare, "Macbeth" e "Hamlet".
9. "Witness for Beatification of Marcellin Champagnat".
10. "Voyages et Missions" (n. 126).
11. "Anonymous Apostle", por Fr. S. W. Hosie.
12. "Memoirs of Br Sylvester".
13. Arquivos dos Padres Maristas, Roma (CSG).
14. "Lectures on Society of Mary History", por J.Coste S.M.

DE « L'HERMITAGE DE NOTRE DAME » A « N.D. DE L'HERMITAGE »

A Sociedade de Maria no itinerário espiritual do P. Champagnat (1824-1836)

Ir. André Lanfrey

O costume de falar de "L'Hermitage" ou mais raramente de "Notre-Dame de l'Hermitage" nos fez perder de vista que nos anos de 1824-26 a casa que sucedeu à de La Valla era denominada "L'Hermitage de Notre-Dame". E essa expressão não foi escolhida por acaso, como tentarei demonstrar. Mas antes de prosseguir, precisemos um pormenor: até o século XIX escrevia-se indiferentemente em francês "ermitage" e "hermitage" antes de se impor a ortografia "ermitage". Hoje ainda, numerosos nomes de lugar se escrevem "Hermitage"[1].

1. UM NOME MISTERIOSO

A escolha do termo "hermitage" pode surpreender para designar uma propriedade situada à margem do Gier, em frente da oficina que Patouillard comprou em julho de 1824, perto de Saint-Chamond e à beira da estrada que leva a St. Martin en Coailleux. Como lugar solitário há outros melhores! Além disso, Champagnat deixou La Valla para criar um centro missionário com padres e numerosos Irmãos, mais perto das grandes vias de comunicação.

Os autores das fontes maristas parece que sentiram esse paradoxo e não insistem em justificar o uso da palavra "hermitage". O Ir. João Batista diz simplesmente: "Terminada a pesquisa, nenhum local lhe pareceu mais conveniente para uma casa religiosa" (Vida, cap. 12, p. 116). O Ir. Sylvestre (Cap. VII, p. 154) é pouco mais eloquente: "Este lugar chamado os Goths, e que, depois, se denominou L'Hermitage, lhe parecia bem adequado para construir aquilo que seria o segundo berço do Instituto". Quanto ao Ir. Avit (1824, §49), ele insiste sobre o fato de o lugar ser estreito: "mas é solitário e

[1] Como, por exemplo, a cidade de Tain l'Hermitage, no vale do Ródano.

convém perfeitamente a meus desígnios" ele faz Champagnat dizer. De fato, o termo "hermitage" revela e esconde ao mesmo tempo o projeto de estabelecer lá o centro de uma Sociedade de Maria da qual Champagnat e Courveille serão os promotores, sem que saibamos realmente por que o vocábulo nome "hermitage" foi escolhido.

2. USO DA EXPRESSÃO "HERMITAGE DE NOTRE-DAME"

A primeira menção de "l'Hermitage" se encontra no projeto de prospecto de maio ou junho de 1824, artigo 10 (*La Regla del Fundador*, p. 83): "Assim que tivermos terminado a casa de l'Hermitage e que nossos meios permitirem utilizar uma boa captação de água para pagar as despesas da obra, receberemos as crianças das casas de caridade". O nome, dado de passagem, supõe que ele já tinha sido empregado anteriormente. O prospecto em si, de 19 de julho de 1824 (OM1, Doc. 108) e assinado pelo Monsenhor Cholleton, é muito claro: "Neste momento uma casa desse Instituto (dos P. I. M.) eleva-se em l'Hermitage de Notre-Dame, em Saint Chamond, departamento de Loire". Esse vocábulo nome certamente já foi usado pelo Monsenhor Cholleton, vigário-geral, quando veio benzer a primeira pedra da casa, em maio de 1824. O nome oficial da casa nasceu, portanto, entre maio e julho de 1824 e é "l'Hermitage de Notre Dame", muitas vezes abreviado sob a forma "L'Hermitage".

Desde 2 de outubro de 1824, uma escritura passada com o Sr. Bonnand (OFM3/ doc. 648) declara que os Padres Champagnat e Courveille hipotecam os edifícios e terrenos "que possuem no território de Chez Colaud (St. Martin-en-Coailleux) onde estão[2] fundando um eremitério denominado Notre Dame"[3]. É a primeira vez que esse nome consta num ato civil, e o notário escrivão (palavra mais conhecida é escrivão. Notário também é correto, mas não ajuda muito a compreensão) parece reservado para com tal denominação, não fazendo dela um nome próprio, mas endossando, à sua maneira, o título dado pelos dois sacerdotes.

Uma carta dos Pequenos Irmãos de Maria ao Sr. Frayssinous, ministro da Instrução Pública, visando obter a autorização legal (OM1/ doc. 129), tem como lugar de redação: "L'Hermitage de Notre-Dame sobre Saint Chamond, Loire, 15 de janeiro de 1825". Em 13 de dezembro de 1825, Courveille e

[2] Expressão popular corrente que significa "onde estão para".

[3] Não se trata ainda de l'Hermitage, mas de um eremitério. Nome dado, parece, conjuntamente por Courveille e Champagnat.

Champagnat, contraindo um empréstimo de 12.000 F., declaram residir "em l'Hermitage de Notre-Dame". No início de 1826, durante a doença do Pe. Champagnat, o Pe. Courveille abre um "Livro de contas da casa de l'Hermitage de Notre Dame para as despesas do ano de 1826". E quando escreve aos Irmãos uma carta para pedir orações para Champagnat doente, o Pe. Courveille indica: "De l'hermitage de Notre Dame, em 3 de janeiro de 1826" (OM1/ doc. 147). No dia 6 de janeiro, em seu testamento, o Pe. Champagnat se declara "padre, residindo em l'Hermitage de Notre Dame". De volta a Aiguebelle, em 4 de junho de 1826, em sua famosa carta de renúncia à Sociedade de Maria, o Pe. Courveille escreve "Ao Senhor Champagnat, padre e Pai diretor dos Pequenos Irmãos de Maria em l'Hermitage de Notre-Dame em St Chamond".

3. O FIM DE UMA LIGAÇÃO ESPIRITUAL

A carta de 29 de setembro de 1826, em que o Pe. Courveille propõe um encontro em St. Clair, em Rhône, no dia 4 ou 5 de outubro, é dirigida ao "Pe. Champagnat, Diretor dos Pequenos Irmãos de Maria, em l'Hermitage de Notre-Dame, perto de St. Chamond, em L'Hermitage, Loire". O tom da carta é muito caloroso. No entanto, substancialmente, o Pe. Courveille não mudou, porque atribui a Champagnat somente o título de diretor dos Pequenos Irmãos de Maria e anexa à sua assinatura as letras f.d.s.g. patr. que, provavelmente, significariam: fratrum director superior generalis patrum. (OM1/ doc. 165).

O encontro Champagnat-Courveille de 5 de outubro será decisivo não somente no plano administrativo e financeiro, mas também quanto à ligação espiritual entre os dois homens, cujo vocábulo nome "Hermitage de Notre-Dame" era a expressão. Com efeito, em 5 de outubro de 1826, em sua declaração de cessão de seus direitos de propriedade a Champagnat, o Pe. Courveille se apresenta simplesmente como "padre residente em Saint Clair", e Champagnat como "padre domiciliado em l'ermitage, comuna de St. Martin-en-Coailleux, perto de St Chamond" (OM1/ doc. 166-167). Esses documentos notariais não exigem que seja exato o título de diretor ou superior do Pe. Champagnat; sua ausência, no entanto, mostra que se trata apenas de um acordo administrativo e financeiro privado, sem que a obra seja envolvia. Enquanto em 29 setembro o Pe. Courveille ainda esperava retornar à obra, em 5 de outubro não será mais questão. De sua pretensão de governar, restará apenas o direito de dispor de um aposento em l'Hermitage e de usá-lo quando bem lhe parecer.

É, para o Sr. Champagnat, uma concessão bastante modesta perante um associado que lhe deixa as mãos livres mediante um reem-

bolso de 5.000 F. e lança seus olhares para um outro projeto: criar a Abadia Saint Antoine, na diocese de Grenoble, uma outra casa-mãe de Irmãos. Somente em 21 de maio de 1830 (OM1 doc. 217), o Pe. Courveille, aprovando as operações administrativas feitas em seu nome por Champagnat, "padre e superior em l'Hermitage des Gauds, onde reside" reconhecerá a nova situação causada pela sua partida e a do Pe. Terraillon.

4. DESAPARECIMENTO DO PRIMEIRO VOCÁBULO

Depois de setembro de 1826, o Pe. Courveille, portanto, não utiliza mais o vocábulo nome "Hermitage de Notre-Dame", que desaparecerá muito rapidamente. Ainda em 16 novembro de 1826, Jean-Claude Freycon reconhece uma dívida de 200 F. para com Marcelino Champagnat, "padre diretor do estabelecimento de l'Hermitage de Notre Dame em Saint-Chamond, situado do lugar dos Gaux" (St Martin-en-Coailleux)[4]. J. C. Colin escreve a Champagnat, em 8 de dezembro de 1826, "em l'hermitage de Notre-Dame, perto de St Chamond" (OM1, doc. 169), uma carta em que o felicita por ter rompido com o Pe. Couveille. Utiliza ainda o mesmo vocábulo numa carta de 7 de abril de 1828 (OM1, doc. 181). Mas, em 22 de maio de 1828 (OM1, doc. 182), é ao "Pe. Champagnat, padre de Notre Dame de l'Hermitage", que se dirige, já não empregando mais a primeira fórmula[5]. Portanto, em abril-maio de 1828 um acontecimento ou uma informação – sem dúvida uma nova carta de Champagnat – convidou J. C. Colin a mudar a denominação.

É verdade que, ao mesmo tempo, em 16 de maio de 1828[6], Antoine Gratalon, "membro da congregação dos Pequenos Irmãos de Maria, morando em l'Hermitage de Marie"[7] (St Martin-en-Coailleux) constitui o Pe. Marcelin Champagnat como seu procurador-geral e especial. Mas, no Registro dos votos temporários (OFM3, doc. 574), ele assinará a ata de seus votos feitos em 12 de outubro de 1829 "em Notre Dame de l'Hermitage", como também os demais Irmãos. No Registro das tomadas de hábito (1829): (OFM 3, 497) o Ir. Régis Civier assina ainda a sua ata de vestição, em 13 de outubro de 1829, "em l'Hermitage de Notre-Dame". É o primeiro e o único. Em seguida, todos assinam "em Notre Dame de l'Hermitage".

---

[4] Artigo de Eric Perrin em *Cadernos Maristas* nº 32.

[5] Em 25 de janeiro de 1830: "em l'hermitage, perto de St Chamond" (OM1, 209). Em 13 de fevereiro de 1830: " Em Notre Dame de l'Hermitage, perto de St Chamond" (OM1, doc. 212). 10 de setembro de 1830 (OM1, doc. 220): "padre em N. D. de l'Hermitage de St Chamond"; idem em 22 de outubro de 1830, doc. 221, 222, 225, 227, 228...

[6] Ibid.

[7] Variante talvez única de "l'Hermitage de Notre Dame".

Quanto a Champagnat, suas raras cartas anteriores a 1830, não possibilitam dizer que vocábulo nome empregou. Mas em sua carta n.° 15, dirigida ao Pe. Cattet, em 12/2/1830, ele utiliza "Notre-Dame de l'Hermitage"[8]. Enfim, os Padres Maristas de l'Hermitage, reunidos para eleger o provincial (que será Champagnat), de 3-8 de dezembro de 1830, sua ata definitiva define assim sua identidade: "Societate Sanctissimae Virginis Mariae in domo ejusdem dicta de Eremo conventis (OM1, doc. 224)".

O vocábulo nome "L'Hermitage de Notre-Dame", nascido em 1824, desaparece, portanto, entre 1826 e 1829. A passagem para "N. D. de l'Hermitage" indica a renovação do projeto, porque a partir de 13 de junho de 1827 o Pe. Etienne Séon chega a l'Hermitage e o Pe. Bourdin o seguirá no verão de 1828. É também o momento em que Champagnat reorganiza a sociedade dos Irmãos: batina, votos, método de leitura... Assim, "Hermitage de N. D." significa uma Sociedade de Maria em um primeiro modo, e "N. D. de l'Hermitage" um segundo projeto, com outros homens entre os padres, e mesmo entre os Irmãos, visto que J. M. Granjon, primeiro discípulo, e Etienne Roumésy (F. Jean-François) se retiraram.

5. BANALIZAÇÃO DE "HERMITAGE" E "N.D. DE L'HERMITAGE"

As autoridades eclesiásticas não se incomodaram com títulos longos demais ou não compreendem o sentido. Desde 13 de agosto de 1825 (OM1, doc. 138), o Pe. Bedoin, novo pároco de La Valla, menciona numa ata, que benzeu "a capela de Notre-Dame de l'Hermitage" e, em 25 de agosto (OM1, doc. 141), o registro do conselho de Dom De Pins indica que o Pe. Terraillon visitou "l'Hermitage, perto de S. Chamond, para a instrução dos Pequenos Irmãos de Maria"[9]. Encontra-se por vezes no registro do conselho "l'ermitage de Lavalla" (OM1, doc. 207). Por exemplo, em 1° de dezembro de 1830 (OM1, doc. 223), "o Sr. Fontbonne [...] teve licença para visitar l'Ermitage de Lavalla".

No plano civil, graças à lista das escrituras levantadas pelo Sr. Eric Perrin (publicada em CM n° 32), podemos constatar que "l'hermitage" tende a suplantar "os Gauds". Na morte de Champagnat, sua obra se inscreve, portanto, na toponímia, o que não é um sinal de sucesso a ser desconsiderado. Hoje, os mapas do Instituto Geográfico Nacional indicam "L'hermi-

[8] Ele faz o mesmo em sua carta ao Ir. Barthélemy, em 3/1/1831; a carta n.° 21 ao Senhor Mondon, em abril de 1831 e a Carta n.° 23 a Labrosse, em 29/8/1831. Ver também n.° 24, 32, 36.

[9] Em 15 de março de 1826 (OM1, doc. 149) o mesmo registro evoca "l'Hermitage dos Pequenos Irmãos de Maria". (OM1, doc. 152) e em 5 de julho de 1826 o conselho de Dom De Pins planeja pregar um retiro aos professores "no local de l'ermitage de St Chamond". Em agosto (OM1, doc. 158-159) o conselho diocesano fala dos "Irmãos de l'Hermitage". Em 28 de setembro de 1826 o mesmo conselho declara: "O Pe. Courveille tendo cometido erros em l'Hermitage"... Em 13 de junho de 1827, Dom De Pins vem benzer "a dita casa de l'Hermitage".

tage, convento". Resta tentar explicar por que Champagnat escolheu o termo "hermitage".

6. DESCOBERTA DE UM ANTIGO HERMITAGE POR CHAMPAGNAT?

A escolha do termo "hermitage" poderia estar ligada a uma descoberta, de alguma forma arqueológica, de Champagnat. Com efeito, a excelente *Monographie de N. D. de l'Hermitage* (1925) nos relata "um fato extraordinário" para explicar, senão a origem do nome, ao menos a escolha do lugar: um octogenário de Izieux encontra, perto de l'Hermitage, o Ir. Tibère, jardineiro da casa, "e, como é natural entre as pessoas dessa idade, a conversa girou sobre as coisas do passado".

"Eu sei de coisas maravilhosas sobre as origens de seu convento, diz o octogenário a seu interlocutor; quando eu era jovem, todo o mundo falava disso na região". Entre outras coisas, pôs-se a contar o seguinte:

"O Pe. Champagnat, procurando um lugar propício para a construção de um edifício principal, examinava atentamente o sítio atual de L Hermitage. De repente, descobre, no meio dos rochedos, entre os matagais que a escondem, uma estátua da Santíssima Virgem, que não consegue alcançar. Intrigado e encantado ao mesmo tempo, corre para o carpinteiro, cuja modesta habitação se erguia, como muitas outras, sobre as margens do Gier e lhe diz: 'Empreste-me uma escada, pois encontrei um tesouro'. O carpinteiro, arregalando os olhos respondeu: 'Nós vamos partilhá-lo'. 'Oh! não – diz o padre – esse tesouro não pode ser dividido'. O Pe. Champagnat apanha a estátua, mostra-a ao honesto vizinho e sobe a Lavalla, carregando o precioso fardo. Após alguns dias, ele retorna ao mesmo sítio: com surpresa, encontrou a estátua no mesmo lugar. Uma discreta e minuciosa pesquisa o convence logo que ninguém tocara na estátua: ela voltou por si mesma ao lugar primitivo: estamos diante de um prodígio que dissipa todas as hesitações. Maria, visivelmente, interveio para decidir o bom Padre a escolher esse lugar para a localização da casa projetada".

Nem a *Vida* de Champagnat pelo Ir. João Batista, nem as memórias do Ir. Sylvestre, nem os Anais do Instituto, nem o processo diocesano de beatificação (1888-1891) mencionam essa história da estátua peregrina. Em contrapartida, no seu discurso por ocasião da proclamação da heroicidade das virtudes de Champagnat, em 22 de junho de 1920, o papa Bento XV alude a essa tradição (Circulares t. XIV, 15 de agosto de 1920, p. 386):

"A Santíssima Virgem, por uma de suas efígies que apareceu, desapareceu e foi por fim reencontrada,

sem dúvida não ficou alheia à multiplicação das primeiras casas dos Pequenos Irmãos de Maria e pela boa direção que aí recebiam os filhos que nelas se abrigavam".

Trata-se, portanto, de uma tradição independente dos Imãos Maristas integrada ao dossiê romano e que o redator do discurso pontifício achou útil conservar, legitimando-a pelo fato mesmo. A conversa com o Ir. Tibère pode ser datada com certa precisão, pois esse Irmão (J. M. Gelin), nascido em Chassigny-Sous-Dun (Saône-et-Loire) em 1824, faleceu em 1903. A conversa deve ter acontecido pouco depois do decreto romano de 9 de agosto de 1896 que concedeu a Champagnat o título de venerável, celebrado por numerosos tríduos e que suscita no público o interesse por sua memória[10]. Entretanto, apesar do discurso pontifício e da *Monografia de l'Hermitage,* essa tradição não suscitou muito interesse entre os Irmãos.

Mas, talvez mereça um pouco mais porque, no relato da descoberta da estátua, podemos descobrir uma parte realista: Champagnat pede uma escada a um carpinteiro e mostra-lhe uma estátua. Isso parece ser o ponto de partida da lenda da estátua peregrina. Mas, sobretudo, Champagnat poderia então ter encontrado vestígios de uma construção que ele interpreta como um antigo ermitério. E essa hipótese não é sem fundamento, porque, em torno de 1830, as memórias do P. Bourdin (OM2, 754) indicam esquisitices do Ir. Jean-Marie Granjon, primeiro discípulo, que, em 1826, em desacordo com a direção dada à obra...

"Quero fazer uma cela que contenha uma forja...
Os irmãos chegam para as férias,
perguntam onde está o Ir. Jean-Marie[11],
são proibidos de vê-lo para não cansá-lo".

O Ir. Avit confirma o fato com precisão: "Ele construiu para si uma cabana de ramos debaixo do rochedo com vista para o lugar onde se fez o grande terraço, em 1830". Ora, por muito tempo diretor dos Irmãos e confidente de Champagnat, Jean-Marie Granjon teria podido rebater uma informação recebida do fundador, para protestar contra a crise experimentada pela Sociedade[12]. E afinal de contas, a existência de um antigo eremitério debaixo de um rochedo e não muito longe do Gier é plausível porque, sem ser propriamente uma solidão, esse lugar poderia passar por um pequeno fim de mundo, o Gier atravessando um desfiladeiro estreito e imprati-

[10] Panégyriques allocutions et discours prononcés à l'occasion de l'introduction de la cause de Marcellin-Joseph-Benoît Champagnat, prêtre mariste, fondateur des petits frères de Marie, 1896-97, Lyon, X. Jevain, 1897.

[11] É o sinal do prestígio de um personagem, com figura de cofundador.

[12] É o ano do afastamento do Pe. Courveille e de Terraillon.

cável, agora ocupado por uma represa, o vale só encontrando certa largura e *habitat* no vilarejo de La Rive, na parte inferior de La Valla[13].

7. L'HERMITAGE DE NOSSA SENHORA COMO REFERÊNCIA DO MODELO TRAPISTA

A escolha do termo "hermitage" pode se explicada também porque Champagnat e Courveille inscrevem a S. M. na tradição do monaquismo primitivo, aquele dos Padres dos Desertos do Oriente, novamente honrado pela tradição da Trapa do abade de Rancé no século XVII e reativado durante a Revolução por Dom Augustin Lestrange[14], e seus monges trapistas que, partindo da Normandia, fugiam da Revolução Francesa indo até a Rússia e a América e passando sob Napoleão por heróis da resistências ao despotismo.

Toda a França católica conhece essa epopeia trapista e, não é por acaso que Ir. Jean-Marie Granjon e o Pe. Courveille vão à trapa de Aiguebelle, um em 1822, o outro em 1826. Em sua carta de junho de 1826, este, aliás, apresenta esse mosteiro como o modelo do que deveria ser l'Hermitage. Também não se pode esquecer "As vidas dos Padres dos desertos do Oriente", um clássico da literatura espiritual, do P. Michel Ange Marin, mínimo (1697-1767), que relembra as façanhas e a doutrina ascética anacoretas.

A Vida de Rancé, de Dom Le Nain, nos relata que este, padre mundano, recentemente convertido, procura estabelecer um "hermitage" nos Pirineus. Finalmente optará pela Trapa que lhe permitirá assumir não só vida solitária e vida comunitária, mas também vida apostólica porque, por sua correspondência, sua caridade para com os pobres e até mesmo a manutenção de escolas, Rancé faz também da Trapa um polo de militância. Mas entende-se que, embora os monges não sejam mais solitários como os anacoretas, devem viver em um lugar solitário como o expressa Rancé em uma carta ao bispo de Pamiers (Pirineus) que quer fundar um mosteiro:

> "Uma das coisas principais será a de encontrar o lugar do estabelecimnento. É preciso que esteja num deserto. Nossos antigos estatutos nos mandam construir nossos mosteiros em lugares totalmente separados de todo o comércio dos homens [...] basta somente que haja um vale onde passa um pouco de água e onde haja alguma pequena planície de um hectare para o jardim, que garanta a vida e a subsistência dos religiosos, com um pequeno bosque"[15].

[13] Eu me pergunto, aliás, se a construção do grande terraço na encosta acima do vale do Gier, no inverno de 1830 (Avit, 1830, §134), não foi projetada para esconder um lugar que recordava as origens e a oposição de J. M. Granjon.

[14] Ver particularmente Augustin-Hervé Laffay, *Dom Augustin de Lestrange et l'avenir du monachisme (1754-1827)*, Paris, Cerf, 1998, 659 p.

[15] Dom Le Nain, op. cit., p. 248.

A Vida de Rancé, por Marsollier (livro IV, cap. V), insiste longamente sobre outra particularidade interessante:

> "Ele (Rancé) não levava em conta [...] nem o nascimento dos que se apresentavam, nem suas riquezas ou bens que tivessem para dar à casa se os quisesse receber. Não dava nenhuma atenção à ciência, aos talentos, à força, à saúde, à beleza da voz, nem às outras qualidades de espírito e de corpo, vantajosas conforme o mundo, muitas vezes prejudiciais quando se trata de fazer santos... Nenhuma profissão era excluída (da trapa) [...] ele recebia pessoas idosas e doentes [...]".

Como Rancé, Champagnat quis voluntariamente escolher um lugar retirado para estabelecer sua casa. No entanto, como ele, não a quis longe demais dos homens e praticou uma grande acolhida. O Pe. Courveille certamente não teve influência nessa escolha, mas de boa vontade compartilhou um ideal de vida retirada, em que, de bom grado, se viu como padre, ao mesmo tempo sendo mais reservado para acolher gente de todas as condições[16]. Muitos outros indícios mostram que Champagnat sofreu direta ou indiretamente a influência do monaquismo de espírito ranceano: assim, muitos nomes de religião dos Irmãos são inspirados por aqueles dos Padres do deserto (Dorothée, Cassien, Arsène...) e sobretudo, em agosto de 1834 (OM1, 321), numa carta ao Pe. Cholleton, oferecerá a propriedade da Grange-Payre para os Padres Maristas de Valbenoîte porque ele acredita que estão por demais envolvidos no mundo para se prepararem à sua missão. A hipótese de que a palavra "hermitage" venha da tradição ranceana é, portanto, séria, e a descoberta de um antigo ermitério só teria reforçado em Champagnat essa visão monástica da Sociedade de Maria, bem menos presente em J. C. Colin e os Maristas de Belley.

8. SENTIDO ESCATOLÓGICO DE "HERMITAGE DE NOTRE-DAME"

Se o termo "Hermitage" pode vir de uma influência ranceana, a expressão toda "L'hermitage de Notre Dame" não vem daí, porque Rancé e seus sucessores utilizam os vocábulos nomes clássicos para suas abadias: "N. D. de la Trappe" ou "N. D. d'Aiguebelle". E para tentar compreeder o pensamento de Champagnat o melhor é tomar "Hermitage de Notre-Dame" no sentido próprio: Maria na solidão que chama as almas escolhidas por ela para compartilhar sua vida retirada. Eremitério de Notre Dame e Sociedade de Maria seriam, em suma, termos equivalentes (em português, são sinônimos: eremitério, ermitério e ermitágio).

Se não é comum considerar Maria como eremita, Apocalipse 12 nos oferece uma abertura nesse sentido, pela visão do combate cósmico entre o dragão e a mulher vestida com

[16] Este será um dos grandes assuntos de discórdia entre eles.

o sol, cujo filho, uma vez nascido, é arrebatado aos céus, ao passo que "a mulher fugiu para o deserto". No combate cósmico que segue, Satã e os seus, expulsos para a Terra por Miguel e seus anjos, partem em perseguição à Mulher que recebe as duas asas "e voa para o deserto, para um lugar bem longe da Serpente. Aí a Mulher é alimentada por um tempo, dois tempos e meio tempo". Finalmente, o Dragão "cheio de raiva, por causa da Mulher, começou então a atacar o resto dos filhos dela, os que obedecem aos mandamentos de Deus e mantêm o testemunho de Jesus".

Durante a Revolução, o Apocalipse foi lido e interpretado com paixão e particularmente esse capítulo. Champagnat e Courveille deleitam-se nessa tradição e é provável que o façam por meio da leitura de "A cidade mística de Deus", de Maria de Ágreda, lida apaixonadamente por J. C. Colin, e que figura na biblioteca de Champagnat, em 1840. Ora, essa santa religiosa do século XVII comenta por duas vezes o capítulo 12[17], insistindo sobre Maria na solidão combatendo vitoriosamente contra Satã.

> "Essa Mulher será colocada na solidão onde eu
> lhe prepararei um lugar [...]
> Essa solidão para onde essa Mulher fugiu
> é a de nossa grande Rainha [...] Eu lhe destino
> e lhe entrego um lugar solitário,
> de um encanto muito elevado" (Cap. VIII, §105) [...]
> "ela enfrenta os maiores esforços de Lúcifer [...]
> que se concentra singularmente em guerrear
> com particular indignação com as virgens
> consagradas a Jesus Cristo (Cap. X, §131)".

No fim da obra, Maria de Ágreda descreve também os últimos combates de Maria retirada no Cenáculo (cap. VII, §508, p. 357):

> "Eles (os demônios todos) resolveram atacá-la,
> todos juntos, no seu retiro, imaginando
> que nessa solidão a encontrariam [...]
> menos protegida por aqueles que a defendiam" [...]
> "Atacaram, todos juntos, a bem-aventurada Maria
> no seu oratório" [...]
> "eles fizeram (§510) seus derradeiros[18]
> esforços, servindo-se de falsas revelações,
> de ilusões, de promessas, de ameaças"...

No fim do combate (§516), Maria se retira num deserto interior: "e esse estado é chamado deserto porque é a única de todas as criaturas que nele foi elevada". No fim do capítulo, Maria entrega um comunicado no qual ela se declara: "a generalíssima dessas guerras (contra Satã), depois de meu Filho (§ 529)". A infidelidade dos cristãos tornou a dar novo poder a Satã; com Jesus, diz ela, "nós queremos sempre ter (na Igreja) algumas almas que defendem a glória e a honra de Deus e que, por Ele, combatem os demônios para sua maior confusão"[19]. Assim, na sua primeira exegese, Maria de Ágreda insiste de preferência sobre

[17] 1ª parte, Livro 1, cap. VIII-X, e 3ª parte, livro 8, cap. VII.

[18] No sentido de "os maiores".

[19] A consagração de Fourvière está completamente nesse espírito

Maria na sua solidão de Mulher que se retirou ao deserto, aguardando o cumprimento do plano divino. Na segunda, sua imagem é mais ambivalente: é, de uma parte, a mulher retirada fisicamente no seu oratório e espiritualmente na sua dignidade fora do comum; e, por outro lado, é a combatente para a salvação da Igreja na sua origem, mas também ao longo da história.

É verdade que, se Maria de Ágreda utiliza abundantemente os termos "deserto" ou "solidão" e, às vezes, "oratório", e quase não emprega o termo "eremitério", cerca de 35 vezes Maria recebe o título de "refúgio".

9. INDÍCIOS DA INFLUÊNCIA DE MARIA DE ÁGREDA

Encontrar em Champagnat uma filiação segura com *A cidade mística de Deus* não é fácil[20], primeiro porque deixou poucos escritos espirituais pessoais, mas também porque *A cidade mística*, obra muito controvertida, era reservada à leitura privada por pessoas prevenidas[21]. Entretanto, o rascunho de uma carta (1827) em que Champagnat expõe seus dissabores a Dom De Pins (OM1, doc. 173) pouco após sua ruptura com o Pe. Courveille, exprime uma visão escatológica da S. M. muito parecida com a de Maria de Ágreda, especialmente quando evoca os "esforços do inferno":

> *"Excelência Rev.ma,*
>
> *[...]"Deus quer esta obra nestes tempos perversos, esta é sempre minha firme convicção; [...] O proceder infeliz daquele que parecia o chefe, mostra claramente os mais terríveis esforços que todo o inferno (sic) concebeu para derrubar uma obra que previu que lhe faria tanto mal. Jesus e Maria serão sempre o amparo seguro (sic) de minha confiança".*

Em sua circular de janeiro de 1828, ele apresenta uma visão mais apaziguada: l'Hermitage é como novo jardim do Éden onde Maria, nova Eva e recurso habitual, cuida de seus filhos escolhidos. É também a nova Jerusalém.

[20] É na coletânea 313 do Ir. François (catéchisme marial) que se encontra uma referência certa a Maria de Ágreda.

[21] O Pe. Colin não queria que os jovens padres a lessem.

"Deus nos amou desde toda a eternidade;
ele nos escolheu e separou do mundo.
A Santa Virgem nos plantou em seu jardim,
ela cuida para que nada nos falte".

Em outra carta a Dom De Pins, em 1835 (Carta 56), ele insiste, como Maria de Ágreda, sobre Maria, cidade mística que acolhe amplamente:

"Nossa casa aumenta a olhos vistos [...]
Eu não ouso recusar os que se apresentam,
considero-os como trazidos realmente por Maria".

Mas, já em uma carta para o futuro Ir. Louis-Marie (1832), assegurou-lhe:

"Você fará o bem em nossa casa. Maria, nossa boa Mãe, o protegerá e, depois de tê-la tido como primeira superiora, você a terá por Rainha no céu".

A expressão "primeira superiora" talvez seja o indício mais forte em favor de uma influência de Mariea de Ágreda, uma expressão muito próxima que figura na consagração a Maria do mosteiro da Imaculada Conceição de Ágreda, em 22 de março de 1643, anexada em *A Cidade mística de Deus*. Muito detalhada, contém passagens marcantes para um Marista:

"Nós decidimos que todas as religiosas deste mosteiro, presentes e futuras, se chamarão Maria[22], conservando este grande nome se o têm, e assumindo-o se não o têm, antes ou depois daquele de seu batismo. E eu, (Maria de Ágreda) a menor de vossas servas, abdico, entre vossas mãos, o ofício que tenho de superiora desta humilde comunidade, a fim de que não tenhamos mais outra Mãe e outra superiora que vós, da qual queremos ser as inferioras. [...] Prosternadas a vossos pés, nós vos pedimos, nossa Mãe dulcíssima, de aceitar esta eleição e de nos governar doravante como nossa especial Protetora e nossa única Superiora".

A ideia de l'Hermitage, como propriedade de Maria, onde ela acolhe seus filhos fiéis, poderia, então, dever algo a Maria de Ágreda. Mas, por que Champagnat renuncia à expressão "Hermitage de Notre-Dame?"

10. UM TEMPO DE DESERTO ESPIRITUAL

A resposta se encontra na sua carta de 1827 a Dom De Pins: aquele que parecia o chefe dessa obra santa foi derrubado pelos esforços do inferno. Deus quer esta obra, disso ele está sempre convencido, mas "talvez Ele queira outros homens para estabelecê-la". Empregando sensivelmente as mesmas palavras, numa carta ao Pe. Gardette (OM1, 173) ele acrescenta: "mais do que nunca verifico a verdade deste dito do rei profeta: *Nisi Dominus aedificaverit domum, in vanum laboraverunt qui aedificant eam*". (Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalharão seus construtores.)

[22] Regras Comuns de 1852, cap. VI: Da devoção marial, artigo 1º: "Os Irmãos julgar-se-ão infinitamente felizes de levar o nome de Maria, e considerarão a felicidade de ser associados na sua família como uma das maiores graças recebidas de Deus"

Champagnat reconhece, portanto, que uma primeira forma de Sociedade de Maria fracassou, seja porque seus promotores não corresponderam à vontade divina (Courveille); seja porque não tinham vocação para isso (ele mesmo). Desse fato, o título dado à sua fundação tornou-se obsoleto. Doravante, Champagnat aguarda um sinal de Deus para recomeçar uma fundação da sociedade dos Padres que muito deseja, mas que acha não ser o homem destinado a fazê-la surgir. Sem dúvida, temos aí uma das chaves de explicação de sua conduta em 1830-40, quando aceita sem dificuldade que a função de centro de unidade, depois de superior, passe ao Pe. Colin, e que ele mesmo entre na Sociedade de Maria, constituída em 1836. Sua intuição de 1826 se realizou: Deus quis a S. M. por outros homens.

11. A CAPELA DE 1836 COMO MANIFESTAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE PRIMITIVA

Nesse mesmo tempo, sua obra prosperou de tal maneira que foi preciso remodelar e ampliar a casa de l'Hermitage. O Ir. Avit situa o início dos trabalhos no ano de 1835 (Anais, t. 1, §89):

"A ala oeste foi prolongada cerca de dez metros, para se juntá-la à capela definitiva, cujas bases foram lançadas sobre a referida rocha nivelada. A ala oriental recebeu três andares destinados ao noviciado, à enfermaria e ao dormitório. Essa ala ainda não se juntava à capela. Estava separada pelo rochedo ainda não talhado".

Esses trabalhos se realizam ao mesmo tempo que as tratativas entre J. C. Colin e Roma, de sorte que a capela tornou-se um monumento simbolizando fisicamente a realização oficial da S. M. pelo breve *Omnium gentium,* de 29 de abril de 1836. De 20 a 24 de setembro, vinte padres reunidos em Belley constituíram canonicamente a Sociedade de Maria, elegendo o Pe. Colin como superior e pronunciando seus votos. Mas esse ato é apenas a primeira parte da constituição da S. M. porque, logo, os Padres Colin, Convert e Champagnat vão a l'Hermitage para presidir o retiro dos Irmãos. Em 3 de outubro, Dom Pompallier, partindo para a Oceania, benze a capela e, no fim do retiro, em 10 de outubro, os Irmãos pronunciam pela primeira vez votos públicos, conforme uma fórmula que os liga (de maneira bastante ambígua) à Sociedade de Maria[23].

A nova capela, da qual o Ir. François[24] nos deixou uma descrição minuciosa[25], manifesta, por sua decoração, a concepção da S. M. segundo

[23] O cerimonial afirma que fazem seus votos ao superior da S. M (Pe. Colin), mas a ata indica que fazem seus votos ao superior dos Pequenos Irmãos de Maria, isto é, ao Pe. Champagnat.

[24] Caderno dos anais de l'Hermitage, AFM 213, 16.

[25] O Ir. Avit afirma que na época do retiro de 1836, começo de outubro, "a capela definitiva, começada no ano precedente, estava completamente terminada" (Annales, t. 1, §148). Mas o Pe. Champagnat escreve a Dom Pompallier, a 27 de maio de 1838: "Nós terminamos nossa capela. Ela é muito linda".

Champagnat. O decorador é Joseph Ravery (1800-1869), que realizará, em 1840, o retrato do Pe. Champagnat. No coro, um eixo vertical representa, de alto a baixo, a Trindade, o crucifixo, a Assunção, o altar. Um eixo horizontal, cujo centro é o quadro da Assunção, é formado por dez medalhões inspirados pelas ladainhas da Santíssima Virgem e separados por doze colunas. O plano que segue nos dá a maior parte da disposição das obras.

	Trindade (no teto acima do altar)	
Anjo adorador (afresco)	**Crucifixo (afresco)**	Anjo adorador (afresco)
SS. Virgem (estátua) S. Luís de Gonzaga (estátua)	**Assunção (quadro)**	S. José (estátua) S. Francisco Xavier (estátua)
	Altar	
5 medalhões (afrescos) separados por colunas		5 medalhões (afrescos) separados por colunas
Porta do Céu		Arca da Aliança
Estrela da Manhã		Rosa Mística
Rainha das Virgens		Rainha dos Mártires
Sede da Sabedoria		Torre de Davi
Consoladora dos Aflitos		Auxílio dos Cristãos

A mensagem teológica vertical é clássica: no teto, um círculo de glória representa a Trindade; o crucifixo evoca a Encarnação e a Redenção do Verbo, adorado pelos anjos. Evidentemente, o altar, lugar de renovação do sacrifício do Cristo, é a terceira parte desse conjunto. Quanto ao eixo horizontal, é claro que Champagnat não tomou ao acaso as dez invocações entre as 45 que compõem a ladainha. Ademais, é bastante fácil perceber que elas se correspondem duas a duas e formam uma espécie de escada mística, encontrando sua última expressão na Assunção.

Lado da Epístola		Lado do Evangelho
SS. Virgem	**ASSUNÇÃO**	S. José
S. Luís de Gonzaga		S. Francisco Xavier
Porta do Céu (porta aberta)	Nova aliança entre Deus e os homens	**Arca da Aliança** (Arca da aliança)
Estrela da Manhã (uma estrela)	O anúncio da salvação	**Rosa Mística** (uma bela rosa)
Rainha das Virgens (lírio, coroa, pomba)	Maria, modelo das almas fiéis	**Rainha dos Mártires** (coroa de rosas e palmas)
Sede da Sabedoria (assento encimado por uma pomba)	Maria, Mãe do Verbo encarnado	**Torre de Davi** (uma torre)
Consoladora dos Aflitos (vinha enlaçando uma cruz)	Maria, mãe e chefe da Igreja	**Auxiliadora dos Cristãos** (cruz e espada ligadas)
Friso de rosas cercando a nave	A Igreja participando do mistério divino e da glória de Maria	**Friso de rosas cercando a nave**

Assim, esses cinco níveis simbólicos representam a história da salvação com Maria, a Assunção constituindo ao mesmo tempo a origem e o cumprimento da participação da humanidade na sua salvação. Aliás, é provável que, como em muitos quadros, a imagem da Assunção se tenha inspirado no Apocalipse, Maria tendo a lua sob os pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça.

Cada uma das duas séries de medalhões que redundam na Assunção tem sua especificidade. Do lado da Epístola, os símbolos evocam a estabilidade, a fecundidade, a pureza, a esperança. A dominante é Maria, mãe compassiva e toda pura; é a Imaculada Conceição. A estátua de S. Luís de Gonzaga aparece justamente como a do perfeito imitador de Maria por sua pureza. Do lado do Evangelho, sobressai a imagem de Maria como chefe, como combatente: ela é a torre, a arca, a espada. Francisco Xavier, o missionário por excelência, aparece aqui como o modelo simétrico de Luís de Gonzaga. São José como chefe da sagrada Família, guarda de Jesus e esposo de Maria, pode figurar realmente como símbolo de autoridade e dedicação.

Uma leitura ascendente também é pertinente. Ela representa a Igreja, mas também a Sociedade de Maria sofredora e combatente, assistida pela sabedoria e pelo poder defensivo de Maria, imitando-a em sua dúplice dignidade real de virgem e de mártir (Salve Regina), chegando por ela ao céu e triunfando com ela. E, fi-

nalmente, temos lá a expressão mais acabada daquilo que Champagnat queria significar, desde 1824, com a expressão "L'Hermitage de Notre-Dame".

Portanto, parece que, construindo seu programa iconográfico, Champagnat tenha querido agradecer a Maria pela obra levada a bom termo e representar o essencial da espiritualidade da Sociedade de Maria, esboçada desde 1816 e enfim exposta, no momento em que a sociedade dos Irmãos atinge uma relativa maturidade e em que a Sociedade de Maria se constitui como corpo eclesial. Através da arte mural, Champagnat, grande construtor, mas também mais inclinado à especulação mística do que se acreditou, afirma a Sociedade de Maria no coração da história da salvação, e a casa de l'Hermitage no coração da Sociedade de Maria.

Mas essa mensagem iconográfica de Champagnat foi compreendida? Há poucos indícios para supô-lo. Se o Ir. Francisco cuidadosamente descreveu a capela de 1836, não acompanha sua descrição de nenhum comentário explicativo, mesmo sendo verdade que, para ele, l'Hermitage é "o grande relicário do Pe. Champagnat". E depois, ameaçando ruir[26], a capela de 1836 foi demolida em 1875 e, portanto, com a decoração, sem que ninguém – inclusive o Ir. Francisco, ainda vivo – julgasse útil guardar-lhe a lembrança, seja pelo desenho, seja pela fotografia, já bem difundida nessa época. E a decoração da nova capela (*Monografia de N. D. de l'Hermitage*[27]) será completamente diferente[28].

Aparentemente os Irmãos não estabeleceram a forte ligação entre a decoração da capela e o ensinamento do Fundador, como se a espiritualidade marista estivesse aí escondida detrás de símbolos muito conhecidos para serem lidos de outra maneira que no primeiro nível. Mas é verdade que também quase nada se questionou sobre o primeiro vocábulo nome: L'Hermitage de Notre-Dame.

CONCLUSÃO

Finalmente, uma coisa é certa: o vocábulo nome "Hermitage de Notre-Dame", nascido em 1824, simboliza a ligação Champagnat - Courveille no projeto de constituição da Sociedade de Maria no lugar dos Gauds. É por isso que a cisão entre os dois homens, em 1826, ocasiona sua substituição por uma fórmula mais clássica. Por fim, é o termo "l'hermitage"

[26] Ela foi construída às pressas.

[27] Livrinho de 118 páginas, editado em Saint Chamond, em 1925.

[28] Executada em 1890, ela comporta no coro duas filas de santos: embaixo S. Potino e Santo Ireneu, patronos da diocese de Lyon, depois Pedro e Paulo, o anjo da guarda e S. Miguel. No alto, no meio, a pomba do Espírito Santo e de cada lado, de frente, Santa Ana e Santa Filomena, São Luís de Gonzagua e o Bem-aventurado Chanel, São João Batista e Santo Estêvão.

que faz a ponte entre as duas épocas, que este vem da tradição ranceana, e/ou ou do sentimento de Champagnat que Maria indicou este lugar.

A esse respeito, é preciso notar que a casa de La Valla nunca recebeu nome de consonância espiritual e que Champagnat rapidamente a vendeu, o que mostra quanto ele fazia diferença entre o berço do Instituto e seu segundo centro. A lenda da estátua descoberta, levada a La Valla e retornada por si mesma, expressa simbolicamente essa diferença de importância entre os dois locais e reforça a ideia de uma escolha dos Gauds guiada por outras razões que não as puramente práticas.

Em última análise, para bem compreender a concepção da S. M. segundo M. Champagnat, é preciso juntar o vocábulo nome "Hermitage de Notre-Dame" de 1824 à síntese iconográfica da capela de 1836. Eu me permiti formular hipóteses sobre a origem da palavra-chave "Hermitage", que trabalhos ulteriores poderão confirmar ou invalidar. Creio, entretanto, de não me enganar afirmando que a mensagem expressa por Champagnat, de maneira bastante esotérica, por "L'Hermitage de Notre-Dame", e de maneira mais explícita na decoração da capela de 1836, desenvolve uma visão grandiosa da espiritualidade marista que merece tratados, por pouco que se consinta decifrá-la em termos espirituais e não devocionais.

RELATÓRIO SOBRE VERRIÈRES

Arquivos do arcebispado de Lião, pasta A 2 II 104

Ir. André Lanfrey

O autor desta carta é o Pe. Cabarat, antigo cônego da diocese de Tours, superior do seminário menor de l'Argentière, de 1805 a 1808. Ele era, como a maioria dos professores, Padre da Fé, sociedade interditada por Napoleão, por lembrar demais a Companhia de Jesus. Um tempo sob a proteção do cardeal Fesch, esses padres deverão se dispersar em 1808, permanecendo o Pe. Cabarat na diocese como cônego e vigário-geral encarregado dos seminários menores[1]. Nomeado para essa função em 23 janeiro de 1808, não perde tempo, como o indica este relatório que, segundo me consta, ainda não foi publicado pelas fontes maristas.

O ano de 1808 é um momento de mudanças na história do estabelecimento: percebe-se facilmente que, apesar de muitas melhorias, ainda está pouco estruturado quanto à vida material e aos estudos, e que a autoridade diocesana adota uma política de normalização estabelecida. Presente em Verrières, da Festa de Todos os Santos de 1805 ao verão de 1813, M. Champagnat lá então viveu a transição de uma obra largamente improvisada e mal controlada, para uma estrutura muito mais firme que a anunciada pelo relatório de 1808.

[1] "Lyon Lião, 27 de junho de 1808.
Tenho a honra de dirigir (sic) a vossa alteza eminentíssima o relatório das visitas que realizei por ordem de seu conselho aos seminários menores de Verrières e de Roches[2]."
[...]

[1] Sobre o Pe. Cabarat, ver André Lestenschneider, *L'Argentière*, Lyon, 1905 p. 77-135 e OM1, doc. 29 p. 179.

[2] Depois o Pe. Cabarat dá notícias a respeito de um jovem chamado Pietra, protegido do cardeal.

[2] "Relatório sobre os Seminários menores de Verrières e de Roches Visita do mês de maio de 1808"

[3] "Relatório ao conselho de Sua alteza Eminentíssima o Cardeal arcebispo de Lião, da visita aos Seminários menores de Verrières e de Roches, feita no mês de maio de 1808.

Verrières

O Seminário Menor de Verrières foi estabelecido em 1805 pelo pároco Pe. Périer, servindo à paróquia (sic) do referido lugar. Esse eclesiástico, sendo depositário de vários montantes cuja quantidade é desconhecida, que lhe foram confiados com a condição de os empregar na formação de algum estabelecimento para a educação da juventude, comprou, em 1805, a casa presbiteral de Verrières, mediante 5.500 F. e, um ano depois, a casa vizinha, pertencente ao chamado Clavelot, mediante 4.000 F.

O Pe. Périer formou, nessas duas casas reunidas, uma escola e um internato denominado Seminário Menor, logo que o conselho realizou sua inspeção, confiando ao Pe. Périer alunos para o estado eclesiástico, que pagam a pensão total ou parcialmente.

No ano anterior, o Pe. Périer aumentou sua habitação, com a construção de um edifício de 3 andares contíguos à casa Clavelot onde fez uma grande cozinha e dormitórios. Esse edifício com outras reparações custou, no relatório do Pe. Périer, 8.500 F. Também aumentou o jardim com a aquisição de um pequeno terreno adjacente ao do presbitério, por 300 F.

A casa Clavelot, assim aumentada, está separada dos edifícios do presbitério apenas por uma passagem de 8 pés comunicando o pátio com o jardim. A casa Clavelot tem 85 pés de frente para o jardim, e os edifícios do presbitério, 65 pés.

Esses edifícios, situados entre pátio e jardim, oferecem o suficiente para um seminário menor de 160 a 180 alunos. Cozinha, refeitório, sala de estudos e de exercícios, dormitórios, lugares de recreação, padaria etc. É pena que as escadas dos dormitórios sejam incômodas e mal construídas, e que o pátio seja estreito (ele tem apenas 55 pés). Há uma entrada para a igreja sem sair de casa. Mas os jardins ainda não estão fechados. O Pe. Périer agora trabalha nesse fechamento.

[4] A fonte que abastece a casa fica fora, numa praça pública, em frente da porta de entrada. Os rapazes estão assim expostos a sair frequentemente sob pretexto de buscar água. É um inconveniente que o Pe. Périer quer remediar fazendo vir a água da fonte para o seu pátio por um canal. A aldeia de Verrières

é um lugar popular de passagem. Existem muitas tabernas. Isso requer uma vigilância mais cuidadosa sobre a saida dos alunos[3].

O Pe. Périer não é somente proprietário das casas e jardim do seminário menor de Verrières; ele desfruta ainda de um bosque de 65 métrées[4] que comprou por 12.000 F. Além disso, ele goza das receitas de várias propriedades localizadas em Gumières e alhures, valendo juntas de 30 a 40.000 F. que foram adquiridas por uma mulher chamada a tia[5]. Esta passou contrato de venda ao Pe. Périer de uma parte de 20.000 F. e recebe os frutos do excedente. Assegura-se que essa mulher fez esses "acquets"[6] com dinheiro que lhe foi confiado para ser gasto na educação da juventude.

O Pe. Périer, de 42 anos, é inteligente e muito ativo, sobretudo em assuntos temporais. Seria para desejar que tivesse essas qualidades no mesmo grau para os assuntos espirituais. Desde que está em Verrières negligenciou demais a instrução das crianças de sua paróquia; é uma das causas pelas quais não é nem amado nem estimado pela maioria de seus paroquianos. Um dos professores, faz alguns meses, ensina o catecismo na paróquia; estão contentes. O Pe. Périer desculpou-se devido à multiplicidade de suas ocupações. Há também muito pouco cuidado da instrução espiritual das crianças que não se estão preparando para a primeira comunhão. A vigilância não é muito cuidadosa. A comunicação com estranhos é muito fácil. O número total de leitos corresponde apenas à metade de internos[7]. O Pe. Périer pouco se importa com os estudos; esse assunto ele o transfere ao primeiro dos professores.

Além do superior, há no Seminário Menor de Verrières sete professores e um prefeito ou vigilante-geral.

- *Professor de 3º. Pe. Antoine Linossier, padre, de 46 anos, capaz, enfermo, só pode andar com o apoio de alguma pessoa.*
- *De 4º. Sr. I. Bte. Nobis, tonsurado, de 29 anos, cursa teologia, vivo, capaz, trabalhador.*

---

[3] As resoluções de Champagnat quanto à presença nas tabernas se explicam bem nesse contexto.

[4] O termo oficial é "métérée". É obviamente uma medida de superfície: cerca de um ha hectare.

[5] Zelosa benfeitora lembrada na história do seminário de Verrières.

[6] Termo jurídico que significa "aquisições".

[7] Numerosos seminaristas, portanto, dormem na casa de algum morador. São pensionistas.

[5] – *Prof. de 5º. Sr. Chomarac, de 32 anos, leigo, cursa filosofia no Puy, capacidade medíocre.*
– *De 6º. Sr. Breuil de Roche, de 20 anos, aluno de St Irénée, capaz*[8].
– *De 7º. Sr. Crépu, de 27 anos, aluno de St Irénée, capaz, piedoso e muito edificante.*
– *De 8º. Sr. Bachelard, leigo, de 37 anos. Só estudou filosofia. Trabalhador e capaz.*
– *Prof. dos iniciantes. Sr. Chappuis, leigo, de 21 anos (na margem: N (ota). Sr. Chappuis deixou Verrières no mês de junho).*
– *Prefeito. Sr. Jean Fr (ançois) Morlier (?) subdiácono, de 23 anos.*

Em geral, os professores de Verrières não parecem afeiçoados ao estabelecimento. Apenas o Pe. Linossier está contente. O Sr. Chomarat parece indiferente. Todos os demais pedem sua aposentadoria.

Os domésticos de Verrières são:

1º Uma cozinheira de cerca de 40 anos,
2º Uma ajudante de cozinha, de 36 anos,
3º Uma roupeira,
4º Um padeiro e abastecedor, homem viúvo,
5º Um jovem auxiliar de cozinha que é, ao mesmo tempo, estudante.

Há 183 alunos, dos quais:

- *15 em 3ª dita humanidades,*
- *16 em 4ª dita 3ª,*
- *25 em 5ª,*
- *30 em 6ª* [9],
- *26 em 7ª,*
- *29 em 8ª,*
- *42 iniciantes.*

A quantidade de domésticos é pequena demais para que uma casa com tantos alunos seja bem cuidada, por isso está muito suja.
O Pe. Périer não presta contas ao conselho. O máximo de sua pensão é de 24 F. por mês. Ele tem 18 pensionistas das mais altas classes pelos quais o conselho lhe paga 15 F. por mês, 4 pelos quais lhe paga 8 F. e um a 3 F. por mês.

[8] M. Champagnat é de sua classe.
[9] Ver OM1, doc. 9 (1807-8) que assinala 28 alunos na 6ª, incluindo M. Champagnat.

O relatório é pouco favorável ao estabelecimento de Verrières. No entanto é necessário concordar que aí se formam algumas pessoas [6] próprias ao estado eclesiástico, sobretudo da classe dos nativos[10], entre os quais há os que, tendo sido criados originariamente por bons párocos, conservam seus bons hábitos de virtude e que também estão interessados em trabalhar com todas as suas forças. Mas, quantos dessas pessoas seriam mais bem formadas se o seminário menor de Verrières fosse melhor governado, e quanto mal não visível, que temos razões para suspeitar, especialmente entre as crianças, poderia ser minorado e corrigido! Os estudos também poderiam ser melhorados. O Pe. Linossier é o indicado para isso, porque parece que eles melhoraram depois de sua chegada a Verrières, em junho de 1806.

Não se escondeu do Pe. Périer que o bom governo de uma paróquia considerável como Verrières, e a boa direção de um colégio tão numeroso, parecessem acima das forças de uma só pessoa. É por isso que ele pediu que seja colocado junto dele um ecônomo que se encarregue da receita e da despesa do seminário menor, a quem o Pe. Périer entregaria os rendimentos de todas as propriedades de que goza, como também os da tia, e que prestaria contas de tudo ao Conselho. Mas ele pretende ficar sempre superior e proprietário durante sua vida.

Isso será objeto de um exame posterior".

Segue, p. 7-10, um relatório sobre o seminário de Roches, bem mais favorável.

CONCLUSÃO

Vê-se, conforme este relatório:

1°) que os dois seminários menores de Verrières e de Roches precisam de melhoria ou de reforma;

2°) que o de Roches está em melhor estado que o de Verrières, sobretudo pela moral, e que mereceria ser conservado preferivelmente se fosse preciso optar entre um e outro;

3°) se o de Verrières puder ser reformado convenientemente, seria mais útil para a diocese conservar um e outro.

[10] O termo designa, em princípio, os jovens nativos da região de Verrières. Mas o Pe. Cabarat parece considerar os alunos do campo, dos quais M. Champagnat faz parte.

AS SENTENÇAS DO QUARTO DO PE. CHAMPAGNAT

Ir. André Lanfrey

Sabemos que os dois primeiros Irmãos Maristas se instalam na casa Bonner, em 2 de janeiro de 1817, e que, até o fim de 1819, o que se denomina o quarto do Pe. Champagnat foi um local destinado a outro uso, pois o Ir. Francisco nos diz[1] que o primeiro retiro da comunidade foi em 1819 "na sala, que se tornou em seguida o quarto do Pe. Champagnat no piso térreo". Ele não precisa a data exata desse retiro, talvez o primeiro do Instituto, mais sua tomada de hábito (OFM 3, doc. 575, p. 244), realizada em 8 de setembro de 1819[2], por ocasião do retiro.

Na circular de 2 de julho de 1855, o Ir. Francisco relata a arrumação do lugar:

> "Nosso piedoso Fundador, depois de adquirir, na paróquia de Lavalla, a modesta casa que serviu de berço ao Instituto, arrumou com suas próprias mãos um pequeno quarto dessa casa para fazer dele o oratório da Comunidade nascente. Lá, reunia muitas vezes, aos pés de Maria, os primeiros Irmãos, para rezar com eles e formá-los às práticas da vida religiosa".

E acrescenta:

> "Um dia, no meio de uma instrução que lhes fazia sobre a finalidade do Instituto e os meios de atingi-la pela fiel observância das Regras, deixando-se levar pelas inspirações do Espírito de Deus que estava nele, exclamou: 'Quando teremos a ventura de possuir Jesus Cristo em nossa casa, de portar o hábito religioso e de ter uma capela para nela fazer nossas cerimônias? Quando veremos nossa Congregação bem constituída, tendo um noviciado bem organizado e Regras bem estabelecidas? Coragem, meus caros Irmãos, – acrescentou – porque tudo isso virá; e o dia não está longe em que teremos o hábito religioso, uma capela, um noviciado e Regras para nos dirigir em todos os pormenores de nossa conduta".

[1] A.F.M. 5101.302 p. 121.

[2] A cronologia marista indica o dia 8 de setembro de 1818, mas essa data é pouco verossímil. G. Rivat entrou em La Valla em maio para estudar o latim. Seria estranho que vestisse o hábito no mesmo ano. Sobre os problemas de data do ingresso dos primeiros Irmãos, ver OM 1, doc. 756, nota 5.

Sou tentado a datar esse discurso em 8 de setembro de 1819, porque se adapta muito bem a uma tomada de hábito (ainda leiga) e determina as coordenadas da situação do pequeno grupo. Além disso, compreende-se que o Ir. Francisco, particularmente envolvido, tenha conservado essas palavras. A disposição desse local e, portanto, a pintura das sentenças, teria ocorrido de 1817 a 1819, talvez antes mesmo da entrada de Gabriel Rivat, em 6 de maio de 1818, visto que ele não se situa claramente entre "os primeiros Irmãos". Mas é certo que as sentenças seguintes foram escritas nas paredes:

> Jesus todo o meu amor, Jesus toda a minha felicidade.
> De vosso celeste fogo abrasai meu coração.
> Louvado seja o Santíssimo Sacramento do Altar.
> Somente a Deus toda a glória.
> Bendita seja a puríssima e sempre imaculada Conceição da Bem-aventurada Maria, Mãe de Deus.

Essas, aliás, correspondem muito bem ao ambiente de uma sala comunitária onde poderia haver orações, instruções e até tomadas de hábito e promessas. É, pois, aí que o pequeno grupo de seis discípulos, provavelmente no decorrer do mês de setembro de 1819, segue os exercícios do retiro, elege o Ir. Jean-Marie Granjon como diretor e começa a estabelecer uma regra. E é pouco depois que o Pe. Champagnat se transfere de noite para esse local[3]. Também, em 1820, o retiro se realizará "na capelinha do 1° (andar)", não estando mais disponível a "classe" de 1819[4].

No Instituto, foi esquecido o primeiro uso do quarto que o Pe. Champagnat ocupou no fim de 1819 até 1825. Em 5 de fevereiro de 1829 ele vendeu a casa ao Sr. Couturier, por 1.000 F. (Anais de La Valla). Recomprada pelo Instituto em 1858, parece que inicialmente o quarto do Fundador pouco serviu, virando quarto de despejo, como dizem os anais da casa:

> "O Irmão Gentien (diretor de 1874-78) encontrou esse quarto cheio de velharias, todo estragado e as paredes esbatidas (essa palavra é pouco usada. Sugiro desbotadas ou sem cor [...] Sobre as paredes reconheciam-se alguns vestígios de molduras nas quais se liam algumas letras, o resto havia desaparecido. Entretanto alguém teve a precaução de reproduzir as palavras sobre um pedaço de papel antes que desaparecessem completamente, fixando-o com um alfinete abaixo de cada quadro. O Irmão Diretor chamou o Ir. Cécilien de l'Hermitage que restaurou as deteriorações das paredes, retraçou as molduras e reproduziu as sentenças religiosas tais como o Padre Champagnat as havia traçado. O Irmão Cécilien falava de traçá-las a iguais distâncias e de uma maneira mais simétrica. O Irmão Diretor lhe disse: Se o Padre não tomou bem suas medidas tanto pior para ele; reproduza tudo exatamente no mesmo lugar; o que foi feito. Às vezes se diz: "Ah! Se as paredes falassem... " Aqui as paredes nos dizem algo do que havia no coração de nosso Venerável Fundador, verdadeira fornalha do amor de Deus".

[3] Vida do Pe. Champagnat, 1ª parte, cap. 7, p. 72.
[4] AFM, Ibid.

Essas sentenças serão renovadas por volta de 1960 e, em 2012-2013, a pesquisa realizada pelo Sr. Joan Puig Pey, o arquiteto, permitiu reencontrar o trabalho original e as duas restaurações posteriores para uma das sentenças[5]. Revelou também que, originalmente, a sala foi pintada em azul-celeste e que essa primeira sentença foi executada de maneira cuidadosa em letras pretas, cercadas por um retângulo de cores laranja e vermelho brilhante.

1. O PROBLEMA DOS PAPÉIS FIXADOS NA PAREDE

Sabemos que foi o Ir. Vicente, pitoresco diretor de La Valla[6], que suscitou o resgate da casa em 1858, encontrando benfeitores para pagá-la. Mobilizados pela construção do St. Genis-Laval e pelos trâmites para reconhecimento da Congregação por Roma, os Superiores dificilmente poderiam atribuir grande importância a essa aquisição que eles aceitaram porque não impunha gastos.

Conforme os Anais de La Valla, a decisão teria sido tomada pelo conselho de administração do Instituto[7] em 10 de agosto de 1858. O Ir. Francisco estava então em Roma para onde partiu com o Ir. Louis-Marie, em 6 de fevereiro, para conseguir a autorização da congregação, só voltaou em 25 de agosto. O Ir. Louis-Marie retornou no fim do mês de abril. Como a cronologia marista indica que a administração geral deixa l'Hermitage para St Genis-Laval em 6 de agosto, a decisão teria sido tomada na nova casa-mãe. Finalmente, a compra será autorizada pelo decreto imperial em 9 de dezembro de 1858 (Anais de La Valla)[8]. A escritura de venda foi passada na casa do notário escrivão Finaz, em data não especificada, provavelmente em 1859. Até 1874 a casa permaneceu assim, talvez devido à situação de tensão mantida pelo empreendedor, mas envolvendo o Ir. Vincente, malvisto pelo pároco e pelo vigário.

O único indício certo de um interesse por esse local são os papéis fixados na parede, certamente quando de uma visita dos lugares pelos compradores no momento das conversações de compra em 1857 ou no começo de 1858. As sentenças, portanto, já estavam muito apagadas. Mas pelo menos um dos visitantes, talvez o próprio Ir. Francisco, se lem-

[5] É lamentável que outras pesquisas não foram realizadas para as outras sentenças. Entretanto o exame parcial de uma segunda sentença mostrou as mesmas características.

[6] Dentista e curandeiro, era muito popular.

[7] A carta administrativa nº 3284, que anuncia essa intenção de compra ao prefeito da Loire, é de julho. Reconnus comme association d'utilité publique les Frères Maristes sont sous le contrôle de l'Etat.

[8] Reconhecidos como associação de utilidade pública, os Irmãos Maristas estão sob o controle do Estado.

brava delas. Tendo o trabalho de transcrevê-las, e de colocar papéis à espera de uma restauração, esses visitantes lhe reconheciam um valor patrimonial.

No entanto, em 1874, estando o Ir. Francisco ainda vivo e presente em L Hermitage, é curioso que os Anais de La Valla, ou algum outro documento, não relatem seu papel ou pelo menos sua opinião quando da restauração das sentenças. Elas estão, portanto, mal documentadas: pintadas antes de 1819, abandonadas de 1825 a 1858, elas suscitam pequeno interesse, mas somente em 1874 saem definitivamente da sombra, sem que aparentemente o Ir. Francisco se preocupe por qualquer coisa. Mas é verdade que, para ele, "o grande relicário do Padre Champagnat" é L'Hermitage. Mas para os Irmãos das gerações seguintes, La Valla torna-se "o berço" do Instituto.

2. UMA TEOLOGIA MÍSTICA SEM IDENTIDADE MARISTA CLARA

Essas sentenças não são invocações banais de devoção popular, mas uma síntese trinitária, eucarística e mariana que revelam uma verdadeira teologia mística cuja concepção só pode ser atribuída ao Pe. Champagnat.

Mais por que não se encontra em nenhum lugar um texto que lembre a importância dessas sentenças na tradição do Instituto? Também nos surpreende não encontrar ali o lema marista, expresso em Fourvière em julho de 1816: "Tudo para a maior glória de Deus e para a honra de Maria, Mãe de N. S. J. C.", fórmula que será retomada na promessa dos Irmãos por cinco anos: "Nós, abaixo assinados, para a maior glória de Deus e a honra da augusta Maria"? No final, encontramos somente uma semelhança aproximativa, com a espiritualidade marista:

Fourvière (1816)	La Valla
Louvada seja a santa e imaculada conceição da bem-aventurada Virgem Maria.	Bendita seja a sempre pura e imaculada Conceição da Bem-aventurada Maria, Mãe de Deus.

3. TRAÇOS DE UMA FORMAÇÃO PRIMEIRA DOS IRMÃOS

Essas sentenças correspondem à tradição monástica, multiplicando sobre as paredes dos claustros, das salas capitulares, dos corredores, até mesmo das celas, sentenças convidando à meditação e podendo inspirar orações jaculatórias. Teriam, portanto, o objetivo de dar a essa casa leiga uma atmosfera conventual.

Elas sugerem, sobretudo, uma primeira fase do Instituto, durante a qual o Pe. Champagnat, que é apenas o diretor espiritual de uma associação informal de jovens, vai revelando progressivamente a seus discípulos o projeto marista. Daí a formulação de uma espiritualidade elevada, mas bastante geral. Teríamos um indício dessa discreção na fórmula de compromisso por cinco anos (OM1, doc. 168) na "piedosa associação dos que se consagram, sob a proteção da bem-aventurada Virgem Maria, à educação cristã dos filhos da região rural". Essa fórmula, que data de 1826, parece ter mantido o traço do momento em que a associação ainda não usa a expressão "Irmãos de Maria".

Da mesma forma, nós sabemos, pela caderneta de retiro do Ir. Francisco, que a divisa marista "Tudo para a maior glória de Deus e a honra da augusta Maria" é usada no retiro de 1819, mas talvez não anteriormente. Isso nos convida a ver na conversa aos Irmãos, citada anteriormente, uma verdadeira revelação das intenções de Champagnat: não se contentar com uma simples associação, mas constituir progressivamente uma ordem religiosa. O fim do ano de 1819 seria, portanto, um momento decisivo, o grupo dos Irmãos se definindo pela primeira vez por um nome (Irmãos de Maria) e uma divisa, além da nomeação de um diretor e a presença de um superior.

As sentenças escritas sobre as paredes perderiam, portanto, seu interesse porque traduzem uma fase ultrapassada da obra; e ocupando o local em que foram pintadas, o Pe. Champagnat, de alguma forma, as privatiza.

Se essas sentenças, como acredito, traduzem os eixos essenciais do ensinamento espiritual dos dois primeiros anos de La Valla, elas merecem uma grande atenção porque, apesar de sua pequena marca marista, elas mostram que Champagnat não convidou seus discípulos a devoções ou a uma religião elementar, mas, desde o início, a uma verdadeira espiritualidade própria a iniciá-los no projeto marista. Os efeitos dessa formação se reencontrarão em grau eminente em muitos deles, como o Ir. Louis, o Ir. Francisco... ou até mesmo João Maria Granjon e darão à sua obra uma base sólida.

4. DOCUMENTO COMPLEMENTAR

Encontro tardiamente no caderno dos Anais da casa de L'Hermitage (FMS 213/16), à página 30, o texto seguinte que matiza o que escrevi acima, acrescentando-lhe complementos importantes:

> "Sentenças no quarto de
> Pe. Champagnat em Lavalla.
> Antes que o Pe. Champagnat viesse habitar
> com os Irmãos, o apartamento, que se tornou
> seu quarto, servia de aula e de sala de exercícios
> e nele se havia colocado as sentenças comuns
> das aulas e algumas sentenças piedosas;
> eis as que ainda se veem lá:

1° - É preciso escutar atentamente o catecismo
2° - É preciso escrever sem perder o tempo
3° - Jesus, todo meu amor, Jesus, toda minha felicidade, de vosso celeste fogo abrasai meu coração.
4° - Louvado seja o SS. Sacramento do altar.
5° - A Deus somente toda glória.
6° - Bendita seja a santa e imaculada Conceição da bem-aventurada Maria, Mãe de Deus.
7° - (escrita diferente) Deus me vê (acima da porta)".

É claro que as sentenças 1ª e 2ª se inspiram na *Conduite des Écoles des I. E. C.*[9] Deixam entender que o método dos Irmãos exerce uma influência desde os primeiros anos. A 7ª é também clássica e, na Vida de Champagnat, se encontra uma instrução acerca dessa sentença, no capítulo sobre a presença de Deus[10].

[9] F. P. Zind, Bx. M. Champagnat son œuvre scolaire dans son contexte historique, Rome, 1991, p. 359.
[10] Vida do P. Champagnat, 2ª parte, Cap. V, p. 302.

O RELÓGIO SOLAR DE L'HERMITAGE

Ir. André Lanfrey

Os numerosos visitantes de L'Hermitage dificilmente notarão uma coluna de pedra, posta no prado perto do lugar onde ficava a famosa "capela do bosque" e encimada por um equipamento de ferro cuja utilização, à primeira vista, não é evidente. No entanto, este é um importante tesouro patrimonial: um relógio astronômico ou, em termos técnicos, um quadrante solar equatorial à equação, que permite saber com precisão o tempo real de um lugar. No próprio instrumento está indicada a data de fabricação:1851.

Foi o Sr. Jean Rieu, engenheirto, professor na Escola das Minas de St Etienne, que nos convidou a prestar mais atenção a esse instrumento muito raro, fabricado pelo abade Jean-Marie Guyoux (1793-1869), cura de Montmerle, paróquia que fica perto da aldeia de Ars, onde também há um desses quadrantes, e próximo também de St Didier-sur-Chalaronne, onde o P. Champagnat fundou um estabelecimento em 1836.

De suas pesquisas, o Sr. Rieu lançou um livro intitulado *Os relógios de sol do abade Guyoux*, fazendo sair do esquecimento um matemático notável e, ao mesmo tempo, um padre quase contemporâneo de Marcelino Champagnat. O Sr. Rieu pôde encontrar, e às vezes restaurar, vinte e sete relógios de sol, projetados e fabricados pelo abade Guyoux entre 1831 e 1867, ao mesmo tempo simples e precisos.

Jean-Marie Guyoux nasceu em Bully, no norte do departamento da Loire, em 15 de junho de 1793, filho de um oleiro e primeiro rapaz de uma família de dez filhos. Pude encontrar algumas etapas de sua formação eclesiástica: subdiaconato em 18 de dezembro de 1820; diaconato em 17 de março de 1821 e ordenação sacerdotal em 17 de junho de 1821, aos 28 anos. Entrou, portanto, provavelmente no seminário maior de Santo Irineu na Festa de Todos os Santos de 1818. Infelizmente, não sabemos onde fez seus estudos anteriores e desenvolveu seus talentos de matemático: provavelmente em St Jodard, depois em Verrières. Em 1813 não consta nas listas dos recrutas, sinal de que foi dispensado como estudante eclesiástico.

Basicamente, ele segue o mesmo percurso que M. Champagnat, com cinco anos de diferença. Sem dúvida, eles se encontraram ocasionalmente antes que seus destinos divergissem: de 1821 a 1869 o abade Guyoux ficará em Montmerle, primeiro como vigário, depois como pároco. A diocese de Belley, sendo reconstituída em 1823, o abade Guyoux não pertencerá mais àquela de Lião. Foi em Montmerle que, sendo um pároco ze-

loso, construirá seus relógios solares, para instalá-los então num raio restrito, e depois a maior distância. Os relógios de 1846, em Jonzieux, perto de Marlhes, e de 1851, em L'Hermitage, são os mais afastados. Não é indiferente notar que Jonzieux era a terra do Pe. Jean-Louis Duplay, amigo de M. Champagnat, depois professor e superior do seminário maior.

Até hoje não encontrei documento marista (texto ou iconografia) evocando a instalação desse quadrante solar em 1815, em L'Hermitage. É verdade, porém, que sua presença pode facilmente ser explicada: a vida de uma casa conventual, sendo ritmada pelo sino, é preciso dispor de uma boa medição do tempo. Certamente os relógios de bolso e os relógios mecânicos existiam, mas eram caros e sua confiabilidade é aleatória. Numa época sem meios de comunicações rápidas, somente um relógio astronômico daria a hora certa. É por isso que os quadrantes do abade Guyoux, ou de outros fabricantes, se encontram ainda hoje nos lugares conventuais, como na abadia trapista de Dombes (1863). Era também um instrumento importante para o toque dos sinos da igreja: em Jonzieux, o quadrante estava no jardim do presbitério. Enfim, era um elemento decorativo nos parques dos castelos.

Desde a sua fundação, em 1817, o Instituto havia tomado tal instrumento. É porque os primeiros Irmãos tiveram alguns problemas com o cálculo do tempo. A vida do Fundador nos diz que, nos primeiros anos, "por serem muito pobres e não tendo despertador, acontecia-lhes algumas vezes se levantarem muito cedo ou muito tarde". Assim o Pe. Champagnat, por meio de um arame que se estendia da residência dos Irmãos até o quarto dele no presbitério, tocava um sino para o despertar (Vida, cap. 6, p. 67). A presença do Pe. Champagnat entre os Irmãos, a partir do fim de 1819, resolveu o problema. No projeto de prospecto de junho de 1824 (*La Regla de Fundador*, p. 24), entre os objetos em vista da fundação de uma escola, o Instituto pede: "10° 'um despertador'". Em L'Hermitage, a partir de 1825 é novamente o sino que regula a vida. Os Anais do Ir. Avit (1830, §147) elogiam o Ir. Jean-Joseph (J. B. Chillet): "foi cronometrista durante 15 anos e nunca se esqueceu de um minuto. Seu sino se fazia ouvir sempre na hora exata".

Os livros contábeis também nos dão boas informações sobre o uso de relógios de bolso e relógios públicos. No livro de receitas (OFM 1, 1111) em janeiro de 1832: "recebido de François Ginest (futuro Ir. Apollinaire) 50,75 F. mais um relógio de cobre". Nas despesas de 1837 (OFM 17, 130) o secretário anota: "Recebi do Pe. Champagnat por um relógio de parede e um relógio de bolso a soma de setenta e oito francos, em 22 de dezembro de 1837". Nos gastos de 1838 (ODM, 131, 20): "Para pagar o relojoeiro 37 F."; e, em 1841 (OFM 134, 12): "Para o saldo de qualquer conta com Michoudet, relojoeiro, 34 F." Por fim o prospecto do Instituto de 1837 (C. 1, p. 242) pede para o "laboratório-

rio" (sala de estudos) dos Irmãos: "um relógio com a caixa (F. 40); um relógio de bolso: (F. 30)". Como o valor total da mobília é avaliado em 1370 F., a compra de instrumentos para calcular o tempo dentro de uma escola é mais do que 5%.

O relógio de bolso, sendo um objeto caro, e até mesmo de luxo, no Capítulo de 1852, os superiores cogitam sua supressão nas comunidades. Mas o espirituoso Ir. Avit (1852 Avit §49) fez o projeto malograr: pode-se, de fato, dispensá-lo, diz ele, até no passeio: "Basta que um dos caminhantes carregue o relógio com a caixa sobre seus ombros com o auxílio dos suspensórios. Ele passará por primeiro e os outros terão sempre a hora diante dos olhos". Mas, em torno de 1880, ele lamentará: "eles se multiplicaram de tal forma, depois, que resultaram em abuso".

De todos esses textos podemos concluir, de maneira um tanto impressionista, que no Instituto, se o uso do sino ou do despertador é necessário para a vida comunitária e profissional, o uso do relógio, objeto individual, caro e que facilmente enguiça, causa problema, mas se espalha irresistivelmente. Vive-se sempre menos observando o Sol e escutando os sinos. E, além do mais, o preço dos relógios abaixou.

Também, a instalação de um relógio de sol em 1851 parece ir ao encontro de uma tendência geral. Entretanto, essa data estaria logicamente ligada à autorização legal do Instituto, em 20 de junho de 1851. Aliás, a Cronologia nos recorda que, em reconhecimento desse evento, em 7 de setembro, é realizada a bênção, em L'Hermitage, de uma estátua da Santíssima Virgem, instalada no pátio sul, e a de outra, de São José, no pátio interno. A instalação do relógio astronômico seria, tudo somado, complemento à edificação desses dois monumentos: como a promessa de uma renovação do fervor religioso, pelo uso mais exato do tempo, numa sociedade que tende para a ordem religiosa. E depois, seu interesse pedagógico não seria de negligenciar para os jovens Irmãos em formação. Ao mesmo tempo, posto no jardim, esse quadrante permitia aos Irmãos dos trabalhos manuais organizar seu tempo de maneira mais precisa.

Mas são apenas hipóteses e poder-se-ia acrescentar uma outra, em sentido contrário: esse instrumento do abade Guyoux teria sido instalado em uma data posterior, proveniente de outro lugar, especialmente de St Genis-Laval, onde os Irmãos compraram, em 1853, o "castelo" de Montet, que possuía um grande parque, onde a presença de um quadrante solar faria parte de um cenário normal de uma moradia com pretenção aristocrata.

Em todo o caso, é nesse lugar que encontramos uma história de relógio que sugere que a influência do instrumento do abade Guyoux ou de qualquer outro tipo de relógio astronômico era reduzido entre os Ir-

mãos. Com efeito, o Ir. Avit nos narra (Anais de 1866 §32-34) que o Ir. Dacien havia construído um relógio mecânico exposto numa sala em St Genis-Laval, de 1859 a 1866: "Ele marcava o movimento diurno da terra, as fases da lua, a marcha de vários outros planetas, o levantar e o pôr do sol. Um soldado, posto sobre uma estrada de ferro retilínea, indicava os minutos com sua espada e retornava a cada hora para recomeçar sua viagem..." O relógio foi finalmente desmontado para dar lugar a uma sapataria, e suas peças, colocadas no sótão, foram saqueadas pelos soldados que ocuparam a casa durante a guerra de 1870.

O fato é que, mesmo sem documentação, este relógio de sol existe, que é de real interesse patrimonial e que seu estado requer uma restauração.

ATLANDIDE 14
A correspondência de um Irmão marista encenada

Ir. André Lanfrey

Em 13 de junho de 2005, um grupo de quatro Irmãos, do qual eu fazia parte, desceu de Lião para Avignon para assistir a uma peça chamada "Atlandide 14", evocando a guerra de 1914 a 1918, atrás de um título baseado na comparação entre a destruição da Europa e o desaparecimento da Atlântida.

Ir. Michel Séraphin

A autora da peça, Corinne François-Denève, inspirou-se principalmente na correspondência autêntica de Séraphin Michel, Irmão Marista, em religião Ir. Aloysius, natural de Orange, proveniente da Espanha em 1916 a 1918, para servir a guerra como enfermeiro. Escritas para sua cunhada Antoinette, estabelecida em Jonquières, aldeia ao norte de Avignon, cujo marido foi morto em setembro de 1914, essas 35 cartas, dadas por Henri Michel, filho de Antoinette, foram recolhidas pelo pároco de Jonquières e depositadas nos arquivos municipais de Avignon. O Ir. Colin Chalmers, arquivista geral em Roma, forneceu valiosas informações adicionais sobre o Ir. Aloysius.

Evidentemente, a autora utiliza apenas muito parcialmente essa correspondência porque seu objetivo é encenar a atmosfera de guerra atrás do *front* e em relação às mulheres. Três atrizes comentam as notícias recebidas do *front,* expressando suas dúvidas e angústias perante um conflito que as ultrapassa e questiona as certezas anteriores. É uma recordação comovente da guerra vista do lado das mulheres e da própria retaguarda, embora seja lamentável que a autora faça de um dos personagens, o representante de uma ideologia laica em forte contraste com uma correspondência de tom muito religioso. Mas estamos no teatro... e na França. Acrescentemos que essa peça, provida de notáveis artigos dos promotores dessa criação, foi publicada nas Éditions "Cést-à-Dire" de Forcalquier: cad-editions@orange.fr

Para nós, Irmãos Maristas, é ocasião de recordar a escola de Jonquières, sobre a qual o Ir. Avit, nos Anais das casas, deixou um registro. Fundada em 1851, essa escola municipal foi laicizada em 1886. Uma escola livre, criada em 1889, foi certamente fechada em 1903.

Quanto ao Ir. Aloysius (MICHEL, Séraphin, 1882-1963), falecido em St Paul-Trois-Châteaux, depois de ter estado no México, no Texas e em Cuba, retornou à França em 1935, es-

pecialmente em Bourg-de-Péage. Por ocasião da representação, falei pessoalmente com um senhor que o havia conhecido. O Ir. Aloysius teve direito a uma breve notícia biográfica da qual foi retirada a foto abaixo.

Essa peça de teatro nos revela também a riqueza de um fundo que foi apenas parcialmente explorado, porque, além das 35 cartas dirigidas à sua cunhada, o Ir. Aloysius enviou sete para sua família e 36 a seu pai. O dossiê contém ainda 66 cartas de Irmãos Maristas a seu coirmão (1915 a 1929) e 17 circulares dirigidas aos Irmãos mobilizados em 1916 e 1917 (livret Atlantide 14, p. 16). É um tesouro patrimonial que mereceria ser explorado por si mesmo.

RESTAURAÇÃO DA "PIETÀ" OU ESTÁTUA DE "NOSSA SENHORA DA PIEDADE" DE LA VALLA EM GIER

Ir. Michel Morel

Em 8 de fevereiro de 2015, realizou-se uma pequena cerimônia para marcar a colocação da estátua restaurada de Nossa Senhora da Piedade, na casa das origens dos Irmãos, em La Valla en Gier; a cerimônia aconteceu depois de uma missa dominical à qual participaram uns 60 habitantes.

De acordo com o curador dos Monumentos históricos de DRAC do Ródano-Alpes, essa estátua de madeira policromada, de 96cm de altura por 81 de largura e 38 de espessura, pode ser datada do início do século XVIII. É particularmente notável pela elegância da composição geral e pela expressão da Virgem. Desde 1905, é propriedade da comuna de La Valla e, desde 30 de dezembro de 1982, está inscrita no inventário dos Monumentos históricos.

Essa estátua, venerada pelos habitantes, ficou por muito tempo na capela de Leytrat, situada a cerca de um quilômetro da vila de La Valla. O próprio Padre Champagnat, seus paroquianos e os primeiros Irmãos para lá se dirigiam regularmente em peregrinação. Foi perante essa estátua que, em 1822, ele veio rezar para obter vocações. Furtada em novembro de 1973 e reencontrada no mês de abril de 1974, na casa de um antiquário, ela foi, para maior segurança, posta na igreja e depois numa sacristia, sem reconhecer-lhe especial valor.

Quando da renovação do "berço do Instituto", os Irmãos de La Valla pediram ao prefeito da cidade e ao pároco para colocar essa estátua no espaço-museu da casa Champagnat. Isso lhes foi concedido. Descobriu-se então estar muito deteriorada, precisando de trabalhos de conservação e, se possível, de restauração. O senhor prefeito se encarregou das diligências para obter os financiamentos necessários para a realização desses trabalhos, confiados ao Atelier Virginie Lamarche-Barral de Chambost-Allières (Rhône). Duraram vários meses: de 24 de abril de 2014 a 5 de fevereiro de 2015.

Foi necessário inicialmente realizar trabalhos de conservação: tratamento da madeira e consolidação das partes destruídas pelos insetos xipófagos. Então, antes da restauração, um demorado trabalho de cinzel pôde revelar a policromia original do manto e da túnica da Virgem, combinando ouro, placas de prata e azul, muito diferente das massas azuis e vermelhas repintadas que sufocavam todo relevo.

Para as outras partes, em que não subsistia praticamente nenhum

vestígio das cores originais, foi preciso realizar um certo trabalho de interpretação, conforme o estilo do barroco tardio. Assim, para a cor do corpo, em particular aquele do rosto de Cristo e da Virgem, o restaurador teve que colocar alguns elementos coloridos: cabeleira, sobrancelhas e bigodes, de preferência pretos para Cristo; castanhos para as sobrancelhas da Virgem.

O aspecto atual da Pietà é evidentemente bem diferente do que era antes. Esta ganhou em nitidez, sobretudo pela valorização das pregas. E a expressão dos sentimentos que emanam dos personagens foi destacada.

NOVAS FONTES DE INFORMAÇÃO DO ARQUIVO GERAL

Ir. Colin Chalmers

Dois conjuntos de valiosas fontes de informação estarão em breve disponíveis para pesquisadores que estudam a história fundacional do Instituto. Cartas do Padre Champagnat e certo número de Cadernos do Irmão Francisco, há pouco foram profissionalmente digitalizados e as cópias ficarão disponíveis no sistema Archivum. Isso permitirá amplo acesso aos documentos originais, de modo que os pesquisadores não precisarão vir ao Arquivo Geral, em Roma, para examiná-los.

Por intermédio de um amigo e antigo aluno dos Irmãos na Itália, o Arquivista geral foi colocado em contato com uma empresa especialista em digitalizadores altamente sofisticados. Estes scanners conseguiram produzir digitalizações de qualidade muito superior às obtidas com o scanner da Casa Geral. O custo do trabalho foi bastante acessível considerando o tempo e a qualidade.

Segue a lista dos escritos do Padre Champagnat disponíveis.

a) Séries: 111, 112, 113, 133, 134, 137, 144.
b) Foram copiados dois Registros da tomada de hábito: 1829 a 1839 e 1840 a 1858.
c) Cadernos do Irmão Francisco, foram copiados: 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313.

Foram produzidos três tipos de digitalização pela empresa: **TIF**, a melhor qualidade de digitalização, que não serão colocados no Archivum, mas ficarão disponibilizados para os pesquisadores que necessitarem de uma digitalização de alta-qualidade para seus trabalhos; **JPEGWEB**, uma digitalização de alta qualidade; **JPEG300**, que proporciona uma digitalização de boa qualidade, suficiente para examinar os documentos.

O processo de armazenagem das digitalizações no Archivum é o seguinte: Uma página da digitalização em JPEGWEB vai para o Archivum, para que os pesquisadores possam verificar se esse é o documento procurado. Cada página digitalizada do documento é arquivada separadamente no Archivum no formato JPEG300. Esse processo é bastante trabalhoso, pois alguns documentos são extensos. Alguns dos Registros, por exemplo, têm mais de 100 páginas. Uma transcrição de cada documento, em **PDF**, também ficará disponível. Cada documento constitui um único registro no Archivum.

Outras digitalizações de documentos originais serão realizadas em futuro próximo. Os leitores de Cadernos Maristas serão sempre informados do progresso desse importante projeto.

IRMÃO FREDERICK McMAHON (1928-2015)

Ir. Michael Green

Com a morte do Irmão Frederick McMahon, em Sydney, no dia 29 de setembro do ano passado, o mundo Marista se despediu de alguém que não apenas deu uma significativa contribuição à educação Marista durante três décadas, mas também tornou a riqueza das histórias Maristas acessível a uma grande audiência. Os seus livros e artigos continuarão a informar e a formar ainda por muito tempo.

O Irmão Frederick começou sua formação Marista em 1947, em Mittagong, onde completou o juvenato e o noviciado. Professou em 2 de julho de 1950 e passou os 25 anos seguintes ensinando, trabalhando na administração e estudando, incluindo doze anos como diretor de três escolas de educação básica e superior de comunidade. Na Universidade de Sydney ele ganhou seus títulos de Bacharel e Mestre em Inglês e História – suas disciplinas principais – e certificados em Teologia e Espiritualidade da *Catholic Theological Union*. Ele amava ser professor e era conhecido como um mestre em sua especialidade. Foi também reconhecido como um administrador altamente competente. Ele fez o segundo noviciado em Fribourg, Suíça, em 1970. Na etapa seguinte da sua vida, o Irmão Frederick assumiu funções importantes na liderança da Província, como Conselheiro Provincial e Ecônomo Provincial.

A terceira fase de sua vida começou quando foi indicado para trabalhar na Casa Geral em 1985, para fazer pesquisa e escrever sobre as origens Maristas. Não demorou muito para que seu livro fosse publicado – *Strong Mind, Gentle Heart* - uma breve biografia de Marcelino Champagnat, baseada na grande obra do Ir. Stephen Farrell (*Achievement from the Depths*) e do Ir. Paul Sester sobre as cartas do Fundador. Outro trabalho bastante valioso foi publicado logo em seguida, um estudo comparado da vida dos quatro Fundadores: Jean-Claude Colin, Jeanne-Marie Chavoin, Marcellin Champagnat e Françoise Perroton. O Ir. Frederick sempre teve em mente seus leitores, e tentou escrever de modo que seus escritos fossem interessantes e úteis para eles. Um exemplo disso é o guia que preparou para peregrinos do *Champagnat Country*, que continua sendo usado até hoje. Escreveu guias semelhantes para Roma, para a Basílica de São Pedro e para uma série de passeios na Cidade Eterna. Em seu retorno a Austrália, continuou a pesquisar, a escrever e a ensinar sobre Marcelino e o período da fundação. Foi um colaborador frequente

dos Cadernos Maristas. Seu último livro, publicado em 2011, *An Abundance of the Heart*, foi um texto de introdução às cartas do Fundador.

O Irmão Frederick McMahon foi um companheiro maravilhoso para seus confrades, um grande amigo de muitos, um homem de bom humor e inteligência, um estudioso, amante da literatura inglesa e um Irmão Marista de fé profunda e coração generoso. Ele é bem descrito pelo título que deu ao seu primeiro livro sobre o Fundador: um homem de "mente forte e coração amável".

Extraído do texto do Irmão Desmond Murphy,
Thanksgiving Mass for the Life of Brother Frederick.
St Joseph's College, Hunters Hill, 6 de outubro de 2015.